



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

**Centro de Ciências Sociais**

**Instituto de Estudos Sociais e Políticos**

**Maria Carolina Loss Leite**

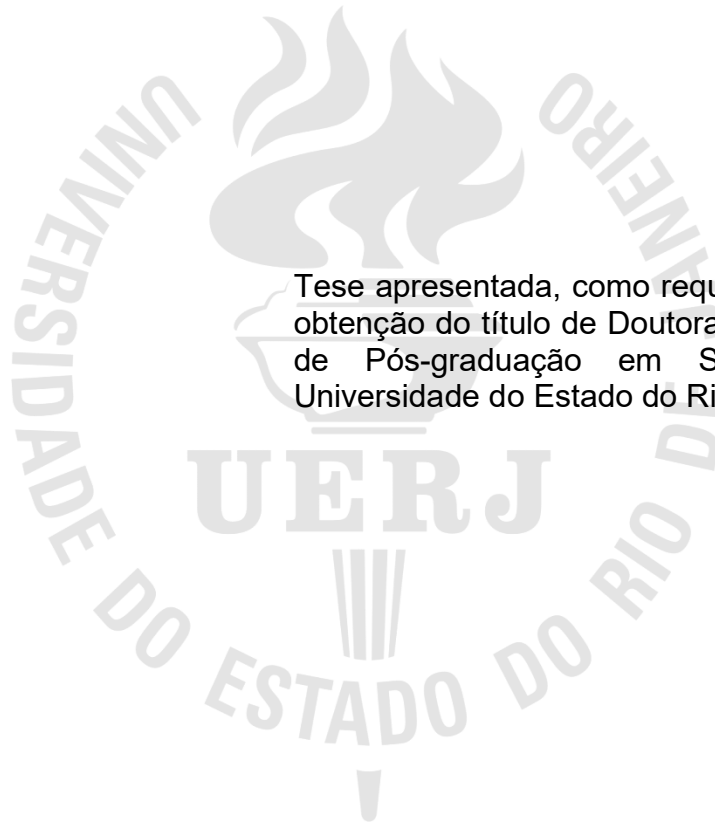
**“Corpos auxiliares”: mulheres nas elites das Forças Armadas  
brasileiras**

Rio de Janeiro

2024

Maria Carolina Loss Leite

**“Corpos auxiliares”: mulheres nas elites das Forças Armadas brasileiras**



Tese apresentada, como requisito total para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Fernando de Castro Fontainha

Rio de Janeiro

2024

## CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/D - IESP

L533 Leite, Maria Carolina Loss  
“Corpos auxiliares”: mulheres nas elites das Forças Armadas brasileiras  
/Maria Carolina Loss Leite. – 2024.  
319f.: il.

Orientador: Fernando de Castro Fontainha.  
Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos

1. Sociologia militar – Brasil – Teses. 2. Mulheres militares – Brasil – Teses. 3. Brasil – Forças armadas – Teses. I. Fontainha, Fernando de Castro. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Estudos Sociais e Políticos. III. Título

CDU 355/359(81)

Rosalina Barros CRB-7 / 4204 - Bibliotecária responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Maria Carolina Loss Leite

**“Corpos auxiliares”: mulheres nas elites das Forças Armadas brasileiras**

Tese apresentada, como requisito total para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2024.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Fernando de Castro Fontainha (Orientador)  
Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ

---

Prof. Dr. Pedro Hermílio Villas Bôas Castelo Branco  
Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Eugênia de Souza Mello Guimarães Motta  
Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ

---

Prof. Dr. Luiz Eduardo Pesce de Arruda  
Centro de Altos Estudos de Segurança

---

Prof. Dr. Lier Pires Ferreira  
Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais

Rio de Janeiro

2024

## DEDICATÓRIA

À minha filha e grande amor de minha vida, Maria Alice, a Minhoca: como uma guerreira, esteve sempre ao meu lado, me incentivando e acreditando que esta tese iria se concretizar. Por sua causa, me tornei a mulher que sou. O Amor venceu, mais uma vez. À Bê, que sabe de sua importância secundária, mas, relevante. A chave da pirâmide me foi entregue: eu abri o portal e me reencontrei. Até a próxima vida. Às militares brasileiras: meu muito obrigada por serem quem são. Com vocês, sei que estaremos em boas mãos.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço Àquele que Tudo Vê por esta tese ter se concretizado. Só Ele sabe sobre as dificuldades e as alegrias que passei durante todo este processo. Em um período de pandemia, iniciei mais este desafio, superando, novamente, todas as barreiras impostas para me dedicar a este trabalho.

À minha filha Maria Alice, minha Minhoca, que, de mãos dadas comigo, lutou junto para que tudo isso acontecesse com muita maturidade, apesar de sua pouca idade, escolhendo o caminho do Amor e da paz e segue ao meu lado, fazendo meu mundo transbordar. Através dela que percebi que respeito e direitos se ensina desde pequena. Meu Amor e minha gratidão por você ter me escolhido, desde outras dimensões, serão além-vida. Sou a mãe mais babona - como lhe falaram em meu campo de pesquisa, que a baba escorria quando eu falava de você - e orgulhosa do mundo e você sabe disso! Te amo sempre um tantão!

À toda a ancestralidade, a qual está inserida neste trabalho, que me guiou sempre para o melhor caminho. Saibam que serão todas e todos honrados por mim, sempre!

Ao meu orientador, professor Fernando Fontainha, que apelidei de Ferd, o qual me mostrou sobre ser profissional e por acreditar que, apesar de minhas dificuldades, esta tese sairia.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - por ter me proporcionado meios para que eu pudesse realizar um trabalho de excelência e ser a primeira doutora de minha família. Defendi minha posição de Bolsista durante esta tese, bem como me orgulhava em dizer que recebia para estudar o objeto escolhido, mostrando que o fazer científico não se dá apenas em laboratórios.

Ao IESP- UERJ que me proporcionou a melhor formação acadêmica com a estrutura necessária para meu desenvolvimento.

Aos colegas do DECISO, todos e todas vocês fizeram parte de minhas inquietações.

Ao seu Klinger e à dona Mari, meu pai e minha mãe, que, mesmo de longe, me ampararam quando mais precisei. Vocês terão muito orgulho desta filha!

A todos e todas funcionários do IESP - UERJ que me auxiliaram nas questões pertinentes.

A todos os professores e professoras do IESP - UERJ que fizeram parte de minha formação, especialmente Alba Zaluar e Antônio Machado (ambos, em memória), dos quais tive a honra de ter sido aluna e que me mostraram como é ser um profissional acadêmico de excelência.

Às professoras Palloma e Eugênia, do IESP - UERJ, que me mostraram, através de suas aulas, a força que eu tenho e que devo continuar nesse caminho.

Ao professor Milani, do IESP - UERJ, que, ao me recomendar uma autora, me fez ir atrás de um mundo de possibilidades de literatura.

A todos os colegas do LEPDESP que se demonstraram dispostos a discutir com uma mulher um meio tão hermético e masculino.

A todos e todas as colegas do IESP - UERJ que debatiam comigo sobre meu tema, dando sugestões e me auxiliando a pensar mais sobre o assunto, mas em especial ao Diogo Ives, o qual me provocava e me fazia refletir sobre meu campo e ao Marlon, que me incentivava e me entendia na escrita, ambos grandes incentivadores de minha jornada acadêmica.

A todas as entrevistadas que me mostraram que ser uma mulher militar brasileira é ser mais que uma desbravadora: é estar pronta para a guerra, sempre! Este trabalho é para vocês!

A todos e a todas as milhares que conversei de maneira informal e que me receberam de forma cordial, atendendo às minhas demandas profissionais.

Ao INBRADIM, na figura do Coronel Murilo que, juntamente com sua equipe, me acolheu em Belo Horizonte com muita pompa e respeito. Espero poder retribuir através de minha profissão.

Ao Bergo, Presidente do IGHMB, pelo acolhimento ímpar e pelas ajudas para realizar esta pesquisa. Suas palavras sobre meu potencial me elevaram para outro patamar. Gratidão eterna.

Ao desembargador Torres que sempre de forma muito divertida me incentivou e acreditou que este trabalho, desde sua concepção, já era um sucesso.

Ao Sérgio, presidente do Clube Militar, que me encorajou a seguir, sempre. Suas palavras sempre foram ouvidas.

Ao Ivan, do Clube Militar, pelas palavras de incentivo e escuta amiga.

À Comissão Portuguesa de História Militar, na figura do General Vieira Borges e a todos de sua equipe pela recepção respeitosa e calorosa que tive em minha estada em Portugal.

À Ministra da Defesa de Portugal, doutora Helena Carreiras, pela sua simpatia e palavras de acolhimento.

À Delegação Portuguesa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio de Janeiro, na figura do engenheiro Rui Vargas, pelo apoio e incentivo na escrita sobre a história das mulheres militares.

Aos brigadeiros Pitrez, Braga e Mauricio, os quais foram muito atenciosos sempre que precisei de alguma informação, bem como suas equipes.

Aos amigos Arruda e Ironcildes, da PMESP, que me auxiliaram em minha pesquisa de forma única.

À amiga Mariah e sua mãe, dona Glória, as quais me ajudaram em momentos de desespero.

À amiga Defensora Pública carioca Caroline Tassara, pela força e apoio que sempre me inspiravam, bem como sua escuta, respeitando meus momentos de tristeza.

Ao Luiz, que cuidou de meu carro desde 2018, no mestrado, até o doutoramento, com dedicação e carinho, sabendo de minhas situações pessoais e me ajudando a ganhar tempo todos os dias.

À todas as mulheres que já sofreram quaisquer tipos de violências nos mais diversos ambientes durante suas vivências sociais e que tiveram a coragem de expor ao mundo.



E guiai os meus passos  
E por onde eu caminhar  
Vire os olhos grandes de cima de mim  
Pras ondas do mar!

*Clara Nunes e Clementina de Jesus*

## RESUMO

LEITE, Maria Carolina Loss. “*Corpos auxiliares*”: mulheres nas elites das Forças Armadas brasileiras. Orientador: Fernando de Castro Fontainha. 2024. 319f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Esse trabalho consiste em um estudo sobre as mulheres nas elites das Forças armadas brasileiras, no que diz respeito às suas carreiras e ao ambiente militarizado. Através de entrevistas com algumas oficiais das três Forças - Marinha, Aeronáutica e Exército - bem como um campo de pesquisa com interação com militares das mesmas em situações tipicamente militares, foi analisado de que forma as militares são vistas dentro das Organizações Militares brasileiras. As militares se demonstraram aptas a exercer o serviço militar esperado, dentro das normas e dos regulamentos exigidos, mostrando que a mulher, desde os tempos mais remotos, pode atuar em qualquer lugar dentro de uma Força Armada, com o devido treinamento. Apesar disso, categorizações e conceitos como a honra, disciplina e hierarquia, são acionados no intuito de desqualificar o trabalho profissional da mulher militar brasileira, fazendo que atuem de posições menos prestigiosa dentro de cada Força. A palavra “respeito” passa a ter um entendimento outro dentro do mundo militar, diferentemente daquele esperado pelas as profissionais, fazendo que as adversidades se dessem desde o início de suas carreiras até os dias atuais. A fim de embasar este estudo, o uso de textos acadêmicos, bem como de uma literatura exemplar, voltados à figura de mulheres em ambientes militares auxiliaram para a realização das análises sociológicas. Ainda, o uso de fontes secundárias como séries de TV, entrevistas na mídia *mainstream* a respeito das militares e suas trajetórias dentro de locais exclusivamente masculinos ajudaram na tentativa de entender, de forma científica, qual é a visão que se tem de uma mulher militar no Brasil.

Palavras-chave: forças armadas; gêneros; mulheres; sociologia das elites; sociologia militar.

## ABSTRACT

LEITE, Maria Carolina Loss. *“Auxiliary bodies”*: women in the elites of the Brazilian Armed Forces. Orientador: Fernando de Castro Fontainha. 2024. 319f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This research consists of a study on women in the elites of the Brazilian Armed Forces, with regard to their careers and the militarized environment. Through interviews with some female officers of the three branches - Navy, Air Force and Army - as well as a field of research with interaction with military personnel of the same in typically military situations, it was analyzed how female military personnel are seen within Brazilian Military Organizations. The military women have proven to be able to perform the expected military service, within the required rules and regulations, showing that women, since the most remote times, can work anywhere within an Armed Force, with the proper training. Despite this, categorizations and concepts such as honor, discipline and hierarchy are used in order to disqualify the professional work of Brazilian military women, making them work from less prestigious positions within each Force. The word "respect" comes to have a different understanding within the military world, different from that expected by professionals, causing adversity to occur from the beginning of their careers to the present day. In order to support this study, the use of academic texts, as well as exemplary literature, focused on the figure of women in military environments helped to carry out sociological analyses. In addition, the use of secondary sources such as TV series, interviews in the mainstream media about the military and their trajectories within exclusively male places helped in the attempt to understand, in a scientific way, what is the view that is held of a military woman in Brazil.

Keywords: armed forces; gender; women; sociology of elites; military sociology.

## RÉSUMÉ

LEITE, Maria Carolina Loss. « *Corps auxiliaires* »: les femmes dans les élites des forces armées brésiliennes. Orientador: Fernando de Castro Fontainha. 2024. 319f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Cette recherche consiste en une étude sur les femmes dans les élites des forces armées brésiliennes, en ce qui concerne leur carrière et leurs carrières et l'environnement militarisé. À travers des entretiens avec des femmes officiers des trois branches - Marine, Armée de l'air et Armée - ainsi qu'un champ de recherche avec l'interaction avec le personnel militaire de la même manière dans des situations typiquement militaires, il a été analysé comment le personnel militaire féminin est perçu au sein des organisations militaires brésiliennes. Les femmes militaires ont prouvé qu'elles étaient capables d'effectuer le service militaire attendu, dans le respect des règles et règlements requis, ce qui montre que les femmes, depuis les temps les plus reculés, peuvent travailler n'importe où au sein d'une force armée, avec une formation appropriée. Malgré cela, des catégorisations et des concepts tels que l'honneur, la discipline et la hiérarchie sont utilisés afin de disqualifier le travail professionnel des femmes militaires brésiliennes, les obligeant à occuper des postes moins prestigieux au sein de chaque force. Le mot « respect » en vient à avoir une compréhension différente dans le monde militaire, différente de celle attendue par les professionnels, ce qui provoque de l'adversité depuis le début de leur carrière jusqu'à aujourd'hui. Pour étayer cette étude, l'utilisation de textes académiques, ainsi que d'une littérature exemplaire, centrée sur la figure des femmes en milieu militaire a permis de réaliser des analyses sociologiques. De plus, l'utilisation de sources secondaires telles que les séries télévisées, les interviews dans les médias grand public sur les militaires et leurs trajectoires dans des lieux exclusivement masculins a permis de tenter de comprendre, de manière scientifique, quelle est l'opinion que l'on porte sur une femme militaire au Brésil.

Mots-clés: forces armées; genres; femme; sociologie des élites; sociologie militaire.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1, 2, 3 -	Quadro de Domenico Failutti.....	29
Imagem 4, 5 -	Placa oferecida pela Itália em reconhecimento aos feitos de Elza Cansanção na Segunda Guerra Mundial e alguns de seus pertences.....	36
Figura 1 -	Quadro explicativo das patentes da MB.....	42
Figura 2 -	Quadro explicativo das patentes da FAB.....	44
Figura 3 -	Quadro explicativo das patentes do EB .....	46
Figura 4 -	Quadro comparativo entres as Forças sobre suas patentes....	47
Tabela 1-	Leis que permitiram o ingresso de mulheres nas FA brasileiras.....	48
Imagem 6 -	Capas da Revista Cruzeiro estampando imagens de mulheres selecionadas para ir para a Itália .....	58
Figura 5 -	Organograma da MB.....	62
Figura 6 -	Quadro conceitual conforme Bourdieu.....	107
Figura 7-	Quadro conceitual conforme Liu .....	107
Imagem 7,8 -	Convite da Formatura de 2021 da AMAN.....	128
Imagem 9 -	Convite da Formatura de 2021 da AMAN .....	129
Imagem 10 -	Foto da identificação usada na formatura.....	129
Imagem 11 -	Foto da comitiva presidencial chegando à formatura da AMAN em 2021 .....	133
Imagem 12 -	Foto do convite para a Feijoada em comemoração ao Bicentenário da Independência.....	143
Imagem 13 -	Foto da reportagem na extinta Revista Manchete, de 25 de abril de 1981.....	150
Imagem 14,15 -	Capturas das telas de mensagens recebidas por conta de minha recepção ao casal português em sua visita ao Brasil .....	172
Imagem 16 -	Intenção do Comandante do Exército Brasileiro, o General de Exército Tomás Miguel Miné Ribeiro Paiva, o qual cita a “família militar” .....	186

Imagem17,18,19-	Fotos do NOMAR – Informativo de notícias da Marinha, de abril de 1981.....	263
Imagem 20 -	Foto do NOMAR – Informativo de notícias da Marinha, de abril de 1981 .....	264
Imagem 21 -	Foto do NOMAR – Informativo de notícias da Marinha, de novembro de 1980.....	264
Imagem 22,23 -	Fotos da reportagem na extinta Revista Manchete, de 25 de abril de 1981.....	265
Imagem 24 -	Foto do treinamento do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM) de Praças (QAFF) realizado pelas militares da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP).....	265
Imagem 25,26 -	Fotos do treinamento do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM) de Praças (QAFF) realizado pelas militares da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP).....	266
Imagem 27 -	Foto do treinamento do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM) de Praças (QAFF) realizado pelas militares da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP).....	267
Imagem 28,29 -	Fotos das coberturas de uma oficiala e da Formatura do Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica (CFRA) do Quadro Feminino de Oficiais da Reserva da Aeronáutica (QFO) .....	267
Imagem 30 -	Foto do cartaz de exercícios do TAF do Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica (CFRA) do Quadro Feminino de Oficiais da Reserva da Aeronáutica (QFO) .....	268

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABraSD	Associação Brasileira de pesquisadores em Sociologia do Direito
AFA	Academia da Força Aérea
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
ATS	<i>Auxiliary Territorial Service</i>
CA	Corpo da Armada
CAFRM	Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha
CBNB	Colégio Brigadeiro Newton Braga
CEERE	Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército
CFN	Corpo de Fuzileiros Navais
CFO	Curso de Formação de Oficiais
CFOAv	Curso de Formação de Oficiais Aviadores
CFOInf	Curso de Formação de Oficiais de Infantaria da Aeronáutica
CFOInt	Curso de Formação de Oficiais Intendentes da Aeronáutica
CFRA	Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
CIAAR	Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica
CIEAR	Centro de Instrução Especializada da Aeronáutica
CIGAR	Centro de Instrução de Graduados da Aeronáutica
CML	Comando Militar do Leste
CMRJ	Colégio Militar do Rio de Janeiro
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COMAER	Comando da Aeronáutica
CNV	Comissão Nacional da Verdade
CPA	Corpo de Praças da Armada
CPHM	Comissão Portuguesa de História Militar
CSMJ	Conselho Supremo Militar de Justiça
CST	<i>Cultural Support Team</i>
EAGS	Estágio de Adaptação à Graduação de Sargento
EAGS	Estágio de Adaptação à Graduação de Sargento
SMU	Música

EAMSC	Escola de Aprendizes-Marinheiros de Santa Catarina
EAN	Escola Anna Nery
EB	Exército Brasileiro
ECEME	Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
EN	Engenheiro
EN	Escola Naval
EPCAR	Escola Preparatória de Cadetes do Ar
EsAEx	Escola de Administração do Exército
EsFCEX	Escola de Formação Complementar do Exército
EsPCEX	Escola Preparatória de Cadetes do Exército
FA	Forças Armadas
FAB	Força Aérea Brasileira
<i>FANY</i>	<i>First Aid Nurses</i>
FEB	Força Expedicionária Brasileira
<i>FET</i>	<i>Female Engagement Team</i>
Hca	Hospital Central da Aeronáutica
IESP	Instituto de Estudos Sociais e Políticos
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
INBRADIM	Instituto Brasileiro de Estudo e Pesquisa de Direito Militar
LEPDESP	Laboratório de Estudos Políticos de Defesa e Segurança Pública
MB	Marinha do Brasil
Md	Médico
MRE	Ministério das Relações Exteriores
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti
OEA	Organização de Ensino Assistencial
ONU	Organização das Nações Unidas
OM	Organizações Militares
PMESP	Polícia Militar do Estado de São Paulo
QAFO	Quadro Auxiliar Feminino de Oficiais
QAFP	Quadro Auxiliar Feminino de Praças
QCO	Quadro Complementar de Oficiais
QEM	Quadro de Engenheiros Militares
QERA	Quadro de Enfermeiras da Reserva da Aeronáutica



QERE	Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército
QFG	Quadro Feminino de Graduados da Reserva da Aeronáutica
QFO	Quadro Feminino de Oficiais da Reserva da Aeronáutica
QOAp	Quadro de Oficiais de Apoio da Força Aérea
ROTA	Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar
RUMAER	Regulamento de Uniformes para os Militares da Aeronáutica
SIN	Serviço Nacional de Informações
STM	Superior Tribunal Militar
SOE	<i>Special Operations Executive</i>
UFF	Universidade Federal Fluminense
WAAF	<i>Women Auxiliary Air Force</i>
WRNS	<i>Women Royal Navy Service</i>

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>1</b>	<b>AS MULHERES NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS: HISTÓRIA, EVENTOS E LEIS .....</b>	<b>26</b>
1.1	As primeiras Heroínas da Pátria: Guerras dos Guararapes, da Independência e da Tríplice Aliança.....	26
1.2	As mulheres da Força Expedicionária Brasileira (FEB), da Força Aérea Brasileira (FAB) e da Polícia Militar do Estado de São Paulo: o ingresso pela força política e social.....	31
1.3	As mulheres nas Forças Armadas brasileiras: o ingresso pela força da Lei .....	40
1.4	Considerações sobre o capítulo .....	48
<b>2</b>	<b>O ENTRECruzAMENTO ENTRE GÊNEROS, CARREIRA E O MUNDO MILITAR EM UMA BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>68</b>
2.1	Gênero feminino, a carreira e o ambiente militarizado.....	68
2.2	Considerações sobre o capítulo.....	111
<b>3</b>	<b>A FORMAÇÃO DE UM CAMPO DE PESQUISA NO AMBIENTE DAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS .....</b>	<b>117</b>
3.1	<b>Metodologia.....</b>	<b>118</b>
3.1.1	<u>O chamado</u> .....	123
3.1.2	<u>A fronteira entre o mundo militar e o não militar</u> .....	124
3.1.3	<u>A Morte</u> .....	124
3.1.4	<u>A provação</u> .....	125
3.1.5	<u>Enfim, Militar!</u> .....	125
3.2	<b>O primeiro contato com o campo: a Formatura da AMAN.....</b>	<b>125</b>
3.3	<b>A categoria “os e as não militares” .....</b>	<b>133</b>
3.4	<b>O discurso nativo sobre o termo “oficial” versus “oficiala” .....</b>	<b>136</b>
3.5	<b>Apropriando-se da linguagem nativa .....</b>	<b>140</b>
3.6	<b>O ambiente militar no Brasil: a sensação de estar sendo observada.....</b>	<b>142</b>
3.7	<b>Mulher em uma instituição militar: um não- ser? .....</b>	<b>145</b>

3.8	<b>A relação com a aparência física em um campo masculinizado .....</b>	148
3.9	<b>A sexualidade e a racialização dentro das Forças Armadas .....</b>	151
3.10	<b>Os e as militares e suas relações pessoais .....</b>	156
3.11	<b>Um campo de pesquisa onde o objeto é igual a mim: um ser humano ...</b>	160
3.12	<b>E eu? Não sou uma brasileira? .....</b>	165
3.13	<b>Categorizações sobre a Academia .....</b>	167
3.14	<b>As gafes e as interações de uma pesquisadora em um campo militarizado.....</b>	168
3.15	<b>As oportunidades podem nos levar a uma pesquisa .....</b>	171
3.16	<b>Considerações sobre o capítulo .....</b>	173
4	<b>AS ENTREVISTAS E AS ANÁLISES SOCIOLÓGICAS.....</b>	187
4.1	<b>As análises sociológicas do campo de pesquisa .....</b>	187
4.2	<b>Considerações sobre o capítulo .....</b>	276
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	287
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	306

## INTRODUÇÃO

Falar em estudos sobre ser profissional das Forças Armadas brasileiras é imaginar uma pessoa com pretensões militares para uma carreira na área da segurança nacional. Em um pensamento coletivo de senso comum, esta pessoa seria um homem jovem que pretende chegar ao Generalato casado, com filhos, que desfila com sua farda pelas ruas, sendo reconhecido na sociedade como um militar e exigindo que sua patente última seja verbalizada em sinal de respeito à hierarquia esperada. Entretanto, esta tese não falará de senso comum, mas de um trabalho científico que retrata uma realidade a qual desde os anos de 1980, oficialmente, acontece nas Forças Armadas brasileiras: o ingresso de mulheres oficiais nas suas elites.

“Por que estudar Forças Armadas brasileiras?” Esta foi a pergunta que diversas pessoas - homens e mulheres, militares e não militares - me fizeram desde que comecei o processo desta tese. Na Academia, a mesma acompanhava, ainda, um complemento: “E por que as mulheres?”. Na tentativa de responder a todos e todas, e a mim mesma, passei a pesquisar sobre o tema percebendo alguns estudos considerados com um marco no que diz respeito aos estudos voltados para os militares no Brasil como Castro (2021), Takahashi (2002), Sueth (2016), Carvalho (2017, 2019), Coelho (1976) entre outros, sendo utilizados, até hoje, como exemplos de bons textos, inclusive por mim. Analisar um objeto de estudos é construir, através dele, uma pesquisa científica não apenas com dedicação, mas tendo um certo conhecimento nos materiais tidos como exemplares naquilo que se pretende analisar, sendo assim feito por mim durante a construção deste trabalho.

Entretanto, à medida em que pesquisava na rede mundial de computadores, ficava mais claro que havia uma lacuna em estudos envolvendo militares e sua atuação profissional nas Forças Armadas, principalmente sobre as profissionais das três Forças - Marinha, Aeronáutica e Exército. Passei, então, a voltar meu olhar para este espaço, sabendo que um bom estudo sobre profissionalismo, Forças Armadas, ambos entrecruzando com os gêneros<sup>1</sup> se fazia necessária, haja vista tal brecha por mim descoberta.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, abordarei os gêneros mais usados socialmente falando: o feminino e o masculino. Sei da importância de debater sobre as mais diversas formas de reconhecimento social, mas, essa tese não daria conta de abordar, neste momento, sobre.

Estudos sobre mulheres ocorrem há algum tempo, seja em âmbito das profissões - como no direito -, no de estudos sobre o gênero feminino propriamente dito, seja nos meios militarizados. Porém, não representam aquilo que pretendo trazer neste trabalho, onde abordo oficiais como pertencentes às elites das três Forças brasileiras e suas atuações profissionais com formações tidas como “civis”<sup>2</sup> na sua entrada, e, posteriormente, sem elas, ao ingressarem nas Academias Militares.

Ao longo de minhas inquietações sobre um campo de pesquisa totalmente novo<sup>3</sup>, a menos para mim, inclinava-me a responder uma pergunta, a qual escolhi como a deste trabalho: **de que forma são vistas as oficiais dentro das Organizações Militares, no que diz respeito à carreira e ao ambiente militarizado?** A partir dela, desdobrei outros questionamentos, a fim de trazer luz ao ofício militar realizado por uma mulher: seriam vistas por seus pares como uma ameaça ao protagonismo masculino tradicional? Como uma afronta à honra militarizada? Recrutadas para atender a algum fim político? Seriam as mulheres purificadas por tal ambiente, assim que entram nas Forças Armadas, para pertencer a um grupo social diferenciado? Seriam as realizadoras de trabalhos tipicamente tidos como femininos como assuntos burocratizados e áreas voltadas para a saúde e ensino?

Como proposta argumentativa - sendo a forma que escolhi para este trabalho - parto do princípio que o impacto feminino nas Forças Armadas brasileiras ocorreu, não apenas naquilo que diz respeito a novos alojamentos, uniformes mais adaptados, mudanças em leis, mas na maneira de entender novas formas de lideranças no interior de cada Força, dando à honra, hierarquia e à disciplina - categorias nativas do ramo - novos olhares, especialmente em relação ao que os próprios conceitos trabalham.

Entretanto, quando há uma afirmação sobre o pertencimento a uma aristocracia ou a uma casta, isso resulta em um reforço de aparências, onde o corpo deve se impor como marca de identidade. Logo, a farda torna-se uma tipo de estratégia para que o grupo militar se afirme por ser visto como um detentor de atributos que não estão associados à grande parte da população (GIACOMINI, 2006). Será que as oficiais também são tidas como pertencentes a esta casta?

---

<sup>2</sup> Termo nativo usado para diferenciar os militares dos não militares, seja na caserna ou fora dela.

<sup>3</sup> Abordarei sobre a mudança de tema mais adiante.

Ainda, justifico minha escolha por conta de termos poucos estudos no ramo militarizado no Brasil abrangendo mulheres, principalmente como oficiais da elite militar. Sabe-se que pesquisas mais reforçadas sobre militares surgem nos Estados Unidos na época do pós- Segunda Grande Guerra, onde um profissionalismo torna-se a peça fundamental para explicar os envolvimento políticos de tais atores sociais a fim de angariarem mais recursos para suas áreas de atuação. Os mesmos tratam sobre homens militares, falando daqueles tidos como socialmente aceitos. No Brasil, estudos deste porte partem do início da década de 1990, incluindo aqueles, ainda que, incipientes sobre oficiais.

Monte (2020) concluiu que os estudos sobre mulheres nas Forças Armadas são escassos. Sobre tais estudos em Portugal, informou que, por lá, existem três tipos de agrupamentos: o primeiro, destaca o viés histórico; o segundo, analisa um caráter mais político e ideológico sobre o ingresso de mulheres nas FA e o último, retrata a produção científica e empírica sobre a questão. Logo, além desta pesquisa tender para um contexto de análises de carreiras de servidores públicos brasileiros, especialmente de os militares, com entrecruzamento de gêneros, e o campo acima ser, ainda, pouco explorado no cenário brasileiro, me debrucei para este novo estudo por enxergar uma contribuição importante aos estudos das Forças Armadas brasileiras dentro das Ciências Sociais.

No direito, a entrada das mulheres em profissões majoritariamente masculinas trouxe avanços profissionais importantes, não apenas nas carreiras, mas em termos sociais, também. Em minha dissertação de mestrado<sup>4</sup>, enquanto coletava as entrevistas, me foi relatado que nunca havia sido empossada uma profissional na área mais importante da Defensoria Pública carioca: a criminal<sup>5</sup>: (LOSS LEITE, 2020, p. 42):

Assim como foi me relatado durante as entrevistas, as posições mais prestigiosas da Defensoria Pública do Rio de Janeiro são ocupadas por homens há anos. Inclusive nunca houve uma Defensora Pública- Geral bem como uma representante na área criminal, tida como uma área

---

<sup>4</sup> Sou a vencedora do I Prêmio Cláudio Souto de Teses, realizado em 2021, pela ABraSD (Associação Brasileira de pesquisadores em Sociologia do Direito). A premiação se deu de forma remota, por conta da pandemia pela COVID-19, em dezembro de 2021, durante a Abertura do XII Congresso Internacional da entidade. A categoria foi de “Melhor Dissertação de Mestrado”.

<sup>5</sup> Sua importância se dá, justamente, por ter sido a área que inspirou a criação da Defensoria Pública carioca. (LOSS LEITE, 2020, p. 11- 12).

guarda-chuva na linguagem nativa, isto é, responsável por grande parte de outras áreas dentro da instituição e possuindo todo o prestígio da profissão ao seu redor, haja vista que a história da instituição está ancorada nessa área jurídica.

Em final de 2018, após ter realizado meu trabalho de campo pela instituição, pela primeira vez uma mulher foi escolhida para ser Coordenadora de tal área, me deixando muito honrada e em 2022, após a primeira eleição para Defensor- Público Geral com somente chapas compostas por mulheres concorrendo entre si, foi eleita, bem como nomeada, a primeira Defensora- pública Geral desde sua criação.

Sabe-se que nos anos 1990, houve uma entrada massiva de mulheres nas carreiras tidas como masculinas, havendo uma feminização destas não apenas no Brasil, mas fora dele, no Ocidente: no Tribunal de Justiça de Pernambuco até a chegada da primeira magistrada, em 1966, apesar de haver a presença de mulheres, as mesmas desempenhavam funções administrativas e se apresentavam em uma quantidade discreta. Nessa época, havia a ideia de que a feminilidade seria perdida por conta de as mulheres começarem a ocupar espaços até então destinados apenas aos homens no mercado de trabalho, além da percepção de um temor em competir nas ocupações destinadas a elas (SILVA, 2020).

Nas Forças Armadas brasileiras, a entrada de mulheres ocorreu de forma legal em 1980, na Marinha do Brasil, mas sem que houvesse algum debate nacional sobre tal inserção. Em 1982, ocorreu na Força Aérea e somente em 1992, no Exército Brasileiro. Cabe ressaltar que este ingresso se deu em Quadros e Corpos especiais e destinados aos serviços voltados ao cuidado e ao ensino, sendo na MB e na FAB em Corpos exclusivamente femininos, ou seja, sem ter nenhum homem naquela divisão.

Em toda a sociedade que, através do sexo, atribui traços de personalidade - como interessar-se por arte, bravura frente a situações de perigo, desinteresse nas relações pessoais bem como passividade nas sexuais, tagarelice, afeição a crianças entre outros -, inevitavelmente, desajusta a ordem social. E é nesse desajuste que há a inversão equivocada de visões onde uma mulher ao ser forte e assertiva é vista como masculinizada e um homem sensível e respeitoso, como feminizado (MEAD, 1969).

Esta tese é fruto de uma feliz coincidência ocorrida no ano de 2021: em julho daquele ano, fiz o processo de qualificação para que eu pudesse, de fato, me dedicar ao meu objeto: mulheres no sistema de justiça como clientes e suas possíveis

categorizações, onde, inclusive, já havia começado, de forma incipiente, algumas análises em Varas de Família e Criminal em cidades da Baixada Fluminense. Ao terminar, e ser aprovada, passei a preparar mais idas para os locais onde já tinha acesso, mesmo com a pandemia da COVID-19 em curso. Por conta de minha pesquisa de mestrado - vencedora do Prêmio Cláudio Souto em 2021 devido ao meu ineditismo no tema -, analisei dentro da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro de que forma as profissionais eram enquadradas pela organização, bem como seus colegas masculinos, e por quais motivos isso ocorria.

Através do uso de conceitos como o *script* sexuado de carreira, presunção de competência, protótipo de colega, *expertise*, sistemas credenciais e outros, e me usando de uma sociologia das profissões, particularmente das profissões jurídicas e de uma sociologia do direito, identifiquei diferentes percepções sobre os gêneros através das narrativas a mim dadas, tanto por homens quanto por mulheres Defensores Públicos cariocas. A ideia de partir para o doutoramento analisando mulheres e profissões jurídicas me parecia muito óbvia, já que, de certa forma, estava apta a adentrar no meio jurídico novamente por conta de um conhecimento no campo em questão e já tendo abertura nele.

Entretanto, em agosto do mesmo ano, fui a vencedora<sup>6</sup> do Prêmio INBRADIM - Instituto Brasileiro de Estudo e Pesquisa de Direito Militar - de Produção Filosófico-Científica 2021, em sua terceira edição, cujo meu trabalho foi muito bem avaliado e elogiado pela Comissão Organizadora, haja vista eu ser uma “civil”, que, para os nativos da área militar, significa eu não ser integrante de nenhum tipo de função militarizada. Apresentei-me de forma remota<sup>7</sup> por conta da restrição sanitária no último dia de o Congresso Internacional de Ciências Militares 2021, onde recebi a medalha de primeiro lugar na presença de oficiais do Exército Brasileiro e de outras instituições militarizadas.

Nesta ocasião, recebi o convite para apresentar meu trabalho em novembro, ainda remotamente, em um ambiente militarizado. Além disso, organizei uma *live* sob

---

<sup>6</sup> O trabalho vencedor foi o artigo intitulado “AQUI NÃO É LUGAR DE MULHER: HISTÓRIAS DE MULHERES NAS GUERRAS”, onde fui a primeira mulher, acadêmica e não militar a vencer o prêmio.

<sup>7</sup> O sistema remoto foi iniciado em todo o mundo por conta da pandemia pelo SARS-CoV-2, que surgiu na China em dezembro de 2019 e se espalhou pelos cinco continentes. Tal sistema era usado normalmente, mas não de forma diária como passou a ser de 2020 até então, mudando, inclusive, as relações laborais em algumas áreas. Não irei me ater a esta discussão, haja vista que a nota serve apenas como contextualização, não sendo objeto desta pesquisa.



o título “Mulheres em ambientes de guerra: militaristas, militarizadas e vítimas<sup>8</sup>” para o Laboratório de Estudos Políticos de Defesa e Segurança Pública (LEPDESP). Nesse evento, falei sobre o meu trabalho vencedor, juntamente com duas pesquisadoras<sup>9</sup> sobre mulheres em ambientes belicosos.

Logo, o prêmio INBRADIM corroborou com meus anseios em estudar algo voltado para o assunto dessa tese, haja vista que me pareceu ser um convite para rumar para outro tema já que um campo de pesquisa se abria para mim naquele momento. Como pesquisadora em processo de formação, este é o tipo de situação que não se pode deixar passar despercebido.

Por conta dessa guinada, passei a perceber que minha formação como Bacharela em Segurança Pública e Social na Universidade Federal Fluminense - UFF - poderia me auxiliar nessa nova empreitada, haja vista uma certa bagagem que já possuo, bem como o gosto pelo tema, mesmo ciente de que Defesa Nacional não é a mesma coisa que Segurança Pública. A ideia de analisar nossas Forças Armadas entrecruzando os gêneros, o ambiente militarizado e o profissionalismo, então, surge nessa esteira, levando em conta, ainda, sobre os poucos estudos na área, em especial envolvendo um profissionalismo militar e o gênero feminino, dentro de uma visão ocidentalizada de diferenças corporais entre homens e mulheres.

Embora haja estudos sobre mulheres e Forças Armadas no Brasil, não existe nenhum que tenha reunido as três Forças - Aeronáutica, Marinha e Exército - nem sobre mulheres como profissionais de elite, haja vista que refiro-me a esta tese como um estudo de uma elite tendo em vista o papel ocupado pelas Forças Armadas em nossa sociedade, sendo tais feitos apresentados por mim, dando a este trabalho um *status* diferenciado para este campo de pesquisa no Brasil.

Sabe-se que, por se tratar de uma carreira pública de serventia, o ingresso, ainda, se dá via concurso público, aberto a todos e todas aptas, dentro das regras de um regulamento. Além disso, pela Constituição Federal, não há obrigatoriedade de prestação ao serviço militar no Brasil pelas brasileiras. Por isso, os locais onde se deu o ingresso das primeiras Oficiais são os chamados “Quadros e Corpos Especiais”.

---

<sup>8</sup> Para ver o evento completo, acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=Fq-Q5zacHD8>.

<sup>9</sup> Elaine Sueth, professora doutora e mestra em Sociologia Política pela Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF e Sabrina Santos, mestranda em Relações Internacionais pela Universidad Nacional de San Martín- UNSAM/ ARG.

Meu pensamento está em torno de que a entrada de mais mulheres no oficialato militarizado brasileiro não corroborou, necessariamente, para que uma percepção acerca do gênero feminino, inserida em uma cultura ocidentalizada, fosse alterada dentro das Forças Armadas brasileiras. Conforme diversos estudos, carreiras estatizadas brasileiras passaram a ser mais feminizadas, à exceção das FA<sup>10</sup>. Falar de uma carreira pública, onde há regras e regulamentos claros a serem seguidos desde sua entrada nos traz uma ideia normalizada de uma suposta objetividade e equidade de gêneros, sendo, nesses casos, a luta das profissionais rondando em prol de posições políticas como um todo. Além disso, o fato de serem carreiras com cada vez mais mulheres, não significa que elas estão ocupando os cargos e postos com mais prestígio, seja social, seja econômico.

A exacerbação de um *ethos* guerreiro e de uma conduta militarizada, mesmo quando performada pelos militares fora da caserna tenta diferenciar tais profissionais de outros quaisquer. Dentro de uma genealogia da moral, questões como o “bem” e o “mal” e o lado guerreiro de um homem estaria voltada a uma robustez viril masculinizada, com ótima saúde física, aludindo o “homem bom” e ao “homem guerreiro”, onde tais características não poderiam ser apropriadas ao se falar de uma mulher militar, já que a mesma sempre foi vista como uma cuidadora após a divisão sexual do trabalho, inclusive em sua atuação junto a contextos belicosos (NIETZSCHE, 2009, p. 20-21):

[...] Acredito poder interpretar o latim *bonus* como “o guerreiro”, desde que esteja certo ao derivar *bonus* de um mais antigo *duonus* (compare-se *belum* = *duelum* = *duem-lum*, no qual me parece conservado o *duonus*). *Bonus*, portanto, como homem da disputa, da dissensão (*duo*), como guerreiro: percebe-se o que na Roma antiga constituía a “bondade” de um homem. [...].

Por fim, esta tese foi dividida de uma forma para que o entendimento se dê se forma cadenciada a fim de envolver o leitor e a leitora no processo por mim vivenciado.

---

<sup>10</sup> Vale lembrar que as Forças Armadas não podem ser consideradas como feminizadas ver mais em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/ministerio-da-defesa-conta-com-mais-de-34-mil-mulheres-em-seus-quadros#:~:text=Atualmente%2C%2033.960%20brasileiras%20integram%20as,per%C3%ADodo%20de%202020%20para%202021.>

Desta forma, deixo, desde já explicado, que apresentarei tudo sobre a metodologia utilizada no capítulo 3 desta tese: nominando como **Capítulo 1**, primeiramente, introduzo o tema. Após, narro de forma historicizada a participação feminina das militares ao longo do tempo em processos de guerras, onde o aparecimento em eventos conhecidos se traz à luz, bem como a utilização de leis específicas para que as mulheres pudessem ingressar nas FA, fazendo algumas considerações sobre este capítulo.

Como **Capítulo 2**, em seguida, apresento o mundo militar em uma breve revisão bibliográfica, a fim de trazer autores e autoras que dialogue com meu tema de pesquisa. Ao final deste, teço alguns comentários a respeito de minhas escolhas.

No **Capítulo 3**, demonstrei minha inserção empírica no campo de pesquisa, mostrando a metodologia aplicada e trazendo informações observadas e vividas ao longo deste, colocando algumas considerações ao final do capítulo.

No **Capítulo 4**, estabeleci as análises sociológicas baseadas em trechos de entrevistas exclusivamente com as oficiais, tecendo considerações sobre ao final dele.

Por fim, o que chamei de **Considerações Finais**, trago alguns comentários e achados de pesquisa.

## **1. AS MULHERES NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS: HISTÓRIA, EVENTOS E LEIS**

Falar de Forças Armadas e a presença feminina e não falar de História seria um erro inadmissível. Desde antes de nossa Independência política de Portugal, teve-se mulheres ocupando lugares que nos dias atuais são impensáveis: combatendo o inimigo na linha de frente. Isso mostra como a História tratou de apagar as memórias e construir outras onde a figura feminina é vista como uma salvadora mas, no sentido religioso e moral, nunca no belicoso.

Neste capítulo, abordarei as figuras femininas que se destacaram ao longo da construção do Brasil. Em seguida, citarei como ocorreu a entrada das mulheres militares brasileiras desde a Segunda Guerra Mundial. Por fim, apresentarei leis e documentos que demonstram de que forma o ingresso desses corpos ocorreu nas três Forças, juridicamente, falando.

### **1.1. As primeiras Heroínas da Pátria: Guerra dos Guararapes, da Independência e da Tríplice Aliança**

Muito antes de sermos uma nação com um exército organizado ou forças tidas como nacionais, já havia mulheres combatentes lutando para defender seus ideais, bem como nossas terras. Clara Camarão foi uma delas. De etnia potiguara, Clara ou Maria Clara - tendo em vista sua catequização pelos jesuítas - foi uma indígena nascida no Rio Grande do Norte que liderou uma tropa feminina e expulsou os invasores holandeses, em meados do século XVII. Em 1646, eles tentaram invadir o povoado de Tejucupapo, em Pernambuco. Porém, foram recebidos pela tropa de Camarão, um grupo formado por mulheres fortemente armadas - com ataques vindos de arcos, tacapes e água fervida com pimenta, uma arma inteligente e, no mínimo, inusitada. Ao receberem um banho de água fervendo, ficaram temporariamente cegos por conta do vapor, que, ao ser levado pelo vento “apimentado” acabava irritando seus olhos. Desta forma, os invasores saíram daquelas terras.

Sabendo de seus feitos durante a primeira Batalha de Guararapes, o exército de Clara foi convocado, em 1648. Por causa disso, Clara Camarão recebeu o título de “dona” de Filipe IV, oferecido apenas para a alta nobreza e a notáveis chefes militares, além da Comenda de Hábito de Cristo, dada somente aos homens. Importante ressaltar que as Batalhas dos Guararapes foram as principais ações bélicas que aconteceram na Região Nordeste contra os holandeses até fevereiro de 1649.

Além disso, foram através delas que tivemos novos elementos de combate, auxiliando o entendimento de nossa história militar (LOSS LEITE, 2022, p.325): “No que diz respeito ao militarismo, vimos surgir as táticas de guerrilha. Já no âmbito social, vimos, de forma conjunta, europeus, africanos e indígenas lutarem para defender suas realidades contra um inimigo externo: a Holanda. [...] Mas, sua marca em nosso processo de Independência ficou registrada.”

Outra heroína nacional que afugentou invasores de nossas terras foi Maria Filipa de Oliveira. Capoeirista e marisqueira, sem sabermos ao certo se foi uma escravizada, alforriada ou se já nascera livre - por conta de nossas falhas históricas -, a baiana nascida na Ilha de Itaparica foi uma das mulheres que lutou pela Independência do Brasil, se informando de tal conflito nas rodas de capoeira e enquanto perambulava pela zona portuária. Alta e com muita força física, se envolveu na luta contra as tropas portuguesas, as quais queriam ocupar pontos estratégicos da ilha, especialmente aqueles em que os escravizados libertos utilizavam para comercializar os mariscos.

Infelizmente, ninguém sabe, até hoje, sobre seu paradeiro após os conflitos. O que se reproduz é que após a expulsão dos portugueses, Maria Filipa continuou exercendo uma forte liderança sobre a população mais vulnerável de Itaparica, incluindo em seu grupo, os índios tupinambás e tapuias. Sua morte, datada de 4 de julho de 1873, foi confirmada pelo seu atestado de óbito em Maragogipe. Sua atuação na luta para expulsar os portugueses foi, no mínimo, digna de uma mulher inteligente (LOSS LEITE, 2022, p. 324):

Seu grupo, de quase 200 pessoas, lançou-se contra as tropas e embarcações portuguesas armado com peixeiras e pedaços de paus com espinhos - chegando a queimar mais de 40 barcos portugueses com tochas feitas com a palha do coco. Além disso, através da sedução, as mulheres atraíam os portugueses que, após serem embebedados, eram despídos. E enquanto esperavam receber o que pensavam, eram surpreendidos com uma surra de

cansação - uma planta que provocava uma sensação de queimação na pele  
- dada por estas mulheres, expulsando-os, dessa forma, da Ilha.

A mais conhecida de todas elas nos dias atuais é a nossa primeira combatente - cujo Imperador D. Pedro I fez questão de condecorá-la -: a soldada Medeiros ou Maria Quitéria de Jesus Medeiros. Baiana, nascida em 27 de julho de 1792, participou ativamente contra as tropas portuguesas, em 1823. Sendo a primeira mulher a ser uma guerreira no país dentro de um exército "oficial", foi aceita na Artilharia mas, pediu transferência para a Infantaria por conta de sua capacidade de atuar nos campos de batalha com arma em punho, já que atirava muito bem. Transferida para o Batalhão de Caçadores Voluntários do Príncipe dom Pedro, o Batalhão dos Periquitos - chamado assim por conta da cor verde nas golas e nos punhos dos uniformes -, lutou sua primeira guerra na Baía de Todos os Santos.

Junto a seu grupo de mulheres, expulsou os portugueses, tornando-se famosa e reconhecida como heroína, recebendo, do Imperador, a condecoração de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. Sua chegada ao Rio de Janeiro para ser condecorada acabou gerando um alvoroço, tendo em vista que já era conhecida por seus feitos.

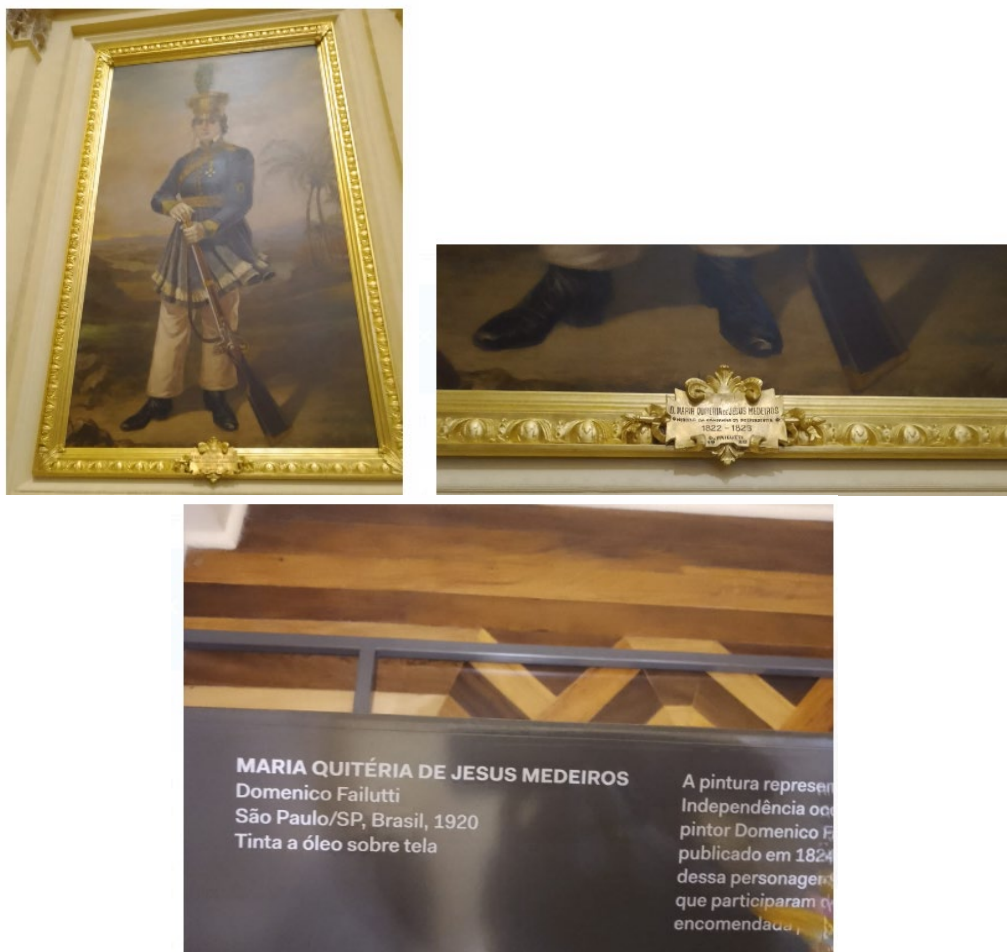
Para entrar na guerra, vestiu-se de homem, cortou seus cabelos e fugiu de casa. Seu pai, descobrindo a farsa, pediu à filha que retornasse para casa. Mas, ela não voltou nem a pedido dele. Infelizmente, após sua conquista, ao longo dos anos, caiu praticamente no esquecimento dos brasileiros, apesar de ter sido uma exemplar Oficiala de nosso Exército contra as tropas portuguesas no processo de Independência.

Tudo o que sabe-se a seu respeito é por conta dos escritos da britânica Maria Graham: em uma viagem ao Brasil, a escritora comentou sobre a nossa soldada, sem hesitar em fazer comentários de cunho sexista a seu respeito. Ao invés de ressaltar sobre sua bravura e heroísmo, preferiu descrevê-la como sendo, apenas, uma mulher iletrada que, apesar de não possuir uma aparência masculinizada, apresentava uma peculiaridade: fumava um charuto após suas refeições.

Nossa soldada morreu em 21 de agosto de 1853, praticamente cega. Em 1953, cem anos depois de sua morte, o Ministro da Guerra, à época, ordenou que todos os quartéis e unidades do Exército Brasileiro deveriam exibir o quadro do italiano Domenico Failutti, de 1920. Em 1996, quatro anos após a primeira turma mista ser criada no EB, a qual foi batizada com o seu nome, foi escolhida para ser a Patrona do

Quadro Complementar de Oficiais (QCO) do Exército Brasileiro (EB). (LOSS LEITE, 2022).

Imagens 1, 2 e 3 - Quadro de Domenico Failutti, 1920.



Legenda: Fotos tiradas em visita ao Museu do Ipiranga, em São Paulo no último dia de abertura ao público no ano da comemoração do Bicentenário da Independência do Brasil, em 29 de dezembro de 2022.

Fonte: A autora, 2022.

Já na Guerra da Tríplice Aliança, tem-se duas mulheres que se destacaram por sua valentia. A primeira delas foi uma Voluntária da Pátria, em sua forma mais literal. Antonia Alves Feitosa, a Jovita, foi uma cearense nascida em 08 de março de 1848. Reconhecida, não pelas Forças Armadas mas, pela história oral do Brasil como a primeira mulher a tentar se alistar para uma guerra: a Guerra da Tríplice Aliança.

Ao saber que as maiores atrocidades estavam ocorrendo, especialmente com as mulheres brasileiras no conflito, decidiu vestir-se de homem para tal façanha, haja vista que mulheres, em 1865, não poderiam participar de tais atividades nem sequer ousavam em ter direitos. Após ser ridicularizada pela ideia de que gostaria de se

alistar, cortou sozinha suas madeixas e escondeu seus seios, parecendo seu disfarce ter dado certo, já que foi aceita e incorporada na Divisão Voluntários da Pátria, uma seção do Exército Brasileiro que recebia, bem como recrutava, homens dispostos a lutar na Guerra.

Por conta de suas habilidades com armas, sentiu-se à vontade nessa missão. Porém, uma mulher desconfiou daquele “soldado” em função de seus furos nas orelhas e resolveu apalpar seu corpo. Assim, descobriu os seios escondidos, enviando Jovita para uma delegacia. Mesmo assim, por causa de sua valentia, acabou recebendo a patente de Sargenta que lhe foi tirada por uma determinação do Ministério da Guerra, tendo em vista que mulheres não poderiam participar de conflitos na linha de frente. Ao ser convidada a trabalhar como enfermeira, negou o convite e decidiu retornar para sua cidade natal. Seu pai, entretanto, não aceitou tal desonra e não permitiu que Jovita ficasse.

Feitosa, sem escolhas, foi para o Rio de Janeiro tentar sua sorte, já que sua expulsão dos campos de batalha em prol da defesa de nossas mulheres na Guerra da Tríplice Aliança fechou todas as portas para uma vida normal. Sem posses e em uma cidade nova, acabou na prostituição para continuar sobrevivendo, onde conheceu o engenheiro, do País de Gales, William Noot. Ao saber, por carta, que ele estaria retornando à sua terra natal, pondo fim ao romance vivido, Feitosa cravou um punhal em seu peito dentro do escritório do engenheiro, deixando, ao lado de seu corpo, uma carta escrita a próprio punho: “Não culpem a minha morte a pessoa alguma. Fui eu quem me matei. A causa só D’us sabe”. Sua morte data de 9 de outubro de 1867.

A outra heroína da mesma Guerra foi a baiana Anna Justina Ferreira Nery, ou simplesmente Ana Néri (ou Anna Nery). Nascida em 13 de dezembro de 1814, sabendo que seus filhos tinham sido convocados para lutar na Guerra da Tríplice Aliança, em 1865, decidiu que os acompanharia de forma voluntária. Por possuir posses, já que pertencia a uma família abastada, acabou construindo uma instalação parecida como uma enfermaria com seus próprios recursos na cidade de Assunção, no Paraguai, a fim de cuidar não apenas dos ferimentos de seus pupilos mas, dos feridos, em geral.

Acabou perdendo um de seus filhos na batalha, mas não abandonou o cenário de guerra, permitindo que sua enfermaria servisse de alento para aqueles que dela necessitavam. Com o final da Guerra, o Imperador D. Pedro II reconheceu a bravura



e a coragem de Nery, condecorando-a. No época, diversos poemas citavam seu nome, passando a ser conhecida como a “mãe dos brasileiros”. Por causa de sua atuação na Guerra da Tríplice Aliança, foi escolhida para ser a Patrona da Enfermagem brasileira. Sua morte data de 20 de maio de 1880 em razão de uma pneumonia. (LOSS LEITE, 2022).

## **1.2. As mulheres da Força Expedicionária Brasileira (FEB), da Força Aérea Brasileira (FAB) e da Polícia Militar do Estado de São Paulo: o ingresso pela força política e social**

Em relação à Força Expedicionária Brasileira (FEB), escolhi falar de forma generalizada sobre a ida das mulheres brasileiras para a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, irei ressaltar a figura da mais importante delas: Elza Cansanção. Já na Polícia Militar paulistana, irei comentar sobre a figura de Hilda Macedo, a importância de sua ascensão e a ligação das mulheres desta Força com a formação das primeiras militares na Marinha do Brasil (MB), em 1981.

Em 1944, o Governo brasileiro decidiu enviar para a Itália setenta e três enfermeiras, ao total, através da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e da FAB (Força Aérea Brasileira). Desta forma, como um importante capital político, Getúlio Vargas e o Estado Novo conseguiram mobilizar a sociedade, especialmente os mais ricos de São Paulo e do Rio de Janeiro. Tal governo se utilizou das enfermeiras e da profissão de enfermagem para crescer sua adesão junto ao grupo de mulheres da classe média e da classe média alta.

Ao aproximar a imagem de uma “pátria- mãe” (CYTRYNOWICZ, 2000, p.100) a tais mulheres, o Estado Novo demonstrava ao povo brasileiro uma extensão dos cuidados da pátria àqueles que dele precisavam: os filhos da Pátria que estavam no campo de batalhas na Itália. Assim, a ideia era de unir todos os brasileiros e brasileiras na tentativa de eliminar as barreiras sociais existentes em prol de uma boa atuação na guerra, ficando, desta forma, todos e todas lutando juntos, na mesma trincheira.

Desde os anos 1920 já se discutia no país sobre a construção da identidade profissional de um enfermeiro, bem como a instituição da profissão de enfermagem.

Logo, ao enviar as enfermeiras para o *front*, mas de forma indireta - já que nenhuma delas atuou em batalhas propriamente ditas -, o Governo acabara consolidando a ideia de uma enfermagem aos moldes já praticados na Inglaterra e nos Estados Unidos. Naquele tempo, a imagem das mulheres ocidentais militares presentes nas guerras da Europa - fosse da França, dos Estados Unidos ou da Inglaterra - definiam um novo lugar do feminino. Junto a isso, categorias como “anjo”, “mãe” e “redentora” apareciam para reforçar o papel social das mulheres ocidentais de forma mais clara, mesmo que através de uma profissionalização.

A profissão de enfermeira tornou-se uma profissão- modelo no Brasil para que mulheres pudessem servir ao Estado, beneficiando as classes mais altas e urbanas por conta de sua maior escolaridade e formação profissional (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 101):

Em 1937, 40,3% dos operários da indústria em São Paulo eram mulheres, o que enfatiza que o apelo às enfermeiras se dirigia à outra classe. A profissão de enfermeira constituía um importante canal de afirmação social e profissional de mulheres dos estratos médios da população, a partir do final dos anos 20 e especialmente nas décadas de 30 e 40. A carreira de enfermeira, junto a de professora primária, era uma das opções possíveis, desde o século passado, para moças desses estratos sociais.

A ideia era de ligar profissão e religiosidade, haja vista que a imagem de uma enfermeira junto às cabeceiras de camas hospitalares remetiam às das santas e milagrosas, sendo, na pior hipótese, aquelas que livrariam dos pecados e enviariam aquele enfermo para o céu. As enfermeiras da FEB e da FAB demonstravam para os brasileiros e brasileiras da época sua missão: cuidar, aliviar a dor e amparar os homens brasileiros no campo de batalha, os quais, supostamente, estariam dando suas vidas naquela guerra. A mobilização governamental para que o trabalho das enfermeiras chegasse a todos os lares brasileiros não foi pouca, sendo, em 1942, tida como uma forma de ascensão profissional feminina em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Durante os anos de guerra, uma professora do Serviço Social da Escola da Cruz Vermelha criou um plano detalhado para incluir tais mulheres, caso o Brasil viesse a sofrer diretamente ataques por estar envolvido no conflito. Assim, ela sugeria a criação do Corpo de Enfermeiras Auxiliares, que deveria ter 100 mil mulheres treinadas para auxiliarem as enfermeiras profissionais; do Corpo de Enfermeiras

Domésticas, com 500 mil mulheres para auxiliar em serviços simples; do Corpo de Motoristas, com 18 mil pessoas para transportar todos aqueles envolvidos na guerra, além do Corpo de Nutrição e do Corpo de Braille. A partir dessas informações, pode-se ver como estava sendo mobilizado o discurso sobre a profissão de enfermeiro pelo governo da época.

Além disso, as meninas e meninos em idade escolar eram ensinados a se preparar para a defesa nacional em caso de ataques, sendo criada, em 8 de março de 1940, a Juventude Brasileira pelo Decreto-Lei nº 2.072, surgindo a obrigatoriedade da educação moral, cívica e física da infância e da juventude (CYTRYNOWICZ, 2000) ressaltando, apenas aos meninos entre 12 e 16 anos, noções sobre a vida militar, instruções de ordem unida sem arma e técnicas de tiro, sendo tais diretrizes oriundas do Ministério da Guerra. Em 1942, a marcha “Salve a Mulher Brasileira”, de Rubens Campos e Sebastião Lima, destacava a mobilização feminina no ano que o país rompia com as forças do Eixo (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 105):

Ofenderam a nossa bandeira / a mulher brasileira/ também teve opinião / (Bis)  
Nós somos enfermeiras / e se for preciso / manejamos o canhão / - 2 - / Não  
temos medo / da afronta de ninguém / nós as mulheres / vamos lutar também  
/ cada brasileiro representa um fuzil / para defender a Pátria amada – Brasil!  
[...].

No final de 1942, o governo brasileiro pensou na possibilidade de enviar tropas para a guerra, mas ficando baseadas na África. No encontro entre Getúlio Vargas e Franklin Delano Roosevelt, no início de 1943, discutiu-se sobre e, no mesmo ano, constituiu-se a FEB, tendo o envio de pessoal para a Europa em 1944, incluindo um grupo de mulheres voltadas para o cuidado, apenas. Por conta disso, cursos de enfermagem de guerra voltados tanto para profissionais como para voluntárias estavam mais visíveis entre 1942 e 1943, mostrando que parecia haver já alguma mobilização sobre o envio de enfermeiras, estando até mais adiantada que o envio de militares. Além deles, havia o curso de samaritanas e o de voluntárias socorristas, todos voltados para situações de conflito.

Desde 1941, no Rio de Janeiro, a Diretoria de Saúde do Exército do Ministério da Guerra deu início ao primeiro Curso de Voluntárias para preparar jovens mulheres a estarem com doentes em hospitais. Em 1942, na Escola Anna Nery, também no Rio

de Janeiro, havia duzentas e vinte e duas alunas matriculadas, sendo setenta e cinco em “cursos de guerra” (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 106, grifo original). No mesmo ano, a primeira diretora da escola, a estadunidense Clara Louis Kieninger, auxiliou nos cursos de voluntariado para a guerra, além de organizar cursos de defesa passiva, na Anna Nery e na Cruz Vermelha, visando treinar as brasileiras que iriam para a Itália.

A primeira turma de voluntárias socorristas, formadas como Enfermeiras de Guerra teve sua formatura em 1943, sendo o curso patrocinado pela Caixa Federal do Rio de Janeiro, seguindo as orientações da Escola Anna Nery: “Eram moças ‘pioneiras da enfermagem de guerra de nosso país’, conforme a publicação *Nação Armada*. Em 1943 havia 334 enfermeiras em serviço ativo diplomadas pela Escola Anna Nery”. (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 106, grifo original).

Enquanto o “homem- soldado- brasileiro” estava indo em busca de um heroísmo, cabia às brasileiras dedicarem todo seu amor por estes bravos guerreiros, fosse na guerra ou por aqui. Em uma publicação de 1944, enquanto o 1º Grupo de Aviões de Caça da FAB partia - o mesmo que recrutou as enfermeiras para atuarem com o cuidado na guerra -, uma das Forças escreveu sobre as mulheres que se encontravam na despedida de seus afetos. A publicação descrevia como elas se portaram: mostravam-se serenas ao invés de chorosas, como “de costume” do sexo feminino, demonstrando coragem e alegria por estarem nitidamente contendo suas emoções. Para a campanha do governo da época, era importante demonstrar que mulheres de diferentes classes se uniam para cuidar de seus soldados, em um espírito de “pátria- mãe” (CYTRYNOWICZ, 2000).

O samba “A Pátria está chamando”, criado por Grande Otelo e gravado por Linda Batista, de julho de 1943, trazia, também, os elementos tidos como femininos aliados aos cuidados de mãe (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 107):

Adeus meu grande amor  
Mas há de voltar se Deus quiser  
Eu sentirei tua falta  
Mas tenho meu valor de mulher  
Sei que partirás sorrindo  
E eu não ficarei chorando  
Mateus meu grande amor  
A Pátria está te chamando.  
Na tua mochila já tem  
Uma blusa de lã  
e cigarros também  
Lá em casa São Jorge Guerreiro

Será iluminado o dia inteiro  
Todas as noites ao deitar  
Por ti meu amor, vou rezar

Apesar de o Brasil daquela época realizar campanhas contra os danos causados pelos vícios em jogos, as reuniões beneficentes de mulheres de classes mais altas de São Paulo e Rio de Janeiro eram muito bem aceitas, incluindo o *bridge* da elegância, realizado na Casa Anglo- Brasileira, buscando auxiliar aqueles que mais precisavam no momento da guerra (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 108):

[...] Todo o mundo elegante de São Paulo estava lá, contribuindo com o seu donativo para o soldado expedicionário [...] Nas mesinhas o jogo continuou até as primeiras horas da madrugada, sob o ruído contínuo e característico das fichas, acariciadas por dezenas de mãos bem cuidadas [...].

As sessenta e sete enfermeiras da FEB - todas como voluntárias com o Curso de Enfermeiras da Reserva do Exército - que rumaram à Itália serviram em quatro hospitais do exército estadunidense. As profissionais eram samaritanas e voluntárias socorristas, sendo apenas oito delas oficialmente profissionais (dentro da regulação federal) e uma parteira. Possuíam a formação pelas escolas Anna Nery, Alfredo Pinto, Cruz Vermelha Brasileira e pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

O Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército - o QERE - foi criado através do Decreto nº 14.257, de 13 de Dezembro de 1943. Para participar, a mulher deveria ser brasileira nata, estar solteira ou viúva, não possuir filhos e estar entre 20 e 40 anos de idade, além de ter a formação em enfermagem ou certificado de curso de samaritana ou, ainda, ser uma voluntária socorrista. Tais exigências, entretanto, talvez por conta de uma baixa procura e uma realidade social diferente da esperada, precisou ser alterada, conforme o Decreto nº 15.031, de 14 de Março de 1944. Mulheres desquitadas e casadas, (estas, desde que tivessem a autorização de seus afetos), com idade de 20 e 45 anos passaram a ser aceitas para compor o Quadro juntamente com as demais.

Em relação às seis enfermeiras da FAB, que atuaram em um hospital especializado da Aeronáutica em Amarina de Pisa, todas possuíam formação pela

Escola Anna Nery (EAN). Suas partidas para a guerra se deu conforme a criação do Quadro de Enfermeiras da Reserva da Aeronáutica - o QERA - pelo Decreto- Lei nº 6.663, de 07 de julho de 1944, para auxiliar ao 1º Grupo de Aviação de Caça. As próprias enfermeiras brasileiras viam suas idas para a Guerra de forma a salvar o “lar”, fazendo alusão às trincheiras, e se descreviam “[...] como um guerreiro novo da civilização cristã”. (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 110), conforme o discurso da chefe das enfermeiras brasileiras na Itália.

Dentre as jovens mulheres que foram para a Itália, destaco a militar mais condecorada do país, de acordo com o Comando Militar do Leste - CML: Elza Maria Cansanção Medeiros, a Major Elza. Cansanção foi o nome que se esforçou para que mulheres pudessem fazer parte das FA, especialmente no EB. Nascida em 21 de outubro de 1921, foi a primeira mulher a se apresentar como voluntária para ir para a Itália, atuando na Diretoria de Saúde do Exército.

Imagens 4 e 5 - Placa oferecida pela Itália em reconhecimento aos feitos de Elza Cansanção na Segunda Guerra Mundial e alguns de seus pertences.



Legenda: Fotos tiradas em visita ao Museu Militar Conde de Linhares, no Bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em 28 de janeiro de 2023.

Fonte: A autora, 2023.

Cansanção recebeu tantas honras que é considerada como a Decana das mulheres militares do Brasil: a Medalha de Guerra, a Medalha de Campanha, a Ordem do Mérito Militar, a Medalha Mérito Tamandaré e a Medalha Mérito Santos Dumont. Após voltar ao EB, em 1957, no Serviço de Saúde, deu palestras em Congressos de Medicina Militar e de Enfermagem, recebendo, do Governo do Paraguai, a medalha *Abnegacion y Constancia Honor al Mérito*. Mesmo em suas funções no Banco do Brasil, já na década de 1960, recebeu a Medalha do Pacificador,

além de ser a única mulher brasileira que recebeu a *Ancien Combattant du Théâtre d'Opérations de l'Europe* e a *Meritorious Service Unit Plaque*, esta, concedida pelo exército estadunidense. Foi a primeira mulher e militar da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, a AHIMTB/ RJ Marechal João Baptista de Mattos, e a primeira mulher, também, a fazer parte do corpo dos associados do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, o IGHMB.

Cansanção se voluntariou como enfermeira por ser a única forma de poder participar do cenário. Seu pai foi contra sua decisão mas, sua mãe permitiu que fizesse o curso, em 1942, das samaritanas, oferecido pela Escola de Enfermaria da Cruz Vermelha e assim, se colocou à disposição do Ministério do Exército. Por isso, foi a primeira convidada a integrar o Destacamento Precursor de Saúde, em 1944, e ir para a Itália. Por falar inglês, francês, italiano e um pouco de alemão, acabou auxiliando as conversas junto a médicos e enfermeiras que estavam atendendo os brasileiros no *45<sup>th</sup> Field Hospital*, em Nápoles, e foi Oficiala de Ligação e enfermeira- Chefe no *7<sup>th</sup> Station Hospital*, em Livorno. Conheceu Clarice Lispector, esposa do cônsul brasileiro à época, na Itália, em uma visita aos internos.

Antes de ir para a guerra, foi a primeira enfermeira do Hospital Militar em Recife. Ao reorganizar a Cruz Vermelha local, começou a recrutar mulheres com o curso de voluntárias socorristas, causando um alvoroço, pois os pais e mães tinham o receio de que suas filhas seriam convocadas para a guerra. Aos 22 anos, morando em Maceió, chamava a atenção com seu cigarro na mão, enquanto usava um *short* e lavava seu carro em frente de casa, algo muito “moderno” para a sua época.

Ao receber uma mensagem do Ministério do Exército informando sobre a abertura do curso de voluntariado de enfermeiras, voltou para o Rio de Janeiro, ingressando na primeira turma do Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército - CEERE, ficando entre as três primeiras colocadas. Na Itália, percebendo que as brasileiras estavam sendo mal tratadas pelas oficialas estadunidenses por não possuírem patentes, Cansanção dirigiu-se ao Comandante da FEB para sanar o problema. Por conta dessa atitude, passaram a ter o posto de Segunda- Tenente, que foi ratificada conforme a aprovação da Lei nº 3.160, de 01 de junho de 1957.

Transferida para o *7<sup>th</sup> Station Hospital*, em Livorno, foi convocada pelo Coronel Ponce, Subchefe da unidade, para colocar “ordem na casa”, devido a problemas de disciplina entre as mulheres. Infelizmente, Cansanção sofreu uma queda, ocasionando uma rachadura na coluna e a perda dos movimentos de uma das mãos.

Por isso, assumiu o cargo de Oficiala de Ligação, onde, novamente, se viu como intérprete no *45<sup>th</sup> Hospital* e depois no *182<sup>th</sup> Hospital*. Porém, após a guerra, como sempre ocorrem com as mulheres ao longo da História, foi dispensada do EB e ingressou no Banco do Brasil. Em 1957, o EB chamou, novamente, as mulheres para participarem da caserna e Cansanção retornou como enfermeira. Mesmo com formação em Jornalismo e tendo trabalhado no Serviço Nacional de Informações - SNI, nunca abandonou a carreira militar. Em 1945, foi condecorada, junto com outras vinte e quatro Enfermeiras, como Enfermeira de Segunda Classe, sendo, em seguida, como Enfermeira de Primeira Classe. Por conta de sua saúde frágil, foi promovida, em 1976, à patente de Major.

Deixou, como legado, em Maceió, o Museu da Segunda Guerra Mundial, com mais de cinco mil fotos e documentos, transformando-a em cidadã da cidade por conta disso. Aos 60 anos de idade, aprendeu a pilotar um ultraleve, escreveu três livros contando suas experiências na Segunda Grande Guerra e sugeriu a criação de um corpo auxiliar feminino nas Forças Armadas brasileiras. Sua morte ocorreu em 08 de dezembro de 2009, aos 88 anos, no Rio de Janeiro, após uma série de complicações decorrentes de uma queda onde fraturou o fêmur (LOSS LEITE, 2023). Para Cansanção (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 110):

Quando em 1942, nossos barcos de marinha mercante foram torpedeados em nossas costas, ceifando vidas inocentes [...] compreendi que aquela luta não seria uma luta só para homens. A cooperação da mulher era indispensável em todos os setores.

Em relação ao ingresso de mulheres militares na Polícia Militar de São Paulo darei destaque à figura da Bacharela em direito, Hilda Macedo. Como Assistente de Criminologia da Escola de Polícia de São Paulo, apresentou, no 1º Congresso Brasileiro de Medicina Legal e Criminologia, em 1953, a necessidade de uma polícia de mulheres, argumentando que o corpo feminino era tão competentes quanto o dos homens para realizar o trabalho policial.

Por conta de já ter mulheres atuando na Europa e nos Estados Unidos na década de 1950, o então Governador de São Paulo, Jânio Quadros, pelo Decreto Estadual nº 24.548, de 12 de maio de 1955, instituiu no interior da Guarda Civil de



São Paulo o “Corpo de Policiamento Especial Feminino”. Assim, ingressaram as primeiras mulheres no que seriam, mais tarde, as Forças Auxiliares das FA, ou seja, as futuras Polícias Militares brasileiras. O Governador, em uma viagem à Europa, em 1950, encantou-se com a presença feminina na polícia de Londres. Na tentativa de imitar a modernidade de Londres, Quadros queria não apenas implementar ônibus com dois andares mas, trazer mulheres para o policiamento da cidade.

As mulheres militares da Força de São Paulo, sob o comando de Macedo foram as primeiras a ingressarem em tais forças na América Latina, cuja atividade era voltada ao cuidado e à proteção de mulheres e jovens, algo naturalizado para atividades tidas como femininas. Tal Corpo ficou apenas atuando em São Paulo, não havendo adesões pelo resto do território brasileiro. Macedo foi a primeira Comandante da Polícia Militar paulista, já que apresentou, em 1953, estudos baseados em países estrangeiros onde demonstrava que as mulheres poderiam estar atuando, também, em tais Forças. Ao todo, cinquenta militares se apresentaram para a nova atividade, sendo 12 delas selecionadas para a Escola de Polícia a fazerem um curso de 180 dias para se prepararem. Com Macedo no comando, o grupo ficou conhecido como “as 13 mais corajosas de 1955”.

Em abril de 1952, Ubirajara Rocha, então Delegado de Polícia, escreveu o artigo “A mulher policial”, publicado na revista “Investigações”, do Departamento de Investigações de São Paulo. Sua ideia era de mostrar a necessidade de incorporar as mulheres em funções policiais por conta de um processo mais amplo na sociedade brasileira, levando a mulher para as mais diferentes áreas da indústria, do comércio e dos setores burocráticos do serviço público. Para ele, uma vez provada a capacidade feminina em desenvolver tarefas em diferentes áreas, mereceria a mulher brasileira o direito de ingressar nelas, com as devidas alterações legais, as quais impediam o seu acesso em espaços até então reservados aos homens. (SOUZA, 2014).

A transformação da PMESP em Forças Auxiliares se deu através do Decreto-Lei nº 667, de 2 de julho de 1969, o qual orientava para a admissão de mulheres, caso houvesse interesse das recém criadas Polícias Militares (BRASIL, 1969):

CAPÍTULO III  
DO PESSOAL DAS POLÍCIAS MILITARES  
Art. 8º A hierarquia<sup>11</sup> nas Polícias Militares é a seguinte: [...]

---

<sup>11</sup> A grafia foi reproduzida conforme está no referido Decreto.

§2º Os Estados, Territórios e o Distrito Federal poderão, se convier às respectivas Polícias Militares:

a) admitir o ingresso de pessoal feminino em seus efetivos de oficiais e praças, para atender necessidades da respectiva Corporação em atividades específicas, mediante prévia autorização do Ministério do Exército[...].

Por conta disso, a união da Força Pública com a Guarda Civil criando a PMESP se deu através do Decreto- Lei nº 217 de 08 de abril de 1970, incorporando, inclusive, as militares - as quais, posteriormente, dariam o treinamento às novas ingressantes à Praça da Marinha do Brasil.

### 1.3. **As mulheres nas Forças Armadas brasileiras: o ingresso pela força da Lei**

A Marinha do Brasil (MB) foi a primeira Força a ter um Corpo Feminino, exclusivamente, onde as mulheres ingressaram em 1981. A pedido do Almirante de Esquadra Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, em 07 de julho de 1980, pela Lei nº 6.807, sancionada pelo presidente da República, o General de Exército João Baptista de Oliveira Figueiredo, a Marinha do Brasil foi a primeira Força a realizar o ingresso de um Corpo Feminino, através da criação do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha - CAFRM, composto pelo Quadro Auxiliar Feminino de Oficiais - QAFO - e pelo Quadro Auxiliar Feminino de Praças - QAFP.

Tal recrutamento serviu para sanar problemas nas áreas administrativas e técnicas, bem como na da saúde. Para o treinamento destas primeiras mulheres, foram recrutadas as oficiais da Polícia Militar do Estado de São Paulo - PMESP -, haja vista que já atuavam como militares. Assim, as primeiras mulheres da Marinha do Brasil receberam treinamentos de como realizar ordem unida, como se preparar em momentos em que a menstruação ficasse aparente entre outros assuntos voltados ao público militar feminino das primeiras mulheres militares da América Latina.

Com o passar do tempo e os avanços sociais, o CAFRM foi extinto através da Lei nº 9.519, de 26 de novembro 1997, permitindo que as militares pudessem integrar os Corpos e Quadros existentes para o sexo oposto. Desta forma, houve a entrada de mulheres como Oficiais nos Corpos de Engenheiros e de Intendentes, bem como nos Quadros de Médicos, Cirurgiões-Dentistas, de Apoio à Saúde e Técnico.

Em 2014, a Força admitiu a primeira turma de Aspirantas da Escola Naval. Em 12 vagas específicas para o Corpo de Intendência, as candidatas com idade entre 18 e 23 anos que tivessem concluído o ensino médio puderam concorrer. Ao final do curso, foram declaradas Guardas-Marinha, embarcando em uma viagem de instrução de quase seis meses no Navio-Escola Brasil, como uma forma de complementar sua jornada profissional e cultural. Ao retornarem, as Guardas-Marinha foram nomeadas Oficiais com a patente de Segunda Tenente, sendo designadas para exercerem atividades nas mais diversas Organizações Militares da MB ao longo de todo o país.

Em 2017, ano de formação das primeiras Guardas- Marinha, através da Lei nº 13.541, de 18 de dezembro de 2017, a MB permitiu que as mulheres tivessem a oportunidade de exercerem atividades no Poder Naval: assim, ficava declarado o ingresso de mulheres na Escola Naval - EN -, no Corpo da Armada - CA - e no Corpo de Fuzileiros Navais - CFN. Em 2023, as mulheres passaram a ingressar nas Escolas de Aprendizes-Marinheiros<sup>12</sup>, integrando o Corpo de Praças da Armada - CPA.

Ainda, já está prevista a possibilidade de ingresso, a partir de 2024, nas Escolas de Aprendizes- Marinheiros e nos Cursos de Formação de Soldados Fuzileiros Navais<sup>13</sup>, deixando completo o ciclo de entrada das mulheres em todos os Corpos, Quadros, escolas e centros de instrução da Marinha do Brasil, permitindo o embarque de oficiais e praças femininas nas fileiras operativas.

A primeira brasileira que chegou a um posto de Oficiala Generala das FA brasileiras foi a médica Contra- Almiranta (Md) Dalva Maria Carvalho Mendes, em 2012. Em 2018, mais uma militar chegou ao mesmo posto: a engenheira Contra- Almiranta (EN) Luciana Mascarenhas da Costa Marroni. Em 2023, enquanto escrevia esta tese, a terceira Contra- Almiranta ascendia: a, também, médica, Maria Cecília Barbosa da Silva Conceição chega como a terceira Contra- Almiranta, sendo a primeira militar negra<sup>14</sup> na Marinha do Brasil, assumindo a posição de Diretora do Departamento de Saúde e Assistência Social da Secretaria de Pessoal, Saúde, Desporto e Projetos Sociais, junto ao Ministério da Defesa.

---

<sup>12</sup> Trago estas informações de forma lateral, haja vista meu foco ser as Oficiais.

<sup>13</sup> No final da escrita desta tese, saiu a notícia sobre. Ver mais em: [Marinha recebe primeiras mulheres em curso de Soldados Fuzileiros Navais – Defesa Aérea & Naval \(defesaaereanaval.com.br\)](https://defesaaereanaval.com.br/marinha-recebe-primeiras-mulheres-em-curso-de-soldados-fuzileiros-navais).

<sup>14</sup> Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/04/medica-da-marinha-e-promovida-e-se-torna-primeira-almirante-negra-da-historia.shtml>.

Figura 1 - Quadro explicativo das patentes da MB.



Fonte: [Hierarquia Militar \(asaartigosmilitares.com.br\)](http://asaartigosmilitares.com.br).

A segunda Força a permitir o ingresso de mulheres foi a Força Aérea Brasileira (FAB). A partir da Lei nº 6.924, de 29 de junho de 1981, o Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica - CFRA - foi criado, sendo constituído pelo Quadro Feminino de Oficiais da Reserva da Aeronáutica - QFO - e pelo Quadro Feminino de Graduados da Reserva da Aeronáutica - QFG -, também, com o intuito de preencher áreas voltadas para ações administrativas e burocráticas, bem como voltadas ao ensino e à saúde com mulheres qualificadas.

Em 1982, a primeira turma de militares mulheres da FAB foi formada. Para receber as novas integrantes da Força, as escolas da FAB precisaram se adaptar de diversas formas, sendo as Graduadas recebidas em Belo Horizonte, em Minas Gerais, no Centro de Instrução de Graduados da Aeronáutica - CIGAR. Já as Oficiais, foram recebidas no Centro de Instrução Especializada da Aeronáutica - CIEAR -, no Rio de Janeiro. Em 1983, o Centro de Instrução e Adaptação da Aeronáutica - CIAAR - passou a receber as ingressantes a fim de prepara-las para suas novas vidas: a militar.

Em 1995, o Ministro da Aeronáutica, à época, iniciou os trâmites para que a FAB fosse a primeira das Forças a permitir que as mulheres ingressassem em sua Academia: a Academia da Força Aérea - AFA -, mais especificamente no Curso de Formação de Oficiais - CFO - para o Quadro de Intendência, sendo vetada a participação delas nos demais: no de Aviação - CFOAv - e de Infantaria - CFOInf. Em 1996, as primeiras Cadetes Intendentes ingressam na AFA, as quais chegaram à patente de Tenente-Coronel em 2017. Para aquelas Intendentes que seguirem os trâmites militares da Força, obtendo reconhecimento profissional, poderão chegar até o posto de Major-Brigadeira, ou seja, com três estrelas, ainda não foi ocupado até o final da escrita desta tese por nenhuma delas.

Em 1999, pela Portaria 740-T/GC3, de 22 de novembro de 1999, as mulheres ingressam na Escola de Especialistas, no Estágio de Adaptação à Graduação de Sargentos - EAGS- SMU -, para o manuseio de instrumentos musicais. Na mesma data, através da Portaria 741-T/GC3, foram admitidas para vagas de Técnica em Eletrônica no Grupamento Básico - BET; Técnica de Administração ou de Contabilidade - SAD -; Técnica em Eletrotécnica - SEL - e Técnicas de Enfermagem - SEF. Na Portaria 742-T/GC3, ficou estabelecido o ingresso de mulheres no Curso de Formação de Sargentos - CFS -, com início no segundo semestre de 2000. Pela Portaria 254-T/GC3, de 04 de abril de 2001, as mulheres puderam ingressar, além das especialidades de SAD, SEL, BET e SEF, nas de SRD (Radiologia), para Técnicas em Raio-X Diagnósticos; na de SLB (Laboratório), para Técnicas de Laboratório de Análises Clínicas; na de STP (Topografia) para Técnicas em Topografia ou Agrimensura e SPV (Pavimentação) para Técnicas em estradas.

Em 2003, a FAB passou a permitir o ingresso de mulheres na primeira turma de Aviadoras da AFA para atuarem no Quadro de Formação de Oficiais Aviadores - CFOAv. Através da Lei 12.797, de 04 de Abril de 2013, foi criado o Quadro de Oficiais de Apoio - QOAp - dentro do Corpo de Oficiais da Ativa do Comando da Aeronáutica. Nele, abriu-se a porta para que mulheres militares possam exercer cargos de comando, de direções de OM's e de chefias. Em 2017, as mulheres passaram a ingressar na Escola Preparatória de Cadetes do Ar - EPCAR.

A primeira Comandanta de uma OM da FAB ascendeu em 2015: a médica Carla Lyrio Martins, que comandou a Casa Gerontológica de Aeronáutica Brigadeiro Eduardo Gomes (CGABEG), no Rio de Janeiro. Em 2020, a oficiala ascendeu ao quadro do Generalato, recebendo a patente de Brigadeira Médica, ficando

responsável pela Diretoria do Hospital Central da Aeronáutica – Hca -, no Rio de Janeiro. Desde o início da escrita desta tese<sup>15</sup>, Lyrio, juntamente com a Contra-Almiranta Marroni, eram as únicas mulheres ocupando um posto no lugar mais alto da hierarquia de uma Força, mesmo que pertencentes ao Quadro de Médicos e ao de Engenheiros, respectivamente, desde a entrada de mulheres, em 1981.

Ressalto que o Quadro da Aviação é considerado a "atividade-fim" da Força. Logo, apenas homens e mulheres de carreira, ou seja, Aviadores e Aviadoras formados pela AFA poderão chegar à patente máxima: a de Tenente-Brigadeiro. Enquanto escrevia meu quarto capítulo, Lyrio ascendia como sendo a primeira Oficiala três estrelas<sup>16</sup> das FA brasileiras, com a patente de Major-Brigadeira e passará a ocupar a Diretora da Escola Superior de Defesa em breve, já que sua promoção se deu em 25 de novembro de 2023.

Figura 2 - Quadro explicativo das patentes da FAB.



Fonte: [Hierarquia Militar \(asaartigosmilitares.com.br\)](http://asaartigosmilitares.com.br)

<sup>15</sup> No término desta tese, a Brigadeira Ana Paola foi exonerada de seu cargo. Ver mais em: [Militar acusada por ministro de Lula de cena "repugnante" é exonerada | Metrôpoles \(metropoles.com\)](https://metropoles.com.br/militar-acusada-por-ministro-de-lula-de-cena-repugnante-e-exonerada/).

<sup>16</sup> Ver mais em: [Brasil tem primeira mulher promovida a Major-Brigadeiro - Força Aérea Brasileira \(fab.mil.br\)](https://fab.mil.br/brasil-tem-primeira-mulher-promovida-a-major-brigadeiro-forca-aerea-brasileira/)

Por fim, o Exército Brasileiro - EB - foi a última a incluir as mulheres em seu meio militarizado, tanto em Quadros e Serviços como em sua Academia – AMAN, sendo a única Força que até a final da escrita dessa tese não havia nomeado nenhuma militar ao posto de Generala. Através da aprovação da Lei 7.831, de 02 de outubro de 1989, o Quadro Complementar de Oficiais<sup>17</sup> - QCO - foi criado. Em 1992, ocorria, então, o ingresso de mulheres na primeira turma mista da antiga Escola de Administração do Exército - EsAEx -, em Salvador, na Bahia, com 49 candidatas selecionadas à carreira de Oficiais: (BRASIL, 1989):

[...] Art. 4º São requisitos para o ingresso no Quadro Complementar de Oficiais (QCO):  
[...] § 3º Tendo em vista a necessidade das medidas de adaptação a serem implementadas pela Administração do Exército, o regulamento disporá sobre a admissão de candidatos do sexo feminino, observado o disposto nesta Lei.  
[...].

Em 1995, através da Portaria Nº 651, de 09 de outubro, houve a reestruturação do Quadro de Engenheiros Militares - QEM - onde, em caráter de exceção, abriu-se a vaga para as mulheres, juntamente com os homens não militares, com determinadas formações em Engenharia conforme a necessidade do Exército, desde que estivessem enquadrados nas mesmas regras de idade dos integrantes da Escola de Saúde do Exército e de Administração do Exército.

Pela Lei 12.705, de 08 de agosto de 2012, ficou permitida a participação de mulheres na Academia Militar das Agulhas Negras. Mas, somente em 18 de fevereiro de 2017, em uma turma com 446 alunos, 40 jovens mulheres militares iniciaram seu treinamento na Escola Preparatória de Cadetes do Exército - EsPCEx -, em Campinas, São Paulo, rumo à tentativa de carreiras de oficiais, e, assim como seus colegas, as candidatas participaram de um processo seletivo para ingressar. Após, as aprovadas seguiram para a Academia para atuarem no Serviço de Intendência ou no Quadro de Material Bélico, apenas.

Em dezembro de 2021, a primeira turma mista na AMAN realizou sua formatura. As primeiras militares de carreira do EB foram, assim como nas demais

---

<sup>17</sup> Conforme já descrito neste capítulo, nossa primeira combatente do EB, a soldada Medeiros, foi homenageada levando seu nome na primeira turma do QCO, bem como é considerada a Patrona dele.

Forças, destinadas a trabalharem em áreas voltadas para as rotinas administrativas e burocráticas, não podendo atuarem em posições de maiores *status* e prestígio na carreira. Ao final desta tese, a Força anunciou as primeiras mulheres em cursos para pilotar aeronaves<sup>18</sup>.

Figura 3 - Quadro explicativo das patentes do EB.


















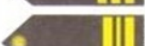


















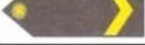

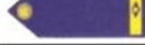























Fonte: [Hierarquia Militar \(asaartigosmilitares.com.br\)](http://asaartigosmilitares.com.br)

<sup>18</sup> Ver mais em: [Mulheres integram os cursos de piloto e gerência de manutenção de aeronaves do Exército - Notícias - Exército Brasileiro \(eb.mil.br\)](http://mulheresintegrampilotoeb.com.br)



Figura 4 - Quadro comparativo entre as Forças sobre suas patentes.

	 <b>MARINHA</b>	 <b>EXÉRCITO</b>	 <b>AERONÁUTICA</b>
<b>OFICIAIS GERAIS</b>	 Almirante  Almirante-de-Esquadra  Vice-Almirante  Contra-Almirante	 Marechal  General-de-Exército  General-de-Divisão  General-de-Brigada	 Marechal-do-Ar  Tenente-Brigadeiro  Major-Brigadeiro  Brigadeiro
<b>OFICIAIS SUPERIORES</b>	 Capitão-de-Mar-e-Guerra  Capitão-de-Fragata  Capitão-de-Corveta	 Coronel  Tenente-Coronel  Major	 Coronel  Tenente-Coronel  Major
<b>OF INT</b>	 Capitão-Tenente	 Capitão	 Capitão
<b>OFICIAIS SUBALTERNOS</b>	 1º Tenente  2º Tenente  Guarda-Marinha	 1º Tenente  2º Tenente  Aspirante-a-Oficial	 1º Tenente  2º Tenente  Aspirante
<b>PRAÇAS</b>	 Suboficial	 Subtenente	 Suboficial
	 1º Sargento  2º Sargento  3º Sargento	 1º Sargento  2º Sargento  3º Sargento	 1º Sargento  2º Sargento  3º Sargento
	 Cabo	 Taifeiro-Mor  Cabo	 Cabo  Taifeiro-Mor
	 Marinheiro	 Taifeiro de 1ª Classe	 Soldado de 1ª Classe  Taifeiro de 1ª Classe
		 Soldado  Taifeiro de 2ª Classe	 Taifeiro de 2ª Classe

Fonte: [Hierarquia Militar \(asaartigosmilitares.com.br\)](http://asaartigosmilitares.com.br).

Tabela 1 - Leis que permitiram o ingresso de mulheres nas FA brasileiras.

	<b>CRIAÇÃO CORPO/ QUADRO</b>	<b>DOCUMENTO</b>	<b>SITUAÇÃO ATUAL</b>	<b>OBS</b>
MARINHA DO BRASIL	CAFRM - CORPO AUXILIAR FEMININO DA RESERVA DA MARINHA (QAFO - QUADRO AUXILIAR FEMININO DE OFICIAIS) E QAFF (QUADRO AUXILIAR FEMININO DE PRAÇAS)	Lei 6.807 de 7 de julho de 1980	Extinto pela Lei Nº 9.519, de 26 de novembro de 1997	1ª turma em 1981.
FORÇA AÉREA BRASILEIRA	CFRA - CORPO FEMININO DA RESERVA DA AERONÁUTICA (QFO - QUADRO FEMININO DE OFICIAIS DA RESERVA) E QFG = QUADRO FEMININO DE GRADUADOS DA RESERVA)	Lei 6.924 de junho de 1981	ATIVO	1ª turma em 1982.
EXÉRCITO BRASILEIRO	QCO (QUADRO COMPLEMENTAR DE OFICIAIS)	Lei 7.831 de 2 de outubro de 1989	ATIVO	1ª turma em 1992.
	QEM (QUADRO DE ENGENHEIROS MILITARES)	Portaria Nº 651, de 09 de outubro de 1995.		1ª turma em 1997.

	<b>INGRESSO NAS ACADEMIAS</b>	<b>DOCUMENTO</b>	<b>NOMENCLATURA</b>	<b>OBS</b>
MARINHA DO BRASIL	ESCOLA NAVAL (EN) 2014 - Intendentes	Lei 12.704 de 8 de agosto de 2012	ASPIRANTE	Ingresso da primeira turma de Intendentes em 2014, com 12 mulheres
	ESCOLA NAVAL (EN) 2019 - Fuzileiro Naval e Armada	Lei 13.541 de 18 de dezembro de 2017		Ingresso da primeiras turma no Corpo de FN e da Armada em 2019
FORÇA AÉREA BRASILEIRA	ACADEMIA DA FORÇA AÉREA (AFA) 1996 - Intendentes	AVISO Nº 006/GM3/024 de 05 de maio de 1995	CADETE	Ingresso da primeira turma de Intendentes em 1996, com 17 Cadetes
	ACADEMIA DA FORÇA AÉREA (AFA) 2003 - Aviadoras	PORTARIA Nº 102/DE2 de 1º de agosto de 2002		Ingresso da primeira turma para Aviadoras em 2003
		PORTARIA Nº 556-T/GC3 de 30 de julho de 2002		
EXÉRCITO BRASILEIRO	ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS (AMAN) 2017 - Intendentes e Material Bélico	Lei 12.705 de 8 de agosto de 2012.	CADETE	Ingresso da primeira turma de Intendentes em 2017.
	ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS (AMAN) 2024 - Comunicação			

	<b>INGRESSO NOS COLÉGIOS MILITARES</b>	<b>DOCUMENTO</b>	<b>OBS</b>
MARINHA DO BRASIL	Ingresso de jovens do sexo feminino 2023	Pedido do MPF do DF: 1027811-68.2019.4.01.3400, de 2021	Seleção em 2022.
FORÇA AÉREA BRASILEIRA	Colégio Brigadeiro Newton Braga		
EXÉRCITO BRASILEIRO	Ingresso de jovens do sexo feminino 1989	BOLETIM DO EXÉRCITO Nº 33, PORTARIA Nº 32/DEP, DE 27 DE JULHO DE 1988	Primeira turma mista em 1989.

Fonte: A autora, 2023.

#### 1.4 Considerações sobre o capítulo

Falar sobre a participação das mulheres em nossas batalhas nacionais é de suma importância para entender por que nos dias atuais reluta-se, tanto no mundo militar como fora dele, a aceitar tais corpos, principalmente dentro das próprias Forças Armadas. Feitos como os de Camarão, Medeiros, Feitosa e todas as outras aqui citadas ao longo deste capítulo, tanto direta quanto indiretamente, nos mostram que o Exército - já que o mesmo traz para a si a responsabilidade pelo processo de Independência e de formação nacional - desde sua criação, poderia ter sido mais democrático, evitando, talvez, muitos desgastes ao longo de nossa história.

O apagamento das histórias de mulheres militares ao redor do mundo e ao longo dos tempos sempre ocorreu. Não apenas seus feitos foram apagados por anos, como suas habilidades foram, constantemente, colocadas à prova pelo simples fato de serem mulheres. Durante a Segunda Grande Guerra, muitas mulheres tiveram sua importância, mas, foram simplesmente esquecidas após o fim do conflito. Exemplos soviéticos, franceses e estadunidenses, para ficar em algumas nações importantes partícipes do confronto, tiveram suas histórias não contadas ou colocadas sob segundo plano.

Virgínia Hall foi uma delas. A mulher que foi considerada uma ameaça para os alemães e que sem a sua ajuda, “*Le Jour J*”<sup>19</sup>, não seria possível, foi uma americana que trabalhou para a *SOE - Special Operations Executive*<sup>20</sup> - de Londres, para libertar a França. Segundo diversos relatos de pessoas que trabalharam com ela durante as operações na Segunda Guerra, seu profissionalismo era tido como uma inspiração e exemplo. Por causa, especialmente, de seu protagonismo, mulheres passaram a integrar nas Forças estadunidenses em operações especiais pós a Segunda Grande Guerra, atuando na *CIA - Central Intelligence Agency*<sup>21</sup>.

Entretanto, pelo mesmo motivo, muitos homens se sentiam ameaçados com a sua presença e ação. Alguns inventavam que Hall possuía casos com outros homens para tentar manchar sua reputação. Outros, simplesmente, a boicotavam, já que não possuía patente militar e, portanto, não respeitavam suas ordens. (Purnell, 2021, p. 121 - 122): “[...] seu posto ainda era de uma mera oficial de ligação; não era oficialmente a chefe. Sem o apoio de Londres, ela não podia fazer nada a respeito. [...] Tenho autoridade para lidar com esses casos como considerar adequado? [...]”

Hall lutou por um propósito: libertar a França dos alemães. Aos 51 anos, casou-se e isso não a favoreceu na sua entrada na *CIA*, já que as mulheres casadas eram vistas como menos confiáveis naquele trabalho. Em um relatório feito, no final do ano de 1956, por um Oficial que sequer havia supervisionado seu trabalho diretamente, o mesmo disse que era desprezível e pouco criativo, entrando de férias em seguida para não dar chances de defesa a ela. Hall criticou severamente o documento, alegando que o escrito era inacreditável e injustificado. Ainda assim, recebeu uma patente

---

<sup>19</sup> O trecho correspondente na tradução é: “O Dia D”.

<sup>20</sup> O trecho correspondente na tradução é: “Executiva de Operações Especiais”.

<sup>21</sup> O trecho correspondente na tradução é: “Agência Central de Inteligência”.

menor de forma inadequada, mesmo tendo sido uma excelente paramilitar. Por conta disso e de outros casos de menosprezo ao trabalho de Hall, a própria *CIA* reconheceu, tardiamente, que o que ela sempre sofreu foi discriminação (PURNELL, 2021, p. 338):

[...] Até mesmo a *CIA* mais tarde reconheceu que Virginia tinha mais experiência em combate do que a maioria dos oficiais do sexo masculino, incluindo cinco diretores consecutivos, e ela foi altamente condecorada por isso também. De fato, o tratamento vulgar dado a Virginia foi posteriormente mencionado pela própria *CIA* como um caso paradigmático de discriminação.

Aposentou-se com 60 anos de forma obrigatória, diferentemente de seus colegas com a mesma idade, os quais continuavam como consultores. Hall faleceu em 08 de julho de 1982, em um hospital em Maryland, aos 76 anos, de causas desconhecidas.

Assim como Hall esteve nos campos de batalha na França como espiã, Yvonne Rudellat foi a primeira mulher a comandar uma recepção aérea na França, bem como foi a primeira mulher do *corps féminins*<sup>22</sup> organizado pela *SOE*. Pela primeira vez na história mundial, mulheres saltaram de paraquedas nas linhas inimigas para entregar os suprimentos necessários para aqueles que compunham a *Résistance*<sup>23</sup>: a Tenente Andrée Borrel foi a primeira mulher paraquedista da *SOE*, sendo a única no mundo como paraquedista de combate naquele momento. Em 1942, como uma nova forma de combater, o paraquedismo entrava nas estratégias militares. Ao invés de atacar diretamente o inimigo pelas linhas de frente, uma unidade de infantaria poderia sobrevoar o inimigo, na calada da noite, podendo aterrizar toda uma divisão em segredo.

Apesar de a *SOE*, desde seus primórdios, permitir que mulheres fizessem parte do serviço ultrassecreto de espionagem, o alto escalão não aprovou nem o reconhecimento nem o treinamento formais das agentes femininas. Treinadas para serem emissárias ou mensageiras, precisavam estar preparadas para a batalha, tendo que aprender todas as noções que os homens militares tiveram por anos em alguns meses. (ROSE, 2022).

---

<sup>22</sup> O trecho correspondente na tradução é: “corpos femininos”.

<sup>23</sup> O trecho correspondente na tradução é: “Resistência”.

As militares do Regimento 588 que lutaram na Grande Guerra Patriótica - forma que os russos denominam a Segunda Guerra - mais conhecidas como as *Nachthexen*<sup>24</sup> foram grandes Aviadoras que colocaram medo aos alemães pelos ares. Nos frágeis *Polikarpov*, quase que como um incentivo para que desse errado suas missões, as jovens soviéticas deram, literalmente, suas vidas para atingirem seus objetivos: dar a vitória à União Soviética no governo Stalinista. Em plena guerra, o Exército Vermelho, por conta da convicção de Marina Raskova, atuou com regimentos de aviação exclusivamente femininos, comandados por ela.

Além de enfermeiras, cozinheiras, telefonistas, as soviéticas também foram como soldadas e atiradoras de elite. Em uma nação que pregava a igualdade entre todos, a guerra foi o momento para que as mulheres soviéticas pudessem provar que eram capazes de realizar tarefas militares não voltadas apenas ao cuidado, diferentemente do Brasil, que enviou justamente apenas enfermeiras para atuarem nos serviços de cuidados.

Vale lembrar que a Comandanta Raskova, com mais duas companheiras - Polina Osipenko e Valentina Grizodubova - no *Rodina*<sup>25</sup>, um avião Sukhoi ANT-37bis, foi a recordista de voo feminino sem interrupções em 1938. Alguns anos antes, nos EUA, Amelia Earhart havia sobrevoado o Oceano Atlântico, tornando-se uma lenda ocidental. Logo, as mulheres soviéticas precisavam deste feito para serem as melhores do mundo.

Mulheres que, ao se depararem com a chance de estarem na linha de frente, garantiram que seriam mais competentes que muitos homens, inclusive com um filho sendo gerado em seu ventre, como a Bruxa Anya. Cada avião era abastecido por todas, sem distinção de patente, grau e ordem, com combustível. Às Armeiras, cabia a responsabilidade de colocarem as bombas que deveriam ser soltas em campos alemães, demonstrando um verdadeiro espírito de corpo. Cada avião conseguia, em 1944, realizar até dezesseis voos noturnos no outono quase inverno daquela época. Juntas, as *Nachthexen* enfrentaram o medo de serem estupradas, tanto por seus colegas como pelos inimigos, a fome, a morte, a dor. Mas, compartilharam a alegria e o heroísmo.

---

<sup>24</sup> O trecho correspondente na tradução é: "bruxas da noite".

<sup>25</sup> O trecho correspondente na tradução é: "Pátria."

Vistas, no início, como criaturas aladas na noite causando o caos, agora, já conhecidas pelos alemães, eram vistas como inimigas pilotas e precisavam ser aniquiladas. Após serem desacreditadas pelos seus colegas e superiores, muitas receberam medalhas e condecorações, sendo reconhecidas: o Regimento 588 recebeu o título de 46º Regimento de Guarda, tornando as “Bruxas” Sentinelas da Pátria, recebendo a bandeira com o nome do Regimento pelo General Markian Popov, o mesmo que, ao ver as jovens, as chamou de “princesinhas” e foi atrás de orientação sobre o que fazer com elas (ARMENI, 2019, p. 180). O Comandante Vershinin disse a uma Bruxa que elas eram as mulheres mais bonitas do mundo e que os alemães chamando-as de *Nachthexen* as tornavam mais preciosas.

Em 24 de junho de 1945 o 46º Regimento da Guarda desfilou na Praça Vermelha. Ao todo, fizeram vinte e três mil voos em mil em cem noites. Tudo registrado em documentos com nomes, recomendações, méritos de pilotas armeiras, navegadoras e mecânicas pelas próprias militares. Dentre todo o Regimento, foram condecoradas vinte e três a Heroínas da Pátria. Infelizmente, trinta e duas delas perderam suas vidas em combate.

Mesmo com todo o heroísmo e profissionalismo demonstrado, o presidente do Soviete Supremo, Mikhail Kalinin já havia tomado a decisão de desmobilizar a participação dessas mulheres. Em seu discurso, pediu às jovens militares para esquecerem de suas passagens pelos céus de batalhas (ARMENI, 2019, p. 226): “[...] Não se vangloriem em seu futuro trabalho, não falem dos serviços prestados; deixem que sejam os outros a fazê-lo por vocês. Será melhor”. O Presidente da nação também solicitou que todos apagassem aquilo que a pátria havia os obrigado a aceitar. Os homens precisavam de esposas e famílias: os papéis sociais deveriam voltar à sua normalidade.

Com a restauração da paz, a nação precisava seguir a ordem natural da vida, mesmo em um local que sempre pregou por igualdade entre homens e mulheres. Para aqueles homens poderosos, tais mulheres já haviam sofrido demais no período de guerra e precisavam esquecer de suas façanhas, sem perguntar a elas o desfecho que queriam de suas histórias, cheias de amor, dor, fraternidade, vitórias e conquistas. E, assim “Nesse momento, as combatentes tinham uma nova missão: servir à pátria como mulheres e mães e – obviamente – como força de trabalho nos muitos lugares de produção que a guerra havia privado dos homens.” (ARMENI, 2019, p. 227).

A história das *Nachthexen* teve um final como de todas as outras mulheres que fizeram parte de forma honrosa e profissional em um mundo militarizado: suas façanhas ficaram dentro de uma vitrine, com duas bandeiras, alguns óculos de Aviadoras, medalhas e fotos, incluindo da maior Heroína da Pátria, Marina Raskova. Apenas os visitantes do Museu do Exército Vermelho conhecedores dos fatos sabem que tal vitrine fala de um Regimento exclusivamente composto por mulheres, desde sua criação até seu término. Para Armeni (2019, p. 247): “[...] Conformava-me que as mulheres podem ser traídas pela história, mesmo quando dela participaram ativamente e contribuíram para dar-lhe um rumo.”

A entrada de mulheres nas Forças Policiais paulistas cumpria objetivos que iam de encontro: atendia as mudanças sociais relacionadas à participação feminina no mercado de trabalho, colocando o Brasil entre as modernas sociedades ocidentais. Entretanto, continuava a colocar a mulher no “seu devido lugar”, ou seja, a participação feminina deveria proteger e assistir mulheres e crianças, tidas como vítimas do progresso e vulneráveis às influência da moda, da televisão e dos novos costumes. Logo, o serviço das mulheres policiais estava orientado para uma classe média e (SOUZA, 2020, p. 25):

[...] incorporou novas funções como resultado de mudanças sociais mais amplas na sociedade, a partir da construção e difusão de novas sociabilidades pelos meios de comunicação de massa, onde o movimento de mulheres encontra espaço de expressão e reivindicação de direitos, contribuindo assim decisivamente para pensar os lugares do feminino na sociedade e apontar novos arranjos sociais.

Além disso, com o ingresso de mulheres nas corporações policiais os serviços tidos como mais administrativos e mais rotineiros livrariam os homens de tais tarefas, deixando-os mais focados naquelas atividades tidas como mais policiaiscas. A entrada delas se deu a uma negociação de atender às demandas sociais tidos de cunho assistencialista da época da criação daquele Corpo profissional sem inclui-las nas tarefas de cunho exclusivamente masculino, baseadas em treinamentos e visões de um *ethos* militarizado e varonil, focando em “guerras” urbanas, como as diversas ações da ROTA - Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar - realizadas nos anos de 1980.

Ainda para o autor, as autoridades defendiam a presença feminina desde que não houvesse comparações entre os corpos físicos de ambos os sexos, haja vista uma

“fragilidade” natural em relação ao da mulher, adaptando suas funções às peculiaridades deste, como em questões fisiológicas e psicológicas.

A aceitação social das mulheres foi validada nas atividades policiais de São Paulo desde seu ingresso até a criação da PMESP, nos anos 1970, mesmo realizando as tarefas, em um primeiro momento, tidas como mais simples. Porém, devido à complexidade ocasionada por conta da fusão das instituições, que alteraria a cultura militar, as autoridades repensaram sobre as funções, impondo novos desafios à área da segurança pública daquele estado que (SOUZA, 2020, p. 26):

[...] se viu forçada pelo peso simbólico da experiência da Polícia Feminina a pensar estratégias de assimilação do efetivo feminino em suas estruturas internas e rotina organizacional, de modo a acompanhar as transformações operadas na sociedade e que reclamavam mais oportunidades para as mulheres para além dos trabalhos considerados eminentemente femininos. Desse modo, a presença feminina na PMESP se deu de forma indireta, visto que, no momento da integração dos efetivos da Guarda Civil e da Força Pública, a Polícia Feminina já era uma experiência conhecida e consolidada socialmente.

A entrada das mulheres nas FA brasileiras foi um marco social, de fato, trazendo benefícios profissionais aos militares, inclusive. Pela sanção da Lei nº 13.109, de 25 de março de 2015, a qual sofreu alteração pela Lei nº 13.717, de 24 de setembro de 2018, houve a garantia da licença maternidade de seis meses para as militares, além de outros benefícios análogos às mulheres não militares, como alteração de função, período para a amamentação e suporte em casos de adoção.

A lei inicial, ainda, permitia, assim como fora da caserna, a licença de cinco dias consecutivos para os militares pais em caso de nascimento, guarda ou adoção de crianças, tendo a alteração da licença- paternidade estendida para 20 dias na alteração da lei de 2018.

Camarão, Felipa, Medeiros Angélica, Leopoldina, Feitosa e Nery estão como Heroínas da Pátria, onde seus nomes constam no “Livro dos Heróis e das Heroínas da Pátria”. Criado em 07 de setembro de 1989 e instalado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, o livro - arquitetado por Oscar Niemeyer - encontra-se na Praça do Três Poderes, em Brasília. Além disso, Carvalho (2019) escreveu um livro narrando sobre o patriotismo de Feitosa enquanto fazia uma busca histórica sobre outras questões de nossa história militar, descobrindo mais sobre a vida desta Heroína



através da sabedoria popular. Anna Nery foi a primeira delas a ser homenageada no referido Livro.

Em relação às mulheres da FEB, trazendo à tona suas experiências, especialmente as vividas por Cansação, podemos ver que o *script* sexuado de carreira (LOSS LEITE, 2020) pode, também, ser aplicado no caso de tais profissionais: somente com aprovação da Lei 3.160, de 01 de junho de 1957, as enfermeiras do EB que participaram da Guerra como cuidadoras foram reconhecidas como integrantes da FEB, sendo incluídas no Serviço de Saúde do Exército, recebendo a patente de Segunda- Tenente.

As enfermeiras da FAB, pela Lei 3.632, de 10 de setembro de 1959, tiveram reconhecidas suas patentes de Segunda- Sargenta, sendo para aquelas que optaram, sua inclusão no Serviço de Saúde da Aeronáutica. Ou seja, mais de 10 anos após seus retornos da Guerra, a mediana aclamação ocorreu, demonstrando uma falta de credencial em relação ao trabalho feito: por ser o serviço de enfermagem visto como uma atividade realizada apenas por mulheres<sup>26</sup> e relacionada ao cuidado, tido como essencialmente feminino, as profissionais não tiveram o devido reconhecimento de suas atuações no que diz respeito à suas patentes.

Ressalto que, como forma de ganhar um certo capital político, além da aceitação popular para incluir o Brasil na Guerra, o Estado Novo se utilizou da profissão de enfermagem ao enviar mulheres para a Itália, em 1944. Desta forma, nascia (mais) uma ideia de mulher brasileira: vindas das classes superiores - principalmente do Rio de Janeiro e de São Paulo - que poderiam servir não apenas seus afetos mas, agora, à pátria (CYTRYNOWICZ, 2000). Macedo, na Polícia Militar paulistana, mesmo que inovando na área de segurança pública da América Latina, também sofreu por falta de credenciais identificando aquilo que chamei de presunção de competência (LOSS LEITE, 2020, p.55), onde as mulheres precisam provar que trabalham tão bem - muitas vezes, até mais e melhor - que seus colegas homens.

Na Armada brasileira, pela Lei (já revogada) nº 7.622, de 09 de outubro de 1987, que reorganizou o CAFRM, ficava claro que as mulheres entrariam para realizar apenas serviços administrativos e técnicos em terra, conforme seu artigo primeiro e Parágrafo único (BRASIL, 1987):

---

<sup>26</sup> Os corpos de enfermagem da FEB e da FAB foram compostos integralmente por mulheres.

Art. 1º O Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha - CAFRM, criado pela Lei nº 6.807, de 7 de julho de 1980, destina-se a atender encargos do interesse da Marinha, relacionados com atividades técnicas e administrativas. Parágrafo único. As integrantes do CAFRM, quando convocadas para o serviço ativo, exercerão suas funções em Organizações Militares da Marinha, em terra, de acordo com as necessidades da Marinha e as habilitações e qualificações pessoais das militares.

Já em seu artigo 4º, caput 2º, caberia o percentual de no máximo, 10% do efetivo, sem aumento de despesas:

§ 2º Quando necessário à manutenção do fluxo regular e equilibrado de carreira, o Poder Executivo, ao distribuir os efetivos do Quadro Auxiliar Feminino de Oficiais, poderá alterar os limites dos postos em até dez por cento, desde que não seja ultrapassado o efetivo global estabelecido no "caput" deste artigo, nem haja aumento da despesa total a ele correspondente.

Importante destacar que as FA, especialmente, exaltam a figura de Nery pelo fato de ter sido uma enfermeira na Guerra da Tríplice Aliança, mostrando uma proximidade da imagem de cuidadora natural de pessoas, assim como aquela das Enfermeiras da FEB e da FAB. Porém, a história de “nossa” Nery lembra muito a de Ana Néri de Florence Nightingale, considerada a primeira enfermeira da História da profissão no Ocidente. Seria a criação de um mito para enaltecer as brasileiras - mulheres de classes mais altas - que foram à Segunda Guerra? Por que não há a mesma desconfiança na narrativa de sua existência como as FA demonstram em fazer ao falarmos das demais, incluindo Medeiros?

Vale ressaltar que as brasileiras que foram para a Segunda Guerra não entraram em contato direto com a linha de frente, ficando na retaguarda para atuar nos serviços voltados ao cuidados, diferentemente de Hall ou das *Nachthexen*, as quais sofreram nas próprias peles as violências daquele ambiente. Talvez, por isso se exalte Nery ao invés de Medeiros em nossa História Militar. Dessa forma, cria-se um mito<sup>27</sup> sobre mulheres brasileiras na Segunda Guerra Mundial, com figuras femininas abastadas, socialmente falando, em um país tão diverso - não desmerecendo seus feitos de forma alguma, principalmente os de Cansação.

---

<sup>27</sup> Falo sobre a criação de um mito nas Considerações Finais desta tese.

Assim, faz-se o apagamento daquelas que de fato vivenciaram momentos em que ocorreram conflitos em terras nacionais, buscando atingir seus ideais quando nem se falava sem sermos “Brasil” - como no século XVII com Camarão.

Isso mostra que mesmo com o reconhecimento governamental tardio sobre os feitos de nossas militares, bem como o esforço de trazer à tona as histórias orais de épocas já passadas - onde eu me incluo em tal esforço intelectual - as Forças Armadas não as veem como Heroínas da Pátria, desconsiderando suas histórias e duvidando, inclusive, de suas existências, chamando-as de mito - sem levar em conta o significado do termo - ou invenções populares. Penso que não são reconhecidas por conta de suas origens sociais, além de seus papéis desempenhados, as quais desbancaram muitos homens daquelas épocas. Tais mulheres, dessa maneira, de alguma forma, interessariam na contação de um mito de origem na fundação da Nação.

Entretanto, vê-se a manutenção de uma narrativa onde, apenas, as mulheres mais privilegiadas socialmente, como as enfermeiras da FAB e as da FEB - incluindo Nery - parecem merecer toda a atenção na História Militar brasileira. Importante ressaltar que Nery teve seu reconhecimento mesmo sua história sendo exatamente igual à da enfermeira Nightingale. Seria a criação de um mito nacional a fim de dar moldes às mulheres que deveriam pertencer às FA brasileiras?

Imagem 6 - Capas da Revista Cruzeiro estampando imagens de mulheres selecionadas para ir para a Itália.



Legenda: Fotos tiradas em visita ao Museu de Miniaturas, em Passa Quatro, Minas Gerais, em dezembro de 2021.

Fonte: A autora, 2021.

Aproveito para falar sobre a figura de Rosa da Fonseca para juntar-se ao grupo citado acima. Rosa da Fonseca, a qual teve seu nome escolhido para ser a Patrona da primeira turma mista da AMAN de 2021 é tida como uma mulher exemplar e dedicada à sua família, a qual viveu em um período no qual nossas falhas históricas eram ainda mais fortes. Após pesquisar sobre ela, mais tarde, descobri que ela poderia ter sido esposa de um Major e mãe do Marechal Deodoro da Fonseca.

Passei, nas interações em campo, a questionar o motivo de sua existência se sobressair em relação àquelas que, de fato, tinham ligações diretas com nossas batalhas, inclusive, vividas em campo: *“Por que sua história soa como certa e de nossas Heroínas da Pátria, reconhecidas nacionalmente, não?”*, sempre questionava. Por que havia uma clara tentativa de menosprezar as façanhas das Heroínas e desacreditar de suas existências? Por que uma mulher, apenas por ser, supostamente, uma esposa de militar deveria ser mais importante, historicamente

falando, que uma combatente, a qual livrou nossas terras de invasores? Essa resposta eu nunca obtive e talvez seja respondida ao longo deste trabalho.

Tais corpos, de origem mais ricas - são completamente o oposto de nossas heroínas das guerras aqui citadas, tanto na questão das classes sociais como na de etnias. Por que não reconhecer, então, nossas heroínas, que por puro amor à suas terras, defenderam nosso território?

O que chama a atenção, ainda, é que as FA reconhecem que Joana D'Arc, na França, movida pela religião, foi uma grande heroína, mesmo não permitindo que mulheres acompanhassem mais os combatentes em suas caravanas. Joana D'Arc, exemplo tido como uma grande guerreira, foi uma das que ordenou que mulheres não mais seguissem os soldados em guerra (CAIRE, 2002, p. 21, grifos originais):

Ela (Joana) não queria mais a existência de mulheres no exército; certa vez, perto da vila de Château-Thierry, ao avistar a amante de um dos soldados (cavaleiro), ela a perseguiu com a espada desembainhada; no entanto, não golpeou a mulher, mas a advertiu, com doçura e caridade, para não mais procurar a companhia de soldados, senão seria obrigada a fazer alguma coisa que a mulher iria deplorar. [...]; e que se atentasse para que mulheres de vida airosa não seguissem o exército, porque seus pecados fariam com que Deus deixasse que a guerra fosse perdida. E tudo foi feito como Joana ordenou.

Naquela época, por conta de mulheres que acompanhavam os exércitos, uma disposição francesa de 1º de março de 1768, em seu Título 6, Artigo 6, dizia que apenas às lavadeiras caberiam acessar os ambientes militares, já que tal ocupação era permitida (CAIRE, 2002, p. 25): “os soldados casados dos regimentos estrangeiros e as lavadeiras das tropas podem ocupar quartos separados no térreo, sem que jamais essas últimas possam se alojar nos pisos superiores ou na reserva do aquartelamento [...]”

Me uno ao pensamento de Coelho (1976) no que diz respeito a quem deve ocupar os postos mais altos, já que não é difícil de perceber os nexos entre as políticas de gratificações ao oficialato. Para o autor, uma política de cooptação sempre foi oriunda de os governos civis, onde interessava mais aos militares receberem cargos burocráticos na administração militar localizados na capital do Brasil a ficar em ofícios ligados às tropas, conforme relata um deles para o autor (1976, p. 74, grifos originais): “íamos para o quartel como quem ia para um clube. Como o comandante só chegava

ao começo da tarde, toda a manhã ficava livre para o escasso trabalho administrativo, reunindo-se os que iam terminando os afazeres do dia, no terraço do mirante, a encher o tempo...”.

Assim, mais uma vez, percebe-se que nossa própria História nacional trai os argumentos das FA de não terem mulheres seja nas linhas de frente, comandando tropas, seja em cargos burocratizados nos locais de maior prestígio, haja vista que elas já entraram, mesmo com as patentes mais baixas, nos quadros de oficiais. A meu ver, as FA preparam seus e suas militares com papéis de gênero muito bem estabelecidos trazidos de o mundo não militar.

Homens e mulheres ingressantes nas forças militares são preparados para servir, literalmente, à Nação. Para isso, precisam passar por diversas situações para provarem que são “homens”: “[...] o trote é uma espécie de “prova de fogo”, na qual o bicho tem que provar que merece ser militar, que é “homem”, ainda que - paradoxalmente- sua masculinidade tenha de ser provada através da aceitação resignada de situações vexatórias”. (CASTRO, 2021, p. 49- 50).

Ouso em ir além de Castro quando digo que homens e mulheres são ensinados, no início de suas carreiras a saberem realizar afazeres tidos como femininos: arrumar camas, lavar roupas, engraxar coturnos, cozinhar, sob pena de sanção. As diferenciações de gênero tão expostas no meio militar ocorrem com os corpos femininos mas, não com suas atividades “tipicamente” de mulher. Para um entrevistado de Castro (2021), a AMAN não era um lugar nem para crianças nem para “viadinho” (p. 49-50), sendo aquela Academia formadoras de “homens” que lavam, limpam, cozinham e que servem.

Em meu entendimento, por conta de as mulheres ocidentais serem ensinadas a fazer tais atividades desde a mais tenra idade, inclusive em brincadeiras entre meninas, ao entrarem nas Forças Armadas brasileiras, além de já saberem se portar sobre tal assunto, já possuíam nível superior de ensino formal. Seriam tais motivos que os corpos femininos foram tão mal vistos no momento de sua inserção às atividades militarizadas? Se a carreira de militar é de servidão pública, literalmente falando, por que as mulheres não podem ser inseridas neste contexto, já que a História remete a figura feminina a tal posição?

Sabe-se que o Decreto- Lei nº 3.864, de 24 de novembro de 1941, em seu artigo 11, parágrafo único, estabelece que às mulheres cabe a isenção de pegar em armas, à exceção de momentos de guerra em que envolva o país (BRASIL, 1941):

A) - Obrigatoriedade do Serviço Militar:

Art. 11 Todos os brasileiros são obrigados ao serviço militar e a outros encargos necessários à defesa da Pátria, nos termos e sob as penas da lei.

Parágrafo único. As mulheres estão isentas do serviço das armas. Em caso de mobilização, entretanto, serão aproveitadas em outros trabalhos, quer nas ambulâncias e nos hospitais, para o serviço de assistência hospitalar, quer nas indústrias e nos misteres em correlação com as necessidades da guerra, fora do teatro de operações.

Importante ressaltar que as instituições de ensino fundamental e médio - os chamados colégios militarizados - também possuíam restrição para a entrada de meninas, com exceção do Colégio Brigadeiro Newton Braga – CBNB-, fundado conforme o Aviso nº 15 - GM3, de 31 de março de 1960, o qual admitiu meninas desde a sua fundação<sup>28</sup>.

Estes Colégios, com exceção do CBNB, são instituições de ensino militar. O CBNB é uma Organização de Ensino Assistencial - OEA - pertencente ao Comando da Aeronáutica - COMAER. O Colégio Militar do Rio de Janeiro - CMRJ - passou a aceitar meninas em turmas mistas a partir de 1988 através da Portaria nº 32/DEP, de 27 de julho de 1988, reservando 30% das vagas para elas. O Colégio Naval – CN -, através do Processo nº 1027811-68.2019.4.01.3400, de 2021, permitiu que as meninas pudessem ingressar para a seleção de 2023.

As mulheres ingressaram nas FA através de Corpos e Quadros especialmente criados para recebe-las e em posições específicas, geralmente em atividades voltadas para o cuidado, como saúde e ensino. Mesmo com o passar do tempo, onde as militares puderam ingressar em locais até então ocupados pelos homens, como as Academias e até mesmo os colégios militarizados, ainda não temos mulheres em posições de prestígio, como uma militar de carreira que tenha atingido o Generalato.

Todas as oficiais que chegaram em posições mais elevadas foi por conta de sua entrada já como “especialistas”, pois, possuíam nível superior e se dedicaram para chegarem nas patentes máximas permitidas. Assim, nossas militares não são Brigadeiras ou Contra- Almirantas de carreira porque não quiseram mas, porque não lhes era permitido.

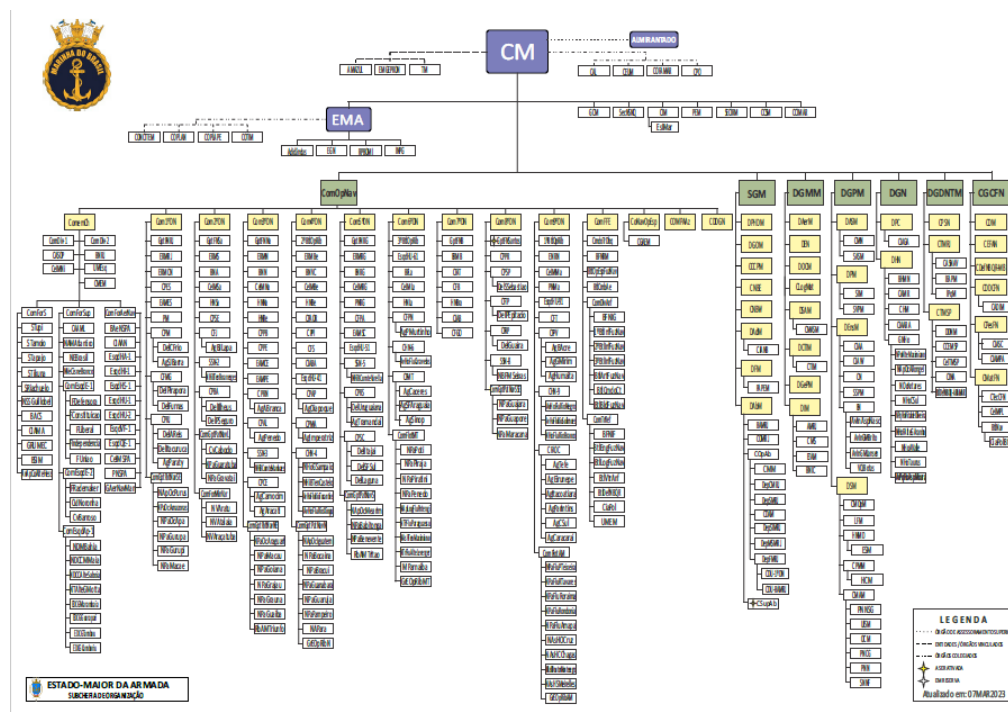
Na Armada, por exemplo, conforme uma informação me passada, todas as chefias consideradas relevantes, ou seja, aquelas que a Força entende como tal, são administradas por homens. Em contrapartida, todas aquelas voltadas como não sendo

---

<sup>28</sup> Apesar de solicitar algumas vezes à FAB, não tive acesso ao documento.

atividade-fim da Força, em especial às ligadas ao ensino, burocracia e saúde, são compostas por mulheres.

Figura 5 - Organograma da MB.



Legenda: Extração de um organograma, realizada em março de 2023 e cedida de forma privilegiada.  
Fonte: A autora, 2023.

No EB, a entrada das mulheres na AMAN<sup>29</sup> se deu, primeiramente no Serviço de Intendência e no Quadro de Material Bélico. Somente agora que as mulheres ingressaram em uma Arma: na de Comunicações<sup>30</sup>. No Brasil, as mulheres não assumiram os papéis masculinos no mercado de trabalho durante o período de guerra, como aconteceu na Europa ou nos Estados Unidos e até em Ruanda. Por lá, as mulheres assumiram tarefas na indústria, nos escritórios, na política no meio rural e dentro das Forças Armadas.

Em Ruanda, por exemplo, durante o genocídio de 1994, algumas mudanças de fato ocorreram em favor das mulheres no que diz respeito a ocuparem cargos parlamentares por conta das normas instituídas pelo governo. Entretanto, tais cargos

<sup>29</sup> Ver mais em: [Armas, Quadros e Serviços - Exército Brasileiro \(eb.mil.br\)](https://www.eb.mil.br)

<sup>30</sup> Enquanto escrevia o quarto capítulo, o EB passou a permitir que Oficiais também passem a atuar na Arma de Comunicações. Ver mais em: [Exército vai ampliar número de mulheres na linha bélica - 26/05/2023 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br).



eram aqueles de menor prestígio, os quais não ofereciam de fato oportunidades para as mulheres conseguirem ter poder decisório no âmbito das instituições (MUKABERA, 2017). A baixa auto-estima feminina e os diversos obstáculos impostos à tomada de poder por mulheres foram fatores que mostravam sobre a força dos valores sociais de cunho patriarcal. Por isso, para a autora (p. 225- 226. Tradução minha)<sup>31</sup>:

[...] a necessidade de fortalecer a educação e o treinamento das meninas, bem como de sensibilizar e mobilizar os homens e a comunidade, são algumas das sugestões feitas para melhorar o status quo. Fundamentalmente, as mulheres precisam estar cientes de sua experiência opressiva de vida, desenvolver habilidades para lutar contra ela e criar programas que aumentem sua confiança e promovam sua consideração pelos homens e pela comunidade.

Após o genocídio de 1994 em Ruanda, durante a transição social, houve um incentivo para a participação feminina em estruturas de poder nos mais diferentes níveis, tendo em vista que as mulheres foram as grandes responsáveis por boa parte da reconstrução do país. Segundo a pesquisadora, foi através da Política Nacional de Gênero que o país passou a se preocupar com questões referentes ao assunto, onde incentivou a construção de um suporte institucional para que isso acontecesse. Por conta disso, Ruanda possuía 63,8% de participação feminina em seus parlamentos, apesar de ser visto como uma nação pouco desenvolvida (ALBUQUERQUE; 2018, p.68):

Após o genocídio de 1994, as mulheres passaram a compor a maioria da população, sendo levadas a trabalhar e a assumir papéis de liderança. E nesse sentido, tal acontecimento foi sendo firmado ao longo dos anos, reforçando essa inclusão desde a modificação do sistema educacional até o próprio empoderamento social feminino no cotidiano. [...].

---

<sup>31</sup> O trecho em língua inglesa é: “[...] The need for strengthening education and training for girls, as well as sustaining men and community sensitization and mobilization are some of the suggestions made to improve the status quo. Fundamentally, women need to be aware of their oppressive lived experience, to develop skills to fight against it, and create programs that increase their confidence and promote their consideration by men and the community.”

O fato de o governo de Getúlio ter instituído a profissão de enfermeira no Brasil modelou uma condição feminina oriunda da classe média e alta. Cabe ressaltar que para ser aceita como uma “boa” enfermeira, era levado em conta seus padrões sociais e educacionais, ou seja, não sendo escolhidas mulheres de todos os estratos sociais (CYTRYNOWICZ, 2000, p.386): “[...] os vencimentos dessas enfermeiras devem ser tão elevados quanto o das senhoras em outras profissões elevadas do país.”, assim como era a formação das senhoras do *FANY - First Aid Nurses* -, o Corpo de Enfermeiras de Primeiros Socorros do Reino Unido na Segunda Guerra Mundial, as quais eram pertencentes a uma alta classe.

O fato de Vargas ter tornado a enfermagem uma profissão que privilegiava mulheres dos estratos mais altos - o Dia do Enfermeiro foi criado em 1938, ou seja, antes de o país enviar as profissionais para a guerra - constituiu uma imagem de mulher cheia de compaixão, caridade, abnegação, sacerdócio e humildade, mostrando, desta forma, uma ligação forte com a religiosidade, em especial a cristã. Na guerra, tais mulheres eram as “heroínas passivas” (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 115), já que deveriam estar submissas aos comandos dos homens médicos.

A profissionalização das enfermeiras, consolidando a carreira no país, auxiliou no processo de emancipação de mulheres de classe média e alta de São Paulo e Rio de Janeiro em uma época em que elas deveriam se casar e procriar. As condições sociais liberavam tais mulheres das tarefas domésticas, dando possibilidades para atuarem em espaços sociais públicos. Exemplos vindo através de revistas estrangeiras, mostravam um novo papel social da mulher, incentivando, desta forma, que as brasileiras de tais estratos reivindicassem seus lugares dentro dessa nova realidade.

Assim, podemos ver que a universalização de direitos das mulheres se deu, mais uma vez, por conta de demandas de classes mais altas, com perspectivas e sonhos distintos das classes mais baixas., aprofundando as desigualdades sociais, mesmo em um processo de modernização da nação. Ou seja, apenas algumas delas poderiam estar nos espaços sociais abertos pelo Estado. Entretanto, dentro de um discurso nacionalista e patriarcal, as enfermeiras da FEB e da FAB estavam indo para a guerra para cumprir sua função natural: cuidar. Assim, a mobilização de tais profissionais auxiliou na campanha militar brasileira junto aos Aliados.

Para Cytrynowicz (2000, p. 119),

A história da enfermagem entre 1937 e 1945 revela aspectos fundamentais da ideologia do Estado Novo, sua concepção de sociedade, de relação da sociedade com o Estado, da história das mulheres no país, ao mesmo tempo que sobre os canais de ascensão das classes médias urbanas em uma estrutura de alargamento da ação do Estado.

Importante ressaltar que mesmo as mulheres selecionadas para participar de nossas FA tenham sido as das classes mais altas e já com formação técnica e especialistas em determinadas áreas, como a Medicina, as mesmas também sofreram pressões em relação ao casamento, sendo este um ato quase que obrigatório às mulheres da época durante o período de guerra, se perpetuando como uma regra. Ou seja, mesmo as mulheres mais privilegiadas da sociedade brasileira daquela época deveriam se submeter ao rito do matrimônio, sendo vista tal atitude, também, como um apoio aos soldados que lutariam fora do país.

O assunto passou a ser discutido na imprensa da época, especialmente em São Paulo, através de artigos publicados em jornais, já que nossas jovens estavam dispostas a ir para a guerra e nossos homens estavam lá. Entretanto, a preocupação com a taxa de natalidade que vinha sofrendo queda englobava certos indivíduos, em uma visão eugênica da questão: casar-se muito tarde era tido como um prejuízo de natureza social, pois, as pessoas com menos escolaridades tendiam a se casar bem mais jovens e procriavam mais. (CYTRYNOWICZ, 2000).

Logo, as mulheres deveriam ser modernas não por quererem suas independências em um mundo que passava por grandes mudanças, inclusive, sociais, mas, sim, por desempenharem bons papéis sociais já esperados para elas, como ser uma boa mãe ou uma boa dona de casa (CYTRYNOWICZ, 2000, p, 131):

Ser uma mulher moderna não é se opor à natalidade, ao casamento, à vida fecunda e gloriosa do lar; é ser boa mãe, boa esposa, boa filha, boa irmã e sobretudo boa noiva, porque é no preparativo de um noivado que a mulher se educa moral e intelectualmente para excelente companheira do homem – na fortuna e na adversidade.

Ao se discutir no país sobre taxas de casamentos e de nascimentos nos anos de guerra, levantou-se duas questões: uma era em relação às mulheres de classes mais altas estarem tomando espaços na sociedade, gerando, inclusive, matérias sobre escassez de empregadas domésticas, o que obrigaria tais mulheres a

assumirem estes lugares em suas casas. A outra era sobre a política estatal de mulheres povoarem o país dentro de uma ação do Estado Novo de anti-imigração.

Tais preocupações atingiam a um determinado grupo de mulheres e não a todas já que nas primeiras décadas doas anos 1920, havia um proletariado industrial feminino que representava 51% dos trabalhadores da indústria têxtil, setor mais dinâmico da economia daquele tempo. Ou seja, por trás do discurso de incentivo às enfermeiras, havia um discurso nacional de falta de mulheres para cuidarem das casas em período de guerra, garantindo uma ideia conservadora de nação com ordem e controle via manipulação de narrativas. (CYTRYNOWICZ, (2000).

Concordo com Cytrynowicz (2000, p. 133) que havia um uso do cenário de guerra para manter as mulheres brasileiras em seus devidos lugares. Às operárias, caberia sua função de continuar trabalhando; já as mais ricas e letradas deveriam servir à Pátria casando, gerando filhos ao invés de se emanciparem socialmente:

[...] Vários temas perpassam e são perpassados pela teia da escassez, tornada um alarme diante da guerra, supostamente por sua causa. Mas eram temas que diziam respeito não apenas a ideais do Estado Novo – como no povoamento e interiorização com uma população considerada branca – mas também a conflitos sociais e de gênero que estavam se travando nos anos 40 tendo, neste caso, a guerra como cenário e como alibi.

Por fim, ressalto que a luta dessas mulheres que já atingiram posições até então estabelecidas para homens não deve ser esquecida. Ao chegarem nas patentes mais altas, puderam lutar por melhores condições para que mais mulheres pudessem atingir postos até então sequer sonhados por elas.

Situações de uniformes transparentes ou incômodos, casos de importunações por parte de alguns colegas indisciplinados estão sendo colocados, cada vez mais, nas pautas para serem discutidas de forma a não desigualar militares dentro de OM's. Foi por causa delas que muitas mudanças ocorreram ao longo dos anos, servindo suas conquistas de exemplos para que as mais jovens tivessem a quem se espelhar. Já é sabido que quando há um sonho realizado, muitas sonham juntas. E isso aconteceu na Marinha, onde a Força está na sua terceira Contra- Almiranta.

O que propus ao longo desse capítulo foi mostrar que a partir do século XX, a lei operou e guiou o ingresso das mulheres nas FA do Brasil. Uma carreira que permite, apenas, que as militares atuem na “linha de trás”, em serviços tidos como

mais fáceis, contrariando nossa própria formação nacional. Além disso, essa escrita me deu luz para a seguinte questão: teria sido por conta do ingresso de mulheres na Polícia Militar do Estado de São Paulo que incentivou o ingresso das militares dez anos mais tarde, haja vista a incorporação às Forças Auxiliares em 1970 e sua experiência trazido de Londres por Hilda Macedo?

## 2. O ENTRECruzAMENTO ENTRE GêNEROS, CARREIRA E O MUNDO MILITAR EM UMA BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Como o estudo desta tese se volta para as análises sociológicas sobre as mulheres nas Forças Armadas do Brasil no que diz respeito às suas carreiras, onde abordo o tripé **gênero feminino**, porque estudo as militares; **carreira**, por conta da função de estar militar, e o **ambiente militarizado**, propriamente dito, escolhi referências que, a meu ver, podem contribuir dentro deste estudo.

Tenho consciência que, ao escolher falar sobre as militares das FA brasileiras, o caminho não seria fácil, haja vista ser uma das muitas carreiras públicas que ainda são, majoritariamente, frequentadas e lideradas por homens. Por isso, uma certa resistência sobre tal objeto já era esperada por mim, tanto pelo lado acadêmico quanto pelo militar. Ao longo de meu trabalho de campo, ouvi tanto de oficiais como de oficiaisas que as mulheres jamais estariam aptas a frequentarem a linha de Infantaria ou a lutarem como iguais em uma guerra, mesmo que isso tenha ocorrido ao longo da história, conforme já descrito no capítulo primeiro desta tese.

Por isso, ao trazer os textos abaixo, que, na minha visão, são basilares para entender esse mundo é de importância ímpar. Claro que jamais conseguiria salientar todos aqueles autores que, de alguma forma, debateram sobre o assunto, em especial, trazendo a trajetória de profissionais femininas militares em suas escritas. Minha ideia nunca foi, nem será, fazer um estado da arte. Mas, acredito, estar pontuando, através das referências escolhidas, o que há de mais relevante para esta pesquisa na tentativa de abordar o mundo militar pelo aspecto da carreira, dos gêneros e do ambiente militarizado, foco deste trabalho. Logo, uma revisão bibliográfica, onde os autores e autoras colocaram suas impressões sobre o campo de pesquisa escolhido, me pareceu o mais indicado. Será, a partir disso, que traçarei as minhas.

### 2.1 Gênero feminino, a carreira e o ambiente militarizado

A ideia deste capítulo é analisar a relação entre o profissionalismo no ramo militar em que questões sobre os gêneros - homem e mulher - tendem a surgir de

forma patente. No Brasil, falar sobre militares remonta a períodos dos mais diversos de nossa história, em que tais agentes serviram desde a proteção da realeza - a ponto de criar a Guarda Real da Polícia, subordinada à Intendência Geral da Polícia (Holloway, 1997) - até o período em que estiveram por vinte e um anos no poder máximo do país. Recentemente, o país teve no governo um ex agente do campo militar como presidente<sup>32</sup>. Entretanto, ainda me parece falho o espaço de estudos sobre os militares em uma perspectiva profissional entrecruzada com os gêneros. Por isso, vejo nesta pesquisa um estudo inédito sobre tal assunto.

As mulheres sempre estiveram presentes em ambientes belicosos, seja como acompanhantes e/ ou esposas de os soldados, como fornecedoras de serviços mercantis ou voltados ao cuidado, em uma época em que o comércio ainda não era desenvolvido como o entende-se hoje (CAIRE, 2002). Entretanto, à medida que percorriam-se os anos, tais mulheres passaram a ser vistas como “devassas, prostitutas, [...] mulheres do prazer, mulheres suspeitas” (2002, p.21), afastando-se da vida castrense, como ordenou Joana D’Arc.

Com tal moralidade imposta a partir de então, a vida das mulheres passou a ser afetada diretamente, incluindo sua não aparição na vida militar. No Exército romano, por exemplo, as mulheres podiam adentrar em campos de repousos de forma mais facilitada, mas não poderiam acompanhar as tropas: “As ‘mulheres que acompanhavam os exércitos’, como eram chamadas, passaram apenas a ser toleradas, frequentemente perseguidas e vistas pela maioria deles tão somente como o ‘repouso do guerreiro’”. (CAIRE, 2002, p. 18).

A Igreja sempre comparou as mulheres à imagem da Virgem: o Padre Dinet, confessor de Luís XIII, alegou que D’us havia tirado uma costela de Adão e não uma parte da língua ou de qualquer outro órgão tido como “mais importante” pois, acreditava que assim o fez para que fossem reproduzidos os ossos, já que estes não possuíam ligações com órgãos voltados aos sentimentos. Caire nos lembra que as nações sempre recorreram ao grupo feminino quando grandes conflitos estouraram, mesmo sendo visto de forma ruim o emprego de mulheres em missões de combate em países especialmente ocidentais, principalmente nos latinos. (CAIRE, 2002).

---

<sup>32</sup> O penúltimo presidente eleito foi um membro da AMAN e entrou para a reserva em 1988, após passar por um Conselho para se justificar sobre atentados terroristas naquela Academia. A partir de então, começou sua vida pública, exercendo cargos públicos usando a ideologia militar nas questões políticas, o que lhe assegurou a vitória para chegar ao cargo máximo do Executivo nacional, em 2018.

A presença feminina em conflitos data de muito tempo: as celtas fizeram parte da vida pública, já que eram tidas como sábias. Sabe-se que os povos celtas chegaram à Bretanha por volta do ano 700 a.C., oriundos da Europa central ou do sul da Rússia, onde se instalaram e foram dominando várias regiões, como a Bretanha francesa, a Irlanda, o País de Gales e a Escócia. Nos dias atuais, percebe-se, ainda, a influência celta na Irlanda e nas Ilhas Britânicas, em especial nas terras altas da Escócia. (CAIRE, 2002).

Sobre as guerreiras celtas, as mesmas viveram pela Alemanha, espalhando-se, mais tarde, pela Suíça, Suécia, Reino Unido, Portugal e Espanha, em torno dos anos 1.500 a. C. Eram criadas de forma livre, igual aos homens, podendo, inclusive, escolherem seus parceiros, não sendo forçadas a nenhum tipo de relação. A elas, desde a mais tenra idade, era ensinado o trabalho a fim de que pudessem se sustentar sem a ajuda daqueles.

A primeira lição ensinada às meninas era: Ama teu homem e o segue, mas somente se ambos representarem um para o outro o que a Deusa Mãe ensinou: amor, companheirismo e amizade, haja vista que endeusavam elementos da natureza e a fertilidade. Tais guerreiras eram temidas por seus inimigos, pois estes sabiam que elas recebiam treinamentos para matar, em especial, para defender suas crias, golpeando selvagememente seus opositores. Tais mulheres eram vistas em sua sociedade como sábias e ocupavam locais de alto *status* social: curandeiras, legisladoras, druidesas e poetisas. Não eram excluídas do processo de educação e, por isso, chegaram a governar ou acompanhar governantes muito populares, sendo companheiras e, também, guerreiras, sem abandonar o amor e maternidade.

A sociedade celta sempre reservou às mulheres um lugar de honra. Porém, com o avanço da romanização e da cristianização, tais guerreiras foram sendo colocadas para escanteio e passaram a ser consideradas como “bruxas”, de forma a inferiorizar e a desacreditar tais figuras. (NASCIMENTO, 2012).

À medida em que o tempo foi passando, no que diz respeito aos assuntos voltados para a política e para as guerras, a participação feminina deu-se de forma normalizada, até a divisão sexual do trabalho. As mulheres acompanharam suas famílias e lutaram por suas sobrevivências, não havendo diferenciações de suas atribuições de maneira social. Porém, com a divisão sexual do trabalho, coube às mulheres se retirarem dos ambientes públicos para ficar destinada às suas funções sexuais biologizantes (DURKHEIM, 1999, p. 24):



[...] Há, ainda hoje, um grande número de povos selvagens em que a mulher se envolve na vida política. [...] Vê-se, do mesmo modo, com frequência, as mulheres acompanharem os homens nas guerras, incitá-los ao combate e até tomar uma parte bastante ativa neles. Em Cuba, no Daomé, elas são tão guerreiras quanto os homens e lutam ao lado deles. Um dos atributos hoje distintivos da mulher, a doçura, já não parece ter-lhe pertencido primitivamente. [...]

Por conta disso, passou-se a excluir mulheres, tanto da vida pública quanto da história, enaltecendo, apenas, as figuras masculinas e seus atos de coragem e bravura. No Antigo Regime, começa, então, uma degradação da figura feminina nos combates, onde um conjunto de crenças gregas, francas, cristãs e romanas passaram a reproduzir o discurso de uma inferioridade das mulheres. A exemplo disso, temos o apagamento das guerreiras celtas, conforme já descrito acima.

Trazendo para o campo religioso a relação das mulheres na sociedade, a missão cristã nos territórios africanos servia para “produzir mães”, as quais seriam a base das novas famílias cristãs (OYĒWÙMÍ, (2021, p. 197- 198, grifos originais):

Para as missões cristãs, meninas e meninos precisavam ser educados, mas para diferentes lugares na nova sociedade que os colonizadores estavam construindo. Assim, foi dada prioridade à educação masculina, e foram tomadas providências para alguma forma de educação superior para machos em alguns lugares. [...] Por exemplo, quando a sra. Hinderer recebeu um pacote de “mimos” da Inglaterra, ela deu “a cada uma das meninas um dos belos lenços e um alfinete bonito para prendê-lo, para sua grande alegria; e pareciam tão limpas e arrumadas no domingo seguinte na igreja. Aos meninos foram dadas armas e blusas, mas um lápis e um pedaço de papel são o seu maior prazer”. A mensagem era explícita: os meninos foram educados para se tornarem clérigos, catequistas, pastores, missionários, diplomatas e até políticos. O papel das meninas era parecer delicadas e atraentes, prontas para se tornarem esposas e ajudantes desses homens potencialmente poderosos.

Ao analisar as profissionais militares brasileiras na MINUSTAH - Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti -, operação que ficou vigente de 2004 até 2017 naquele país, Sueth (2016), em seus estudos, através das narrativas dadas à pesquisadora, demonstrou que as mulheres deveriam ser protegidas naquele ambiente hostil<sup>33</sup>, onde uma hierarquização de valores - inclusive morais - dentro da

---

<sup>33</sup> Algumas das entrevistadas também falaram sobre esta proteção, inclusive de forma constitucional, conforme surgirá no capítulo quatro. Os oficiais que conversei informalmente também relataram tal proteção.

Missão era presente, a qual era permeada por relações de poder, em especial por conta das diferenciações entre os gêneros. Isso se demonstrou quando, em sua pesquisa, ao entrevistar um oficial da Escola de Formação Complementar do Exército - EsFCEX-, o mesmo lhe disse que ao ingressar nas Forças Armadas, as mulheres perdiam o seu “verniz”.

Ao longo de seu estudo, a pesquisadora apresentou algumas fotografias nas quais retratavam as profissionais militares na MINUSTAH prestando atendimento às crianças locais como médicas ou dentistas de maneira sempre sorridentes e bem apresentadas: cabelos presos, batons e brincos discretos, mesmo em uma situação de conflito, onde, a qualquer momento poderia ocorrer uma situação desagradável. Nunca eram flagradas sem maquiagem, com os cabelos levemente desarrumados e com a roupa fora do lugar<sup>34</sup>, apenas misturadas em meio àquela população trabalhando de forma natural e com sua aparência cotidiana, haja vista que se encontravam em uma zona de conflito. A pesquisadora, ainda, identificou que as profissionais deveriam provar que eram capazes de realizar as tarefas que lhes eram demandadas. Uma oficiala entrevistada por ela afirmou que as mulheres eram mais cobradas e colocadas mais à prova que seus colegas masculinos

Historicamente, segundo Sueth, as mulheres sempre cumpriram o papel de cuidadoras, esposas e mães, ocupando o espaço de serem protegidas, haja vista essa “fragilidade” socialmente aplicada. Para ela, sempre houve uma clara inferioridade jurídica da mulher em relação ao homem, desde os períodos colonial, imperial e republicano brasileiros. Logo, a pesquisadora concluiu que, (2016, p. 169):

[...] Na verdade, analisar criticamente a inserção feminina nas Forças Armadas brasileiras utilizando a perspectiva de gênero nos faz refletir como a interação entre os sujeitos que estão inseridos em certos contextos acabam por estruturar certas práticas, em uma clara relação de poder. No caso da adesão à instituição militar, percebemos como ela atua e transforma os sujeitos, trazendo um novo significado à realidade social. O universo simbólico que permeia o novo indivíduo é dotado de valores que passam a estruturar e hierarquizar saberes, práticas e ações [...].

---

<sup>34</sup> Ressalto que as militares devem estar sempre com seus cabelos presos, caso os mesmos sejam compridos, ou cortados até a altura um pouco acima das golas da farda, não podendo tocá-las. Além disso, as fardas devem estar sempre vestidas corretamente. Entretanto, em momentos de conflitos ou missões, não há como nenhum militar, seja homem ou mulher estar sempre bem apresentado, salvo para posar para fotos.

Por conta de uma tradição de um Direito europeu, o Brasil herdou uma série de leis que davam a pais e maridos poderes absolutos sobre os corpos de suas filhas e esposas. Lage e Souza (2019), trabalharam o verbete *pater familias* para entender o impacto de tal herança em nosso entendimento jurídico, no que diz respeito aos direitos das mulheres no Brasil. O Código Filipino de 1603 permitia que o marido tivesse o direito de cometer um feminicídio<sup>35</sup> caso sua esposa cometesse um adultério, bem como poderia assassinar seu amante, desde que este pertencesse a uma categoria inferior à do marido traído.

Já no período imperial, D. Pedro I revalidou tal código em 1823, considerando o adultério como um crime, estabelecendo prisão à mulher casada adúltera. Entretanto, caso fosse o marido que cometesse o ato, a este somente seria aplicada alguma pena se possuísse uma “concubina teúda e manteúda” (2019, p. 576), já que ter relações extraconjugais casuais eram permitidas para os homens. Em 1940, o Código passou a configurar qualquer ato de infidelidade masculina como crime.

Ainda conforme as autoras, em 1916, o Código Civil permitiu a desigualdade jurídica feminina, colocando a mulher como juridicamente incapaz, precisando de uma autorização do marido para praticar atos como trabalhar, receber heranças ou alienar bens móveis. O marido poderia desfazer o matrimônio caso a esposa não fosse virgem ou deserdar uma filha, caso ela não fosse considerada “honesta”. Enquanto o marido assumia a função de chefe de família, a mulher deveria ser a “auxiliadora”, somente “colaborando” caso lhe fosse solicitado. (LAGE; SOUZA, 2019). Em 2002, o Código Civil brasileiro reconheceu a paridade entre os gêneros como ambos os responsáveis pelo cuidado com a família ao decidirem dividir o mesmo teto, diminuindo, dessa forma, esta inferioridade jurídica. Em 2005, o adultério deixou de ser considerado um crime

Ao falarem sobre a História das doutrinas políticas, Mosca e Bouthoul (1975) escreveram sobre a participação da mulher na sociedade. Até 1914, as mulheres eram vistas como não sujeitas de direitos, fosse nos estados mais democratas, como os Estados Unidos, como nos mais arcaicos e patriarcais. Para os autores, o feminismo se apresenta em três aspectos: o primeiro deles é em relação aos direitos civis das

---

<sup>35</sup> A fim de não criar um anacronismo, deixo claro que naquela época não se usava tal termo mas, utilizei ao longo deste trabalho como uma forma política de enquadrar a tipificação recente em nossa legislação para fins de ampliação do debate. Sempre que me referir à morte de uma mulher pelo fato de sé-la, usarei tal tipificação.

mulheres: a fim de que fossem vistas como pessoas dignas de terem direitos, precisaria libertá-las das prepotências jurídicas, como o direito de não mais responder ao seus maridos e terem direitos aos seus bens, bem como terem o direito de pedir o divórcio, quando solicitado.

O segundo aspecto é em relação à emancipação intelectual. Para tais autores, as primeiras nações a reconhecerem mulheres como pessoas intelectuais foram as latinas, as quais viram surgir as primeiras poetisas e escritoras. No século XVII, no chamado Novo Mundo, isso também ocorreu. Por fim, o terceiro aspecto se dirige ao feminismo político, que surge por conta dos dois outros aspectos.

Na França, por conta da Lei Sállica, isto é, uma linhagem real não poderia vir por parte materna - o que acabou dando origem à Guerra dos Cem Anos - às mulheres não era cedido o direito de reinar, sendo diferentemente em outros países onde, em caráter de exceção, cabia a algumas viúvas ou às herdeiras únicas assumirem o lugar do patriarca. Entretanto, foram nas Repúblicas que as exclusões a elas mais ocorreram: enquanto o Império romano apresentou suas imperatrizes, na República romana nunca houve um magistrado que não tivesse sido homem.

Mosca e Bouthoul atestaram que a primeira metade do século XIX foi mais duro com os direitos das mulheres, em uma regressão em relação ao século XVII, onde o feminino desempenhou um grande papel. Napoleão é visto como um misógino pelos autores, haja vista que em seu código de leis - o Código de Napoleão - as mulheres não possuíam jurisdição sobre seus bens, muito menos aos seus salários. Segundo os autores, John Stuart Mill foi um grande defensor dos direitos das mulheres, o que lhe custou um apagamento de seu pensamento como economista e sociólogo por ter tal posicionamento. Em uma visão doutrinária, até o final do século XIX, a questão do feminismo foi sufocada por conta das tradições europeias enraizadas.

Mosca e Bouthoul relatam que nos dois extremos das civilizações cristãs e ocidentais - Rússia e Estados Unidos - constatou-se um fato curioso: as mulheres poderiam exercer determinadas profissões, sem ser discutido o mérito de suas capacidades intelectuais como a medicina, o jornalismo ou o direito. O que explicaria tal fato? Para eles, nos Estados Unidos isso se deu por conta da falta de uma tradição do Direito Romano e do Feudal, além de ser um pequeno número de mulheres, por conta da colonização, lhes dando um tom de autoridade e um valor de escassez. Na Rússia, se deu por conta de que como os homens não tinham gozado, ainda, de liberdades políticas, ambos puderam marchar lado a lado, ao menos por um tempo.

Já na França, conforme os autores, o feminismo foi paradoxal. O ensino secundarista às meninas foi concebido pela burguesia voltairiana e radical com o intuito de formarem futuras esposas com pensamentos laicos. Assim, criaram-se os liceus e as escolas normais de senhoritas. Tais locais não tinham a intenção de oferecer uma formação superior nem de qualificar profissionalmente as estudantes.

Por fim, os autores trazem o período da Segunda Grande Guerra, o qual é interessante a esta tese. Na Alemanha e na França, durante aquele período, é que as mulheres passaram a ter reconhecidos seus direitos políticos integrais. O receio dos homens daqueles países, especialmente o dos franceses parlamentares, era que as mulheres após terem seus direitos políticos passassem a não mais se sujeitarem às influências religiosas. A França concedeu tais direitos às francesas imediatamente após o conflito: em 1945.

Mosca e Bouthoul apontaram a única objeção mais contundente nos países latinos levantada pelos senadores buscando a tradição romana: os direitos políticos nas cidades antigas tinham, em contrapartida, o serviço militar. Por conta disso, a Inglaterra, a primeira nação feminista, passou a mobilizar mulheres durante a Guerra, em 1940, fechando, desta forma, o ciclo. Por volta dos anos de 1918, na Europa, Mussolini foi o primeiro a ser antifeminista declarado, dentro das doutrinas da autoridade e do militarismo. Hitler, na mesma esteira, proibia os direitos políticos para todos, mas às mulheres caberiam os cuidados com o lar e a criação de “futuros guerreiros” (1975, p. 406). Por isso, para tais autores (p. 407), os mesmos alegam que se pode inferir “[...] uma verdadeira lei sociológica: **o feminismo e a política belicista são inversamente proporcionais**” (grifo meu):

Não se trata mais, doravante, de necessidade vital, mais de inflação demográfica. Desta forma as doutrinas, que consideram a guerra como o instrumento necessário da vida política interna ou externa, são as únicas hoje em dia a desejarem fechar a mulher no seu papel de procriadora.

No que diz respeito às diferenciações entre os gêneros, Sueth (2016) bem pontuou sobre a visão esperada das mulheres na sociedade ocidental. No Ocidente, as mulheres sempre cumpriram tais papéis sociais descritos pela pesquisadora. Para nós, ocidentais, o gênero é um conceito socialmente construído associado ao sexo

biologicamente aceito, diferentemente de visões de alguns estudos africanos. Entretanto, na cultura iorubá, no sudeste da Nigéria, por exemplo, homens e mulheres são distinguidos pelo sexo por conta de suas funções voltadas para a reprodução, mas não dentro de uma hierarquia social. Ou seja, a feminilidade e a masculinidade não constituem categorias sociais. Para Oyěwùmí (2021, p. 42), fatos biológicos não são determinantes para a escolha de quem seria um líder:

[...] O princípio que determinava a organização social era a senioridade, baseada na idade cronológica. Os termos de parentesco iorubá não denotam gênero; e outras categorias sociais não familiares também não eram especificamente marcadas por gênero. O que essas categorias iorubás nos dizem é que o corpo nem sempre está em vista e à vista da categorização. [...].

Oyěwùmí, que analisou a cultura iorubá, faz críticas aos movimentos feministas, predominantemente ocidentais. Para ela (2021, p. 256), o “gênero é uma maneira de ver e ouvir o mundo”. Além disso, ressaltou que nem todas as sociedades usam as percepções corporais para se referir ao gênero, haja vista que dentro das categorizações iorubás não havia base em diferenciações ligados à anatomia. Ao tratar “mulher” como uma categoria social, política e jurídica, muitas respostas já saltam de pronto, onde as categorizações (p. 258) “são produtos de um sistema internacional que foi criado e continua a ser dominado pelo Ocidente”.

Oyěwùmí enfatiza sobre a “Década das Mulheres” organizada pela ONU (Organizações da Nações Unidas), onde tratou a “mulher” de forma global. Em 1975, a Organização declarou o “Ano Internacional da Mulher”<sup>36</sup>. Para a pesquisadora, a ONU, a partir de então, categorizou “mulher” em uma agenda mundial de forma vitimizada e que precisa de proteção, demonstrando o feminino como patológico. Assim, a forma de se perceber o corpo feminino ficou institucionalizado e sistematizado de uma maneira ocidentalizada.

Vou ao encontro desse pensamento quando se tenta traduzir o que querem as mulheres ao invés de perguntar diretamente a elas sobre. Por isso, esta pesquisa se inclina desta forma: analisar sociologicamente as narrativas de militares mulheres das

---

<sup>36</sup> Em 1975 uma conferência no México inaugurou a década 1975- 1985 como a “Década das Mulheres”. Nessa esteira, em Copenhague, nos anos 1980, houve um outro encontro de acompanhamento. Finalmente, em 1985, uma outra conferência se deu em Nairóbi, no Quênia. Muitas críticas foram feitas ao longo dessa Década por conta de reconhecer um tipo de mulher: a do Ocidente.

Forças Armadas, entrecruzando os gêneros, porque são mulheres; a carreira, por estarem atuando como profissionais e o ambiente militarizado por ser um estudo sobre as Forças Armadas brasileiras. Ressalto que não irei abordar a questão da profissão em si, mas falar sobre em ser uma militar, ou seja, executar uma tarefa dentro de uma carreira, que neste caso, é a militar. Conforme já sinalizado no primeiro capítulo, as mulheres brasileiras escolhidas para atuarem nas FA já deveriam apresentar qualificação profissional.

Oyëwùmí (2021) também falou sobre o ingresso das mulheres nas carreiras públicas da Nigéria. Em 1923, a Liga das Mulheres de Lagos fez um apelo ao governo colonial nigeriano, a fim de que elas pudessem, assim como os homens, trabalhar nas repartições estatais. A resposta do governante foi que ele tinha dúvidas sobre as mulheres trabalharem nos ofícios que já eram ocupados pelos homens.

Em 1951, uma circular governamental reduzia o emprego das mulheres em cargos estatais, em especial de níveis relevantes, somente em situações excepcionais. Para a autora, a hierarquia sobre o gênero na política colonial se deu desta forma (2021, p. 203, grifos originais): “[...] Em outras palavras, independentemente de qualificações, mérito ou senioridade, as *mulheres deveriam ser subordinadas aos homens em todas as situações*. A masculinidade foi, assim, projetada como uma das qualificações para o emprego no serviço relevante colonial.”

Para Oyëwùmí, na Iorubalândia, como ela chama em seu estudo a cultura iorubá, o gênero não pertence a um corpo ou a um indivíduo em si mesmo. Gênero seria uma construção entre duas categorias que se relacionam hierarquicamente entre si e que fazem parte das instituições (2021, p. 79, grifos originais):

Gênero é melhor entendido como “uma instituição que estabelece padrões de expectativas para os indivíduos (com base em seu tipo de corpo), ordena os processos sociais da vida cotidiana e é incorporada às principais organizações sociais da sociedade, como economia, ideologia, família e política”.

Moura (2007) analisou a carreira de diplomata brasileiro através de um estudo no Instituto Rio Branco (IRBr) e sua socialização, a qual, assim como meu objeto de análise, faz parte dos assuntos estratégicos no cenário do país. Bem como os militares, os diplomatas também possuem seu próprio *status* e *ethos*. Conforme a

autora, no Brasil, existem instituições governamentais organizadas em torno de cargos e funções, sendo nas Forças Armadas, em função das patentes.

Conforme Moura, assim como nas Forças Armadas brasileiras, a carreira na diplomacia requer uma hierarquia e uma formalidade, onde o candidato aprovado passa a pertencer a uma nova “família”<sup>37</sup>, tendo que se adequar a este novo mundo, sem esquecer de seu mundo anterior. A autora considerou os diplomatas como pertencentes a uma carreira de elite, onde os candidatos (2007, p. 48): “[...] são recrutados pelo mérito individual, e não por pertencerem a famílias de bem. Não obstante, o *ethos* da instituição possui componentes aristocráticos, que podem ser identificados com outros *ethos* de grupos de *status* baseados na hereditariedade. [...]”.

A autora, ainda, salientou a forma que os diplomatas devem se portar frente a um embaixador ou a um superior hierárquico, lembrando em muito as formas de se portar dos militares brasileiros: levantar de seu lugar em sinal de respeito ou somente sair após o embaixador se retirar quando estiverem em uma festividade informal. Para Moura (2007, p. 103), o Itamaraty simbolizaria o “último refúgio da nobreza no Brasil”, remetendo à noção de aristocracia e de honra que os estudos da sociologia militar trouxeram em meados dos anos 1960.

Além disso, a noção de pertencimento a um núcleo familiar, que seria o corpo dos diplomatas, soa da mesma forma que no ambiente militar, onde o patriarcalismo, no sentido literal da palavra, se mostra forte. Ambas as instituições veem na figura masculina o ideal de líder, de guerreiro, do salvador, sendo aquele que deve amparar sua família. Moura analisou em suas perguntas<sup>38</sup> sobre a dificuldade em ser uma mulher no mundo da diplomacia brasileira, bem como a narrativa de como alguns diplomatas conseguiam desassociar suas figuras do meio não diplomático, ou seja, do lado de fora do IRBr.

Aqui, lembro dos estudos de Liu (2021), o qual abordou que não conseguimos ser uma ou outra pessoa justamente por ter o que ele chamou de *between*, entrecruzando, o tempo todo, nossos papéis sociais. A conclusão da autora vai ao encontro de meus estudos sobre os militares ao dizer que o corpo da diplomacia brasileira é um coletivo definido por profissionais que tem a mesma noção de carreira

---

<sup>37</sup> Falei mais sobre isso na parte sobre metodologia.

<sup>38</sup> Uma das perguntas feita por Moura aos alunos foi: *Você acha que é mais difícil ser mulher na carreira do que homem?* (MOURA, 2007, p. 99).



e de categoria funcional. Ainda, é um grupo com o mesmo *status* e que se veem com um *ethos* e visão de mundo próprios, sendo sua auto imagem refletida pelo grau de parentesco.

Ao longo da História tivemos mulheres que atuaram de forma ímpar em cenários de grandes guerras. Purnell (2021), ao abordar a história de Virgínia Hall, sinalizou que ela foi a “grande vilã” dos alemães durante a ocupação da França na Segunda Guerra Mundial pelo regime hitlerista. Porém, sua história, ainda hoje, é bastante desconhecida. Para encontrar suas atividades, Purnell precisou de três anos de trabalhos nos Arquivos Nacionais de Londres, Arquivos da Resistência em Lyon, peças jurídicas em Paris e na sede da CIA.

Ao apurar que Hall demonstrava aquilo que se espera de uma profissional militar - camaradagem a ponto de arriscar sua vida várias vezes para salvar seus companheiros de resistência; coragem para se colocar na linha de frente e convocar células para liberar presos e receber mantimentos para os mesmos em território francês ocupado por nazistas, além de seguir as regras e informar sobre toda a sua movimentação ao longo do processo, sem mentiras, como alguns de seus colegas se utilizaram para atuar - Purnell coloca as qualidades profissionais acima do ser homem e ser mulher. Ser competente está além de possuir traços biológicos marcados socialmente.

Em seus estudos, Purnell faz um histórico sobre a vida militar de Hall: após ela sofrer um acidente que a fez quase perder a vida, acabou por ganhar uma deficiência física permanente: uma de suas pernas precisou ser amputada, lhe rendendo uma prótese de madeira, a qual foi carinhosamente nomeada por ela de “Cuthbert”. Mesmo sabendo que tal problema poderia lhe confinar em casa, preferiu se oferecer para trabalhar na guerra, a fim de ser útil à sua pátria. Passou a trabalhar para a SOE, o serviço secreto britânico, entre 1941 e 1944 com exímio profissionalismo digna de uma defensora da pátria, apesar de ser uma estadunidense e estar na França a serviço da Inglaterra. Com sua destreza, mesmo apresentando uma deficiência física por conta de um acidente sofrido no ambiente de trabalho, jamais desistiu de seus desafios profissionais: “[...] Ela ajudou a mudar para sempre a espionagem e o ponto de vista em relação às mulheres na guerra - e o curso da luta na França. [...] Virginia é uma heroína real que seguiu em frente mesmo quando tudo parecia perdido. [...]” (PURNELL, 2021, p. 16).

A história da espiã mais procurada da História, conforme Purnell, pode ter inspirado as sagas do agente *James Bond* e de seus atos incríveis, interpretado por uma figura masculina e varonil. Importante salientar que o escritor britânico Ian Fleming, criador do agente secreto conhecido como *007*, foi um militar que serviu a pedido do contra-almirante diretor da Divisão de Inteligência Naval da Marinha Real Britânica para que fosse seu assistente pessoal no mesmo período que Hall atuou na guerra, o que reforça a hipótese de Purnell. Ao contrário de Hall, personagem verídica que dedicou toda sua vida pelo seu trabalho militar, mas que foi preterida e não reconhecida com o devido respeito, Fleming iniciou como Tenente onde foi promovido, algum tempo depois, a Comandante. Enquanto esteve com o contra-almirante, teve acesso aos serviços da *SOE* entre outros departamentos de guerras, coincidentemente, o mesmo departamento que trabalhou Virginia. Seria a história do Agente mais famoso do cinema um plágio das façanhas vividas realmente por Virginia Hall?

Purnell (2021) relatou a história de Virginia Hall, a primeira mulher a comandar células militares em um confronto bélico mundial, mesmo não sendo, de fato, pertencente a nenhuma Força Armada. Apesar de ter realizado tal façanha em campo como uma militar, nunca foi tida e reconhecida dessa forma ao longo dos anos em que esteve à frente da resistência francesa para a derrubada dos nazis em Vichy. Com seu profissionalismo, demonstrou que uma mulher é capaz de executar o “trabalho de homem” (2021, p. 286) estando à frente de uma missão militar dentro de um território de conflito, além de demonstrar respeito à liberdade alheia (2021, p. 16-17):

Virginia buscava uma forma muito moderna de guerra, com base em doutrinação, fraude e a formação de um inimigo interno – técnicas hoje cada vez mais familiares a todos nós. No entanto, seus objetivos eram nobres: desejava proteger em vez de destruir, restaurar a liberdade em vez de retirá-la. Nunca buscou fama ou glória, tampouco as recebeu de verdade.

Ao se mudar para a França, após fugir dos planos maternos de casamentos arranjados, em 1926, matriculou-se na *École Libre des Sciences Politiques*, encontrando uma cena artística, literária e musical diversa de sua realidade estadunidense, na qual continha personalidades como Gertrude Stein<sup>39</sup>. Sonhando

---

<sup>39</sup> Mais conhecida como a Senhora Simmel, esposa de George Simmel.

em ser uma Diplomata, em meio às notícias sobre Mussolini e Hitler atuando na Europa, se candidatou a uma vaga para ser uma das agentes dos Serviços de Relações Exteriores estadunidense, onde havia apenas seis mulheres em um universo de 1.500 profissionais.

Ao ser rejeitada, decidiu que entraria de outra forma: “pela porta de trás” (2021, p. 25). Tentou, novamente, o ingresso ao corpo diplomático, sendo rejeitada pela segunda vez, mesmo com notas excelentes. Por isso, se candidatou para uma vaga para Esmirna, na Turquia (atualmente, Izmir), em 1933. Em 8 de dezembro daquele ano, ao sair para caçar com um grupo de caçadores, Hall tropeçou. A escopeta que carregava no ombro acabou disparando, acertando-lhe o pé esquerdo.

Apesar de ter recebido tratamento médico imediatamente, em uma época em que não haviam antibióticos, seu pé foi tomado por uma infecção grave, se estendendo para a sua perna, levando à amputação. Mesmo com muita dor - haja vista que sua “nova” perna pesava em torno de quatro quilos, mesmo sendo oca e tendo o pé feito de alumínio, a mesma ficava amarrada no que restou da perna original com faixas de couro em uma espécie de espartilho ao redor da cintura, que irritava sua pele e lhe causava bolhas e sangramentos - Hall não se deu por vencida e após o ataque, em 1º de setembro de 1939, da Alemanha contra a Polônia, Hall se inscreveu, em fevereiro de 1940, no 9º Regimento de Artilharia francês para dirigir ambulâncias para o Serviço de *Santé des Armées*, um dos poucos serviços militares que aceitavam voluntárias, inclusive estrangeiras. Foi aceita, já que sabia dirigir, e recebeu um treinamento de Primeiros Socorros.

Após as ofensivas de Hitler, as movimentações em Baker Street, 64 - o chamado “Escritório” - o endereço da *SOE*, passaram a ocorrer para criar grupos de civis capazes de contra atacar. Em 17 de janeiro de 1941, Hall recebia, finalmente, um convite para trabalhar sem ser com máquinas de escrever ou trabalhos administrativos: atendeu a um chamado da *SOE* na Seção F, que auxiliaria a França a se livrar do regime de Adolf. Ela era a única mulher em treinamento em um grupo de dez pessoas, e provavelmente, a única com uma perna de madeira.

Chamada de *Dindy* pelos familiares, teve vários codinomes de guerra, para que nunca fosse descoberta: *La Madone*, na França, por conta de seu esforço de livrar o país das mãos dos nazistas; *Diane*, ficando o seu grupo conhecido como os

“Os Irregulares de Diane”; *Marie*, “Maria da Montanhas” e *socière rousse*<sup>40</sup>. Os alemães também passaram a lhe nomear: “Madame Marcelle”, “Maria Manca”, por conta de sua perna de madeira, e *Artemis*, a deusa grega da caça.

Demonstravam um verdadeiro pavor a ela, pois viam que era uma ameaça grande para o Reich, sendo tida como uma terrorista perigosa. Seu lema dito àqueles que a acompanhavam era: “[...] ‘atirar’, ‘queimar’, ‘destruir’, seguido de ‘partir’” (2021, p. 240). Por isso, Hall não deveria ser comparada a um militar qualquer, pois suas qualidades e competências já haviam sido demonstradas, sendo reconhecidas inclusive, pelos alemães.

Apenas após muitos relatórios enviados e a certeza de que seu trabalho estava surtindo efeito junto ao inimigo, Hall recebeu alguma indumentária militar: gravata, calça cor cáqui, jaqueta e cabelos presos, passando a ser um pouco mais respeitada em meio a toda a guerra, já que estava sendo reconhecida pela *SOE*. Recebeu a patente de Primeira- Tenenta, mesmo seu trabalho sendo mais que isso. Porém, o salário não acompanhou o cargo. Hall, a todo o momento, estava sempre precisando demonstrar que era tão, ou em alguns casos, muito mais capaz de realizar os ataques às linhas inimigas quanto seus colegas homens, mesmo após vários deles descreverem em relatórios e informativos à *SOE* sobre seu desempenho em campo. Sua inteligência militar, diplomacia e força de caráter eram testadas sempre.

Por conta de seu comprometimento, a Seção F, comandada por Hall, foi, então, enraizada, não havendo chances de que as células de resistência pudessem desaparecer, diante de tamanha organização (2021, p. 213 - 214): “O profissionalismo de Virginia em um mundo de amadores mostrava a todos o que podia ser feito e como fazê-lo. Ela não estava mais em campo, mas seu legado sobrevivia”.

Por fim, a grande figura que trabalhou para o Escritório para salvar a França do controle nazi, usando seus disfarces impecáveis e passando as informações mais relevantes durante a Segunda Guerra para a *SOE*, mantendo a esperança de virar o jogo a favor dos britânicos foi uma mulher: Virginia Hall. Sem nunca ter sido capturada e com sua disciplina militar, abriu um espaço na história do mundo militar ao ser a primeira mulher a comandar homens em uma situação de guerra declarada.

---

<sup>40</sup> O trecho correspondente na tradução é: “feiticeira russa”.

Sobre a última inserção de mulheres em uma Academia Militar no Brasil, ocorrida na Força Terrestre, trago uma reportagem da Agência Brasil sobre a formação da primeira turma mista da AMAN: ao serem entrevistados, alguns Cadetes daquela turma disseram que *“Homens e mulheres têm pontos de vista diferentes sobre os mesmos assuntos”* e *“A gente não fica lembrando que é a primeira turma [com mulheres], me sinto incluída, especialmente pelos homens da minha turma”*. (informação verbal) <sup>41</sup>.

De acordo com a entrevista, o, à época, Subcomandante da AMAN, o Coronel Sebastião Roberto de Oliveira, afirmou que foram feitas tanto mudanças estruturais - em alojamentos e regulamentos de vestimenta - como melhorias na capacitação de instrutores, ficando a Academia preparada e adaptada para receber as profissionais, segundo a visão da Força. *“Mas não tem tratamento diferenciado”* (informação verbal), alegou, ressaltando a respeito dos aspectos fisiológicos e às capacidades físicas.

Ainda, conforme a fala do Subcomandante na mídia citada, o Exército Brasileiro, há três décadas, já conta com profissionais mulheres nas áreas de tecnologia, educação e saúde. Para o Oficial, *“A comunicabilidade da mulher, ela é mais comunicativa, pode ajudar em alguns aspectos. Elas também são mais detalhistas, e podem ajudar também com essa habilidade”*. E complementa: *“Estamos bastante felizes. É algo natural na sociedade, a mulher sendo valorizada. Somos parte da sociedade, e a presença da mulher é bastante importante”* (informação verbal).

Conforme a reportagem citada, o concurso para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército reservou 10% do número de vagas masculinas para que as mulheres pudessem fazer parte da AMAN como militares de carreira pela primeira vez: 400 homens e 40 mulheres ingressaram na Escola e dessas, 33 passaram para a AMAN. Para um Cadete entrevistado, *“Não existe competição, existe cooperação para o trabalho. Eu acho que vai ser ótimo para o Exército”* (informação verbal), dizendo-se honrado em integrar esta primeira turma mista de profissionais.

Recorri a Dupret (2010, p.116) para, também, me auxiliar em minhas impressões sobre o campo militarizado. O autor, ao falar sobre as categorias jurídicas, afirma que as mesmas são orientadas por um sistema de neutralidade e de normalidade, o qual “[...] fornece as regras e os métodos de configuração dos comportamentos, disposições e atitudes reconhecíveis como realizações da

---

<sup>41</sup> Ver matéria completa em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-02/exercito-recebe-mulheres-na-aman-para-ensino-militar-belico-pela-primeira>.

categoria ‘mulher natural e normal’”. Ou seja, categorias nativas do mundo jurídico também podem ser aplicadas para as militares brasileiras para enquadrá-las em “boas” ou “más” profissionais apenas por serem mulheres.

Huntington (1996) identificou a profissionalização militar como um elemento distintivo ao comparar com as ocupações tidas como não militares. Baseado em uma *expertise*, responsabilidade e corporativismo, tal profissionalismo **seria um tipo específico de vocação compartilhada pelos oficiais de carreira, garantindo, assim, a especificidade da profissão** (Grifo meu). Por conta disso, será através dele e de Janowitz que irei falar sobre a carreira militar e seu lado profissional.

Para Huntington, usa-se a palavra “profissional” no mundo militarizado em um sentido de fazer oposição ao “amador”, sem fazer referências no sentido de “profissão” como um ofício ou uma habilidade. Assim, um soldado de carreira diz respeito àquele ou àquela militar que trabalha por fins monetários enquanto o oficial de carreira é que vocacionado para servir a sociedade.

Assim como Huntington, uso a frase de que “[...] teoria alguma pode explicar todos os fatos” (1996, p. 15). Para ele - e para mim - : “Uma das medidas de uma teoria é o grau em que ela abrange e explica todos os fatos relevantes. Uma outra, e a mais importante, é o grau em que ela mais abrange e melhor explica esses fatos do que qualquer outra teoria. O estudo das relações entre civis e militares se ressentem de pouquíssimas teorizações.”

Para o autor, existem dois pressupostos metodológicos ao se estudar as relações entre militares e não militares: um deles é que tal relação deve ser vista como um sistema de elementos interdependentes, formando um sistema total, onde nenhum elemento sofre sem alterar o todo. Isso significa que analisar um sistema de relações dessa natureza envolve um equilíbrio complexo entre o que é autoridade, influência e ideologia por parte dos militares, mas, também, por parte dos não militares, sendo tal equilíbrio podendo ser conseguido das mais diferentes formas.

O outro, é que, a partir da teoria, pode-se definir um determinado tipo de equilíbrio: o controle civil objetivo, sendo este o responsável por elevar ao máximo a segurança militar. Dessa forma, seria possível analisar até que ponto uma relação civil- militar em qualquer sociedade tenderia a intensificar a segurança desta ou a prejudicar.

O autor destaca que as forças militares de uma sociedade são moldadas por duas forças: um imperativo funcional e o outro, societário. O primeiro trata das

ameaças à segurança dessa sociedade. O segundo, vem das forças ideológicas, sociais e das demais instituições fortes dessa mesma sociedade. Para ele, uma instituição militar que apenas reflete os valores sociais poderiam ser incapazes de desempenhar sua função específica: proteger a sociedade. Por outro lado, uma sociedade dificilmente conseguiria conter uma instituição militar apenas com fins funcionais. E é nesse emaranhado de questões que se encontraria o problema das relações entre civis e militares.

Conforme seus estudos, o oficialato existe há muito tempo em exércitos e marinhas. Entretanto, antes de 1800 não se falava em oficiais como se fala hoje em dia. Foi a partir de 1900 que estas estruturas surgem em, praticamente, todas as principais nações mundiais.

Até 1800, o oficialato era composto ou por mercenários ou por aristocratas. Para os primeiros, era apenas um negócio que gerava lucros enquanto para os segundos, um passatempo onde se buscava honra e aventuras. No que diz respeito ao oficial mercenário, o mesmo data do período da Guerra dos Cem Anos (1337 - 1453). Os serviços eram colocados à venda através de companhias formadas por homens onde a disciplina e a responsabilidade inexistiam. O fim desse tipo de sistema surge com a Guerra dos Trinta Anos (1618 - 1648), através de exércitos disciplinados de Oliver Cromwell. Vale ressaltar que um aparente profissionalismo desses exércitos era oriundo de ideias ideológica- religiosas e não de técnicas ou de diferenciações nas funções.

Já o oficial aristocrata data do século XVIII, tendo em vista que se tornou uma exigência pertencer àquela classe para ingressar em todos os ramos militares, excetuando nas armas técnicas da Engenharia e da Artilharia. Na Inglaterra, a aristocracia que dominava a arte militar era oriunda muito mais de um acúmulo de riquezas que de berço ou de *status*. Na Prússia, a alta nobreza tomava conta dos postos mais altos, onde as escolhas se davam por conta dos caprichos do soberano e das considerações pessoais e não por mérito. Isso comprova que em todas as forças militares sempre houve influências políticas nas ocupações de postos mais elevados na França como na Inglaterra. Tanto nos exércitos como nas marinhas, as escolhas se davam, às vezes, pelo mérito, mas o que mais ocorria era que fossem por conta de influências das famílias, dos parentes e dos amigos, ou seja, por interesses pessoais.

Conforme o autor, as escolas militares para a formação de oficiais eram muito grotescas, sendo assim, divididas em dois tipos: o primeiro focava na instrução básica de oficiais com origens nobres e fidalgas, surgindo, em 1751, a *École Militaire*, a qual foi fundada por Luiz XV. Em 1765, Frederico, o Grande, fundou a *Ritter Akademie*. Em 1729, surgia a Escola Naval inglesa. O grau de instrução militar era tão baixo que a *École Militaire* servia para subsidiar a nobreza rural que propriamente melhorar as práticas militares e se intitulava como “[...] *une fondation d’intérêt philanthropique plus encore que d’intérêt militaire*”<sup>42</sup> [...]” (HUNTINGTON, 1996, p. 43).

Já o segundo, preparava oficiais para as armas de Artilharia e de Engenharia, tendo em vista que, na falta de uma ciência militar que interessasse a todos os oficiais, apenas estas armas se dedicavam ao lado intelectual. Na Prússia, em 1706, foi fundada uma escola de Engenharia. Em 1741, a *Royal Military Academy* foi fundada para atender os oficiais das duas armas.

Na França, em 1749, surge a fundação de uma escola de Engenharia em Mézières e em 1679, as instruções para Artilharia começaram em Douai. Porém, até que fosse criado um exame para qualificar os oficiais, conforme ocorreu em 1774, muitos alunos eram admitidos sem nenhum preparo e sem saber ler ou escrever. O oficialato se portavam como aristocratas e acreditavam ter uma grande importância social, fazendo que a profissão militar inexistisse, se comparada às profissões jurídicas, religiosas e médica daquela época. Mesmo com estruturas rudimentares, se viam como independentes, enquanto a militar era vista dentro de um processo “inconcebível de “prostituição” (p. 46)

Para Huntington (1996), o estado-maior militar é uma instituição profissional que requer conhecimentos técnicos na aplicação do gerenciamento da violência. Sua estrutura rudimentar entre os séculos XVII e XVIII se baseava nas atividades para suprir os exércitos nacionais através da figura do general intendente. A França se destacava por ter o seu estado-maior bem desenvolvido, dentro de uma visão profissional moderna durante o século XVIII.

Huntington acredita que com a combinação dos avanços tecnológicos com as mudanças rápidas das políticas internacionais fez da segurança a meta final da política e não, seu ponto de partida. Antigamente, a pergunta feita era: que modelo de relação entre civis e militares é mais compatível com os valores liberais democráticos?

---

<sup>42</sup> O trecho correspondente na tradução é: “uma fundação de interesse mais filantropo que de interesse militar”.



Hoje, para ele, se pergunta: que modelo de relação entre civil e militar é a melhor para manter a segurança da nação?

Em sua visão, o corpo de Oficiais é o principal elemento ativo de uma estrutura militar, sendo o responsável pela segurança de uma sociedade. Ao Estado, o principal elemento ativo da sociedade, compete distribuir os recursos para todas as áreas importantes, inclusive, a militar (1996, p. 21-22): “[...] As relações sociais e econômicas entre os militares e o restante da sociedade normalmente refletem as relações políticas entre a oficialidade e o Estado”. Por isso, o autor se pergunta (1996, p. 22): “[...] Que espécie de corporação é essa? Que espécie de homem é o oficial?”. Aproveito e faço minhas as suas perguntas.

Huntington vê uma profissão como um “tipo peculiar de grupo funcional com características altamente especializadas” (1996, p. 25). Para ele, Escultores, Redatores de publicidade e Empresários, por exemplo, apesar de exercerem funções diferenciadas, não possuem uma natureza profissional. Logo, o profissionalismo é uma característica do moderno oficialato, assim como é do médico ou do advogado. É por causa dele que sabe-se quem é o oficial dos tempos modernos e os guerreiros dos tempos passados. Na sua visão, mesmo o político tendo seu poder de persuasão e o empresário, seu poder monetário, apenas sendo um profissional que se é visto com respeito na sociedade.

Huntington define que para uma profissão ser vista como um tipo especial de vocação, ela precisa apresentar três características: **especialização, responsabilidade e corporatividade**. No que diz respeito à especialização, o profissional seria um técnico com habilidades, bem como com conhecimentos, em um determinado campo de saber. A especialização só é adquirida através de uma educação e de uma experiência prolongadas, separando, assim, os profissionais dos leigos (1996, p. 31), “[...] A essência intelectual da profissão militar exige que o moderno oficial dedique cerca de um terço de sua vida profissional à escolaridade formal, [...]”.

Isso me levou a crer que as militares vindas do mundo fora da caserna já possuíam bastante conhecimento geral, bem como *expertises* profissionais, precisando aperfeiçoar os militares. Ao contrário, os homens militares não detinham tais formações, em sua grande maioria, à época do ingresso feminino.

A qualificação militar necessita de uma grande base cultural, já que os métodos para se organizar e se aplicar a violência, em cada momento histórico estiveram, e

estão, totalmente ligados com os padrões culturais da sociedade. Assim como as Ciências Jurídicas se misturam com a História, Economia, Sociologia, Psicologia, e com a Política, a qualificação militar também o faz. Entretanto, vale apontar que a enquanto todas as profissões são regulamentadas pelo Estado, a carreira militar é monopolizada por ele. Para o autor, a obrigação de um militar é administrar a violência garantindo a segurança militar de seu cliente: a sociedade.

Sobre a responsabilidade, o autor entende que o profissional é um técnico militante trabalhador de um contexto social e que presta um serviço essencial para uma sociedade. Logo, toda a sociedade passa a ser cliente de uma profissão. É por causa da responsabilidade que se distingue um profissional de um técnico, o qual possui apenas habilidades intelectuais.

Por fim, sobre a corporatividade, para o autor, o que une os integrantes de uma dada profissão é a sensação de unidade orgânica, os quais se enxergam como um grupo, diferentemente dos leigos. Tal senso de unidade se estabelece em uma organização profissional que aplica padrões de competências e de responsabilidades profissionais. Logo, aquele que pertence a uma organização profissional possui um *status* profissional que o diferencia do leigo.

Mas, então, quais seriam as motivações profissionais de um militar? Para Huntington, um oficial não pode ser um mercenário que trabalha para aquele que lhe pagar monetariamente melhor nem um cidadão-soldado temporário, inspirado em seu patriotismo e sem nenhum desejo mais intenso de ser um entendedor mais a fundo da administração da violência. Para o autor, um oficial deveria ter como motivações o amor técnico por sua atividade e o senso de obrigação social que utilizaria as suas habilidades em prol da proteção da sociedade.

O sociólogo estadunidense Janowitz (1967) enfatiza a relação entre a sociedade não militar e a militar, a qual é tida como uma crescente convergência. Para ele, o desenvolvimento tecnológico ocasionou uma fragmentação institucional e uma crescente dependência de as organizações militares no que diz respeito às tecnologias e *expertises* daquelas não militarizadas. O autor, considerado como um dos fundadores da sociologia militar, analisou os militares daquele país na primeira metade do século passado, olhando para o lado profissional, organizacional e de liderança das corporações, tratando a **profissão militarizada como objeto de estudo social**, ou seja, da mesma forma que estou lidando neste trabalho.

Em seus estudos, analisou a questão da honra, categoria cara para o mundo militarizado. Dentro do profissionalismo militar, há grandes efeitos políticos e dentro das elites e dos escalões superiores, apenas, é que há uma preocupação com tais propósitos, onde se vê na honra o fundamento de um sistema de ideologia.

Para o autor, a honra seria tanto um meio quanto um fim: enquanto o código de honra diz como um profissional deve ser conduzido, a categoria “ser honrado” é algo que deve ser atingido por questão de propriedade, salientando que a honra faz parte daquele “soldado que não foge da luta”. Para o autor, a honra não precisa de uma justificativa moralista muito elaborada.

O autor ressaltou que, apesar de as Forças Armadas estadunidenses terem surgido de um movimento revolucionário, o código de honra é originário dos modelos aristocráticos do inimigo pelo fato de que os oficiais mais influentes daquela revolução haviam contatado diretamente as instituições militares britânicas. Por conta disso, ao menos quatro elementos do código são de instituições de origem aristocrática britânica: a conduta aristocrática - como o cavalheirismo -; a fidelidade pessoal - a qual era ligada ao Rei -; a fraternidade autônoma e a busca da glória.

Mas, conforme o autor, passados dois séculos, a honra teve que se adequar às mais diferentes mudanças de hábitos e costumes sociais. Logo, vemos que algumas das categorias mais usadas e atribuídas ao mundo militar fazem parte de um universo aristocrático, onde as mulheres estavam apartadas, se refletindo até os dias atuais na condução da inserção das Oficiais às FA.

Ao analisar que as concepções sobre a honra masculina dificultam inculcar a disciplina e espírito de corpo, Beattie (2009) entendeu que a virilidade é a todo o instante testada e sua competência deve ser exibida publicamente, podendo algum militar ser ridicularizado em função de seu gênero masculino. Mas, ressalta que alguns profissionais não estão tão preocupados com a opinião de seus pares.

Para o autor, percepções sobre uma conduta masculina ideal podem variar por conta de regiões, circunstâncias e até mesmo de grupos, apesar de sempre serem compartilhadas dentro de uma ideia de honra. E a partir dessa ideia, expressada de forma verbal e física, ela pode possuir diversas significações, havendo contradições entre as ideias mais tradicionais sobre a honra e a moderna disciplina militarizada, concebendo masculinidades apropriadas.

Na teoria e na prática, o militar brasileiro seria um servidor público de carreira, no caso dos homens, cuja entrada se dá via concurso público ou pelo alistamento

obrigatório, em um primeiro instante. Para as mulheres, apenas via concurso, haja vista que as mesmas só podem atuar de forma voluntária Sua missão é servir à pátria no que diz respeito às demandas nacionais e de interesse do bem comum, respondendo ao Chefe máximo do nosso Poder Executivo, o Presidente da República.

O Decreto- Lei nº 3.864, de 24 de novembro de 1941, em seu artigo 45, diz que o militar pertence a um *status* profissional chamado “classe dos militares”, como sendo uma profissão estabelecida em lei. Ao perguntar para qualquer militar, o mesmo sempre responderá que é um militar ao invés de um servidor público. E para eles, mesmo não estando mais na ativa, costumam pedir para serem referenciados por sua última patente, como sinal de respeito à hierarquia, bem como uma diferenciação aos não militares, mesmo que esteja em ambiente não militar, especialmente os oficiais:

Art. 45 A função militar caracteriza-se pelo exercício, transitório ou permanente, da atividade militar, como profissão exclusiva na tropa, na esquadra, na força aérea, ou nos serviços, em graduação, posto, cargo ou comissão militar, constante de leis e regulamentos do Exército, da Armada ou da Aeronáutica.

Parágrafo único. A carreira das armas, conseqüentemente, não é emprego, mas profissão toda feita de abnegação e altruísmo.

Assim, os militares de carreira não são funcionários públicos. **Sem constituírem casta no Ambito social, formam uma classe especial de, servidores da Pátria - a classe dos militares.** (Grifo meu).

Para Janowitz (1967, p. 54), “Num sentido lato, pode-se definir o soldado profissional como uma pessoa que fez da instituição militar o centro de sua carreira.” Em tempos de guerra, caberia a este profissional comandar tanto militares quanto não militares. Segundo o autor, o militarismo estadunidense atuou ao longo da Segunda Guerra Mundial porque foi escolhido um corpo de oficialato tido como profissional em posições estratégicas. Uma profissionalização boa giraria em torno de um “‘esquema de ferro’ e doutrinação” (1967, p. 55), onde o espírito fraternal entre os comandantes iria ocorrer, situação essa que surge após anos de convívio.

Logo, uma profissionalização militar requer uma carreira de toda a vida. E isso significa que os postos mais altos deveriam sair das Academias Militares: *West Point* e *Annapolis* e após, da *Colorado Springs*. Em nosso caso, seria da AFA, Escola Naval e, por último, da AMAN. Por isso, a noção de profissionalismo que será empregada

por mim será a de Janowitz e de Huntington, ao invés de usar autores com bases na Escola de Chicago.

Enquanto Janowitz (1967, p. 11, grifos originais) afirmou que nos Estados Unidos, à época de sua escrita, os militares não possuíam grande prestígio na sociedade em geral, por aqui, a realidade é outra: há tempos, em especial em relação ao oficialato, os militares possuem um *status* social reconhecido. É comum as pessoas não civis prestarem continência quando um militar, mesmo da reserva, adentre um local, haja vista que tal sempre se apresenta com sua patente última e depois suas demais qualificações, quando as tem: professor, médico...:

[...] as impressões do civil sôbre o oficial profissional não são as mesmas que êle tem do herói militar. Em contraste ao aplauso público concedido a heróis militares individuais, a carreira militar continua a ser uma profissão relativamente sem prestígio. Os resultados de uma pesquisa de opinião de 1955 colocam o prestígio do oficial das forças armadas não só abaixo do de médicos, cientistas, professores universitários e ministros religiosos, como também abaixo do de professores de escolas públicas. [...]

Janowitz analisou o militar profissional estadunidense no pós Segunda Guerra partindo de cinco hipóteses, a fim de entender as mudanças políticas que aconteceram em relação ao comportamento político da Forças Armadas daquele país. São elas: autoridade organizacional cambiante; menor diferencial de qualificação entre as elites militares e civis; modificação no recrutamento de Oficiais; significados no modelo de carreira e tendências na doutrinação política. A fim de investigá-las, se usou de uma pesquisa empírica com dados sobre as origens sociais de mais de 700 generais e almirantes, desde 1910, aplicação de questionário para cerca de mais de 500 oficiais do estado-maior estabelecidos no Pentágono e 113 Oficiais entrevistados em relação ao que pensavam sobre suas carreiras e ideologias, além de fontes históricas e documentos.

Segundo o autor, ser um soldado profissional seria um militar de carreira, a qual passou sua vida dentro de uma instituição militar. Mas, à medida que a tecnologia entrou no cenário de guerra, algumas atividades passaram a ser chefiadas pelas mãos de não militares. Logo, o profissional militar deveria estar apto para comandar militares (da ativa ou da reserva) e não militares (recrutados na sociedade) em períodos de exceção. Janowitz (1967, p. 213) associa o sucesso estadunidense na Segunda

Guerra Mundial à existência de oficiais profissionais nas cadeias de comando. Apesar de muitos não militares terem ocupado postos inclusive no estado-maior, a cúpula exigiu profissionais de carreira:

O Exército pode-se orgulhar de que seus regulares – tanto os alistados por três anos, oficiais da reserva que se apresentam como voluntários para serviço ativo, quanto os verdadeiros profissionais: os oficiais comissionados e não-comissionados que não desejam outra vida senão a do Exército – lutaram e morreram como os Regulares sempre lutaram.

Além disso, Janowitz trata o oficialato superior estadunidense como um “quadro da elite” (1967, p. 58): elite profissional porque é tido como o administrador das Forças Armadas; quadro, porque é nele que estão o núcleo da elite, onde são recrutados os líderes estrategistas, que estabelecem o rumo do meio militar. Na esteira de Janowitz, assim como outros estudiosos aqui apresentados, também chamarei esta pesquisa de um estudo sobre as elites militares.

Para Martinez (1997), o termo elite - o qual possui sua origem do francês, *élite* - é usado frequentemente para referenciar grupos ou indivíduos de maneira positiva ou negativa. Em termos positivos, podemos associar “elite” às classes militares com alto poder de capacitação e que possuem um destacamento na corporação, como o oficialato. Entretanto, de maneira negativa, associa-se o uso do termo em situações em que um grupo possui forte influência econômica, caracterizando uma minoria recebedora de privilégios por conta de suas redes de contatos. Por isso, me utilizarei de tal termo, já que meu campo de estudo se coloca desta forma no ordinário: como um grupo que possui privilégios em relação à massa por serem partícipes dos principais jogos de poder, há algum tempo.

Justamente por conta da noção sobre o conceito de profissionalismo, trago Koselleck (2021) para me auxiliar no que diz respeito às categorizações, haja vista que o mesmo analisou conceitos e suas histórias. Para Koselleck (p.16):

A história social e a história dos conceitos existem como abordagens explicitamente formuladas desde a época do Iluminismo e da descoberta do mundo histórico, que nela ocorreu; ou seja, desde o momento em que as formações sociais tradicionais se tornaram instáveis e, concomitantemente,

a reflexão linguística passou a sofrer a pressão da mudança de uma história que agora estava sendo vivenciada e articulada de maneira nova.

Para Koselleck, a história dos conceitos foi estudada pelas disciplinas que se baseavam em modelos histórico- filológico, certificando suas fontes por meios hermenêuticos. Cada forma de traduzir para o presente implica em uma história dos conceitos. Ele exemplifica os estudos sobre a Antiguidade e a Idade Média: por conta daquele estado de coisas onde as fontes eram muito escassas, deveria ser levado em conta os conceitos daquela época em relação aos estudos do presente. É sobre isso que esta tese girará: sobre a participação da militares brasileiras no que diz respeito aos seus postos profissionais, dentro de Organizações Militares (OM's), onde sempre imperou a ordem masculina, até então. Koselleck se utiliza da explicação do conceito de *Bildung* para mostrar o avanço de uma palavra ao longo do tempo (2021, p. 166. Grifos originais):

*Bildung* – um conceito inicialmente de cariz teológico, que depois seria mobilizado pela pedagogia do Iluminismo – adquire no tempo de Mozart o seu significado enfático e autorreflexivo. A *Bildung* visa a proporcionar e gerar a singularidade de uma dada individualidade, mas sem prejuízo do entrelaçamento desta com a sociedade. [...] a *Bildung* visava à individualização e à singularidade daquele que tinha de se autoformar. [...] Assim, a *Bildung* visava a uma totalidade a ser alcançada processualmente, bem como à singularidade da pessoa que convive em liberdade com os outros. [...] Abarcando a razão e os sentidos, a *Bildung* incorporou o Iluminismo, mas fê-lo de modo a poder realiza-lo no plano individual da condução da vida pessoal.

Com tal explicação sobre a *Bildung*, ousou trazer para a realidade desta pesquisa: as mulheres militares são singulares por si só, com suas individualidades próprias por serem, também, civis, se misturando às demais pessoas moradoras da cidade, os, também, civis. Além disso, estão entrelaçadas a seus colegas de carreira por conta de suas atividades militares. Quando estão atuando como militares, possuem suas singularidades e individualizações em relação ao seu grupo profissional. Logo, a *Bildung* pode ser, a meu ver, usada para explicar sobre o profissionalismo militar, também.

Koselleck (2021) também fala sobre o conceito de espírito. Trago tal explicação, pois uma categoria nativa a qual ouvi em meu campo e também na literatura é o

chamado “espírito militar”: Castro (2021) e seu *Espírito Militar*, nome de seu livro; o *espírito de corpo* usado por Beattie (2009) e o *esprit de corps*<sup>43</sup> por Janowitz (1967). De acordo com Koselleck, o “espírito” aparecia muito na época da Revolução Francesa onde tratava do lado teológico em que abarcava natureza, sociedade, arte e história.

Dentro do Iluminismo, o conceito não se contaminou dentro do meio político e nem do eclesiástico. Foi através deste conceito (2021, p. 167): “[...] que conflitos puderam ser travados e solucionados, mas também harmonizados ou apaziguados. Tudo isso era abarcado pelo conceito do espírito que se deveria revelar historicamente e, a despeito de todas as alienações, se encontrar e aperfeiçoar, sempre de maneira singular.”

Outros autores falaram sobre o mundo militar fazendo referências às figuras femininas. Freyre (2019), em uma conferência dada em 1948 na, então, Escola de Estado-Maior do Exército, hoje Escola de Comando e Estado-Maior do Exército - ECEME - a convite do General Tristão de Alencar Araripe, falou sobre o mundo militar, e suas consequências, quando há um envolvimento em situações de cunho político, afastando-se de suas obrigações junto à pátria, em especial na defesa do território. O autor, trazendo uma alegoria de uma certa república, apontou um povo que tem como “mãe” a força militar por conta de os outros poderes permitirem que o Exército desse conta de tudo.

Segundo seu pensamento - apesar de justificar que por conta de nossa miscigenação social e cultural, vivíamos uma desordem em tamanho continental, na tentativa de atenuar os ranços deixados pelo processo de escravização de povos originários e de africanos - por aqui sempre operou um “*ethos* predominantemente cristão e lusitano” (2019, p. 31), o que vai ao encontro das análises de Caire (2002).

Freyre, ainda, falou sobre o papel do Exército no sentido de reproduzir termos como “pais”, “protetores”, “Marechal de Ferro” ou “de Aço” para além- muros da caserna, referindo-se que os portadores de tais conceitos seriam os cumpridores de regras, cabendo essas informações para apenas uma parcela da sociedade brasileira: aquela que mantinha a formação familiar patriarcal. E aqui, acrescento que se aplicaria apenas aos homens da referida sociedade, que pode-se chamar de uma elite.

---

<sup>43</sup> O trecho correspondente na tradução é: “espírito de corpo”.



Carvalho (2019) escreveu sobre gênero feminino e a ligação o mundo militar ao tentar narrar a história de um das Heroínas da Pátria<sup>44</sup>: Jovita Alves Feitosa, a qual queria lutar na Guerra da tríplice Aliança após saber sobre a violência a que as brasileiras estavam sendo submetidas pelos paraguaios. Dessa forma, o autor realiza a tentativa de trazer à tona a vida dessa jovem militar para a grande maioria dos brasileiros que não conhece, ainda, suas façanhas na defesa de nossa pátria.

Castro e Takahashi (2021; 2005) estrearam algumas análises de forma a “antropologizar e sociologizar” as relações entre os chamados meio militar e não militar, através de pesquisas acadêmicas. Castro (2021), que publicou pela primeira vez seu trabalho em 1990, em um momento de democratização nacional, após a saída dos militares do Poder Executivo, pesquisou os Cadetes da AMAN - Academia Militar das Agulhas Negras -, em Resende, município fluminense.

Na obra, trouxe questões que, segundo o autor, seriam responsáveis pela construção de uma identidade militar. Naquela época, apenas homens poderiam adentrar na Academia<sup>45</sup>. Atualizando seu estudo, Castro nos informa que tal situação foi alterada após a publicação da Lei 12.705, de 08 de agosto de 2012, pela ex-Presidenta Dilma Rousseff, ordenando que mulheres pudessem participar do ingresso à formação militarizada. Somente em 2017, entretanto, que tal lei foi respeitada e as mulheres realmente ingressaram na AMAN, tendo a primeira formatura mista em dezembro de 2021, a qual participei como convidada em uma das Tribunas de Honra e, assim, pude acompanhar toda a cerimônia<sup>46</sup>. Castro concluiu que sua pesquisa não poderia ser enquadrada como apenas um estudo das relações civis- militares.

A seu ver, a categoria “civil” era uma criação do mundo militar, o que concordo com o autor, sendo este o motivo do uso do termo “não militar” em toda esta tese. Para ele, sua pesquisa era uma contribuição antropológica sobre tais relações. Nesse sentido, me enquadro na visão de Castro, trazendo esta pesquisa no sentido de sociologizar as relações profissionais nas Forças Armadas brasileiras ao analisar as Oficiais.

---

<sup>44</sup> Já descrita no segundo capítulo.

<sup>45</sup> Em 1992, mulheres Oficiais ingressam no EB através de concurso público para fazerem parte do Quadro Complementar de Oficiais, o QCO, explicado mais detalhadamente no capítulo anterior.

<sup>46</sup> Isso será melhor relatado no capítulo três.

Takahashi (2005) analisou a Academia da Força Aérea - AFA - e a entrada de Cadetes femininas em postos até então ocupados por homens. Trazendo uma visão weberiana sobre relações de poder, bem como análises de Michel Foucault e Judith Butler sobre tais relações juntamente com a sexualidade e o gênero, Takahashi, por meio de entrevistas, traz uma realidade entre Oficiais mistos dentro daquela Academia.

Assim como Castro (2021), Takahashi salientou que os estudos sobre as instituições militares brasileiras se dava muito mais pelo viés político que pelo profissional, salientando que o estudo de Castro (2021) foi primordial no Brasil, tornando-se um marco teórico. Por isso, meu interesse em analisar as Oficiais pela profissão se torna único, já que trará mais dados sobre as Forças e seus dilemas profissionais de forma mais atualizada, associadas aos gêneros.

A autora verificou, em relação aos tipos de poder, um em particular: aquele sobre os corpos e sobre o desejo dos indivíduos, haja vista que os mesmos são submetidos a regras não encontradas naturalmente na sociedade não militar. A meu ver, por conta de obrigações, os e as militares são submetidos à disciplina, mostrando quem está apto a ser um “bom” ou “ruim” militar, podendo acarretar diferenciações no momento de sua ascensão profissional.

Para Takahashi, ao usar teóricos e teóricas para explicar sobre os gêneros, a pesquisadora ressalta acerca das análises em relação a comportamentos de um deles tidos como um “exemplo” sobre o outro (2005, p. 28):

O que há de interessante e criativo nos movimentos de liberação das mulheres segundo Foucault, são os objetivos econômicos e políticos que movimentam suas lutas contra uma forma particular de poder, de controle sobre elas. Por meio dos movimentos feministas, as mulheres estão conseguindo tirar proveito da sexualidade que procura sujeitá-las ao reinventar um tipo próprio de existência política, econômica e cultural. [...] Scott propôs desenvolver o termo "gênero" como uma categoria de análise, criticando o uso de representações sobre o masculino e o feminino que levam a construções muito subjetivas, bem como a fixação exclusiva sobre as questões relativas ao "sujeito". [...].

Tais análises da autora nos remete às questões dentro do ambiente militar, onde o ser masculino é visto como o líder sob todas as formas, já que, historicamente, tais corpos sempre ocuparam todas as posições e nunca foram questionados por suas más condutas. Takahashi salientou que a entrada das militares foi bem-vistas ao longo

de sua formação na AFA - mesmo que tenham ocorrido constrangimentos para ambos os lados, por conta de preconceitos isolados - onde houve uma percepção em relação ao aumento na qualidade profissional, já que as militares mostravam maior esforço para se destacarem na primeira turma de Cadetes femininos da Força Aérea Brasileira.

Martins (2015) analisou a formação de homens e mulheres na Escola de Aprendizes-Marinheiros de Santa Catarina - EAMSC-, onde trouxe relatos de entrevistas com Oficiais e Oficialas daquela Escola sobre profissão e gêneros. Martins confirma o que Holloway (1997) já havia escrito sobre as Forças Armadas e sua ligação com o Império brasileiro, tendo como intuito defender e proteger uma política voltada para o Imperador.

Ao citar como as companhias fixas para marinheiros foram criadas, Martins (2015) demonstra que, desde sempre, a entrada feminina sequer era questionada pelas Forças, inclusive pela Marinha. Importante ressaltar, de forma curiosa, que foi a Armada a primeira Força a ingressar mulheres em postos de Oficiais em quadros específicos. Seria por isso que foi a primeira, em uma tentativa de reparação histórica? Ou por ser a Força mais atenta às mudanças sociais e políticas que estavam caminhando pelo país? Ou seria apenas por vontade política do almirante Maximiano? Acredito que esta tese responderá às estes questionamentos ao longo de minha escrita.

Conforme Martins, para compor os quadros de graduação mais baixo na hierarquia, a polícia realizava, à noite, um “recrutamento” por desempregados, órfãos, rebeldes e miseráveis. Todos do sexo masculino. Em 1836, o então Ministro da Marinha, Salvador José Maciel, fez uma chamada apenas para “meninos” e “desocupados” (2015, p. 71) que não possuíssem renda ou outro meio de subsistência, justamente para serem educados dentro dos ideais da caserna a fim de atender a uma política de higienização social na recente República e completar o quadro de graduados - categoria nativa para se referir aos postos da base da pirâmide profissional da Força.

Já o quadro do oficialato era composto por homens de famílias de latifundiários, os quais reproduziam a cultura da sociedade escravagista que pertenciam - mostrando aquilo que Freyre (2019) já havia apontado - aplicando castigos físicos e práticas de humilhação à marinhagem. Por conta disso, ficava visível os abismos sociais na formação do corpo de profissionais da Marinha brasileira em sua criação.

Aqui, abro um parênteses, pois Martins falou sobre a criação da Marinha alinhado ao recrutamento de jovens órfãos para formar a base da carreira. E em relação às meninas órfãs? Alguma Força teve a preocupação em atrair estas jovens para a caserna? A resposta é não.

A fim de atender meninas órfãs de militares mortos em combate e dar uma educação profissionalizante, uma instituição foi criada através do Decreto nº 14.856, de 1º de junho de 1921, pelo então Presidente da República Epitácio Pessoa e seu Ministro da Guerra, o Marechal Hermes da Fonseca, para celebrar o Centenário do General Osório: “Crêa o Orphanato Osorio, desitnado<sup>47</sup> exclusivamente a prestar assistencia ás filhas orphãs de militares de terra e mar.” (BRASIL, 1921). Em 1994, por conta do General Zenildo de Lucena, então Ministro do Exército, a instituição tornou-se uma Fundação Pública: a Fundação Osório.

Vinculada ao Ministério da Defesa, através do Comando do Exército, em 2021, tal instituição celebrou seus 100 anos de criação na dedicação ao ensino de jovens, agora meninos e meninas dependentes legais de militares das três Forças e, havendo vagas e conveniência, aos dependentes legais de militares das Forças Auxiliares e de não militares. (SALGUEIRO, 2022).

As mulheres durante o Império no Brasil, ao gritarem “Viva a nossa Santa Religião!”, “Viva a Constituição!”, “Viva a Sua Majestade D. Pedro II!”, “Viva a Assembleia Geral Legislativa!” e “Viva o povo brasileiro!” nos discursos de abertura de exames públicos das escolas de primeiras letras mostravam que, finalmente, elas estavam tendo o espaço que queriam como alunas ou mestras, conforme analisou Jinzenji (2011, p. 80-81). Após a Independência, o Império queria fazer algo para tirar da ignorância a maior parte da população brasileira, tornando-se, desta forma, uma nação mais civilizada. E isso, incluía abrir vagas para as mulheres. Através da Lei de 15 de outubro de 1827, as mulheres - alunas e professoras - puderam ter acesso à educação formal. Em seu artigo 6º rezava que (BRASIL, 1827):

Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil.

---

<sup>47</sup> Erros de ortografia, bem como a grafia, são do texto original da referida Lei.

Entretanto, havia uma grande diferença entre o número de escolas para meninas e para os meninos. Jinzenji (2011) constatou que nas primeiras décadas do século XIX, só 8% do total de alunos era composto por meninas, sendo que, em 1889, no fim do período imperial, este subiu para 35%. Para muitas famílias, suas filhas estarem na rua em direção à escola poderia representar um risco de corrupção moral. Mas, o grande problema para as jovens da época era mesmo que suas atividades deveriam estar voltadas ao cuidado e à manutenção da família.

Jinzenji vai ao encontro de Oyěwùmí (2021), a qual explica que para aqueles que tiveram acesso a uma educação ocidental na Nigéria atual, há um pensamento comum de que pessoas femininas não possuem a mesma capacidade intelectual que seu pares masculinos, sendo, isso, parte do processo de colonização. A autora cita o Dr. T. Solarin, considerado o educador mais importante daquele país, o qual abordou as questões sobre as desigualdades entre os gêneros na educação. Fundador do Colégio Mayflower, tomou a iniciativa de torná-lo misto em 1958 e percebeu que os meninos tinham uma resistência em relação às meninas por acharem que elas não eram capazes intelectualmente de irem bem na escola como eles.

Segundo Oyěwùmí, muitos estudos ocidentais, ao analisarem outras sociedades partem do princípio do “raciocínio corporal” (2021, p. 47, grifo original), supondo que a biologia determinaria uma posição social. Para ela, “mulher” é uma categoria baseada no corpo e o raciocínio corporal seria uma abordagem cultural enraizada nas tradições europeias, em especial.

Os estudos de Zaluar (1985; 1991) são fundamentais para analisar os comportamentos militares, apesar de se reportarem a um outro tipo de violência: a urbana. Após ter analisado sobre o *ethos* masculino em seus estudos sobre violência nas cidades, em especial sobre as favelas cariocas, trago suas pesquisas por ter uma certa afinidade com meu tema. A autora analisou sobre o *ethos* masculino, predominante desde a mais tenra idade nos garotos daqueles locais. Para Zaluar (1991, p. 205), o *ethos* masculino expressa algumas diferenças entre os gêneros: as mulheres veem a rua como um local de perigo, quase um campo minado, diferentemente da casa, a qual é tida como um reduto para abrigo; para os homens, a rua é tida como um lugar desafiador em que podem colocar em prática a sua masculinidade:

Para as mulheres, a rua é mais claramente marcada pelo signo do malefício porque oposta à casa, construída simbolicamente sob o signo da proteção ao mais fraco e da cooperação e solidariedade entre os membros do grupo doméstico, ameaçando concretamente a sua já parca segurança e ainda mais a sua já precária paz. Para os homens a rua é perigosa e desafiadora ou atraente ao mesmo tempo; é o espaço onde se desenvolve outro ethos da masculinidade, muito mais devedor dos valores do mundo viril da força e da submissão do mais fraco. A caracterização do mundo da rua como o espaço do indeterminado, da ausência de regras e, portanto, da violência que favorece o mais forte é insofismável. Porém, contra ela, não fica apenas a casa, sua antônima e sua possibilidade de mediação e síntese, mas também a constituição de um outro espaço - o público - no qual os trabalhadores têm garantidos os seus direitos e a lei é igual para todos.

Importante ressaltar que, conforme o trecho acima, é no público que as relações de trabalho acontecem, local tido como “igual para todos e todas” e o lugar onde homens e mulheres deveriam se destacar pelo seu profissionalismo - ou pela falta dele - na execução das tarefas dadas. Entretanto, é nele que as mais diversas categorizações passam a estereotipar as profissionais, que vão desde aqueles relacionados aos atributos físicos femininos até a insinuações sobre suas capacidades cognitivas.

Ainda para Zaluar, devido a virilidade masculina ser algo incentivado desde a infância, meninos veem a rua como um ambiente propício para as brigas. Baseada nisso, a autora descreve o etos guerreiro (2001, p. 150), conceito explicado através de práticas internalizadas ao longo de processos de socialização e variáveis segundo a época e a classe social - ou também através do *habitus*, definido por Nobeit Elias (2001, 150):

[...] o etos guerreiro é aquele que designa os comportamentos que estimulam a alegria e a liberdade de competir para vencer o adversário, destruindo-o fisicamente, e o prazer de infligir dor física e moral ao vencido. Este etos teria sido ultrapassado no processo civilizatório ocorrido em algumas sociedades ocidentais, mas a possibilidade de retrocesso neste processo não pode ser descartada, visto que ele resulta da boa proporção entre o orgulho de não se submeter a nenhum compromisso exterior ou poder superior, típico do etos guerreiro, e o orgulho advindo do autocontrole, próprio da sociedade domesticada. Por isso não teria atingido com a mesma intensidade todas as pessoas, classes sociais ou sociedades. Onde o Estado nacional é fraco no monopólio da violência, um prêmio é posto nos papéis militares, o que termina na consolidação de uma classe dominante militar.

Indo ao encontro de Zaluar, as mulheres, mesmo sendo partícipes históricas de guerras, não poderiam pertencer à classe militar. Assim como foi a criação da Fundação Osório para “domesticar” as meninas órfãs, aos meninos, caberia sempre a luta corporal e a disputa pelos espaços de poder.

Carreiras *et al* (2020) analisou quais são as características sociológicas dos Cadetes das Forças Armadas portuguesas - Academia Militar, Escola Naval e Academia da Força Aérea - em um estudo realizado com todos os Cadetes, em 2016. Importante lembrar que Carreiras<sup>48</sup> tornou-se a primeira mulher Ministra da Defesa de Portugal, sendo uma socióloga estudiosa há mais de 30 anos sobre as Forças Armadas daquele país aliando questões sobre os gêneros.

Sua pesquisa apresentou que estudar o corpo de Oficiais portugueses, analisando uma proximidade ou distanciamento dos padrões sociais, tem sido um ponto permanente nos estudos sobre Forças Armadas daquele país. Segundo a pesquisadora, foi após a Segunda Grande Guerra que os sociólogos militares - como as abordagens clássicas de Janowitz e Huntington - focaram nas divergências e convergências entre as Forças e as organizações não militares em relação aos seus valores sociais, onde as questões voltadas para o profissionalismo foram tidas como de grande valia. Para Carreiras *et al* (2020), a presença das mulheres nas Forças portuguesas, em especial como Oficiais, é um dos mais sensíveis pontos percebidos no que diz respeito tanto pela equidade de gêneros dentro das Forças quanto pela convergência civil- militar. Após a Segunda Guerra, as mulheres passaram a ocupar posições dentro das Forças Armadas portuguesas, sendo a rotinização de sua presença vista de forma crescente junto ao público a às instituições.

Carreiras (1999) abordou a integração feminina nas Forças Armadas portuguesas no início da década de 1990, apontando uma mudança drástica em relação à participação em contextos militares deste grupo, historicamente falando. Em Portugal, ao contrário de outras nações ocidentais tidas como democráticas<sup>49</sup>, as militares ingressam em 1988, em um curso de Pilota na Academia da Força Aérea. No final de 1991, 56 recrutas - entre 239 candidatas - estavam aptas para prestarem

---

<sup>48</sup> Tive a honra de conversar com a Ministra em um evento militar daquela país, onde apresentei uma palestra sobre nossas mulheres na guerra pela independência política de Portugal.

<sup>49</sup> Apresento, nessa tese, que em outros países ocidentais, desde a década de 1940, mulheres passaram a ter acesso ao mundo militar dentro de grupamentos específicos, porém, longe de participarem das Academias.

o serviço militar de forma voluntária. Em 1992, o Exército - que já possuía Oficiais como médicas e farmacêuticas - aceitou 34 jovens mulheres, abrindo, ainda, vagas para a Escola de Sargentos do Exército e da Academia Militar, a fim de formar Cadetes femininos. Em dezembro de 1992, a Marinha portuguesa recrutou um contingente de 80 vagas femininas.

Mas, a discussão sobre a inserção de mulheres nas Forças Armadas portuguesas não se deu de forma simples. Um debate nacional envolvendo associações que representassem os direitos das mulheres portuguesas, bem como partidos políticos ocupantes do parlamento, foi realizado. A ideia era de evitar que a entrada do “cidadão do sexo feminino” (1999, p. 89) fosse reduzida às posições que, historicamente, remetesse ao cuidado: cozinha e/ ou limpeza.

Durante a discussão em Portugal sobre a inserção voluntária de mulheres nas Forças Armadas, o grupo intitulado “Comissão da Condição Feminina” defendeu a ideia de as Oficiais chegarem às Escolas Superiores Militares, bem como em todos os postos de chefia “de modo a que a extensão do serviço militar às mulheres não venha a traduzir-se num acantonamento na linha dos ‘tradicionalmente femininos’ [...]” (CARREIRAS, 1999, p. 87). Já o grupo “Intervenção Feminina” defendeu a negação da obrigatoriedade do serviço militar às mulheres, e, juntamente com a “Liga dos Direitos das Mulheres”, a necessidade de respeito à vontade das mulheres dispostas a ingressar na caserna, disponibilizando informações sobre defesa e organização militar, a fim de que pudessem opinar sobre. Outro grupo, o “Movimento Democrático das Mulheres”, criticava a própria instituição militar sobre as posições históricas que empregou o uso do grupo feminino sempre em Missões de Paz e para fins de diálogos.

Carreiras afirma que, naquela época, havia uma preocupação bastante grande da imagem que as Forças Armadas portuguesas representavam para a população, a qual tinha uma ideia crítica da instituição, especialmente entre os mais jovens. Por isso, criar uma nova concepção do serviço militar português era uma tentativa de reverter não apenas os significados técnicos, estratégicos e materiais, mas o simbólico, incluindo conceitos como modernização e profissionalização. Logo, a “exclusividade masculina da instituição militar” (1999, p. 88) portuguesa chegava ao fim. Será que no Brasil, durante o processo de inclusão de mulheres nas FA, houve tal visão por parte de nossos Oficiais? Realizando esta pesquisa, acredito ter chegado próximo a uma resposta.



Uma das oposições trazidas por Carreiras (1999) foi em relação às percepções dos Oficiais sobre o ingresso feminino nas Forças: apesar de a maioria deles se mostrar favorável não apenas à entrada desse grupo, mas que fossem distribuídas de forma mista e não em unidades exclusivamente femininas, por outro lado, nem todos acreditavam que as Oficiais pudessem participar de missões especiais ou combates, além de alegarem que o grupo enfrentaria maiores problemas na Marinha e, principalmente, no Exército, sendo menos afetadas na Força Aérea.

Por aqui, também ouvi de meus interlocutores homens a respeito sobre as mulheres nas Forças Armadas brasileiras e seu papel em atividades estratégicas e diretamente voltadas para a atividade-fim das Forças e para guerra. De algumas mulheres, também.

Carreiras (2004) ao analisar as mulheres em locais onde são ocupados por homens, como nas FA, traz à tona o conceito de *token*, onde um grupo é subrepresentado quando há menos de 15% do total. Por serem vistos muito mais como representações minoritárias que propriamente como indivíduos profissionais, acabam gerando sentimentos negativos nas relações laborais como (2004, p. 94): “pressões no desempenho devido à sua elevada visibilidade, isolamento social resultante do exagero da sua diferença pelo grupo dominante e, ainda, [...] um processo de estereotipização, assimilação da pessoa ao papel que desempenha.”

Ainda na visão da autora, a questão do *token* seria uma exageração das diferenças, onde o grupo em evidência perante o dominante não sabe como deve se comportar. Por conta disso (2004, p. 95):

[...] constroem e ampliam fronteiras de cuja existência provavelmente não se apercebiam antes. Nesta medida, determinados elementos partilhados da cultura dominante (por exemplo, no caso da masculinidade, exibições de potência e agressividade) são enfatizados em contraste com o *token*, como uma forma de reafirmar entendimentos intragrupais ou asseverar a solidariedade do grupo.

Há, ainda, um processo chamado “efeito de encapsulação”, no qual os dominantes se utilizam de estereótipos que servem para se adequarem às generalizações dentro da categoria que estão inseridas. Por isso, o subgrupo *tokenista* fica “encapsulado” em determinados papéis sociais mas, mantendo-se na interação grupal.

Dentro desse processo de marginalização de corpos, ocorre a estereotipação masculina, onde a combatividade, o poder decisório ou a força física ficam em oposição às características tidas como femininas: reações emocionais, poder físico mais fraco e fragilidade. Carreiras percebeu que há, ainda, uma rejeição em aceitar mulheres militares como colegas de carreira, haja vista os homens se sentirem ameaçados no que diz respeito a uma perda de seu prestígio ou de sua remuneração.

Para a autora, analisar estes processos apenas visando as militares como afetadas é enxergar uma parte da realidade social. Quando existe segregação sexual nas carreiras, precisa-se entender o que afasta os homens daquelas tidas como femininas, bem como quais fatores afastam as mulheres das tipicamente masculinas. Por isso, seus trabalhos visam analisar os valores e as representações que as militares estão agregando nesse mundo militar, onde a leva a questionar sobre os problemas sentidos pelas profissionais militares ao construírem suas identidades na caserna, bem como entender como são criadas as estratégias de integração.

A autora cita que há uma diversidade entre os países no que diz respeito à integração das militares, já que uns integram de fato, ou seja, investem na formação enquanto outros oferecem a elas locais profissionais simbólicos: (2011, p. 98):

A diversidade entre os países é também muito evidente: enquanto alguns integraram as mulheres, conferindo-lhes um acesso real (e não apenas formal), outros reservam-lhes lugares meramente simbólicos. São lugares meramente simbólicos. Entre casos de extrema sub-representação numérica, segregação do treino e severas restrições funcionais, até casos de ampla representação, padrões de carreira abertos, treino integrado e acesso a papéis de combate, existe uma pluralidade de situações intermédias.

Para Carreiras, existem dois fatores que auxiliaram no recrutamento feminino nas FA: um, voltado às questões culturais e sociais e outro, à participação das mulheres no mercado de trabalho, especialmente em meados do século XX (p. 99- 100):

Referimo-nos à transformação, acentuada para a partir de meados do séc. XX, do modelo de participação social e política das mulheres, a sua entrada no mercado de trabalho e as pressões democráticas no sentido de valores igualitários e maior equidade; por outro lado, com uma influência bastante mais directa, transformações no seio da própria organização militar, decorrentes do final da Guerra Fria: mudanças tecnológicas, inversão do rácio entre funções de apoio e de combate, fragmentação e

especialização ocupacional, fim dos exércitos de massa, constituição de forças voluntárias, profissionalização e redução dos contingentes e ainda transformação das relações de força no plano internacional. Todas essas mudanças determinaram a necessidade de pessoal mais qualificado e sublinharam a dependência da instituição militar face à sociedade em que se insere.

Para a autora, o segundo fator seria o mais relevante já que envolve não apenas maior participação no mercado formal de trabalho, bem como na economia, transformando, inclusive, a área militar mais compatível no que diz respeito à aceitação de mulheres nas corporações.

Por fim, Carreiras acredita que o ingresso das mulheres nas Forças Armadas continuará, por um bom tempo, sendo uma questão controversa dentro dos estudos das instituições militares. Assuntos como alistamento militar, direitos à cidadania e mobilização das pessoas em tempos de guerra transformam-se em conflitos políticos. E isso se estende nos debates em relação aos sentidos culturais sobre gêneros dados dentro da caserna.

Analisando os estudos de Carreiras, evoco o que Liu (2020) chamou de *dirty work*<sup>50</sup>, ou seja, trabalhos menos reconhecidos social e economicamente falando, na tentativa de evitar o que chamaria de um **script genderizado militar**.

Liu (2020) analisou a tese de pureza descrita por Andrew Abbott, na década de 1980, no âmbito profissional, citando, em contrapartida, cinco tipos delas no trabalho: a impureza na *expertise*, nas jurisdições, nos clientes, nas organizações e na política, trazendo à tona a existência de um certo tipo de realização de trabalho: o “trabalho sujo”. Baseado em autores da Escola de Chicago, o autor alega que tais impurezas estão diretamente ligadas ao *status* profissional, podendo dar àqueles que executam as tarefas tidas como “sujas” um maior ou menor prestígio, mesmo eles gostando ou não de executarem-nas. O “trabalho sujo” estaria, dentro dessa lógica, ligado a algo não profissional, sendo uma condição onipresente no campo das relações laborais. Por isso, o autor pretendeu entender sobre como as impurezas no trabalho podem auxiliar a sociologia das profissões a se distanciar de um ideal profissional para entender de forma mais pragmática as relações profissionais.

Liu não tenta fazer uma abordagem empírica com dados sobre a tese de pureza de Abbott, mas, uma crítica, ao direcionar seu olhar para as impurezas. Para o

---

<sup>50</sup> O trecho correspondente na tradução é: “trabalho sujo”.

sociólogo, enquanto a pureza seria uma construção teórica que prescreve um ideal, a impureza seria um conceito mais pragmático para descobrir os fatos sociais que estariam por debaixo disso, caminhando, então, para compreender melhor sobre a natureza do profissionalismo, *status* e ética.

De acordo com Liu, os estudos sobre profissões se estagnaram no século passado desde os escritos precursores como Eliot Freidson, Terence J. Johnson Magali Sarfatti Larson e Andrew Abbott, considerando os anos entre 1970 e 80 como a “época de ouro” da sociologia das profissões. Para ele, Abbott acreditava que o *status* intraprofissional seria uma função de pureza mais forte a ponto de um profissional acabar excluindo questões não profissionais.

Além disso, para Abbott, o *dirty work* não era, necessariamente, ligado a trabalhos moral ou fisicamente condenados no mundo social, como a prostituição ou a um recolhedor de lixos, mas aqueles onde o profissional estaria mais em contato com seu público-alvo, como uma Oficiala ao atuar em um hospital para tratamento de militares com problemas psiquiátricos, por exemplo - já trazendo para meu objeto de estudo.

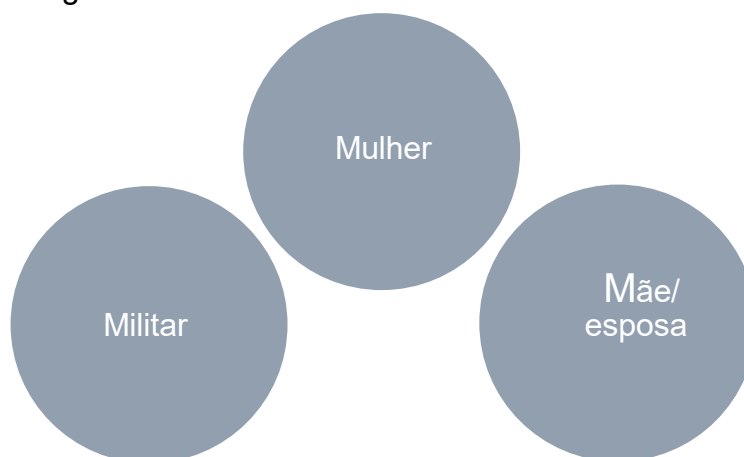
Liu, ainda, ao trazer a teoria de Pierre Bourdieu sobre campos e sua descrição em relação à interação entre eles, analisa que tal estudioso aponta de forma rasa os espaços entre os campos ou como eles se relacionam entre si e com outros. Por isso, Liu lançou estudos sobre o *between*<sup>51</sup>, onde, através de uma abordagem simmiliana da Sociologia formal, mostra que devemos olhar não apenas para uma área, mas para um todo, a fim de entendermos um contexto específico. O autor traz, ainda, que estes “entre espaços” podem ser entendidos através da heterogeneidade e da distância. Por isso, trazer Liu para esta tese me auxilia em pensar como o *between*, bem como o *dirty work* ocorre dentro das FA envolvendo as Oficialas.

Usando as abordagens de tal autor no que diz respeito ao “entre espaços”, fiz a seguinte comparação, de forma despretensiosa, na tentativa de ilustrar sua posição: na visão de Bourdieu, segundo Liu, os campos não se entrecruzariam, fazendo que as pessoas possuíssem uma ou outra função dentro da sociedade, a partir de uma determinada realidade. Exemplifico da seguinte maneira: uma Oficiala das Forças Armadas brasileiras, aos olhos de Bourdieu, seria, na sociedade, uma mulher; em sua instituição, uma militar e fora da caserna, um mãe ou esposa.

---

<sup>51</sup> O trecho correspondente na tradução é: “entre”.

Figura 6 – Quadro conceitual conforme Bourdieu



Fonte: A autora, 2023.

Para Liu, o “entre” deveria estar sob análise justamente porque não funcionamos de forma individual na vida real; apesar de sempre estamos atuando em papéis principais, nunca deixamos os papéis secundários de lado. Logo, exemplificando, novamente, de forma desenhada, dentro do raciocínio apresentado acima, a apresentação nova seria: uma Oficiala, em seu ambiente de trabalho, ao receber um telefonema que sua neta acaba de nascer, mostra seu lado maternal. Ou seja, os três campos se entrecruzam obrigatoriamente, não separando a mulher social da militar profissional, nem da mulher pessoal:

Figura 7 – Quadro conceitual conforme Liu



Fonte: A autora, 2023.

Portanto, para Liu, há integração e interação entre os espaços sociais, as quais mudam com o passar do tempo. Através de uma heterogeneidade, o “entre espaços” pode se tornar simbiótico oupositor, a depender de seus atores, podendo, ainda, se afastar ou se aproximar. Assim como o autor, tentei fazer um quadro conceitual simples para se pensar, e tentar entender, as relações existentes entre os espaços sociais. A partir do momento em que há, ao menos, dois espaços interagindo, devemos levar em conta os agentes que estão se movimentando entre eles e através deles.

Uma de muitas perguntas que respondi ao longo desta pesquisa em campo era sobre se eu entrevistaria a única Ministra do Superior Tribunal Militar - STM. Por isso, faço uma breve descrição sobre ele. Tal instituição trata especificamente de crimes militares das Forças Armadas<sup>52</sup>. Sua história aparece nos estudos de Peter Beattie (2009), o qual nos apresenta informações sobre o sistema de justiça militar brasileiro, surgido em 1808, quando dom João VI organizou um alto comando militarizado no Rio de Janeiro: o Conselho Supremo Militar de Justiça - CSMJ.

Tal órgão revisava as decisões tomadas pelos Conselhos de Guerra locais, dando uma certa regulação à justiça militar. Conforme Beattie, dentro do direito militar regiam o Código de 1710, o Código do Conde de Lippe de 1763, as Ordenações de 1805 e o Código Imperial Criminal de 1830. Logo, ao tornar-se um militar, o cidadão ficava sujeito ao foro militar, sendo um sistema legal à parte. Tal foro era tão abrangente quanto ao *fuero militar* da América espanhola, isolando o soldado das jurisdições não militares. Para o autor, foi somente após a abolição formal da escravidão e durante a transição do Império para República que reformas judiciais mais sérias ocorreram no âmbito da Justiça Militar, em especial no Exército. Em 1893, O CSMJ foi dissolvido por Floriano Peixoto, sendo criado o Supremo Tribunal Militar.

Para o autor, sua formação era mais especializada, embora as reformas republicanas não tenham sido suficientes para alterar o espírito autoritário da Justiça Militar. Mas, serviram para organizá-la melhor: além de estipular que ao ser constatado um crime, haveria a formação de um conselho de guerra formado por Oficiais, houve uma alteração na formação. No extinto CSMJ havia três juízes; já no recém criado STM, havia 15 membros nomeados pelo Presidente do Executivo, sendo o Exército a Força com mais indicados (8), seguido da Marinha (4), sendo as outras

---

<sup>52</sup> O STM não é independente às revisões do Supremo Tribunal Federal, tendo que manter os preceitos constitucionais em suas decisões.

três vagas de Magistrados não militares ou paisanos - para usar a categoria de meu campo de pesquisa.

Atualmente, o STM possui em sua composição, uma única integrante do sexo feminino, sendo isso destacado pelos meios de comunicação e pelas Forças militares brasileiras. Porém, a mesma não possui patente militar, sendo, então, uma juíza não militar e cujo cônjuge é um General de Divisão. Sua nomeação veio do, então, Presidente da República à época, Luiz Inácio Lula da Silva, para ocupar uma das vagas destinadas para um não militar, conforme a regra daquela Corte.

Por isso, meu interesse em conversar com a Ministra para fins desta pesquisa foi excluído. Entretanto, em uma de suas entrevistas publicadas<sup>53</sup>, indo de encontro a alguns autores aqui trazidos, a Ministra fez questão de promover a diferença entre militares e não militares, alegando que por serem integrantes de um mundo “diferenciado”, os “desiguais exigem tratamentos diferentes<sup>54</sup>”, afirmando, ainda, não haver nenhum tipo de corporativismo dentro do STM, contrariando os estudos de Huntington (1996).

Rebatendo as declarações da Ministra, trago Janowitz (1967), o qual salientou que aqueles que acreditam que as Forças Armadas não são um grupo que, a todo o momento, pressiona de forma efetiva os órgãos governamentais, cometem um erro político, bem como considera que a profissão militar não difere de outras profissões no sentido de atingir resultados através do esforço de um conjunto entre seus integrantes. Para Beattie (2009), tal Corte sempre manteve uma fachada de imparcialidade judicial.

Por último, falo sobre minha dissertação de mestrado, em que nela analisei como os defensores e defensoras públicas cariocas percebiam os gêneros nos postos de trabalho, mesmo sendo todos servidores públicos de carreira com a mesma função. Como altera a Gestão por meio de eleições, a cada troca, há mudanças em cargos de chefia de acordo com o perfil do novo Defensor- Público Geral. (LOSS LEITE, 2020)

As análises se deram pelo viés do profissionalismo - dos estudos da Escola de Chicago - e como isso credenciava menos as defensoras públicas que os seus colegas masculinos no que dizia respeito a galgar postos de maior *status* corporativo.

---

<sup>53</sup> Para ver na íntegra, acessar: <https://www.conjur.com.br/2010-jan-31/entrevista-maria-elizabeth-rocha-ministra-superior-tribunal-militar>.

<sup>54</sup> Sua frase lembrou muito o que disse Rui Barbosa em sua Oração aos Moços.

Usando conceitos como *script* sexuado de carreira, *expertise*, sistemas credenciais e outros, concluí que a categoria jurídica *gênero* era percebida, tanto por homens quanto por mulheres na Defensoria Pública, atrelada às mulheres tidas como hipossuficientes, para usar termos deste ramo de estudos (LOSS LEITE, 2020, p. 92):

Por fim, minha hipótese de que haveria diferentes percepções de gênero no âmbito da Defensoria Pública foi confirmada, muito embora tenha havido por parte dos entrevistados todo um esforço narrativo na tentativa de ocultar tal dado. O sentido dado à palavra gênero pelos defensores públicos por mim entrevistados pode estar associado ao sentido dado pelo próprio Direito para tratar de assuntos voltados para crimes contra as mulheres. E aos associarem gênero às questões jurídicas, os entrevistados se remetiam à ideia de hipossuficiência e vulnerabilidade, ambas categorias utilizadas como um binômio na aplicação da Lei Maria da Penha. Logo, para os profissionais da Defensoria Pública carioca, mobilizar a categoria gênero seria mobilizar este binômio, não havendo, portanto, nenhum tipo de identificação com estes profissionais.

Para esses profissionais, o gênero feminino estava voltado para as questões de crimes contra as mulheres, sendo então, que a categoria profissional estudada não poderia se enquadrar na categoria analítica, haja vista as diferenças sociais, econômicas e políticas entre as Defensoras Públicas e as mulheres vistas pelo sistema de justiça dentro do binômio vulnerabilidade e hipossuficiência. Logo, para tais profissionais, serem questionados sobre perspectivas de gêneros na profissão soava estranho aos seus ouvidos, já que gênero possuía um outro viés.

Além disso, por conta de uma neutralidade profissional, as Defensoras Públicas tornavam-se menos aptas para desempenhar determinadas funções dentro da instituição, onde a justificativa era de que elas estariam mais preocupadas com seus afetos e suas vidas pessoais, mesmo que nas narrativas a mim cedidas tenham aparecido a mesma ambição e vontade de ocupar cargos importantes da mesma forma que seus colegas homens. Ao abordar o conceito de *script* sexuado de carreira, demonstrei que mulheres daquela carreira pública demoravam mais para ascender em seus postos profissionais, muitas vezes sendo levadas a abandonar seus sonhos pessoais em prol de uma oportunidade.

Ressaltei que as profissionais deveriam, sempre, se mostrarem disponíveis, diferentemente de seus colegas masculinos, a fim de comprovarem suas competências. Logo, o *script* sexuado de carreira agia como uma barreira para a



progressão feminina, bem como uma falta de credencial no que dizia respeito ao trabalho realizado por mulheres, haja vista que as mesmas sempre eram destinadas aos trabalhos voltados ao cuidado, como as Varas de Família, do Idoso ou para atuarem como Secretárias de um Núcleo chefiado por um Defensor Público. Será que tal fenômeno também ocorre nas Forças Armadas com as Oficialas? Afinal, o *ethos* militar traz consigo a masculinidade hegemônica, onde a bravura, a coragem e a agressão de um mundo masculinizado se opõem ao suposto mundo do pacífico e do frágil, tidos como do ambiente feminino.

Não pretendo, nesse capítulo, exaurir a literatura nem descartar outras que julgue pertinente a este trabalho, ao longo de seu desenvolvimento. O que não pretendo é utilizar, de forma similar, literaturas que já foram amplamente utilizadas e que, aqui, em nada acrescentariam.

## 2.2 Considerações sobre o capítulo

Ao analisar os textos acima, pode-se chegar a alguns pensamentos sobre o entrecruzamento dos gêneros, o ambiente militarizado e a carreira militar. Percebe-se que, apesar de as mulheres terem sido preteridas nas Forças Armadas, inclusive no Brasil, tal grupo sempre esteve presente na história das corporações ao redor do mundo, porém, de forma voluntária, já que o serviço militar, por lei, não é obrigatório. Nos mais diferentes postos, sua presença sempre se deu de forma profissional, trazendo diversos debates que até hoje geram polêmicas dentro das próprias instituições, como foi o caso de Virginia Hall (PURNELL, 2021). Os estudos aqui apresentados demonstraram diferentes perspectivas sobre o universo militar e sobre a criação de uma identidade ligada à honra, ao respeito e à disciplina, sem esquecer das relações entre os gêneros. Acredito que eles poderão me ajudar a entender melhor as narrativas das entrevistadas, bem como as diversas situações militares que me foram relatadas.

Viu-se, através da criação da Fundação Osório que, diferentemente dos estudos de Martins (2015), às meninas não caberia trazer ensinamentos da caserna, mesmo aquelas sendo pertencentes às famílias militares. A ideia era oferecer uma educação voltada à uma profissionalização aos moldes daquela época, a fim de

introduzir ao mercado de trabalho mulheres para atuarem como Secretárias ou Auxiliares Administrativos, oferecendo curso de datilografia, por exemplo.

Ao trazer Mosca e Bouthoul (1975) mostrei que na França, o ensino dedicado às meninas era semelhante, não oferecendo uma qualificação boa mas, por conta da religião, deveria prepara-las para serem boas esposas. Além disso, tais autores expuseram, através do código napoleônico, que caberia às mulheres serem inferiores juridicamente, assim como apresentei em Lage e Souza (2019). Vale lembrar que o voto feminino no Brasil foi estabelecido em 1932, durante o Governo Provisório de Vargas, o mesmo que, em seu Estado Novo, formalizou a profissão de enfermagem e enviou mulheres para a Itália como socorristas médicas durante a Segunda Guerra.

Olhando para os estudos de Caire (2002), pode-se comprovar que em períodos de conflitos, o chamamento ao grupo feminino é feito. Nas guerras atuais - Ucrânia e Rússia e Israel e Palestina, com o Grupo Hamas - temos, em ambos os exércitos, a presença de mulheres segurando em armas a fim de proteger os solos de suas pátrias.

Para Janowitz (1967), a profissionalização do quadro de Oficiais é mais que seguir uma carreira até o fim: é transformar aqueles que percorreram as Academias em aptos a entender a importância de comandar e de chegar ao Generalato. Seria esta a razão de ainda não se ter uma Generala no EB, já que a primeira turma mista se formou na AMAN em 2021? Ou apenas Contra- Almirantas de Corpos Especiais na Marinha (2 médicas e 1 engenheira), já que nenhuma passou pela Escola Naval? E do mesmo modo na FAB, onde uma Major- Brigadeira (médica) ascendeu não sendo oriunda da AFA? Estas mulheres, mesmo estando em posições do mais alto escalão militar, não possuem a chance de chegar a postos mais acima por conta da limitação de serem oriundas de Quadros e Corpos específicos.

Ainda, analisando os estudos de Janowitz, podemos ver que os quatro elementos citados pelo autor foram usados para excluir as Oficiais da carreira militar - ou, ao menos, serviriam como justificativa para exclusão, em um primeiro momento -, haja vista que mulheres não poderiam ser “cavalheiras”; serem fiéis ou fraternas, pois, à boca pequena “mulheres são inimigas entre si” e não poderiam buscar a glória já que não frequentariam o teatro de operações bélicas. Será que no mundo militar brasileiro houve tais adaptações citadas por Janowitz, no que diz respeito ao ingresso das oficiais?

Importante destacar que sobre a honra profissional, conforme o autor, pelo fato de possuir tradições aristocráticas, esse tema teve que se adaptar às realidades

estadunidenses, já que tal sociedade se vê como uma nação comercial e pacifista, não cabendo qualquer tipo de discurso sobre veneração a guerras por si mesmas.

Entretanto, algumas figuras militares declararam que a guerra seria boa: o General Chaffe - que combatia indígenas “à moda antiga” daquele país e que alcançou o posto de Chefe do estado-maior - declarou que “Uma luta justa ocasional é bom para uma nação. Fortalece a raça (...). Se a guerra cessar de todo, **uma nação se afeminará.**” (JANOWITZ, 1967, 220, grifo meu). Partindo dessa declaração, a qual está dentro do contexto estadunidense pós a Segunda Grande Guerra, me remeto aos meus estudos sobre as Oficiais brasileiras das Forças Armadas e em que locais profissionais elas são encaixadas. Será que nossas Forças também pensariam desta forma e por conta disso as Oficiais não assumem postos estratégicos ou, até mesmo, as linhas de frente, em caso de um confronto bélico?

Ao analisar as categorias de Beattie (2009), percebo que recai às mulheres militares tais afirmações de falta de honra, já que, por conta de uma estrutura física menos favorecida de músculos, as mesmas seriam passíveis de chacotas sobre serem mais fracas. Talvez, por esta razão que muitos Oficiais me diziam que mulher não deveria estar nas Forças Armadas, bem como o Oficial disse à Sueth (2016) sobre “perder o verniz.”

Vou ao encontro de Lage e Souza em relação às questões jurídicas: por aqui a herança europeia auxiliou a construir o entendimento da função da mulher na sociedade brasileira, onde a mesma não poderia atuar em campos que não fossem voltados para a religião, educação ou saúde, em especial em trabalhos ligados ao ramo militarizado. Atualmente, mesmo tendo mulheres nas corporações militares, elas, ainda, realizam trabalhos burocráticos e administrativos, bem como ligados à saúde. Conforme Huntington (1996), ao oficialato compete possuir destreza intelectual através de estudos intensos.

Assim como os médicos ou como os advogados, um militar não deve ser um “homem de gabinete” (p. 33), devendo tratar com pessoas constantemente. Sua competência profissional é testada através da aplicação de seus conhecimentos técnicos dentro do contexto humano e seu comportamento, no interior da caserna, é comandado pelos regulamentos, costumes e tradições.

Entretanto, rebato Zaluar (1985; 1990) ao abordar sobre o ethos militar, onde a bravura estaria relacionada a um corpo masculino: ao trazer a existência das

amazonas<sup>55</sup> (LOSS LEITE, 2021), demonstro que não seria bem assim a oposição entre os corpos. Aquelas guerreiras decepavam um seio para poder usar o arco de forma melhorada, já demonstrando táticas de guerra adaptadas.

Ainda, controlavam sua reprodução e não se casavam, haja vista que se deslocavam muito entre os territórios, sendo vistas como o oposto do arquétipo das gregas. Por conta disso, foram tidas como párias da sociedade, vivendo nas fronteiras, com suas imagens associadas à de mulheres não femininas, o que levou a associá-las a mulheres destemidas e guerreiras. Desta forma, destaco que as mulheres podem exercer papéis tidos como masculinos, inclusive nas guerras.

Concordo com os estudos de Liu (2020; 2021) onde interpreto o *dirty work* da seguinte maneira: será que a entrada das mulheres nas instituições militarizadas se deu por conta de as mesmas serem as escolhidas para realizar aquelas funções tidas como não profissionais ou de menor prestígio: atendimentos médicos em áreas ou alas mais complexas, psicologicamente falando, acompanhamento de os Oficiais do alto escalão das Forças a eventos mais prestigiosos ou ficar responsável pelos cuidados com o rancho - local onde ocorrem as refeições -?

Será que, por conta de sua Arma, Corpo ou Quadro original, sua imagem como uma Oficiala é vista em segundo plano, ou seja, de forma menos prestigiosas, levando a serem vistas como um *dirty work* para os militares? Ou seria para mostrar que as instituições militarizadas podem “purificar” alguns membros da sociedade, inclusive mulheres, as quais, ao realizarem determinadas tarefas ou perceberem atitudes adversas nas Forças, por conta do *status* intraprofissional, acabem, muitas vezes relevando-as, haja vista que o espírito grupal entre tais profissionais deverá falar mais alto, conforme ditou Huntington?

Assim como Liu, também acredito que ao escrever a história de um espaço social, passo a acompanhar as movimentações, as trocas e outros processo de interação nas fronteiras, realizadas pelos atores sociais. Por isso, trouxe seus estudos para a presente tese, onde a ideia de pureza e impureza, honra e outras categorizações dentro da realização de atividades militares me auxiliarão a entender as relações profissionais, militarizadas e de gêneros dentro das FA brasileiras.

---

<sup>55</sup> Fui vencedora da 3ª edição do Prêmio INBRADIM (Instituto Brasileiro de Estudo e Pesquisa de Direito Militar) de produção filosófico- científica/2021 Príncipe Regente Dom João, onde apresentei um trabalho sobre mulheres nas guerras.

Utilizo o pensamento de Schucman (2006), a qual pesquisou a formação de uma identidade judaica em Florianópolis, que diz que toda a pesquisa possui um método e este deve estar ligado ao nosso objeto de estudo, bem como ao nosso referencial teórico. Por isso, apresentei tais escolhas teóricas, aqui, brevemente, colocadas. Concordo, dentro desse raciocínio, com Oyěwùmí (2021) no que diz respeito a não ter “perguntas certas” ao se fazer uma pesquisa acadêmica.

Trouxe, de forma resumida, algumas referências para dialogar com esta pesquisa estudos abrangendo carreiras, mundo militar e gêneros. Apesar de terem outros autores que tangenciaram os temas, ou apenas escreveram sobre um deles, não há a possibilidade de se abordar todos nesse estudo.

Todas as vezes que, ao me dirigir a um oficial homem - já que grande parte das entrevistas, até então, foram indicações de um oficial masculino - e falar sobre minha pesquisa nas Forças Armadas, explicava que iria abordar as oficiais dentro de uma visão profissional e militarizada. E após tal explicação, minha presença como pesquisadora era mais aceita. Porém, era comum eu ouvir: “*Mas, nas Forças Armadas todos as mulheres são muito bem tratadas, não temos este tipo de problema*”, não entendendo o porquê de se fazer referência ao sexo feminino à geração de algum tipo de problema dentro das chamadas Organizações Militares, lembrando dos estudos de Carreiras (1999). E isso me deixava muito atenta.

Ao trazer as referências acima, tentei mostrar que, ainda, tem-se um espaço a ser estudado no que diz respeito às mulheres militares e suas carreiras. Por isso, escolhi tal tema de pesquisa. A História parece fazer questão de apagar a existência de militares que fizeram a diferença, seja na MINUSTAH, seja na Segunda Grande Guerra. Apesar de Sueth (2016) demonstrar fotos de militares atuando no Haiti de forma pacífica, soube, através de fontes confiáveis e privilegiadas ao longo deste campo, que as militares faziam serviços de tradução entre as forças oponentes no conflito, no sentido de auxiliarem no cessar do mesmo. Ainda, também estavam aptas a atirar a qualquer momento, já que portavam armas e estavam preparadas para tal, caso necessário fosse, bem como bebiam cervejas como qualquer outro militar, em raros momentos de descontração.

Por fim, ao trazer minha dissertação de mestrado e sobre a atual gestão da Defensoria Pública carioca, a qual foi alterada após a publicação de meu trabalho, reforço que uma pesquisa de relevância social alta acaba gerando impactos e resultados positivos na sociedade: a Defensoria Pública nomeou a primeira Chefe do

Núcleo Criminal em 2020. Em 2022, ocorreu a primeira eleição para Defensor- Público Geral onde havia apenas chapas contendo mulheres concorrendo entre si, sendo, assim, eleita, bem como nomeada, a primeira Defensora- pública Geral desde sua criação<sup>56</sup>.

---

<sup>56</sup> Ver mais sobre em: [Defensoria Pública do Rio de Janeiro \(rj.def.br\)](http://Defensoria Pública do Rio de Janeiro (rj.def.br))

### **3. A FORMAÇÃO DE UM CAMPO DE PESQUISA NO AMBIENTE DAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS**

Neste capítulo, trago algumas incursões em forma de escrita para demonstrar meu papel como pesquisadora, mulher, não militar, acadêmica e mãe e de que forma essas categorias impactaram no meu ingresso ao campo de pesquisa, bem como junto aos meus interlocutores e interlocutoras, auxiliando na realização de entrevistas e interações. A ideia é de mostrar que todas elas, de certa forma, me aproximaram de meu objeto social, este, ainda, pouco estudado no Brasil pelo olhar do entrecruzamento da profissionalização, gêneros e do meio militar, bem como a forma que usei uma metodologia para realizar tal estudo.

Tais situações vivenciadas me fizeram refletir sobre o papel esperado de uma mulher militar, haja vista que o objeto em estudo são as mulheres das elites das Forças Armadas brasileiras. Aqui, não estão disponíveis trechos de entrevistas mas, interações que ocorreram durante minha estada em campo com algumas reproduções de falas, a fim de aproximar os leitores e leitoras das situações vividas.

Em relação aos eventos citados, os mesmos não ocorreram, necessariamente, na ordem descrita e trazem uma certa riqueza nos acontecimentos para que se possa entender, um pouco, sobre minha atuação como uma atriz social, a qual, também, estava sendo analisada, bem como categorizada, o tempo todo.

Ressalto que não citarei de quais eventos sociais estou me referindo, justamente por uma questão de não identificar nenhum interlocutor nem de expor minha condição de pesquisadora, apesar de todos os fatos terem ocorridos em locais propriamente militares e na presença de mais de uma pessoa, além de mim. Neste capítulo, trago a metodologia que usei para realizar a pesquisa por acreditar que nele estaria melhor disposto, já que narro situações do campo.

Logo, este capítulo está dividido desta forma: primeiramente, demonstro sobre a metodologia aplicada. Após, trago algumas situações que vivenciei e que julgo importante compartilhar. Por fim, faço algumas considerações a respeito desta experiência de pesquisa, com breves análises sociológicas baseadas nestas vivências.

### 3.1 Metodologia

No que diz respeito ao fazer metodológico, ressalto que fiz a presente tese em um campo de pesquisa pouco explorado nos termos que escolhi, isto é, analisando o entrecruzamento entre os gêneros, profissionalismo e o ambiente militarizado, conseguindo entrevistar algumas militares pertencentes à elite das três Forças, algo diferencial nos estudos que analisam mulheres militares.

Todas as entrevistas realizadas surgiram de contatos feitos com pessoas que ia conhecendo em locais específicos e militarizados, as quais me sugeriam nomes para conversar. Não conversei com nenhuma não militar justamente por não ser o objeto desta tese. Além disso, ressalto que não há em tal meio ninguém que estude as militares da mesma forma que escolhi fazer. Deixo claro que minha tese não pode ser considerada como uma visão generalizada das FA brasileiras. Tal grupo é heterogêneo nas mais diversas demandas, havendo pessoas mais voltadas para um pensamento progressista e outras para o conservadorismo, como em qualquer instituição. No meu caso, me inseri em grupos diferentes inclusive no que diz respeito aos gêneros.

Ao todo, foram 12 entrevistas, realizadas pelo método bola de neve, totalizando 1562 horas. A técnica é feita por amostragem não probabilística, que contribui para que não haja generalização. (BALDIN; MUNHOZ, 2011). Além disso, ele auxilia em pesquisas onde há dificuldades em adentrar em um campo devido o mesmo ser hermético, como o campo militar. Para Albuquerque (2009, p. 23) que usou um método parecido - o *Respondent- Driven Sampling* ou RDS - a escolha do grupo que será trabalhado não é aleatória, sendo analisados membros de uma população- alvo, os quais são chamados de “sementes”. Foi desta forma, também, que cheguei em minhas “sementes”: as militares.

Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento das entrevistadas, onde era cessada a gravação quando solicitado pelas mesmas. Todos os nomes foram excluídos para preservar a minha imagem como pesquisadora, bem como as pessoas envolvidas: de instituições, pessoas, lugares, cidades e outros tipos de identificação, bem como as idades ou quaisquer outros tipos de informação.

Utilizei para esta tese diferentes materiais para entender mais à fundo sobre o universo que estava sendo inserida: textos acadêmicos, livros sobre guerras e



mulheres nesses contextos, textos midiáticos, documentários, séries de tv e filmes, fotografias que me eram fornecidas ou que eu mesma as retirava quando visitava um local ligado ao meio militar, sem contar os livros e revistas que recebia de presente quando ia a eventos.

Escolhi que não iria me referir aos não militares como “civis”, diferentemente de muitos autores e dos próprios militares que os fazem de forma naturalizada, por se tratar de uma diferenciação nativa do mundo militar. Afinal, “civis” todos somos por sermos moradores de cidades urbanas, conforme seu significado.

Optei, por questões pessoais, por escrever a palavra “Deus” como os judeus a utilizam: “D’us”.

Enquanto me inseria em meu campo de pesquisa, me lembrava acerca dos estudos de Moura (2007) sobre a carreira de diplomatas brasileiros, onde a autora deixa claro sua ligação e suas facilidades em chegar aos entrevistados por possuir ligações que a unisse a eles. Eu, ao contrário, desbravei sozinha o mundo militar já que desconhecia por completo pessoas que pudessem me introduzir a ele oriundos da Academia. Acredito que este fato enriqueceu esta pesquisa, haja vista que ninguém sabia, de fato, sobre minha origem, o que acabou me abrindo portas.

Analisei a posição de profissionais mulheres nas carreiras das Forças Armadas brasileiras em um regime político pós 2018 - tido como uma mudança no cenário político voltado para um pensamento mais conservador que os sistemas anteriores, vistos como progressistas. Isso, também, me serviu como uma alavanca para seguir nesse campo de estudo, já que no referido ano, 33 jovens oficiais ingressaram na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), na primeira turma mista, localizada no município fluminense de Resende.

Em 2021, tive a honra de ser convidada para estar no palanque das autoridades e assistir à entrega das espadas<sup>57</sup> para os e as recém formados aspirantes a oficial, acompanhando as jovens militares formadas pelo Exército que poderão ascender ao Generalato, caso optem por tal caminho e sejam escolhidas pelos seus superiores. Participar do evento me auxiliou na escrita e no entendimento dos ritos e do convívio do mundo militar, inclusive com os não militares.

---

<sup>57</sup> A título de informação, até tal cerimônia, os oficiais são chamados de cadetes. O espadim, uma miniatura da espada de Duque de Caxias, é entregue a ele em seu primeiro ano de AMAN. No último ano, ele deverá ser devolvido, já que será substituído pela espada, sendo, então, declarado Aspirante a oficial.

Deixo claro que ao longo desta tese não usei o conceito de interseccionalidade por entender que no Brasil há uma distorção em relação ao seu uso. Seu uso se deu pela primeira vez em um encontro de especialistas que discutiam sobre discriminação racial em decorrência do gênero feminino para se referir a diferentes grupos étnicos e raciais bem definidos de mulheres por Crenshaw (2002).

Para a jurista, há diferentes raças e etnias que mulheres se auto reconhecem e que deveriam ser pautadas pelas instituições que prezam pela igualdade sobre os gêneros a fim de ampliar o debate sobre<sup>58</sup>. Por isso, usarei o termo “entrecruzamento” de gêneros, profissionalismo e mundo militar para me referir ao meu objeto de análise.

Ao longo dessa tese, usei o termo “gêneros” para me referir a homens e mulheres pelo simples fato que a raça humana não se reproduz sozinha. Levando a sério sobre a história dos conceitos, levei ao pé da letra a origem da palavra, a qual vem do latim - *genus/genēris* (no plural) - e significa família, procriação, descendência, origem. Por isso, penso ser o mais acertado usar dessa forma para falar não apenas de mulheres, mas, de homens, haja vista que em algumas Ciências, a palavra “gênero” remete-se apenas ao feminino (LOSS LEITE, 2020).

Utilizei o alfabeto fonético internacional para nomear as Forças, já que tal instrumento é usado na comunicação militar: Força *Juliet*, Força *Golf*, Força *Quebec* e Força *Whiskey*. Pelo fato de ser um universo restrito aonde mulheres realmente chegaram - e chegarão - aos postos mais altos, tive todo o cuidado de não identificar nada sobre as mulheres entrevistadas. Por isso, usando o alfabeto fonético acredito ter sanado meu problema.

Também escolhi omitir alguns dados pessoais como idade e patente pelo fato de que seria uma forma facilitada de identificação. Isso em nada alterou nas análises já que os desafios vivenciados pelas mulheres de diferentes gerações são muito aproximados, dando a entender que à medida que o tempo passa, as Forças ratificam tais comportamentos.

Nomeei as mulheres que fazem parte da História Militar do Brasil da seguinte maneira, a fim de me ajudar a falar delas de maneira temporalizada: as da **Primeira Geração** são aquelas mulheres que estiveram presentes nas guerras contra as invasões, pela independência e da Tríplice Aliança; as da **Segunda Geração**, são

---

<sup>58</sup> Apesar de entender como extremamente relevante tal ponto de vista, não consegui abordar tal tema na presente tese por ele não se demonstrar de forma clara por parte das entrevistadas. Por conta disso, não abordei sobre estudos contendo raça e etnia dentro das Forças Armadas brasileiras.

aquelas que foram enviadas para a Itália como enfermeiras; as da **Terceira Geração** são as mulheres ingressantes na Polícia Militar de São Paulo; as da **Quarta Geração**, são aquelas que ingressaram nos Quadros e Corpos das FA a partir de 1980; as da **Quinta Geração**, são aquelas que ingressaram nas Academias Militares e as da **Sexta Geração**, são aquelas mulheres oriundas das Academias em posições de Generalato.

Ainda, decidi chamar todas as entrevistadas de “as desbravadoras” ao me referir a elas, ao longo do texto, já que em algum momento de suas carreiras, elas foram as primeiras a executar algo dentro de sua Força ou nas FA, como um todo.

Nas entrevistas, me identifiquei como “E” e as entrevistadas como “O”, colocando, ao final de suas falas, sua Força acompanhada de um nome do alfabeto fonético, bem como se tinha ou não filhos.

Também, fiz a flexão das patentes como uma forma de usar a Língua Portuguesa da forma correta onde a mesma me permitia, tendo em vista que o debate de tal questão dentro das FA se demonstrou não ser de cunho profissional. Takahashi (2002) também apontou sobre essa questão em sua pesquisa<sup>59</sup>.

Em relação às solicitações para acessar documentos que julgava pertinente para este trabalho, percebi que as Forças atuam de forma diferente: na FAB, não obtive o documento que permitia a entrada de meninas no Colégio Brigadeiro Newton Braga, embora tenha ido até o Colégio e trocado contatos com pessoas por lá. Também não consegui visitar a Academia da Força Aérea, em Pirassununga - SP, mesmo tendo enviado a solicitação por *e-mail*, pelos Correios e via *whatsapp* de abril de 2022 até fevereiro de 2023, conforme me era pedido de tempos em tempos.

No EB, sempre fui atendida, conseguindo os documentos pedidos através de contatos pessoais. Na MB, não solicitei nenhum, pois estava tudo disponível de forma virtual aqueles que me interessavam. Mas, de uma forma geral, sempre fui muito bem recebida por todos nas três Forças, que dispuseram de seus tempos para me atenderem de forma muito cordial. Muitas pessoas entendiam a relevância deste estudo e se colocaram à disposição para me auxiliar em questões burocráticas.

As militares me receberam em diferentes locais para cederem as entrevistas em que eu pudesse gravar sem sermos interrompidas. Fui recebida com muito

---

<sup>59</sup> Falo sobre este assunto no item 3.4 e nas Considerações Finais desta tese.

respeito e mimo, onde bolos, sorvetes e cafés eram me oferecidos a todo o instante, independentemente do lugar da entrevista.

Em todas as entrevistas, demonstrei muito respeito àquelas mulheres e me sentia honrada em estar na presença delas, já que todas, à sua maneira, são “as desbravadoras”, cada qual em sua Força. Para mim, a honra é algo que não se conquista, mas, que se tem (JANOWITZ, 1967).

A pergunta escolhida para este trabalho é: **de que forma são vistas as oficiais dentro das Organizações Militares, no que diz respeito à carreira e ao ambiente militarizado?** A partir dela, levantei alguns questionamentos, a fim de trazer luz ao ofício militar realizado por uma mulher: seriam vistas como uma ameaça ao protagonismo masculino tradicional? Como uma afronta à honra militarizada? Será que foram recrutadas para atender a algum fim político? Seriam essas mulheres “purificadas” por tal ambiente, assim que entram nas Forças Armadas, para pertencer a um grupo social diferenciado? Seriam as responsáveis pelos trabalhos tipicamente tidos como femininos como assuntos burocratizados e áreas voltadas para a saúde e ensino?

Deixo claro que não usei “Hipótese” neste trabalho e sim uma proposta argumentativa por ser um trabalho das Ciências Sociais e não das Exatas, onde há testes laboratoriais ou matemáticos, aguardando a refuta ou a afirmativa para tal experimento. Lidei com pessoas profissionais de ambos os sexos dentro de seus ambientes institucionais, levando em conta seus sentimentos, narrativas e emoções.

Por isso, como **proposta argumentativa**, parti do princípio que o impacto feminino nas Forças Armadas brasileiras ocorreu não apenas naquilo que diz respeito a novos alojamentos, uniformes mais adaptados, mudanças em leis, mas na maneira de entender novas formas de lideranças no interior de cada Força, dando à honra, hierarquia e à disciplina - categorias nativas do ramo - novos olhares, especialmente em relação ao que os próprios conceitos trabalham. Entretanto, quando há uma afirmação sobre o pertencimento a uma aristocracia ou a uma casta, isso resulta em um reforço de aparências, onde o corpo deve se impor como marca de identidade. Logo, a farda torna-se uma tipo de estratégia para que o grupo militar se afirme por ser visto como um detentor de atributos que não estão associados à grande parte da população (GIACOMINI, 2006). Será que as oficiais também são tidas como pertencentes a esta casta?

Justifico minha escolha pelo tema por conta de ter poucos estudos no ramo militarizado no Brasil abrangendo mulheres, principalmente como oficiais da elite militar. Sabe-se que pesquisas mais reforçadas sobre militares surgem nos Estados Unidos na época do pós- Segunda Grande Guerra, onde um profissionalismo torna-se a peça fundamental para explicar os envolvimento políticos de tais atores sociais a fim de angariarem mais recursos para suas áreas de atuação. Os mesmos tratam sobre homens militares, falando daqueles tidos como socialmente aceitos. No Brasil, estudos deste porte partem do início da década de 1990, incluindo aqueles, ainda que, incipientes sobre oficiais.

Por fim, criei um modelo a fim de tentar analisar de forma mais facilitada, e dessa forma, auxiliar meu pensamento, a rota feita pelos militares - homens e mulheres -, de uma maneira geral, me usando das referências de Cousineau (2004) como uma ferramenta de análise. Entretanto, ao invés de usar hipóteses, conforme o autor - usei um raciocínio que montei, à medida que ia avançando em meus estudos, chamando-o de “o caminho”, composto de cinco fases, onde a categoria “herói”, termo muito usado em meu campo de pesquisa e ligada às feitura de homens em momentos de guerra - também são usadas pelo autor para descrever sua jornada.

Para o autor, seu herói passa por um ciclo, o qual possui desafios entre os mundos do ordinário e do extraordinário. Por isso, chamarei as etapas do ciclo militar dessa forma: a primeira fase seria “O chamado”; a segunda, “A fronteira entre o mundo militar e o não militar”; a terceira seria “A morte”; a quarta, “A provação” e, a última, “Enfim, militar!”. A ideia, aqui, foi de mostrar que, assim, como os heróis míticos, as pessoas passam por transformações em suas vidas, incluindo seu lado profissional, imaginando que sairão transformadas em outras. Pessoas, estas, que até então não pensavam em ser militares, mas, ao escolherem tal carreira, tiveram suas vidas transformadas através das experiências vividas.

### 3.1.1 O chamado

Nas narrativas tanto de forma gravada, como informalmente, com homens e mulheres militares, sempre apareciam as frases “Eu sempre quis ser um militar”, “Sempre gostei de seguir regras”, “Surgiu uma oportunidade de ingressar nas Forças Armadas”, onde se sentiam, de uma certa maneira, chamados a atuarem naquele

meio, como se já estivessem destinados a tal carreira. Além disso, viam como um grande desafio “largar” o mundo não militar para encarar o militar.

### 3.1.2 A fronteira entre o mundo militar e o não militar

Muitas vezes, aqueles que atenderam ao “chamado” viam a carreira como se fossem transpor um portal - e não à toa, isso ocorre na AMAN, ao trasporem o Portal Momumental -, onde novos conhecimentos seriam apreendidos, um sem- fim de regras deveriam ser acatadas, a hierarquia deveria ser aprendida e respeitada e o ingresso a uma “nova família” ocorreria, caso chegassem até o fim de seus treinamentos iniciais. Pelo fato de ser uma profissão bastante solitária, tanto para os homens quanto para as mulheres, deveriam interagir com os e as demais colegas, também, como uma forma de aguentar as pressões que lhes eram demandadas diariamente.

### 3.1.3 A Morte

Aqui, percebia que as narrativas iam ao encontro de declarações como “Sai o civil, entra o militar”, “Você sai da Força, mas sempre será um militar” e “Você nunca deixa de ser um militar”. O mundo militar é aquele que prepara, que inicia, enquanto o mundo não militar é o dos leigos e dos não preparados para a vida, de uma forma geral. Nessa etapa, via que preocupações com a carreira militar eram maiores que fazer um preparo profissional de fato, como ingressar em uma universidade ou adquirir conhecimentos de outras formas. Ouvi de homens que eles não possuíam curso superior não militar porque estiveram dedicados por 30 anos a serviço de uma Força, o que lhes causava constrangimentos. Presenciei um deles quando fui à formatura da AMAN, em 2021: um homem, já na reserva, enquanto conversava comigo, colocou tal incômodo perante outras pessoas. Rapidamente, um oficial, que era engenheiro formado fora da Força e que estava a conversar comigo sobre tal assunto, também da reserva, sentou ao lado dele para tentar acalmá-lo. Enquanto isso, outras pessoas vieram até mim e alteraram o rumo da prosa.

### 3.1.4 A provação

Ao longo das entrevistas e interações, percebia que as militares tinham passados pelas mesmas etapas que os homens em relação à preparação física, incluindo testes psicológicos no sentido de tentativas de amedrontá-las. Várias me disseram que pensaram em desistir enquanto estavam enclausuradas nos Centros de Treinamentos nos períodos de adaptação. Vale lembrar que enquanto os homens levam anos para se prepararem no meio castrense, as mulheres precisam estar aptas em alguns meses, ocorrendo isso ao longo de toda a história de mulheres nas guerras. Frase do tipo “Aqui não é lugar para mulher” - título de trabalhos meus, inclusive - eram ditas para que as militares entendessem que não pertenciam àquele mundo.

### 3.1.5 Enfim, Militar!

Após passarem por todas as etapas, as pessoas tornam-se militares, podendo usufruir dos privilégios da carreira, como aparecerá em trechos de entrevistas concedidas no capítulo quarto, além de serem reconhecidos por suas fardas, uniformes e posturas por todos, o que alguns acreditam ser um reconhecimento de *status* social. Além disso, uma percepção sobre o mundo militar começa mais fortemente já que as experiências até então vividas serviram para demonstrar quem está apto ou não para se tornar um militar. As entrevistas falam sobre os treinamentos e sobre as pressões exercidas até o final das preparações, a fim de evitar desistências, o que não é visto com bons olhos pelas instituições militarizadas.

## 3.2 **O primeiro contato com o campo: a Formatura da AMAN**

Tive a ideia de participar da Formatura da Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN -, em 2021, assim que soube que seria a primeira turma mista a se formar na Academia do Exército Brasileiro. Pedi a um oficial como poderia estar presente, já que

era crucial minha presença como pesquisadora no evento. O mesmo, alguns dias depois, pediu para que eu entrasse em contato direto com a Academia para confirmar a minha participação.

Entrei em êxtase e, ao retornar a meu estado normal, passei a acreditar que esta pesquisa estava se iniciando, de verdade. Entretanto, o fato de usar roupas coloridas e informais - como descreverei mais adiante neste mesmo texto - e há tempos não participar de uma cerimônia desse tipo me fizeram pensar em assuntos sobre as vestimentas.

O primeiro pensamento à cabeça: “O que irei vestir?” Acreditava que por ser um rito onde o Chefe do Executivo e sua equipe sempre estiveram presentes, deveria estar vestida à altura e não com minhas roupas usadas no dia a dia. Porém, como minha confirmação foi muito próxima do evento - e devido a outras atividades que mantenho em minha vida - não consegui me organizar para comprar algo que pudesse me atender.

Precisei improvisar com o que eu já possuía em casa: usei uma sandália de salto alto, a qual foi colocada em meus pés apenas no dia em que eu defendi minha dissertação de Mestrado, em 2020; busquei um vestido que usei na primeira vez que fui a um *Réveillon* em Copacabana, em 2012. O mesmo estava em uma mala, guardado, até então, e, mesmo após minha gravidez, ele ainda me servia, apesar de estar mais justo que quando o vesti naquela virada de ano. Separei uma pequena bolsa de marca para não ficar com o telefone nas mãos, na qual só cabia ele. Estava, então, devidamente pronta para entrar nesta pesquisa de doutoramento sobre as mulheres nas FA brasileiras.

Como fui de carro até Resende, cidade onde localiza-se a AMAN, preferi ir com uma roupa mais confortável e me trocar em um café que costumo parar sempre que vou à São Paulo. Tomei meu café e segui para o banheiro para efetuar a troca de roupas. Ao sair, todos que estavam no ambiente passaram a me olhar, possivelmente, imaginando algum motivo de eu estar vestida daquela forma às 6 horas da manhã de um sábado.

Confesso que após a cerimônia, recebi muitos elogios sobre minha vestimenta e que havia “arrebentado a boca do balão”, como me foi relatado em uma mensagem de texto, para a ocasião. Isso pode ter ocorrido por um motivo: todas as mulheres não militares estavam vestidas de uma forma muito casual, com roupas de magazines



conhecidos, sem salto alto, mas com muitos decotes, fendas e transparências. E, ao analisar suas vestimentas e a minha, dei razão ao comentário recebido.

Enquanto esperava começar a cerimônia principal, eu - que fui recebida no pátio assim que estacionei - fui levada para uma espécie de Salão Nobre, com diversas escadas e recebi um adesivo, o qual deveria ficar preso em meu lado esquerdo do peito para me identificar como “convidada”. Lá, todas as autoridades, não apenas das três Forças mas, convidados em geral, à medida que iam chegando, ali ficavam se cumprimentando e aproveitando o coquetel.

Nesse momento, observei que as mulheres que estavam a serviço não podiam sentar em nenhum momento, sob pena de serem chamadas a atenção, enquanto todos os homens presentes estavam da forma que mais se sentiam à vontade, fossem da reserva ou da ativa. Ainda, vi que apenas as oficiais estavam naquele ambiente “tirando serviço” - termo nativo para dizer que está à trabalho.

Imagens 7, 8 - Convite da Formatura de 2021 da AMAN (continua)

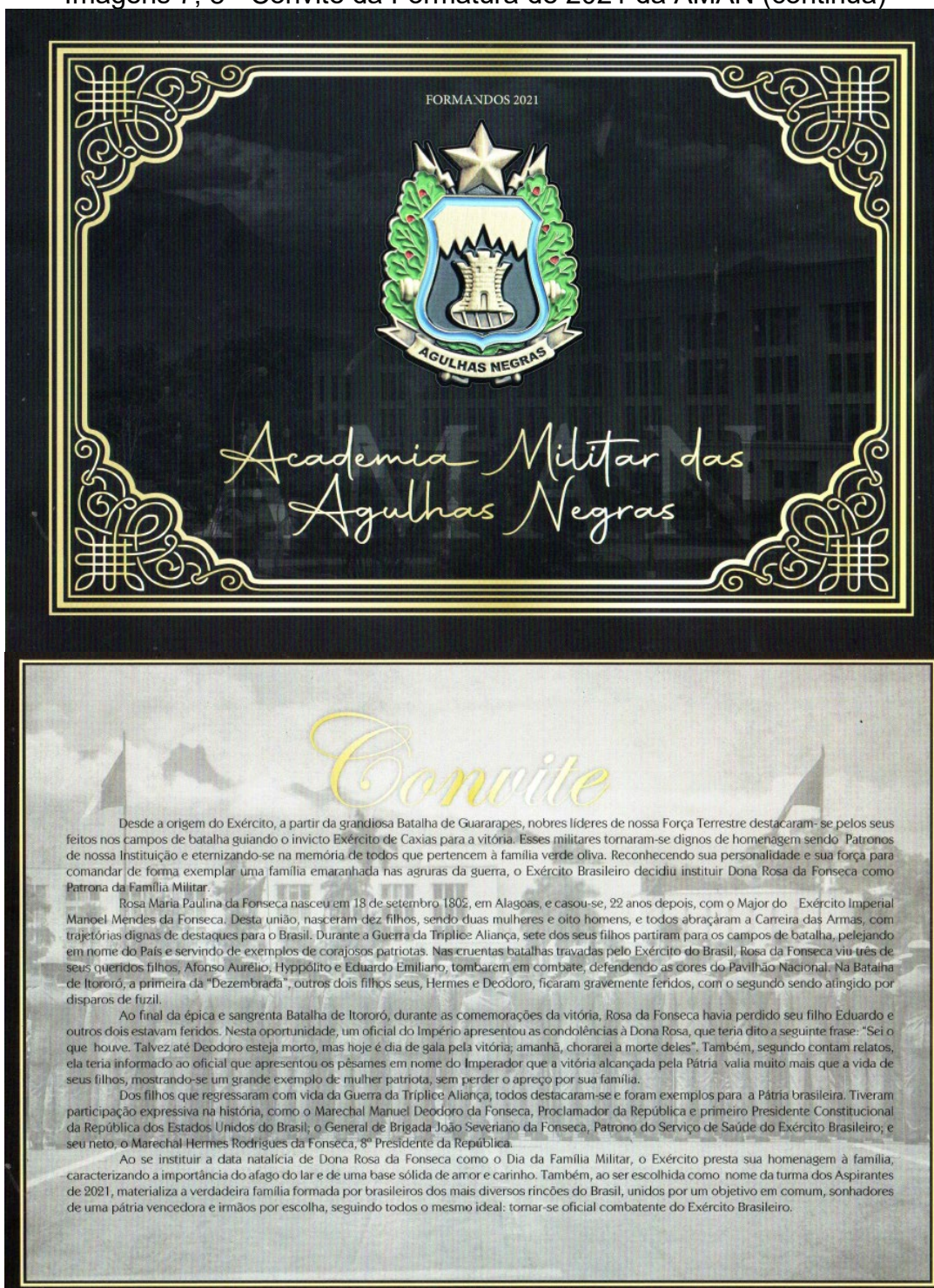
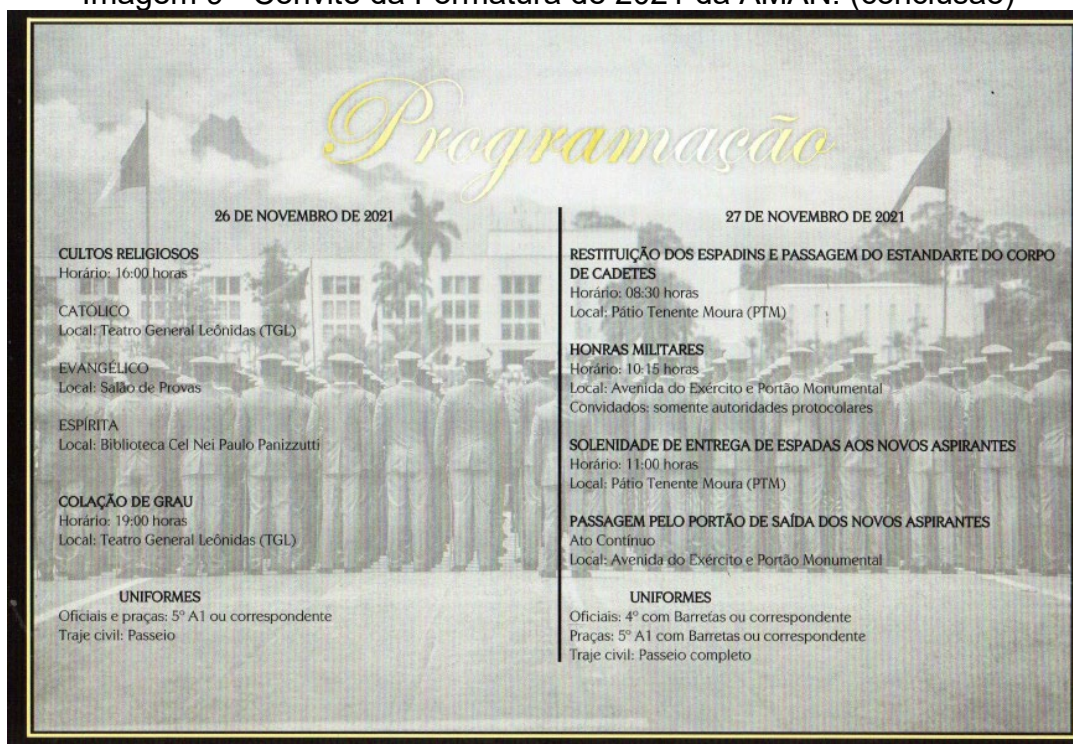




Imagem 9 - Convite da Formatura de 2021 da AMAN. (conclusão)



Legenda: Convite de Formatura enviado para mim, via *e-mail*.  
 Fonte: A autora, 2021.

Imagem 10 - Foto da identificação usada na formatura.



Legenda: Identificação usada por mim, colada ao lado esquerdo de meu peito, para ser identificada como uma convidada.  
 Fonte: A autora, 2021.

Eu estava sozinha naquele ambiente diferente haja vista ter sido, de fato, meu primeiro grande contato com os nativos, especialmente com os militares da ativa. Ali, percebia que os oficiais levavam suas famílias para se reencontrarem entre elas. Enquanto os homens e filhos falavam em um grupo, as mulheres e filhas falavam em outro. Como estava só, fiquei em um canto do ambiente, observando tudo e passei a conversar com uma oficiala da AMAN.

Passamos a falar sobre meu campo de pesquisa e meus interesses naquele lugar e percebi que várias mulheres nos olhavam e sorriam. Eu perguntei quem eram

e a oficiala me disse que deveriam ser familiares daqueles militares. De repente, aproximou-se de nós uma delas, dizendo que queria ficar conosco, para “se enturmar”. Olhamo-nos e continuamos a nossa conversa. Acredito que por se tratar de assuntos sobre a carreira militar das mulheres e a desigualdade entre os gêneros a mesma, rapidamente, se retirou, sem se despedir.

Via que as mulheres que estavam em serviço seguiam à risca sobre a hierarquia militar e prestavam a continência para todo e qualquer pessoa que por elas passassem: “*Na dúvida, a gente bate, né!*”, conforme me disse uma delas, quando eu perguntei se ela reconhecia quem era ou não oficial, já que havia homens não fardados no local.

Entretanto, percebi que em relação às mulheres, havia praças, como são chamados os militares da base da hierarquia militar, que não se reportavam a elas como oficialas, contrariando o regulamento militar. Ao questionar sobre, uma oficiala me disse que o certo seria voltar e repreender o militar, fazendo ele apresentar o gesto, já que o não fazer é passível de punição.

A resposta foi que isso acaba “marcando” suas personalidades como se estivesse “se achando” e elas preferiam deixar passar. Em algumas entrevistas, isso apareceu, também, e tal atitude sempre partia de homens em relação a mulheres em postos mais altos na hierarquia. A meu ver, a questão me pareceu estar voltada para uma relação desigual envolvendo o gênero feminino.

Em um dado momento, adentrou à sala um oficial de uma Força acompanhada de uma “cordinha<sup>60</sup>” - categoria nativa para explicar que aquele oficial ou oficiala está a serviço de um outro - e por isso anda, literalmente, com uma espécie de corda pendurada em seus ombros para ser identificado. Esta “cordinha” era uma oficiala muito bonita, alta e que chamava muito a atenção por onde passava. Percebi que a mesma sabia que estava a chamar a atenção mas, em nenhum momento esboçou sorrisos para nenhum daqueles homens presentes. Os homens olhavam por onde ela passava discretamente, justamente por estarem na presença de suas famílias.

Eu, prontamente, a chamei e perguntei sua patente, acreditando que fosse a nova Contra- Almiranta, já que não conhecia nada, ainda, sobre a área. Me apresentei e falei sobre a minha pesquisa e se ela gostaria de me ceder uma entrevista. Fui

---

<sup>60</sup> O nome oficial do acessório militar é alamares (em francês: *aiguille* e também chamado de *aguillette*, *aiglet* ou *aglet*). É uma peça formada por cordões que se entrelaçam e é usada pelos ajudantes de ordens nas Forças Armadas e nas Forças Auxiliares.

chamada a atenção por um oficial que sequer conhecia: “*Aqui não é o lugar para se fazer isso*”. Porém, segui conversando com a oficiala, que me contou sobre sua patente. Aos risos, falamos sobre a minha primeira impressão dela e de chama-la de Almiranta: “*Quem me dera!*”, me respondeu gentilmente. Agora, eu já sabia com quem eu estava dialogando. Trocamos telefones e tiramos fotos juntas.

Nosso grupo de três mulheres - eu, a oficiala “cordinha” e a da AMAN -, rindo e conversando entre nós, chamava a atenção dos demais na sala, pois estávamos nos sentindo acolhidas por nós mesmas naquele ambiente tão masculino, mesmo com a presença de outras mulheres.

Cada uma de nós com nossas brasilidades e vestidas a caráter para aquele evento: eu, com meu vestido de 2012; elas, com seus uniformes liberados para ocasiões festivas. A mesma seguiu em suas funções de “cordinha” e não nos vimos mais no evento. Após tal interação, senti uma empolgação sobre a esta pesquisa e entendi que estaria por vir uma pesquisa social de fato.

Passei a ouvir estrondos muito próximos de nós, quando uma oficiala me informou: “*O Presidente chegou<sup>61</sup>!*” Uma grande parte das mulheres daquelas famílias correu para uma espécie de sacada daquele Salão. Eu, obviamente, fui junto. Fui tratada como uma “delas” e pedi licença para acompanhar sua chegada, a qual, confesso, é cheia de pompa. O ritual serve para informar que a comitiva presidencial está adentrando os pátios da AMAN. Após esse episódio, todos e todas os convidados foram chamados para descer e acompanhar a formatura.

Naquele dia, o tempo estava muito quente e as tribunas de honra estavam cobertas com um material que aumentava, ainda mais, a sensação de calor. E eu, que não havia sido informada sobre levar um leque, estava com minha pequena bolsa de marca. Passei a demonstrar, à medida que o tempo ia passando, incômodo sobre o calor que eu estava sentindo.

Realmente o local estava desagradável mas, como ainda estava ocorrendo a cerimônia, eu não poderia me retirar até porque onde eu estava, havia muitas pessoas lotando o espaço. Além disso, eu queria acompanhar tudo o que ocorria naquele rito, já que era meu primeiro contato com o meio militar.

Repentinamente, comecei a receber garrafas de água “oferecidas”. Perguntei para quem era e me disseram que era para mim. Perguntei, então, quem estava

---

<sup>61</sup> A oficiala se referiu ao Presidente da República, onde há um ritual de disparos de canhão.

oferecendo e um simpático oficial, todo suado em sua testa, se apresentou. Achei estranho, já que ninguém me conhecia mas, aceitei e agradeci. Em seguida, foi-me oferecida outra, recusando, desta vez pois, ainda estava com a primeira. Nesse movimento, passei a ver mulheres de oficiais pedindo a mesma atenção para aquele oficial, o qual, prontamente, as atendeu, apesar de não parecer ser sua função e estava apenas sendo gentil, já que ofereceu primeiramente, para mim.

Em um determinado momento, estavam todos levantados vendo a formatura quando passei a me abanar com as mãos na tentativa de reduzir, minimamente, o calor que sentia. Eis que uma figura feminina jovem surgiu ao meu lado com um leque em suas mãos e passou a se abanar. Estava a uma distância em que o vento dela não chegava até mim. Então, ela foi se aproximando enquanto eu olhava, atentamente, o rito.

Quando percebi, a jovem mulher estava ao meu lado, encostada em mim, abanando seu leque em minha direção. Eu fiquei um pouco assustada, pois não esperava tamanha cordialidade e olhei para ela. Ela me olhou, sorriu e continuou, acreditando que eu fosse dizer alguma coisa. Como continuei acompanhando a cerimônia, senti que quebrei a expectativa daquela mulher que tentou se aproximar para saber quem eu era. Ela fechou seu leque com força e se retirou, voltando para a sua cadeira de origem.

Como era minha primeira incursão no campo, fui entender, apenas mais tarde, que as mulheres em geral - filhas e esposas - formam um círculo de convivências no intuito apenas de saber o que se passa enquanto elas não estão por perto. Logo, pode ter sido esta a razão de aquela jovem mulher ter se aproximado de mim: de quem eu era filha ou esposa? Seria uma namorada de alguém? Estaria eu lá para “roubar” o coração de algum daqueles militares?

Imagem 11 - Foto da comitiva presidencial chegando à formatura da AMAN em 2021.



Legenda: Presidente da República e sua comitiva adentrando ao pátio da AMAN, pelo Portal Monumental, para participar da cerimônia de formatura da primeira turma mista, em novembro de 2021.

Fonte: A autora, 2021.

### 3.3 A categoria “os e as não militares”

Percebia diversas pessoas não militares em eventos. Mas, passei a entender que algumas iam em busca de patrocínios dos mais diversos - viagens, publicações de livros, apresentações teatrais, mostra de filmes -, ou, simplesmente, para serem notados e notadas, sempre em tons de muita simpatia para os oficiais de alta patente. Por isso, trago como uma categoria criada **os e as não militares** por serem peças sociais muito presentes e normalizadas no convívio militar.

Não uso o termo civil, conforme já explicado na parte metodológica desse trabalho, salientando que somos todos civis, acima de qualquer carreira, tendo nossas obrigações legais e morais que antecedem nossas escolhas profissionais.

Os pretextos usados eram conseguir um patrocínio para uma viagem usando uma data comemorativa do meio militar, recursos para a publicação de algum livro falando sobre algum tema militar ou algum tipo de favor para algum parente. Tal grupo é formado por homens e mulheres que não pertencem ao mundo militar mas, de alguma forma, possuem ligação com o mesmo: alguns usavam suas experiências religiosas do passado, outros, seus parentescos militares, como um tio, avô ou pai. Os mesmos sempre procuravam os oficiais para oferecerem seus “produtos”.

Entretanto, não eram procurados pelos mesmos oficiais para nada devido ao baixo reconhecimento de seus “serviços”.

Outros, como presenciei, apenas queriam o espaço cedido para homenagear um parente que havia servido em uma das Forças e que havia falecido. Nunca presenciei as oficiais atuando desta forma, talvez, por terem pouca voz dentro da caserna. O que percebia sobre os e as não militares eram homens e mulheres, alguns com vínculos em universidades públicas, “adotados” para estarem naquele convívio, além de algumas mulheres de oficiais. Trago essa explicação, bem como tal tipificação, porque somente algumas e alguns não militares se sentiram ameaçados com a minha presença, tentando me atingir ou me provocar de maneiras das mais diversas.

Um não militar, enquanto estávamos no momento de fazer perguntas para o palestrante durante um evento, atacou as Universidades públicas, generalizando que todos os bolsistas oriundos desses ambientes “só queriam receber bolsa, ao invés de trabalhar”. Sua manifestação raivosa - e assustadora - não tinha ligação alguma com o debate, muito menos com a palestra em si.

Este homem estava sentado logo atrás de mim. Percebendo que o ataque poderia estar direcionado à minha presença, pedi a palavra para fazer minha pergunta mas, também me posicionar. Em meu momento de fala, defendi minha posição de bolsista e ressaltei: *“Como bolsista CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico -, tinha o meu direito de defender aqueles que, como eu, dependiam da bolsa para realizar pesquisas no Brasil. Se está a caminho uma pesquisa de alta relevância social neste país, ao analisar as oficiais de nossas três Forças, isso se dá por conta de minha bolsa de doutoramento, financiada pelo Governo Federal e pelas agências de fomento à pesquisa que, no meu caso, é o CNPq”*. Em seguida, pedi que ele tivesse mais respeito ao falar nesse assunto de forma genérica. Ele, a todo o momento, tentou interromper minha fala mas, continuei falando e fiz minha pergunta ao palestrante.

O mesmo sentiu-se ofendido por eu estar constrangendo-o publicamente e pediu a palavra, interrompendo, de forma muito grosseira e alterado emocionalmente, o momento de o palestrante responder. Tentou pedir desculpas publicamente, falando que eu seria uma “exceção”. A partir dessa situação, passou a me perseguir, literalmente. Tive informações que havia sido afastado de suas “funções” de não



militar mas, que retornou por conta da pressão de uma não militar: a esposa de um oficial ligada a eventos dentro de uma das Forças.

Em relação às mulheres de oficiais, na grande maioria não militares, sempre quando eu conversava com uma militar da ativa ou da reserva, me era relatado sobre seus ataques sobre elas. Em algumas entrevistas, isso me foi dito, também, já que no ingresso de mulheres nas Forças as mesmas eram jovens e com formação universitária. Muitas daquelas “esposas” trataram mal as primeiras oficiais alegando que as mesmas estavam “tentando roubar seus maridos”. Esse grupo de não militares acredita pertencer, assim como seus maridos, ao circuito militar, achando-se no direito de perseguir as oficiais até os dias atuais.

Pude sentir na pele o que as oficiais me relataram de forma bastante assustadora: duas “esposas” de oficiais de diferentes Forças me afrontaram publicamente, sem nenhum pudor de sofrer quaisquer sanções, em um dia em que precisei levar minha filha junto a meu campo de pesquisa por conta de problemas pessoais. Ambas demonstravam sua insatisfação com o meu envolvimento profissional com alguns oficiais. Em suas visões, eu as ameaçava por estar ocupando “*um lugar que não era meu*”<sup>62</sup>, nas suas palavras. Tais mulheres recebiam o apoio de alguns homens não militares e viam suas participações naquele meio ameaçadas por mim. Uma delas fez perguntas à minha filha: “*O que você faz aqui?*”, “*Quem é você?*”, deixando minha filha assustada e chorosa por alguns dias.

Elas se apegaram a situações que, por muitas vezes, eu auxiliava em assuntos outros para resolver problemas justamente por ter uma visão mais abrangente e o fiz por saber que era vista com muito respeito por aqueles que me cercavam e que eu tinha mais contato. A partir disso, tomei a decisão de não conversar mais com aqueles oficiais, bem como todos os não militares envolvidos.

Entretanto, não deixei de expor a situação para quem deveria saber sobre e comuniquei a quem interessava em relação ao incidente, onde fui ouvida com muito respeito mas, que em nada atuou. Obtive muita solidariedade de pessoas ligadas ao mundo militar que eu respeito e que possuo muito carinho, entre homens e mulheres.

---

<sup>62</sup> Nesse artigo, o autor fala sobre as “esposas” dos Oficiais: <https://www.sociedademilitar.com.br/2023/03/exercito-brasileiro-e-uma-terra-do-fingimento-diz-oficial-da-ativa-em-relato-chocante.html>.

### 3.4 O discurso nativo sobre o termo “oficial” versus “oficiala”

Desde o início deste campo de pesquisa, me referia a este estudo como uma análise sociológica sobre as oficiais brasileiras. Isso, de pronto, causou muito incômodo. Seguidas vezes ouvi que, então, as mulheres deveriam ser chamadas de “militaras”, em tons de provocação, risos e até com um certo deboche, na tentativa de me deslegitimar como pesquisadora e de me constranger em um meio, até então, desconhecido por mim. Eu, adotando uma postura inesperada para quem discursava desta forma, entrava nas brincadeiras e discutia à altura, mas com respeito e sem categorizações.

Minha alegação era sempre a mesma: que eu estava me baseando na Língua Portuguesa, algo que os militares prezam muito, tanto na fala quanto na escrita, e que flexionar<sup>63</sup> as palavras, à exceção de Major, Tenente e Cabo, era totalmente permitido. Entretanto, meu intuito, estrategicamente, era de provocar aquelas pessoas a pensarem a Sociologia como uma forma de verem seu próprio mundo, onde mudanças ocorrem com o passar do tempo.

Cabe lembrar que a entrada das mulheres se deu de forma impositiva, através de leis e decretos, desde o início, no Brasil, não havendo nenhum debate público acerca de tal inserção. Ressalto que não há serviço militar obrigatório feminino no país e todas as mulheres sempre foram, e ainda o são, voluntárias.

Por isso, eu desconsiderava tais atitudes, já que, para algumas pessoas, o simples fato de eu estar inserida naquele meio estava incomodando. Isso fazia eu refletir que, de certa forma, eu estava provocando uma discussão séria e científica nunca antes feita dessa forma com pessoas de alta patente das três Forças. O debate sobre o termo não parecia relevante para os integrantes das Forças, fossem homens ou mulheres, a princípio.

Porém, demonstrava muito sobre as posições herméticas de cada uma delas. Não estranhei que a Força mais resistente fosse o EB quando falava sobre “Generalas”, haja vista a única das Forças que ainda não possui uma mulher na

---

<sup>63</sup> Ver sobre em: <https://www.to.gov.br/pm/voce-sabia-que-nao-se-adota-o-feminino-para-postos-ou-graduacoes-militares/r34z7nx83qp#:~:text=No%20entanto%2C%20como%20as%20For%C3%A7as,diferencia%C3%A7%C3%A3o%20fica%20sendo%20o%20artigo.>

posição mais alta da hierarquia, ainda que de forma simbólica, isto é, sem poder de decisão em assuntos de suma importância ou estratégicos.

Durante um almoço com alguns oficiais, todos homens e eu, apenas, de mulher, agora, mais aberta a disputar as narrativas do meu campo com meus nativos, em meio a conversas das mais variadas, principalmente sobre os feitos masculinos na Forças Armadas ou histórias pessoais, um oficial falou, timidamente, a palavra “oficiala”. Eu, que ouvia, atentamente, tudo o que me era dito, em especial desse oficial, pedi para que a conversa fosse interrompida e que o mesmo repetisse a expressão pois, acreditava ter ouvido mal. Eis que o mesmo repetiu, pausadamente, dizendo que era legítimo chamar as mulheres nas Forças desta forma. Um outro homem, ligado ao mundo militar concordou.

Minhas palavras para ele foram: “[NOME] assim você me faz chorar! (risos na mesa). *Que honra ouvir isso vindo de você!*” falando que sentia um grande orgulho de minha pesquisa. Apesar de ter gerado risos e controvérsias a respeito, naquele momento, senti, de verdade, a relevância sociológica deste estudo apenas por fazer aqueles homens se colocarem em outra posição, que não na de “Sentido!”, como estavam acostumados. Aquele oficial, ao verbalizar o termo, me pareceu que poderia estar aberto um caminho para discussões de cunho sociológico. Ou, apenas, estava tentando me impressionar.

Havia um mesmo oficial que sempre me provocava sobre este tema, dizendo que eu estava errada e que deveria seguir os padrões militares, me explicando de onde viriam tais termos. Eu o confrontava baseada nas regras gramaticais, inclusive enviando sobre o tema para ele e solicitava que ele deveria se atualizar. O fato de não flexionar a patente causa muitas situações desagradáveis.

Sobre isso, muitos me relataram, tanto mulheres quanto homens, em relação ao nome de guerra<sup>64</sup>: quando havia um “Coronel Loss”<sup>65</sup>, todos entendiam, em um primeiro momento, que se trataria de um homem e se referiam desta forma à pessoa em questão. Apenas quando se tinha o contato pessoal que descobriam se tratar de uma mulher - a Coronela Loss. Os pedidos de desculpas sempre ocorriam - e ainda ocorrem.

---

<sup>64</sup> No meio militar, a apresentação se dá desta forma. Em um exemplo hipotético, eu seria a “Generala Loss”, caso não houvesse alguém “mais antigo” com tal denominação.

<sup>65</sup> Usei meu próprio sobrenome para fins de explicação, não sabendo se há algum “Coronel” ou “Coronela” Loss” em alguma das Forças.

Uma oficiala na AMAN me contou que para a cerimônia da formatura, em 2021, a fim de serem escaladas para “tirarem o serviço”, isto é, trabalharem no dia do evento, chamaram uma de suas colegas para cuidar da entrada no pátio, sendo uma tarefa muito cansativa por ter que ficar de pé o tempo todo, além de ter que ficar atenta a tudo no portão principal da Academia. Tal chamamento se deu justamente por acreditarem que era um jovem militar. Ela, me contando como foi sua conversa com sua colega, me disse: *“Amiga, me chamaram para ficar de prontidão porque pensaram que eu era um homem!”*

Uma outra situação envolvendo a flexão dos gêneros que me marcou muito foi quando eu estava conversando com um oficial sobre coisas diversas e eis que ouço um *“Ela era a Presidenta do [ÓRGÃO]”*. Imediatamente, parei a conversa e pedi para ele repetir a palavra. Ele repetiu, dando um sorriso, e eu falei: *“Fico muito feliz em ouvir você falar assim”*. Isso, mais uma vez, me mostrava que poderia estar sendo levada à sério em meu campo, haja vista que estava sendo entendido que não se tratava de uma “ideologia de gênero”, discurso amplamente divulgado durante o último governo e no próprio meio militar mas, uma forma de se referenciar às mulheres para destacar seu papel social de mulher em um dado contexto.

Apenas fazer aquele militar flexionar o gênero, mesmo que fosse para tentar me impressionar, já me deixava feliz já que a questão sobre mulheres no interior das Forças ainda me parece uma questão muito pouco discutida, tanto dentro quanto fora delas.

Além disso, é comum no Brasil pessoas que acreditam serem conhecedoras das Forças Armadas, incluindo os próprios militares, se referirem a elas como *FFAA*. Entretanto, isso se aplica às FA estadunidenses, sendo um erro empregar esta forma em nossa língua. Provoquei um oficial sobre tal assunto: *“Se ‘Coronela’ não pode, por que FFAA, que é um termo estrangeiro, é usado?”*. O mesmo me respondeu: *“Nos regulamentos militares está previsto a caracterização do plural de siglas pelo dobramento das letras OOMM, FFAA que lembro agora”*.

Respondi para ele que isso era errado e que possuía um regulamento brasileiro<sup>66</sup> para tal questão, caso estivesse em dúvidas, enviando o mesmo via um aplicativo de conversas. A conversa se encerrou.

---

<sup>66</sup> Ver mais em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/File/legislacao/emcfa/publicacoes/manual-md33-m-02-manual-de-abreviaturas-siglas-simbolos-e-convencoes-cartograficas.pdf/view>.

Por isso, minha ideia não era de ensiná-los mas, de fazê-los pensar sobre a posição das mulheres dentro da corporação, como rezavam os discursos de que *“temos mulheres e as respeitamos”*. Alguém havia perguntado se elas gostariam de serem chamadas de “Coronela”, “Almiranta”, “Brigadeira” justamente para evitar constrangimentos ou simplesmente se ensinava que seria assim?

Será que a ideia seria de demonstrar, desta forma, que aquele ambiente pertencia aos homens há anos? Ou seria apenas uma disputa ideológica contra os pensamentos tidos como progressistas pelos militares brasileiros, conforme me foi relatado em entrevistas? Talvez, adotando a flexão dos artigos nas patentes que competem tal ação, poderiam ser reduzidos os eternos constrangimentos em descobrir que está se falando com uma militar apenas após conhecê-la pessoalmente.

Percebia, em alguns momentos, que muitos o faziam em tom de provocar em mim algum tipo de reação, para ver qual seria o meu posicionamento. Toda as vezes que eu precisava explicar o que uma mulher como eu estava fazendo naquele meio, dizia que estava estudando as mulheres nas FA.

Desta forma, se iniciava discursos que os estudos sobre os gêneros eram vistos para doutrinar as pessoas a se referirem a todo mundo por “todes”. Acompanhado dessa narrativa, vinha sempre: *“Agora, vou ter que te chamar de todes, também?”*. Eu, em tom de brincadeira, respondia que poderiam me chamar daquilo que se sentissem mais à vontade: *“Me chame até de ‘meu amor’, mas me chame para falarmos sobre o meu objeto”*. Deixava sempre muito claro que esta pesquisa não iria abordar esse tema, já que meu foco não era esse mas, que não via problemas em quem os estudava já que acredito que as instituições devem sempre se manter abertas para novas abordagens.

Há alguns anos, as três Forças, bem como algumas Forças Auxiliares, vem recebendo demandas judiciais<sup>67</sup> sobre a aceitação de pessoas transgêneros<sup>68</sup> em seus quadros e, talvez, por isso, havia o receio de minha presença revelar algo. Em

---

<sup>67</sup> Ver mais em: <https://www10.trf2.jus.br/portal/trf2-militares-transgeneros-nao-podem-ser-reformados-compulsoriamente-e-tem-direito-nome-social/> e <https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/2023/29012023-Julgamento-da-Segunda-Turma-reparou-erro-na-aposentadoria-da-primeira-transexual-da-FAB.aspx>. Reforço que apesar de ser um tema de alta relevância em nossa sociedade, não irei me ater a tal assunto neste trabalho.

<sup>68</sup> A mais nova Contra- Almiranta Maria Cecília defendeu, na conclusão do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia, uma monografia sobre o assunto. Ver mais em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tom-farias/2023/04/primeira-almirante-negra-e-exemplo-a-ser-seguido.shtml>.

uma determinada ocasião, recebi um *e-mail* com uma reportagem sobre tal assunto, onde me foi questionado o que eu achava sobre. Respondi que poderíamos falar pessoalmente em uma ocasião sobre isso, ou seja, durante o intervalo de um determinado evento mas, que não era meu objeto de estudo. Cheguei a conversar, de fato, no local marcado, mostrando meu ponto de vista, sem causar ruídos na comunicação e respeitando o meu interlocutor. Continuamos conversando no evento sobre outros assuntos, posteriormente.

### 3.5 Apropriando-se da linguagem nativa

Fazer este campo de pesquisa acabou me moldando. À medida que o tempo ia passando, eu ia me sentindo mais segura e confortável. Por conta disso, passei a adotar jargões nativos até para deixar mais descontraído minha inserção naquele meio e de aproximar as pessoas, realizando o “quebrar o gelo”. Uma delas era eu responder, sempre, com um “*Sim, Senhor!*”, de forma bastante enfática, como se fosse uma ordem dada a mim pessoalmente ou através de mensagens, para quaisquer assuntos. Todos eles riam.

Também dizia “*Permissão para entrar, Senhor!*” e “*Me apresentando, Senhor!*”, sempre em tom descontraído. Um oficial chegou a me dizer que eu praticava *bullying* mas, achava engraçado quando eu dizia tais frases. Outro, entrou na brincadeira e me dizia “*Bom dia/ tarde, Senhora!*”, também em tom de comando, sempre quando nos encontrávamos. Por conta disso, passei a adotar esse linguajar em meu cotidiano de forma natural.

Uma delas auxiliou minha entrada em Portugal, onde fui apresentar um trabalho e tive a honra de conhecer, entregar um livro e trocar algumas palavras com a Ministra da Defesa de Portugal e minha referência acadêmica, Helena Carreiras<sup>69</sup>. Ao me apresentar na Imigração, sozinha, fui questionada do motivo de estar entrando no país. Expliquei a razão e falei o período, o qual era muito curto - uma semana. O funcionário perguntou o porquê de tão pouco tempo e expliquei que seria por conta

---

<sup>69</sup> Por conta de sua agenda de compromissos, a Ministra não poderá fazer parte de minha banca, mesmo eu tendo informado que seria mais para a frente. Mas, agradeceu, de forma muito simpática, meu convite.

de um evento militar. O funcionário perguntou se alguém do Ministério da Defesa português estaria me esperando no Aeroporto e respondi de modo automático: “*Sim, Senhor!*”. O funcionário me olhou, carimbou meu passaporte e nem quis que eu mostrasse nenhuma comprovação sobre o evento, mesmo tendo sido solicitada minutos antes para apresentar.

Em um evento militar, fui apresentada a dois oficiais de uma Força como uma pesquisadora sobre mulheres das FA. Eis que um deles me perguntou: “*Você é...?*”. onde respondi: “*aspiranta a socióloga!*”, dando um leve sorriso. Ele, que entendeu o emprego da palavra “*Aspiranta*”, riu e respondeu: “*Aspirante, muito bom! Está Certa!*”. Respondi, novamente que estava me apropriando da linguagem nativa. Ressalto que este termo veio de um professor da Universidade, quando fazia o Bacharelado em Segurança Pública, que, ao me apresentar em um evento para outras pessoas, me chamou de “*aspirante a socióloga*”. Logo, resolvi me apropriar da expressão por estar no meio que existem, de fato, aspirantes, que são aqueles e aquelas que serão os e as futuras pessoas ocupantes dos níveis de generalato, caso sigam na carreira.

Em relação à minha linguagem nativa, usava tanto a acadêmica mas, também, a da informalidade, em especial as gírias cariocas (as quais ensinei algumas para os militares de Portugal, também). Um momento engraçado foi quando ouvi uma expressão: “*torar*”, que no meio militar significa “*tirar uma soneca, dormir*”. Na linguagem coloquial, a depender do contexto em que se emprega a palavra, pode significar quando está para acontecer uma grande confusão ou com conotações sexuais: “*o pau vai torar*”.

Me assustei e perguntei se havia escutado direito, ficando um pouco desconfortável. Os dois militares brasileiros que estavam comigo perguntaram qual seria o motivo de eu ter ficado daquela forma. Falei que aquela gíria não estava adequada para aquela ocasião. Eles me perguntaram se eu sabia o significado de tal palavra: “*Sim!*”, respondendo com certa autoridade do argumento.

Quando eles me explicaram o que significava, senti um alívio e disse que nada tinha a ver com o que eu sabia. Eles, curiosos, perguntaram qual seria o significado não militar. Mesmo um pouco sem jeito, mas, sem amarras, expliquei que ela possuía um sentido relacionado ou a ações violentas ou de cunho sexual. Todos nós rimos e ficamos surpresos ao saber que uma coisa tão comum e sem maldades para “*eles*”, tinha um significado bem mais ousado para “*nós*”. Depois daquele dia, a palavra foi substituída por um dos oficiais para não causar mais constrangimentos. Eu, sempre

que os via, lembrava do significado e dizia: *“Viu como a Academia ensina as pessoas a se relacionarem?”*

### **3.6 O ambiente militar no Brasil: a sensação de estar sendo observada**

Meu campo de pesquisa ocorreu de forma bastante vasto, onde tive a oportunidade de participar ativamente de eventos abertos ao público interessado nos assuntos militarizados: ciclo de palestras, comemorações sobre o Bicentenário de nossa Independência política de Portugal, estudos femininos que abordavam meus interesses. Sempre que eu era convidada, fazia questão de prestigiar as celebrações. Ia anotando em caderninhos que cabiam na minha bolsa, a fim de não chamar muito a atenção para, depois, poder digitar sem esquecer muitos detalhes. Notava que sempre que fazia minhas anotações de campo, alguém ficava olhando o que eu escrevia e em seguida, percebia a presença muito próxima de alguém junto a mim.

Em um evento, que falava sobre os 100 anos do Movimento Tenentista - fui, em, ao menos, três deles -, enquanto um palestrante estava a falar, passei a fazer anotações para a esta pesquisa, já que sua fala estava relacionada com meus estudos, em um dado momento. Como estava de cabeça baixa, ao levantá-la, vi que um soldado estava ao meu lado.

Ao perceber que havia sido notado, o mesmo saiu. A partir disso, comecei a prestar a atenção nas pessoas se movimentando; vi que uma militar se aproximou e por ali ficou. Eu a olhei e ela, gentilmente, sorriu mas, não arredou o pé de perto de mim. A meu ver, parecia que a mesma queria identificar quem eu era, pois cheguei sozinha no evento e ainda não tinha encontrado ninguém conhecido para cumprimentar. Seria eu uma jornalista a anotar para algum jornal?



Imagem 12 - Foto do convite para a Feijoada em comemoração ao Bicentenário da Independência.



Fonte: A autora, 2022.

Dentro dessa sensação de estar sendo acompanhada por onde eu fosse, confesso que no início de meu campo eu senti medo, de verdade. Apesar de ficar cada vez mais à vontade à medida que o tempo ia passando, participando ativamente de conversas, inicialmente, percebia que a todo momento, quando em ocasiões bastantes informais em eventos públicos, estava sendo vigiada e com pessoas próximas de mim para saber sobre o que eu estava falando ou fazendo com as pessoas que me cercavam.

E quando eu olhava para tais pessoas, as mesmas saíam de perto, me causando certo incômodo. Ainda, pelo fato de eu não ser uma nativa, isso me deixava bem desconfiada, ainda mais estando sozinha. Pode parecer estranho mas, nunca tive receios de ser assediada pelo fato de ser uma mulher “bonita e atraente”, conforme ouvia de meus e de minhas interlocutoras, em um ambiente novo, majoritariamente masculino.

Em uma determinada cerimônia, após eu fazer uma pergunta - e aqui ressalto que minhas perguntas nunca eram respondidas de fato e creditava isso à minha condição de estranha mas, também, de mulher -, enquanto conversava com uma outra acadêmica e falávamos sobre assuntos de nosso interesse, fui chamada por um oficial para uma conversa, o qual aparentava ter a minha idade. Ele se dirigiu até mim e disse: “*Podemos conversar?*” Perguntei se seria apenas eu e ele, onde recebi como resposta: “*De preferência, sim*”. Fui sendo conduzida para um canto do ambiente em que estávamos, andando lado a lado com este oficial, sem trocarmos uma palavra.

Fomos abrindo o caminho e as pessoas, à volta, nos olhavam e nada falavam. Deixei de propósito minha bolsa com meus pertences esportivos no chão pois, no meu pensamento, caso acontecesse alguma coisa comigo, deixaria rastros de minha presença naquele local e naquele dia. Acreditei que seria questionada por ter feito a pergunta e que teria sido inconveniente, em especial no momento político que vivíamos ao longo deste campo<sup>70</sup>.

Quando, finalmente, chegamos até o local, perguntei: “*Aqui está bom?*” - já que era perto de uma porta e eu fiquei entre a porta e a parede. Ele, então, se apresentou com sua patente e nome de guerra, dizendo que havia gostado muito de minha fala e passou a citar alguns autores que havia lido ao longo de sua carreira militar e formação acadêmica naquele meio.

O oficial, na tentativa de aproximação, perguntou sobre minha origem familiar e para qual time eu torcia. Percebendo que tínhamos coisas em comum, como a origem e torcíamos para o mesmo time de futebol, a conversa foi ficando mais amena e passei a ouvi-lo com mais atenção, deixando o medo se dissipar. Em um dado momento, já me sentindo um pouco mais à vontade, em tom de desabafo, falei: “*Confesso que senti medo quando você se aproximou. Por isso, deixei minha bolsa esportiva lá no chão [apontando para a mesma]*”. O oficial riu, dizendo que eu não havia feito nada para me sentir assim e voltou para o nosso bate-papo, o qual durou por mais de uma hora, onde diversas pessoas já tinham deixado o recinto, ficando eu e ele como uns dos últimos a sair. O mesmo pediu meu telefone e eu forneci, já que ele se colocou à disposição para me auxiliar em minha pesquisa de tese.

Ainda sobre meu sentimento de medo, recordo quando eu vi uma arma no mesmo local que eu, uma única vez. Havia um oficial que sempre andava armado e permitia que a mesma aparecesse, de vez em quando. Tratava-se de um oficial que eu, até então, não tinha conversado nem sequer apresentada formalmente. Ao ver sua arma, fiquei imaginando ela disparando sozinha e acertando alguém na plateia do evento em que eu estava, em especial, eu mesma, haja vista que eu sentada sempre atrás dele.

---

<sup>70</sup> Fiz as entrevistas, bem como participei ativamente de eventos no Rio de Janeiro ao longo de 2022, ano da eleição mais disputada da História do Brasil, conforme diversos meios de comunicação anunciaram. No meio militar, havia uma clara preferência pela figura do, então, candidato à reeleição, Jair Messias Bolsonaro. Ver mais em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/lula-x-bolsonaro-eleicao-de-2022-foi-a-mais-disputada-desde-a-redemocratizacao/>.

Ou ainda, sendo usada em alguma ação para se proteger de alguma ameaça em que ele sentisse ao seu redor. Comentei com um recém amigo oficial, pois eu estava assustada: “*Ele sempre anda assim?*” A resposta foi positiva. Quando, finalmente, fui apresentada para ele, não me senti apta para falar sobre meu receio de sua arma. Mas, com o passar dos meses, tendo um pouco mais de proximidade, relatei que fiquei assustada pela primeira vez que a vi. Para aquele oficial, andar armado era algo natural.

Durante as entrevistas, perguntava se as mulheres eram treinadas a usarem armas e todas me garantiram que sim. Porém, nenhuma delas ostentou alguma posição semelhante àquele oficial ou me mostrou sua arma. Para elas, a arma era vista como uma ferramenta de trabalho e deveria ser acionada no momento de ameaça à sua vida.

### **3.7 Mulher em uma instituição militar: um não- ser?**

Encontrei o mesmo oficial que me chamou para conversar - citado na situação acima, já que isso não era raro de acontecer-, em um outro evento e fiz questão de conversar com ele, agora, já mais enturmada e sem receios, sobre minhas primeiras percepções sobre as mulheres oficiais. Ele, que sempre não permitia que eu terminasse as minhas falas, me deu muitas dicas de como fazer minhas análises, em tom professoral, enquanto eu o ouvia educadamente. Nesse mesmo evento, durante o intervalo, como de costume, sempre se aproximava algum oficial, agora falando com aqueles que já sabiam o motivo de eu estar naquele local, me perguntando sobre meus estudos. Mas, nunca as mulheres militares. Isso me chamava a atenção.

As mesmas, apesar de me sorrirem timidamente, nunca me eram apresentadas ou falavam diretamente comigo. Eu, quando não era chamada para ser apresentada para algum oficial, me dirigia a elas e falava sobre minha pesquisa. Algumas vezes, perguntava: “*Onde estão as mulheres?*” A resposta nunca chegava. Isso me fazia pensar sobre o (não) papel das oficiais dentro das FA.

Em um outro evento, ao chegar correndo, literalmente, para me credenciar, pois o mesmo já tinha iniciado, uma oficiala de baixa patente que estava na função de controlar a entrada me reconheceu e disse: “*Adoro ver a Senhora falar!*”. Confesso

que senti surpresa pois, a mesma me disse em tom de admiração mas, com muita cautela. Agradei o elogio, perguntei seu nome e a convidei para assistir uma palestra minha. A mesma se interessou e disse que como eu a havia convidado, ela já teria a justificativa para estar no dia marcado. Comentei com um oficial sobre o meu convite àquela mulher que estava no credenciamento para me assistir e ouvi um “*Se elas não estiverem de serviço, tudo bem!*”. Respondi: “*Mas, elas não podem assistir, já que estarão na porta?*” Não obtive resposta. No dia de minha palestra, para a minha surpresa, as oficialas não estavam no credenciamento.

Uma outra percepção foi que os feitos das oficialas - tanto das que estão na ativa como daquelas que já estão na reserva -, bem como de mulheres que possuem forte ligações com as Forças em momentos em que ainda não éramos uma nação independente - como a soldada Medeiros a primeira combatente do Exército, ou Maria Leopoldina do Brasil, uma das protagonistas, junto com José Bonifácio da nossa independência política de Portugal -, não eram reconhecidos ou eram colocados sob dúvidas de sua veracidade. Entretanto, havia um grande esforço por parte dos oficiais para me convencer sobre feitos de mulheres não militares e sua ligação com tal meio, como as histórias de Rosa da Fonseca e de Anna Néry<sup>71</sup>.

Em um determinado evento *online*, logo no início de meu campo onde não conhecia quase ninguém, enquanto conversava com outras pessoas sobre gêneros e Forças Armadas, uma mulher me interpelou e iniciamos um debate. Entretanto, um oficial da reserva a interrompeu grosseiramente, indicando que por ela não estar inscrita, não caberia se colocar em fala. Todos que estavam presentes, assim como eu, ficamos assustados com a atitude. Perguntei se a mulher gostaria de retornar com a pergunta mas, a mesma não quis. Alguns minutos depois, se retirou do ambiente virtual. Assim que pude, reportei a um outro oficial o ocorrido para que aquela mulher não se sentisse desacreditada. Coloquei-me à disposição, caso precisasse esclarecer algo, já que presenciei toda a situação.

Em um evento que participei, no segundo semestre de 2022, fiquei conversando com um oficial sobre a entrada das mulheres nas Forças. Sem precisar perguntar, ouvi o mesmo discurso mas, um pouco mais contundente: “*Mulheres não podem comandar tropas, pois, um Comandante jamais deverá demonstrar fragilidade: “E se essa mulher começar a chorar?”*”. Eu argumentava que homens também choram

---

<sup>71</sup> Uma história mais detalhada sobre elas, bem como as primeiras mulheres combatentes da História Militar do Brasil, foi apresentada no capítulo 1 desta tese.

e que nem por isso eram vistos como frágeis. Eis que o oficial partiu para outro argumento: *“E se estivermos em uma guerra e ela terá que levar mais de 30 quilos entre armamento, uniforme molhado, mochila...? Ela não aguentará e um homem terá que auxiliar esta mulher. E, assim, teremos duas pessoas em uma mesma posição”*. Eu expliquei que mulheres, quando engravidam carregam, em uma gestação saudável, próximo a 20 quilos até a criança nascer, ou seja, por 9 meses.

Além disso, há homens franzinos - que inclusive me relataram terem recebido ajuda nos treinamentos físicos para avançar na carreira dentro da AMAN - que não foram cobrados em relação à situação a mim relatada. Dessa forma, o oficial não conseguiu me dar nenhuma resposta. Por fim, questionei-o: *“Como você pode ser tão assertivo quanto às mulheres Comandantes nas Forças, comandando tropas, se nenhuma, até então, encontra-se em tal posição? E quais delas estão sendo treinadas para tal?”* Mais uma vez, não obtive respostas claras com argumentos convincentes. Como o local estava fechando, fomos solicitados a nos retirar e por isso, nossa conversa acabou.

Sobre tal assunto, lembro que conheci um adido estadunidense de uma Força que estava voltando para seu país e estava apresentando aquele que ficaria em seu lugar por aqui. Isso ocorreu bem no início de meu campo, quando eu estava acompanhada por um oficial brasileiro e começamos a conversar. Ao sermos apresentados, falei que estava iniciando um estudo sobre as mulheres nas Forças Armadas no Brasil e ele se interessou bastante. Contou-me que conhecia muitas mulheres mais altas e mais fortes que ele dentro das Forças Armadas de seu país - ele era um homem bastante baixo, se analisarmos os “padrões militares” que normalmente somos levados a pensar em um senso comum. Ele era um defensor de que as mulheres deveriam ocupar mais postos na sua Força, pois elas mostravam ser tão profissionais, ou mais, que os homens. Também me disse que o fato de ser uma mulher não deveria impactar na escolha dos Altos Comandos para determinadas vagas.

Certa vez, um oficial de uma Força me disse que poderia me auxiliar a conseguir uma entrevista com uma oficiala, a qual, segundo ele, seria “uma grande amiga”. Porém, ela ascendeu na carreira meses depois. Em suas palavras, “[NOME] ficou mascarada”, ou seja, não queria mais falar com ele por estar hierarquicamente mais importante. Fiquei pensando se isso ocorrera de fato ou se ele estava enciumado por ela estar sendo reconhecida profissionalmente. Outro oficial, também, me relatou

sobre uma militar que havia ascendido: ele dizia que ela não precisava ser tão exigente ao demandar as tarefas para ele: “*Ela é mão de ferro!*”, me disse, rindo. Pensei comigo mesma se ele iria se referir da mesma forma se fosse um homem naquele lugar de destaque.

### **3.8 A relação com a aparência física em um campo masculinizado**

Meu campo me permitiu conhecer todas as entrevistadas. Por conta de ser a vencedora do Prêmio INBRADIM (Instituto Brasileiro de Estudo e Pesquisa de Direito Militar) de Produção Filosófico- científica/2021 Príncipe Regente dom João em sua terceira edição, passei a receber convites para participar de atividades no ramo militar. E dessa forma, recebia a indicação de entrevistar oficiais de cada Força, em diversos locais. Lembro-me que minha preocupação com minha aparência era muito grande, haja vista que por ser do meio acadêmico, apresentava alguns sinais que, a meu ver, iriam soar estranhos para aquelas pessoas: ter cabelos curtos, um *piercing* no nariz e outro na orelha, usar unhas coloridas<sup>72</sup>; sempre usava óculos por conta de meu problema de visão e roupas muito casuais e de cores vibrantes. Ainda, calçava um tênis branco e usava muitas pulseiras e colares, os quais mostravam um pouco sobre minhas crenças espirituais. Por conta de tal aparência, já estava acostumada a ouvir que tinha “cara de professora”.

Percebia que tudo a meu respeito chamava muito a atenção de todos, levando a crer que realmente eu era “a diferente”. Das poucas mulheres não militares que presenciei em eventos, todas seguiam um padrão de vestimenta totalmente diverso ao meu - já relatado na seção sobre a formatura da AMAN, mais acima nesse texto. Em relação às militares, por estarem sempre com seus uniformes e em local de trabalho, tudo deveria estar dentro daquilo que as normas permitiam.

Quando se tratava em falar sobre mulheres que se destacaram nas Forças, havia sempre categorizações que levavam em conta a aparência física da oficiala ou que elas se utilizavam de sua condição feminina para conseguir vantagens. O mesmo

---

<sup>72</sup> Na época das eleições e da Copa do mundo, ambas ocorridas em 2022, pintei minhas unhas de verde e amarelo e fui muito bem recebida, mesmo não tendo nenhum sentido político de maneira proposital ou para provocar ninguém em meu ato.

oficial que disse que sua colega havia ficado *mascarada*, por exemplo, falava de suas colegas de turma que, por estarem com suas idades mais avançadas, haviam “*embarangado*”, isto é, estavam feias aos seus olhos masculinos.

Muito ouvi sobre meus adornos corporais, os quais fazem sentido para mim usá-los diariamente. Perguntas como: “*Você é budista?*” “*Esse monte de pulseiras são por causa de suas crenças?*” sempre ocorriam. Minhas respostas eram explicando que minha espiritualidade era levada muito a sério por mim mas, não entrava em detalhes sobre minhas acreditações. Em um evento, sentada e prestando atenção no palestrante, devidamente vestida com minhas pulseiras, uma delas chamou a atenção de um oficial que estava sentado ao meu lado. Ele me cutucou, a fim de que eu o olhasse. Ao olhar para ele, vi que ele apontou para meu braço direito e com um olhar de surpresa, me disse: “*Muito bonita ela*”. Eu, falando muito baixo ao seu ouvido para não ser chamada atenção, respondi: “*Obrigado. Ela representa ‘o Olho que tudo vê’*”. Ele, então, respondeu: “*Muito bom!*”, mostrando, de imediato, um adorno seu de Maçonaria onde aparece a mesma figura. Olhei, e ao esboçar um sorriso, lhe disse: “*Cremos nas mesmas coisas*”. Essa pulseira é uma das que mais ouço comentários em todos os lugares que vou, seja de homens ou de mulheres, tanto no meio militar como fora dele. Ela possui um significado muito importante para mim e sempre que alguém fala dela, realmente faço questão de agradecer.

Em relação ao meu cabelo, em meus pensamentos, por ser um assunto que mexe com a vaidade das mulheres latinas, o fato de ele ser curto atrapalharia minha entrada em um campo majoritariamente masculino. Entretanto, em uma entrevista, onde ouvi sobre a história de mulheres no ingresso das Forças e a primeira turma a ingressar na Marinha do Brasil, todas as novas integrantes que estavam com seus cabelos compridos, foram obrigadas a cortar. Para aquelas que não se sujeitavam a tal regra, foi solicitada a sua dispensa. Como algumas mulheres já eram conhecedoras de tal solicitação, já se apresentaram de cabelos cortados e decidiram adotar esse modelo para as suas vidas, inclusive, algumas delas, fora da caserna. Quando a segunda Força admitiu mulheres, a FAB, as candidatas já conheciam a regra, seguindo, assim, para o EB.

Imagem 13 – Foto da reportagem na extinta Revista Manchete, de 25 de abril de 1981.



Legenda: Fotografia da revista mostrando o berçário, o corte de cabelo, o rancho, os dormitórios das novas militares, bem como reunião com os oficiais da Marinha. Material gentilmente doado para esta pesquisa por uma entrevistada.

Fonte: a autora, 2022.

Em outra entrevista, assim que me apresentei, ouvi da oficiala: “*Adorei seu corte de cabelo!*”. Eu retribuí o elogio agradecendo e dizendo que o dela, também, era lindo pois, ambas estávamos com o corte muito parecido. A partir daí, entendi que meu cabelo me chancelava no campo de pesquisa e passei a dar mais visibilidade a ele, inclusive em uma demonstração de auto-estima e indo contra os supostos desejos masculinos.

Fiquei surpresa quando ouvi de um oficial, um dia após em que tinha cortado minhas madeixas, que eu estava “super feminina”. Enquanto dividíamos um mesmo espaço, ele se aproximou e tocou em meus recém cortados cabelos sorrindo e dizendo: “*Ah, esse seu cabelinho...*”. Eu agradei o elogio e falei que amava meus cabelos curtos e grisalhos, dizendo que eu estava incorporada naquele *ethos* militar:

Minha idade também me permitiu entender muito sobre meu papel feminino, e, também, de pesquisadora, naquele ambiente. Quando estávamos em assuntos informais, sempre deixava claro sobre minha idade, a de minha filha e que sentia orgulho de cada fio de cabelo branco que estava em mim, já que os mesmos fazem parte de minha caminhada nesse mundo. Percebia que as mulheres no meio militar, inclusive as não militares, eram bastantes preocupadas com suas aparências. Não era raro eu ouvir que aparentava ser muito mais nova e acredito que isso incomodou



algumas esposas de oficiais e de não militares que me conheceram, já que tinham o costume de atacar outras mulheres (conforme já falado neste texto). Entretanto, não percebi este incômodo vindo das militares.

Minha forma de me apresentar parecia me dar uma credibilidade, já que deixava claro que não era “uma garotinha” e que estava em um estudo sério sobre as Forças Armadas brasileiras. Logo, entendi o que as primeiras mulheres ingressantes nas Forças passaram por conta de suas belezas e jovialidades em uma época em que as mulheres tinham poucas opções no mercado de trabalho.

### **3.9 A sexualidade e a racialização dentro das Forças Armadas**

Sempre que eu falava sobre meu objeto de estudo, ouvia que, com a entrada de cada vez mais mulheres, havia uma grande chance de que elas passassem a se relacionar emocionalmente entre si, o que me parecia ser uma preocupação apenas vinda do lado masculino. Em uma determinada reunião, em que havia homens de uma Força e apenas eu de mulher, ao ouvir isso, deixei claro que minha pesquisa trataria do lado profissional de uma militar e que gostaria de ouvir dos presentes de que forma o envolvimento emocional, tanto entre homens quanto entre mulheres, poderia impactar no profissionalismo de um ou de outro.

Naquele momento, ouvi apenas o silêncio e me dei por satisfeita nessa resposta. Inclusive, falei exatamente isso: por ninguém ter me respondido de forma argumentativa se uma mulher se relacionaria com outra ou com outro colega, bem como homens com seus colegas, isso não poderia ser visto como um problema ou o foco da Força estaria em assuntos não ligados à profissão. Percebi que todos os presentes baixaram a cabeça e apenas um fez um gesto de concordar comigo. Em seguida, um deles pediu para se retirar, alegando compromissos.

Na mesma reunião, fui questionada sobre o motivo de meu interesse em estudar as mulheres das Forças Armadas no Brasil. Expliquei que não havia estudos sobre o assunto desde há muito tempo e que englobassem as três Forças, como eu estava fazendo. Os que tinham contemplava apenas os homens, de uma forma geral, uma única Força e voltado para a formação de uma identidade militar. Ainda, sobre a produção existente, havia aqueles que falavam ou sobre o Regime Militar ou sobre as

Operações de Paz, ligadas à ONU. Mas, falando sobre as oficiais das três Forças, era o diferencial de minha pesquisa. Neste momento, trouxe ao debate o escândalo envolvendo as FA na compra de *viagras*<sup>73</sup> e de próteses penianas, além de outros produtos não relacionados às questões de Defesa Nacional. Argumentei que havia debatido em sala de aula, com meus colegas e professores enquanto apresentava um texto de Janowitz (1967), onde questionava, em função das notícias veiculadas, as diferenças entre uma figura feminina militar e uma masculina no Alto Comando.

Os oficiais me perguntaram: *“O que mudaria se fosse uma mulher, ao invés de homens, na sua visão?”*. Respondi: *“Primeiramente, mulheres não comprariam aqueles produtos por motivos óbvios”*, onde todos consentiram. Em seguida, expliquei: *“As oficiais - e mulheres, em geral - protegem suas imagens profissionais e não aceitariam aquele tipo de contratação”*. Por fim, falei: *“E, mesmo que fosse uma mulher a comprar PDS (Pílulas do Dia Seguinte) ou contraceptivos, as mulheres são em menor quantidade nas Forças e apenas seria noticiado pelo fato de as aquisições seriam “coisas de mulher”, em uma possível tentativa de demonstrar que as mesmas não possuiriam capacidade de administrar a coisa pública.”*

Nesse momento, expliquei, brevemente, a eles sobre a presunção de competência (LOSS LEITE, 2020, p. 55), onde parte-se do princípio que um homem sempre irá atender às demandas laborais, mesmo que envolva escândalos, enquanto um mulher terá que provar que possui capacidade técnica e cognitiva o tempo todo. Um silêncio se instaurou, com alguns risos discretos e seguimos para outros assuntos.

O fato de não abordar as questões de sexualidade, mesmo me sendo perguntada a todo o momento, se deu apenas por questões metodológicas e falta de tempo para dissertar sobre. O mesmo ocorreu como as questões de racialização e etnias. Entretanto, um episódio me marcou sobre a questão racial nas Forças. Em uma de minhas entrevistas com um oficiala, perguntei, ao final, se ela teria alguns nomes para me sugerir para eu poder entrevistar.

A mesma, muito solícita, lembrou de uma mulher jovem e negra, dentro de sua concepção sobre racialização, que havia começado na carreira em uma posição bem

---

<sup>73</sup> Ver mais em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/tcu-abre-processo-para-apurar-compra-de-viagra-por-forcas-armadas>, <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/exercito-gastou-r-35-milhoes-em-60-proteses-penianas-mostram-documentos/>.

O link a seguir, o qual havia uma explicação pública do EB sobre a compra aparece, atualmente com a mensagem: “Esta página não existe”: [https://www.eb.mil.br/esclarecimento\\_publico\\_interno/-/asset\\_publisher/hXs0Tex9BvDf/content/aquisicao-de-proteses-pelo-exercito/18107](https://www.eb.mil.br/esclarecimento_publico_interno/-/asset_publisher/hXs0Tex9BvDf/content/aquisicao-de-proteses-pelo-exercito/18107).

subalterna. Mas, à medida que os concursos internos iam ocorrendo, ela subia um degrau. Achei muito interessante a sugestão e coloquei que, realmente, não havia entrevistado nenhuma oficiala que se autodeclarasse não branca e que seria um ponto de vista bem diferente das entrevistas que até então havia realizado. Eis que a oficiala recuou na sugestão e me disse que seria melhor eu não a entrevistar, olhando por este lado. Eu não insisti no pedido. Percebi que sua posição se dava seria muito mais com um cuidado para não expor a Força em assuntos de grande relevância social, como o racismo, que propriamente uma questão particular entre ela e a jovem sugerida.

Sempre que eu estava na presença de ao menos dois oficiais, brincadeiras em relação à sexualidade das mulheres e dos homens eram comuns. Eu, aproveitava o momento para sociologizar com meus interlocutores. Um dos comentários que eu fazia era a respeito do bastão de comando, usado para identificar um oficial General do Exército na ativa. Quando via alguém com ele em mãos - e cabe ressaltar que apenas integrantes do Generalato podem manusear - dizia: *“Vi [NOME] com o seu bastão”*. Eu continuava: *“Sabem por que mulheres não estão no generalato? Porque não poderão segurar este objeto viril. Ele é a representação da masculinidade da Força”*. Em nenhum momento ouvi explicações sobre a origem do bastão no EB nem sobre caso tivéssemos mulheres no generalato, se as mesmas iriam poder manuseá-lo.

Outro ponto que aproveitava para fazer os oficiais pensarem sobre a sexualidade era sobre o lema de uma das Forças: *“Braço forte, mão amiga”*. Este dizer pertence ao EB e é dito e estampado em muros de OM's. Quando os comentários de oficiais começavam girar em torno de relacionamentos homoafetivos, eu, prontamente, dizia que o lema do EB já dizia muita coisa e por isso mulheres não eram bem-vindas. Muitos paravam para pensar sobre a questão. Vou ao encontro de Castro (2021), que diz que o Exército cultua uma camaradagem fraternal. Entretanto, vou além ao dizer que tal atitude é paternal por só inclui homens, não sendo possível a mesma camaradagem com mulheres sem que haja um envolvimento sexual, na visão da maioria dos homens da caserna.

Em um evento sobre mulheres, fui convidada a assistir um oficial falando exatamente o que eu já vinha apresentando sobre mulheres nas FA brasileiras, desde a combatente Medeiros até os dias atuais. Me chamou a atenção a audácia dele de, após ter conversado comigo, *“resolver”* fazer um livro entrevistando oficialas da

AMAN, além de contar as “suas” versões sobre nossas Heroínas da Pátria, em especial, Maria Felipa, a qual insistia em dizer que a mesma havia sido uma prostituta baseado em seus achismos.

Em uma dada reunião em que participei, havia uma oficiala: a mesma era uma mulher de baixa estatura mas, com o corpo muito forte e parecia estar bastante nervosa para falar. Um oficial, após falar muito sobre seu próprio trabalho, deu a palavra à oficiala e anunciou que ela falaria apenas cinco minutos, já que estava trabalhando em uma OM e deveria voltar para as suas atividades. O local ficava distante de onde estávamos, mais ou menos, umas duas horas de carro e ela deveria sair antes das 16 horas para chegar a tempo.

Em sua rápida fala, a oficiala reproduziu um discurso que ia ao oposto daquilo que ela estava conversando comigo há alguns minutos atrás. Ou seja, a mesma também me relatou sobre as “mulheres dos oficiais” e como elas incomodaram tanto a ela como a suas colegas recém chegadas na Força. Porém, sua fala pública foi muito institucional, dando a entender que as mulheres naquela Força tem as mesmas oportunidades que os homens, o que descobri que não era a realidade.

Após a saída da oficiala, precisei sair, já que estava em um bairro diferente da escola de minha filha e precisava ir pegá-la. Fui me despedir de algumas pessoas, incluindo o próprio oficial que falou a maior parte do tempo, o qual estava rodeado de outros oficiais. Ao chegar, percebi que estavam falando da oficiala, que já havia se retirado às pressas para não perder seu horário. Uns diziam que ela “*gostava de mulher*” e que já havia causado “problemas”, pois se trocava na frente de outras mulheres - o que me parece ser uma atitude normal em qualquer local em que tenham apenas mulheres. Outro, disse que “*quando ela soltava os cabelos para arrumar seu coque, deixava os homens loucos*”. Ainda, falavam que seu corpo era muito bruto e que “*parecia um homem*”. Aproveitei o clima de comentários e fiz uma brincadeira com ele na frente de todos os seus amigos: “*Você até sabe falar sobre mulheres. Não é apenas um rostinho bonito*”, enquanto o tocava firmemente no braço. Ele, desconsertado, riu. Falei para sua companheira, ainda na frente dele, que ele era visto como um “*galã*”, a qual riu comigo e perguntou detalhes sobre a situação.

Trago outro episódio: uma conversa começou quando dois oficiais entraram e sentaram-se enquanto eu estava em conversa com um oficial. À medida que a conversa caminhou, ao lembrarem de suas atividades quando trabalharam juntos, começaram a falar sobre uma oficiala e seu envolvimento com um praça. Quando um

deles começou a falar, um outro me disse: “*Carol, presta atenção!*”. E eu, atendendo às expectativas, ouvia atentamente, olhando nos olhos de cada um deles, enquanto falavam. Após detalharem a história, onde me descreveram o oficial como sendo um “*rapagão saradão*”, respondi “*Que delícia! Ela escolheu bem, então!*” O oficial que estava me contando a história me informou que a oficiala havia sido punida por ser de patente mais alta.

Esses assuntos sempre eram colocados em minha presença, me parecendo tentar deslegitimar a figura feminina no ambiente militar ou de me provocar para que eu me posicionasse de alguma forma. Eu, que argumentava sempre da mesma maneira, perguntei aos três oficiais: “*Por que apenas ela sofreu uma punição mais drástica e o oficial, não?*”. Senti-me à vontade em questionar já que estavam sendo contados os detalhes, em minha presença, de profissionais as quais eu tinha o interesse em entrevistar: as oficialas. A resposta veio de um deles, tendo o consentimento dos demais: “*Porque ELA (grifo meu, para enfatizar a forma como me foi dito), por ser do Quadro de Oficiais, caberia dar o exemplo*”. Rebatí, ao colocar: “*Mas, quando ouço ‘causos’ relacionados a homens oficiais se relacionando com mulheres mais baixas hierarquicamente, não vejo a mesma forma de tratamento!*”. Houve uma desconversada, alegando que eu não entendia o mundo militar e partiram para outros assuntos.

Quando se falava sobre tais casos, isto é, de mulheres se relacionando com homens de baixa hierarquia, os comentários eram de outra magnitude: apontavam sobre a idade da militar envolvida, sua patente, sua beleza física e se ela estava interessada no homem, de fato, ou se estava preocupada em crescer profissionalmente. Por muitas vezes, ouvi a tipificação “*tenentinha*”, uma categorização voltada para as militares de baixa patente e mais jovens.

Em um evento, no momento do intervalo, conversei com alguns oficiais sobre minha pesquisa, onde consegui um contato para entrevistar uma oficiala. Ao final daquela cerimônia, marcamos todos de tomar um *chopp*, onde fomos a pé. Apesar de estarmos na Zona Sul carioca, íamos para o mesmo lado do bairro e expliquei que não poderia ficar por muito tempo, já que precisava buscar minha filha na escola. Ofereci, então, uma carona no táxi que eu já havia agendado para ir me buscar. Assim, poderíamos ir falando sobre meus interesses de pesquisa.

Porém, antes de sairmos, um deles estava demorando e ninguém sabia onde o mesmo estava, já que as portas do evento já estavam sendo fechadas. Eis que um

deles diz, parecendo esquecer que estava na minha presença: “O [NOME] já deve ter ido atrás de alguma tenentinha!” Os demais homens riram de forma comedida por estarem na minha presença e um deles chamou a atenção daquele oficial dizendo “Olha a Carol, aqui!”. Eu, que estava preocupada com o horário e em fazer alianças profissionais, além de não estar totalmente submersa no meu objeto de pesquisa, dei um leve sorriso e não me manifestei. Ao todo, fomos no táxi em quatro pessoas, todos apertados, já que eram oficiais mais encorpados que eu. A conversa foi tão extrovertida que falamos até com o taxista e sobre contextos políticos. Um deles, dentro daquilo que estávamos discutindo, se dirigiu ao motorista pelo nome (já que eu havia apresentado ele a todos) dizendo: “Cada um tem seu [PALAVRÃO] na família, não é [NOME DO TAXISTA]?”. O taxista riu, juntamente com todos nós.

Enquanto escrevia este capítulo, a terceira Contra- Almiranta, a médica Maria Cecília Barbosa da Silva Conceição assumia uma Diretoria junto ao Ministério da Defesa. Será percebido, mais adiante, que, conforme as entrevistas, as militares estão ligadas sempre aos órgãos voltados para a saúde, educação e serviços burocráticos, nunca em postos de comandos estratégicos.

### **3.10 Os e as militares e suas relações pessoais**

Fiz muitos trabalhos em muito pouco tempo no ambiente militar: dei palestras, escrevi artigos em um livro inédito, representei pessoas em ambiente externo e ciceroneei convidados estrangeiros -que cito mais adiante, ainda nesse texto. Muito daquilo que eu conquistei no interior do meio militar foi por conta de: demonstrar o quanto era importante esta pesquisa para a Ciência brasileira, principalmente para o ambiente militar; em acreditar que as mudanças sociais servem para nos fazer caminhar para um futuro próspero, mais justo e mais democrático e de não esconder a minha paixão pelo meu objeto de análise. Sobre isso, era o que mais ouvia: “Você tem tesão pelo que faz!”, “Percebo sua paixão nas suas palavras e defesa” ou “Você fala firme! Eu gosto disso!”. E isso fez todo o diferencial em minha interação com meus nativos e nativas.

Assim, demonstrava meu papel muito bem estabelecido no campo como uma pesquisadora interessada em levantar dados sociológicos sobre um objeto em

análise, pouco estudado, sem deixar de ser eu mesma. Levei a sério o que Liu (2021) escreveu sobre o *between*: não era apenas “A” pesquisadora que estava naqueles locais mas, uma mulher, acadêmica, revezando sua atenção aos mais diversos papéis sociais a que estou submetida cotidianamente. E percebi isso, também, em relação às oficiais entrevistadas. Nenhuma delas deixava de dizer que eram mulheres, mães, esposas, filhas, além de militares.

Apesar de perceber que estava sendo vista com muito respeito por meus interlocutores, ainda havia aqueles mais “engraçadinhos”, os quais, em meio a piadas, tentavam me colocar em um “lugar de mulher”, sob o ponto de vista do senso comum. Perguntas como: “*Você é casada?*”, “*Por que você não viaja com a gente?*”, “*Essa aliança é de quê?*”, “*Você e suas pulseiras ciganas...*” e outras situações oriundas de pouquíssimas pessoas, vinham na tentativa de me constranger.

Enquanto uns me apresentavam como “*a nossa especialista em mulheres nas Forças Armadas*”, forma esta que me levou a várias entrevistas e dados para a pesquisa e que me enchia de orgulho, pouquíssimos tentavam me desqualificar a todo momento por eu ser uma não militar, questionando de onde eu vinha e porque tinha interesse em estudar as FA.

Como passei a me sentir cada vez mais à vontade naqueles ambientes, passei a falar abertamente sobre minha maternidade, quando o momento era oportuno ou perguntada. Alguns oficiais me elogiavam sobre meus pensamentos e esforços para criar minha filha, que conheceu alguns deles em situações informais. Percebia que isso me deixava “mais profissional”, haja vista a dificuldade de ser mãe solo, me aproximando de meus nativos. Entretanto, percebi o incômodo de alguns e algumas não militares por acharem que minha filha poderia ser de algum daqueles “maridos”, conforme me foi insinuado: “*Ela está aqui para arranjar marido ou um pai para a filha dela!*”.

Percebia que muitas militares também eram mães solteiras e que se dedicavam muito em suas carreiras para poderem aproveitar com seus filhos as benesses da profissão. Muitas postavam fotos com suas crias e faziam questão de mostrar suas maternidades. Outras entrevistadas, por conta da carreira, entretanto, não tiveram filhos. Em uma entrevista, senti um certo ressentimento sobre isso.

Quando falavam sobre “família”, as entrevistadas sempre eram muito reservadas e quando se sentiam à vontade, falavam sobre seus companheiros, estes estando vivos ou mortos. Lembro de uma delas ter ido para uma viagem a trabalho

passar uma temporada e seu esposo foi junto. Ela era a única oficiala naquele ambiente e ele passou a ser o “*marido de [NOME]*”. Por ser o único marido, ele a acompanhava em *happy hours* e isso gerou um movimento em relação às esposas, as quais nunca podiam participar desses momentos. Por causa disso, elas passaram a ir e compartilhar com seus esposos militares o mesmo ambiente que o esposoacompanhante.

Os homens, ao contrário, sempre que me falavam de suas famílias era em tom de tristeza, alegando que a profissão os afastou do nascimento dos filhos e de seus crescimentos. Percebia que os filhos eram sempre aqueles que tiveram mais sucesso na vida e que “*casaram bem*”, ao contrário das filhas que eram separadas ou “*mal casadas*”. Entretanto, percebia que quando as militares falavam sobre suas maternidades era de forma feliz e com lembranças boas. Sendo a mesma carreira, minha percepção era de que as “*esposas de militares*” assumiam aquele papel esperado pela mulher na sociedade, ao invés de irem junto a eles, quando promovidos. Largavam suas carreiras, quando as tinham, ou se adaptavam à vida de seus homens para poderem usufruir daqueles privilégios como viagens internacionais, festas, além de terem seus empregos ligados a indicações militares.

Um fato que presenciei na formatura da AMAN que me deixou bastante impactada foi quando uma criança caiu de uma das tribunas de honra. Enquanto estava esperando a cerimônia começar, todos ouviram um estrondo assustador: uma criança - que deveria ter, no máximo, 2 anos de idade - despencou da tribuna em que eu estava. Estava olhando para a cena incrédula, já que ocorreu tudo exatamente à minha frente: o menino estava andando sozinho fazia alguns minutos sem a presença de nenhum familiar por perto. Por conta do calor, o mesmo estava visivelmente tonto e muito suado. Mesmo assim, tanto seu pai - um militar - como sua mãe, ignoraram os perigos em torno e permitiram que o mesmo andasse sob tais condições desacompanhado. Como a queda foi vista por uma oficiala que estava atenta na parte de baixo, a mesma socorreu o menino, imediatamente, que, com o susto, passou a chorar.

A mãe, a qual estava conversando com outras mulheres e de costas para a criança, gritou pelo pai do menino, um oficial que estava fora da tribuna conversando com outros oficiais. Enquanto este homem não chegava, a mulher não se mexia e não acudia seu filho, que estava aos prantos e muito assustado com aqueles gritos ao redor, mas amparado no colo da oficiala. O pai, ao chegar, acalmou seu filho, que



ainda estava grogue por conta do calor, enquanto sua mulher o xingava publicamente por ele não estar atento ao menino.

Castro (2021), coloca a questão do casamento para os cadetes da AMAN da mesma forma que eu posso ter sido vista em meu campo por alguns e algumas não militares: as mulheres da cidade fluminense de Resende apenas se aproximavam deles para namorar - as “V. O.”: verde-oliva, por conta da cor da farda - ou de “cadetina” (p. 212), considerando-as interesseiras ao escolherem cadetes para namorar. Entretanto, Na França, a pedido de Napoleão Bonaparte, os militares estavam autorizados a casar. Mas, com a chamada do exército de forma imediata para Austerlitz, as esposas recém-casadas não poderiam partir junto. Assim, criou-se um fundo monetário para que pudessem usufruir de sua nova vida de mulher de oficial. (CAIRE, 2002). Seriam tais mulheres de oficiais as “cadetinas”? Ainda conforme Castro, os cadetes geralmente se casam e se tornam pais logo que se formam na Academia como uma forma de compensar suas carências sexuais vividas nos anos de formação, sendo visto isso como algo natural da carreira.

Ao contrário, muitas vezes ouvia dos oficiais que as mulheres, quando entravam nas Forças, já engravidavam, lembrando sobre a “licença- eternidade” (LOSS LEITE, 2020, p. 58), na qual as mulheres, ao passarem em um concurso público, engravidam seguidamente, ficando afastadas do trabalho por longos períodos. Porém, aos homens, isso ocorria com suas mulheres assim que eles ascendiam, a fim de demonstrar a virilidade esperada para chegar ao topo da carreira. Conforme me disse um oficial, “*elas [as esposas] se fodem ao nosso lado*”. Porém, não consegui perceber de que forma isso ocorria, mas me fez trazer uma passagem de Lemmon, (2018, p.165- 166) sobre ser uma não militar:

[...] Mas, quando a carta de aprovação chegou, sua namorada na época, agora esposa, foi brutalmente honesta com Josh: ele poderia ingressar no Exército se quisesse, mas ela não queria uma vida de esposa de militar, com bebês agarrados na cintura e um marido na guerra”.

Me parece que, conforme os dados trazidos por Castro (2021), os cadetes possuem maior preocupação em ter alguém para poder ascender na profissão que propriamente uma companheira de vida. Além disso, as mulheres escolhidas devem ter uma formação superior, mas não devem exercê-las para não comprometer a

carreira do futuro esposo. Entretanto, ao entrevistas as oficiais, as mesmas se referiam aos seus maridos como companheiros, sendo eles muito presentes em suas vidas. Ainda, por já terem ingressado nas Forças com curso superior e ganhando bons salários, suas preocupações eram se mostrarem profissionais o suficiente para serem reconhecidas por seus méritos e, assim, ascender, e não por causa de suas relações matrimoniais.

A separação matrimonial no meio militar me pareceu bastante mal vista, quando se tratava de um homem se afastar do lar, o que não me pareceu acontecer no lado feminino, dentro do oficialato. Das histórias contadas, e de conhecimento público, rapidamente os homens juntavam-se com outras mulheres no sentido, acredito, de demonstrar que sua virilidade não havia sido manchada. Com relação às oficiais, não percebi que as mesmas estavam tão interessadas em demonstrar que estavam casadas, após suas separações. Parecia que elas não queriam expor suas intimidades no ambiente de trabalho.

### **3.11 Um campo de pesquisa onde o objeto é igual a mim: um ser humano**

Sempre que iniciava uma entrevista com uma oficiala, a fim de diminuir a tensão entre nós, já que nenhuma delas havia sido entrevistada para uma pesquisa científica, falava um pouco sobre o meu campo de pesquisa: narrava as minhas experiências em um meio majoritariamente masculino, sendo eu, uma acadêmica. Elas, conhecedoras daquele ambiente laboral, sabiam do que eu estava falando. Em diversas entrevistas ouvia, atentamente, sobre como alguns homens tratavam as mulheres nas Forças, desrespeitando todo e qualquer tipo de norma legal e moral, cabendo a elas se distanciarem de possíveis ataques na profissão por tentarem se proteger.

Em uma entrevista, especificamente, falávamos sobre isso e relatei que me permiti viver meu campo da forma mais livre e sincera que pude, onde recebi e dei muitos abraços, contei e ouvi muitas piadas, defendi minha pesquisa por diversas vezes e falei sobre amor, espiritualidade, relações carnis entre as pessoas e maternidade. Ou seja, fui eu mesma como pesquisadora mas, também como mulher. Comentei que, na grande maioria das vezes, não havia sido destrutada de forma

inconveniente por nenhum oficial enquanto estava fazendo este estudo, mesmo nesses momentos de maior informalidade. Ainda, falei que elogiava a todos e a todas da mesma forma, com palavras sinceras, sempre que acreditava que seria cabível tal situação.

Partia sempre do princípio de que, pelo fato de sermos seres humanos, minados das mais diversas emoções - raiva, ódio, medo, amor, paixão, saudade - não apenas eu mereceria ser tratada de forma cordial. Por isso, adotei a mesma postura para todos aqueles que me recebiam de forma calorosa, fossem homens ou mulheres, se transformando em uma forma de aproximação para que pudesse defender meus posicionamentos sem ser colocada no local já aguardado socialmente: a de uma mulher fragilizada e que não fala mais alto que os homens, quando se permite falar. Mais que isso, passou a ser a minha marca registrada incentivar, sempre, os brindes nos eventos: “*À vida!*” era a frase que eu falava toda a vez que ia beber algo, mesmo sendo água. Fazia questão de cumprimentar todos e todas com abraços e beijos no rosto, além de apertos de mãos, sendo aqui ou em Portugal; sendo homens ou mulheres.

Ao ouvir isso, uma oficiala me relatou que ficava feliz com minha atitude, me parabenizando pela coragem e desprendimento sobre, tendo em vista que elas, as militares, não poderiam fazer este tipo de aproximação muito mais por serem mulheres que por serem profissionais. E mesmo em momentos de descontração, como festas fora do ambiente corporativo, esta oficiala tentava “se policiar” em relação à sua postura, como, por exemplo, suas vestimentas. Mas, que não deixava de viver suas vontades por conta desse tipo de controle, já que estava fora do horário de expediente e em ambiente externo.

Expliquei a essa oficiala que aqueles oficiais, a meu ver, não estavam acostumados a lidar com seus próprios sentimentos, tanto no ambiente profissional quanto no familiar. E, ao se depararem com uma mulher “diferente” - dentro de suas expectativas sociais - próxima a eles debatendo sobre futebol, política, gêneros e outros assuntos, sentiam-se, alguns, ameaçados e confusos. Para eles, quem deveria elogiar, falar à mesa ou em eventos, contar piadas e falar sobre os times futebolísticos seriam eles e não eu. E isso, também me fazia refletir em relação às oficialas dentro das corporações militares.

Após a entrevista com tal oficiala, fiquei repensando o papel da mulher nas Forças Armadas: será que a entrada delas poderia ser, também, uma forma de trazer

mais personalidade a um ambiente que, na teoria, era tão frio e distante? Mas, por que, ainda, se sentiam tão oprimidas? Acredito que a resposta eu e elas sempre soubemos.

Outro assunto que me chamava a atenção era como as oficiais tratavam de suas vidas pessoais e como os homens se referiam às suas. Em relação às profissionais entrevistadas, todas foram muito discretas e sinceras, sempre enaltecendo sua profissão antes de qualquer coisa. Quando perguntadas por seus afetos, algumas não falavam. Quando citavam, eram rápidas e não davam muita ênfase ao assunto.

Uma entrevista foi conseguida graças a um amigo que me disse ser muito próximo de uma oficiala. Ele, após conversar com ela sobre meu interesse de pesquisa, me forneceu o contato da militar. Ao contatá-la, informei sobre como havia conseguido o contato. Marcamos de conversar em uma tarde ensolarada no Rio de Janeiro, onde fui vestida como o tempo pede: um *short* de couro, uma blusa de gola alta sem mangas e um par de tênis brancos. Ao longo da conversa, agradei, novamente, de forma honrosa, pela gentileza de me conceder a entrevista e falei sobre nosso amigo em comum. A oficiala riu e falou que ele era uma pessoa muito querida.

Já com alguns homens que conversei de maneira informal, na sua grande maioria, deixavam transparecer que viviam de aparências sociais, não eram realmente felizes em suas escolhas amorosas e que haviam deixado, por diversas vezes, suas verdadeiras paixões para trás para permanecerem em um círculo falido de aparências e tratos sociais. Alguns deles envolviam suas esposas em eventos públicos no sentido de demonstrar que estavam casados, ainda. Ao contrário, as oficiais não se mostravam assim e nem gostavam de expor sua vida sentimental, em especial no ambiente de trabalho, o que pareceu, a meu ver, que as militares eram, de fato, mais profissionais.

Em conversas informais, fosse com mulheres ou homens, foi-me relatado diversos casos de adultérios, expostos publicamente dentro das Forças e amplamente conhecidos, quase que como “estórias míticas”, além de outras situações por conta de tal assunto. Mas, o peso de tais contações de casos me pareceu mais árduo na carreira das mulheres que quando havia um oficial. A meu ver, a atitude dos oficiais soava como algo normalizado enquanto a das oficiais o recato era o esperado, ainda mais em um ambiente militar.

Um momento inusitado foi quando um oficial, antes de iniciar um evento dentro de um auditório, intrometeu-se na conversa dizendo que possuía diversas pontes de

safena enquanto eu falava com outras pessoas sobre o descobrimento de minha arritmia cardíaca - descoberta feita enquanto escrevia esta tese. Perguntando: “Vocês *querem ver?*”, imediatamente, abriu sua camisa e mostrou para todos. Nós, que sequer havíamos respondido sua pergunta, justamente por já conhecer as atitudes daquele senhor, começamos a rir demasiadamente e pedimos para ele se vestir, imediatamente. A cena foi realizada dentro de um ambiente minutos antes de iniciar uma palestra. Esse oficial está em seu terceiro casamento com uma não militar.

Permiti, durante todo o meu campo, ser apresentada e ser chamada por “Carol” por querer me aproximar de todos e todas que até mim chegavam pelas mais diversas razões. Em um primeiro momento, todos me tratavam com muito formalismo, me chamando de “professora Carolina”. Mas, à medida que ia se passando o tempo, era recebida com abraços e os “dois beijinhos” no rosto - cumprimento tipicamente brasileiro, além de apertos de mãos. Nunca neguei nenhum cumprimento, nem fui rejeitada.

Por algumas vezes, fui interpelada por conta de chamar oficiais sem sua patente, isto é, ao invés de chamar de General Fulano, Coronel Sicrano, me referia apenas a Fulano e Sicrano e isso soava para os e as não militares como “intimidade”. Explicava que não pertencia ao mundo militar e que não iria chamar ninguém pela patente, a menos que me pedissem, já que estariam se sentindo incomodados. Nunca tive esse pedido por parte de ninguém que conversei, tanto homens quanto mulheres, assim como nunca pedi que me chamassem pelo meu nome completo ou pela minha titulação. Meu intuito no campo de pesquisa era de aproximar ideias e experiências e não de afastar. Fui perfeitamente entendida por todos os oficiais e oficiais que se dispuseram a conversar comigo de maneira informal e formal, inclusive em Portugal.

Importante trazer que minha ida a Portugal para fins acadêmicos e profissionais não deixaram que meus afetos por lá fossem apagados. Por se tratar de eu ser uma das únicas mulheres apresentando e acompanhando as palestras nos dias em que o Colóquio estava ocorrendo, me permiti debater ativamente sobre meu tema de pesquisa com homens militares portugueses que estiveram presente no ingresso das oficiais portuguesas nas Forças Armadas, em 1992. No dia em que eu apresentei meu trabalho - único dia com apenas mulheres como palestrantes, além de ser o dia em que a Ministra entregou o Prêmio Defesa Nacional -, almocei, juntamente com as demais convidadas e oficiais portugueses.

Ao meu lado, sentou-se um oficial e começamos a falar sobre meu tema. Após o almoço, como era perto o restaurante da sede da CPHM - Comissão Portuguesa de História Militar -, fomos todos caminhando e segui falando com tal oficial. Ele se mostrava muito contrariado mas, sem me desrespeitar, com algumas de minhas colocações. Ao final de minha palestra, o mesmo dirigiu-se até a mim, me entregando um papel dobrado e pedindo desculpas por não ter uma forma mais elegante de se apresentar, dizendo-me: *“Agora entendi seus pontos. Sua paixão pelo tema é emocionante! Parabéns! Conte comigo se precisar de qualquer ajuda para sua pesquisa.”* O papel continha seu endereço eletrônico e imediatamente trocamos contatos.

Em terras portuguesas, fui muito bem recebida, sob todos os aspectos. Mas, o que me deixou mais emotiva foi no dia da despedida. Dois oficiais, após passarmos a semana juntos por conta do evento - e rirmos com as mais diversas situações (algumas contadas mais adiante neste texto) - me acompanharam ao que chamei de a “zona obscura”, já que se tratava de um comércio mais simples, onde poderia adquirir lembrancinhas e destoava de uma cidade mais cosmopolita que havia sido me mostrada rapidamente. Visitamos alguns locais turísticos próximos. No momento em que fomos nos despedir, na sede da CPHM, recebi abraços de amigos de longa data. Disse a eles que eu havia descoberto parte de minha ancestralidade além-mar. Fui acompanhada até o motorista, que estava à disposição por toda a semana, com o coração cheio de boas lembranças.

O fato de ter sido eu mesma, seja como pesquisadora, seja como acadêmica, foi de extrema relevância, sem contar o fato de eu ser brasileira e falar sobre futebol e ginjinha<sup>74</sup>, sem deixar minha essência feminina<sup>75</sup> ser apagada ao ter me aproximado sem receios daqueles oficiais. Apenas os e as não militares brasileiros se incomodavam com essa situação, na tentativa de deslegitimar meu trabalho, já que estes e estas tratavam, principalmente, homens oficiais pela patente e ficavam ao seu redor na tentativa de receberem alguma atenção.

---

<sup>74</sup> É um tipo de licor típico de Lisboa, feita de ginjas, podendo ser tomada com ou sem as frutinhas. Ver mais em: [Sentimos a tua falta... \(lisboasecreta.co\)](http://lisboasecreta.co). Fui levada por militares portugueses no local onde nasceu a bebida e fizemos um brinde por aquele momento.

<sup>75</sup> Um traço marcante de “ser mulher” na cultura ocidental é andar de salto alto. Durante todos os dias, fiz questão de estar bem vestida e com tal sapato.

### 3.12 E eu? Não sou uma brasileira?

Posso afirmar que aprendi muito com meu campo de pesquisa. Situações sobre como se portar frente aos nossos símbolos nacionais e de entender o respeito que devemos a eles foram fundamentais para eu entender o meu lugar durante a pesquisa. Aprendi que como cidadã brasileira, devo prezar por eles e defende-los pois, eles pertencem a todos nós. Uma das frases que mais usei ao longo de meu campo foi: *“Eu sou brasileira e o verde e amarelo me pertencem também.”*

A condição de pesquisadora me deixou, em um primeiro momento, em uma situação delicada, haja vista eu ser vista como uma “esquerdista” por alguns militares por fazer Sociologia e ser oriunda de uma Universidade pública. Momentos de provocações sobre o processo eleitoral sempre chegavam até mim. Nunca me posicionei em relação a este assunto pois, julguei estar naquele ambiente para estudar uma realidade social: as mulheres nas elites das Forças Armadas do Brasil.

Ainda, entendia que as Forças Armadas fazem parte de nossa história nos mais diversos momentos como auxílio nas campanhas de vacinação ou de tragédias climáticas, bem como o próprio Regime Militar<sup>76</sup>. Ao entrar em contato com a história de mulheres que estiveram nos campos de batalhas para defender seus interesses mais diversos e expulsar os invasores europeus, percebi que sabia muito pouco sobre o meu país e que tal conhecimento estava nas mãos de poucos brasileiros, especialmente, ligados àqueles ligados às FA.

Passei a me identificar como uma nacionalista no sentido de expressar o meu amor pelo país. Apenas nesse quesito entrava em discussões de cunho político, em determinados momentos. Logo após o Governo Federal passar a flexibilizar as regras sociais sobre a COVID-19 em ambientes fechados, uma fala me incomodou muito: um oficial, que se dirigia às máscaras faciais como *“focinheiras”*, alegou que era apenas *“uma gripezinha”*, conforme alguns nomes do próprio Governo já haviam falado. Algum tempo depois, relatei meu incômodo com aquela colocação onde o mesmo tentou se defender alegando ter perdido parentes. Expliquei que passei por perdas irreparáveis, como a morte de um tio que eu amava, bem como de profissionais

---

<sup>76</sup> Por não ser objeto deste estudo, não vou me ater às tais questões.

ligados à minha área. Neste momento, questionei sobre o seu nacionalismo estar acima do meu e por qual motivo ele reivindicava este direito. Não obtive resposta.

Em Portugal, fui muito bem tratada por ser uma brasileira sem esconder nossos problemas sociais. Ao chegar ao primeiro almoço com oficiais portugueses, fui questionada: “*Carol, o que está acontecendo no Brasil? Me explica, pelo Amor de D’us!*” Fiz uma pequena fala como acadêmica e tentei colocar nossa situação frente ao cenário internacional. Em uma outra ocasião, mais reservada, consegui expor um pouco mais sobre a situação política em que o Brasil estava passando naquele momento.

Alguns comentários me deixavam boquiabertas por estar entre figuras do alto oficialato brasileiro muito reconhecidas naquele meio, com formações acadêmicas não militares, inclusive. Porém, seus discursos soavam muito elitistas, socialmente falando, demonstrando que a classe se vê como uma **elite social**. Percebi que aqueles que circundam esse meio, sendo militares ou não, legitimam esse *status*. Entretanto, as mesmas pessoas que dispunham desse tipo de discurso excludente tinham origens sociais bastantes duvidosas, bem como as de suas famílias mas, sempre tentavam demonstrar que possuíam bens e patrimônios e que eram “diferentes”.

Ao comentar com um oficial sobre o meu ataque sofrido pelas duas não militares que caso elas fossem moradoras de favelas seriam chamadas de “barraqueiras”, já que na visão do senso comum, as mulheres faveladas assim o eram vistas sua fala foi a seguinte: “*Ah, elas são mesmo porque eu morei próximo de uma favela e as conheci*”. Em uma outra conversa, um oficial me disse que “os vendedores ambulantes são perigosos”. Ou, ainda, que “*O Rio de Janeiro é feito porque tem muitas favelas. Bonito e rico é o [LOCAL]”,* como dizia, insistentemente um oficial. Quando podia e achava que valia a discussão, defendia sempre minha posição quanto a tais comentários deste oficial, o qual sempre se defendia, quando eu apontava que ele tinha “horror a pobre”, com uma narrativa de “*Não sou bolsonarista, sou brasileiro*”, mesmo eu não citando nome de político algum durante minhas falas. Minha resposta era sempre a mesma: “*E eu e estas pessoas, não somos, também?*” Rapidamente, a conversa mudava de rumo.

Também ouvi de algumas e alguns não militares sobre esta visão elitizada, os quais ficavam o tempo todo criticando o Brasil, especialmente o Rio de Janeiro, mais



parecendo não terem assuntos outros que propriamente estarem dispostos a discutirem problemas sociais.

Ao contrário dos oficiais, as militares entrevistadas não fizeram questão alguma de expor suas opiniões políticas - até porque não perguntava nada sobre - e sempre focavam em suas vidas profissionais. Em raros momentos que falavam no assunto era em uma tentativa de defender suas posições profissionais a expor o que realmente pensavam. Muitas delas usavam um discurso de serem pertencentes a uma classe média, que tiveram a oportunidade de cursarem uma Universidade pública e que estavam à procura de um emprego na década de 1980, vendo no concurso público das FA tal chance.

### **3.13 Categorizações sobre a Academia**

Talvez as categorizações que mais tenha ouvido ao longo de 2022, enquanto fazia minha coleta de dados empíricos, por conta, principalmente do período eleitoral já aqui citado, foram em referência aos profissionais da área educacional do ensino superior como sendo “comunistas” e “de esquerda”, de forma ampla e generalizada. Eu, por ser uma aspiranta à socióloga não escapei de tal categorização.

Pelo fato de minha origem educacional ser de uma universidade pública muito bem conceituada no Brasil - e isso é visivelmente reconhecido pelos militares -, não era raro eu presenciar conversas em que os estudantes e professores de tais instituições eram tidos como sendo “de esquerda” - o que me parecia ser um problema de grandes proporções para aquele meio.

O que me chamava a atenção, entretanto, é que tais narrativas vinham, em alguns momentos, de homens e mulheres vinculados a algumas instituições de ensino superior público no Rio de Janeiro e que frequentavam o meio militar, sendo, na maioria, pessoas não militares. Entretanto, por terem seus discursos inflamados a favor do antigo Governo, não eram vistos como “esquerdistas”.

Muitas vezes, discursos acalorados em torno desse assunto ocorriam sem ter o menor sentido em meio aos intervalos de eventos, oriundos dessas pessoas em tom de raiva e agressividade. Tinha a impressão de estar presenciando atuações no sentido *goffmaniano* de representação do “eu” cotidiano. A meu ver, aquelas pessoas

tinham muito receio de serem taxados de *melancia*, uma categoria nativa que significa ser “verde por fora, vermelho por dentro<sup>77</sup>”, e por conta disso, emulavam contra os profissionais do ensino público superior brasileiro, porém, retirando-se do mesmo contexto.

### 3.14 As gafes e as interações de uma pesquisadora em um campo militarizado

O primeiro evento que fui convidada a participar iniciou com o canto do Hino Nacional. Todos se levantaram e eu, constrangida por não atuar desta forma há muito tempo, o fiz, também. Percebi que apenas eu estava com o corpo voltado para a frente da sala, sendo todos os demais olhando para o lado. Ao acompanhar seus corpos, analisei que estavam direcionados para o Pavilhão Nacional. Como eu estava imóvel em meu lugar e não queria chamar a atenção, fui rotacionando vagarosamente meu corpo, sem mexer os pés até estar na posição correta, mesmo com os pés em outra direção. Permaneci assim até o término do Hino e sentei-me, imediatamente, quando ele terminou, sentindo alguma dor nas costas.

No mesmo dia, na saída, por conta de ainda estarmos em situação pandêmica arriscada, estávamos adotando medidas sanitárias como máscaras faciais e *totens* de álcool. Um oficial de uma Força, ao acionar o *totem*, acabou levando um grande jato do líquido em sua roupa, em especial, próximo ao zíper de sua calça. Ao ver o ocorrido, o oficial olhou para mim e apontou para sua calça, em tom de reclamação. Eu olhei e comecei a rir. Olhei para ele e disse: “*Você está parecendo o Mr. Bean<sup>78</sup>!*” Ele me olhou e não entendeu minha colocação. Expliquei para ele que no final de semana anterior, eu havia assistido a um dos filmes de *Mr. Bean* e que havia uma cena muito parecida com o que tinha acabado de ocorrer, explicando a cena. O oficial respondeu que desconhecia o filme e eu sugeri que ele o assistisse. Após outros encontros, onde ele já conhecia minha pesquisa e o motivo de eu estar naquele

---

<sup>77</sup> Ser um/ a “melancia”, significava estar em oposição ao Governo Federal daquele momento, mais especificamente, defender políticos do Partido dos Trabalhadores (PT). Não ouvi mulheres oficiais sendo chamadas de “melancias”.

<sup>78</sup> Personagem britânico interpretado pelo ator Rowan Sebastian Atkinson, o qual tinha uma série televisiva e contracenou em 2 filmes. A série chegou a passar no Brasil. Seu personagem era bastante caricato e sempre estava envolvido em situações constrangedoras.

ambiente, sempre que nos encontrávamos, ele beijava a minha mão e eu retribuía com um abraço.

Ao pensar na situação, alguns minutos depois, fiquei muito sem graça ao falar sobre um filme por sequer saber com que eu estava falando, já que era meu primeiro dia no campo e não tinha assuntos próprios para começar uma conversa. Porém, acredito que aquela foi uma das formas que me fizeram ser mais sensível e sincera em meu campo de pesquisa. Escolhi, a partir daquela situação, que seria uma pesquisadora - mas também, alguém - disposta a não passar despercebida, mesmo que fosse através de situações constrangedoras dessa natureza.

Falando sobre cores e o cenário político nacional, muitas vezes com um oficial em especial, sempre falava que todas as tentativas de falar sobre política comigo seriam frustradas mas, uma coisa era certa e que a Biologia explicava fácil: todos e todas nós tínhamos nosso coração no lado esquerdo do peito e o sangue de todo mundo tinha a mesma cor: era vermelho. O mesmo parecia ficar muito bravo e usava categorizações para falar de determinados atores políticos: “*ladrão*” ou “*sem-vergonha*”. Eu, nesses momentos, ria muito ao ver que ele realmente se incomodava com determinadas cores. Isso me mostrava que aquele pensamento dos meados dos anos 1960 durante o Regime Militar ainda era bastante presente e que a “caça aos comunistas” se fazia muito patente.

Sobre esse assunto, tive duas situações em campo que me soaram muito diferentes, devido a forma que eu reagi. A primeira foi em um evento onde fui apresentada a um oficial, já que sempre era uma das primeiras a chegar em todas as minhas participações. Ele passou a dissertar sobre a Comissão da Verdade<sup>79</sup> e a maneira que a mesma atuava durante o Governo Bolsonaro. Ouvi, atenta e respeitosamente pois, o Regime Militar, com todas as suas ações, faz parte da História do Brasil.

Em nenhum momento de meu campo, contra-ataquei ou defendi qualquer posicionamento político já que entendia que ali não era o local apropriado para isso. Algum tempo depois deste evento, conversando informalmente com um oficial, me recordo de falar sobre o “ataque aos comunistas brasileiros”, assunto este que sempre

---

<sup>79</sup> Conforme a lei nº 12.528, de 18 de novembro de 2011, foi criada a Comissão Nacional da Verdade (CNV), cuja finalidade é de verificar, examinar e de esclarecer as violações de direitos humanos praticadas no período do Regime Militar para que se possa efetivar o direito à uma memória e à uma verdade histórica, além da tentativa de promover uma reconciliação nacional.

vinha à tona e que percebia ser uma preocupação real daquele meio. Diante disso, fiz uma pergunta, já esperando uma resposta atravessada: “*Se muitos militares são Maçons e comem criancinhas, assim como os comunistas, então militares são comunistas?*” O oficial entendeu minha piada e ficou sério, não me respondendo. Eu ri e nunca mais falei sobre isso. Em um outro evento, quando falava com um oficial sobre “luta de classes”, o mesmo me demonstrou muito sabido e interessado nesse tipo de questão. Resolvi perguntar: “*Você fala de Marx; então, para a Força, você é um comunista!*”. Ele me respondeu que, de certa forma, o era. Rimos muito, enquanto aproveitávamos o momento do intervalo, comendo alguns petiscos.

Em minha ida para Portugal também deixei minhas marcas de gafes: a primeira delas foi que, enquanto tratava dos preparativos para a ida, falava remotamente com um oficial, acertando sobre meu material e minha chegada. Coloquei em minha mente que falava sempre com a mesma pessoa. Ao chegar em terras portuguesas, estava sempre acompanhada por um oficial ligado ao Ministério da Defesa. Em um raro momento de tempo livre, conseguimos ir em alguns pontos turísticos próximos, onde havia ligações entre Brasil e Portugal. Ao longo de dois dias, chamei o oficial por um nome que não lhe pertencia.

Até que em um determinado momento, ele me corrigiu. Eu percebi e questionei: “*Meu D’us! Estou há dias te chamando pelo [NOME E SOBRENOME]! Quem é ele, afinal? E como é que você se chama?*” O oficial, muito educado, disse que percebeu que eu estava confusa e me disse seu nome, além de explicar quem era o outro oficial. Ao chegarmos para o evento, na CPHM, contei para os outros portugueses de minha gafe, que riram muito. A partir daquele dia, todos passavam a se chamar por um único nome, apenas para brincarem comigo. Eu, acatava e os chamava pelo mesmo nome, inclusive o oficial que realmente se chamava daquela forma.

No mesmo dia, a Ministra da Defesa de Portugal fez sua aparição para a entrega de um prêmio que não havia sido feita por conta da pandemia e da reclusão social: o “Prêmio Defesa Nacional”. Como eu estava já programada para conversar com ela, aguardava o meu momento de fala e cumprimentos, haja vista que era um evento oficial do Ministério da Defesa de lá. Assim que a Ministra terminou, criou-se uma fila lateralmente para lhe cumprimentar. Eu, que iria entregar um livro inédito - em que fiz parte com um artigo sobre mulheres no processo político de independência de Portugal e era o tema de minha palestra por lá -, fui para fila sem perceber que a mesma já havia se formado. Me coloquei como a primeira pessoa para falar com a

Ministra, passando na frente, de forma despropositada, de todas as autoridades presentes naquele local sem perceber o que eu estava a fazer. Quando ela começou a sessão de fotos e cumprimentos, um oficial muito amigo da Ministra, me alertou: *“Você quebrou todo o protocolo e passou na frente de todo mundo...”*. Eu, imediatamente, pedi desculpas e perguntei se ele queria que eu saísse, tendo como resposta: *“Já que já estás aí, entregue o livro”*. Conversei rapidamente com ela, pedindo desculpas por mais algumas vezes, posei para fotos e me despedi, a fim de poder ceder o lugar do real primeiro colocado na fila.

Em outro dia do evento, por conta das constantes mudanças climáticas que estavam no Brasil mais as diferenças de temperaturas entre os dois países, tive um ataque repentino de tosse em meio a uma palestra de um homem brasileiro que falava sobre um assunto relacionado ao mundo do direito mas, ligado à Independência. Tentei controlar. Porém, a tosse foi ficando cada vez pior e corri, mesmo que com cuidado pois, a sala possuía tapetes e eu estava de salto alto, para poder me arejar. Dois oficiais me trouxeram um chá de imediato e lenços de papel para eu limpar minhas lágrimas criadas pela tosse, que me deixara sem ar. Eles ficaram comigo do lado de fora até eu conseguir respirar normalmente e poder voltar para a sala. Brincamos, entre nós, que a palestra estava chata e que eu e eles tínhamos combinado não assistir juntos lá fora.

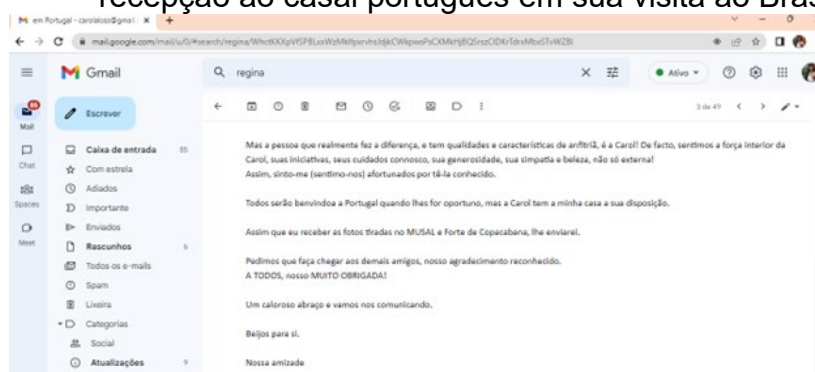
Em uma entrevista com uma oficiala, enquanto falávamos de mulheres militares serem chamadas de alguns termos regionalistas por militares mais “antigos” - categoria nativa para aqueles que entram na Força em concursos anteriores ao seu - eu disse conhecer bem estes regionalismos, chamando de “grosserias” ditas por pessoas de determinadas regiões, já que eu possuía parentes em algumas delas. Eis que ela me informa a cidade de onde seu esposo era e revela sua tradição familiar: a mesma que eu acabara de criticar, me deixando sem graça. Pedi desculpas imediatamente, onde ela, riu.

### **3.15 As oportunidades podem nos levar a uma pesquisa**

Tive a honra de recepcionar um casal de portugueses, sendo ela uma brasileira e moradora há anos de Portugal - e ele, um oficial da reserva de uma das Forças

Portuguesas. Dediquei-me ao máximo, apesar de eu não ser uma militar, para que eles se sentissem muito à vontade em meu país, assim como fui recebida no país deles e tive uma calorosa recepção. Mesmo estando com a minha filha, me propus fazer a “missão”, dentro do linguajar militar, avisando aos meus “superiores” que ela estaria comigo. Recebi, em agradecimento, uma mensagem linda do casal, onde me emocionei e mostrei para um dos oficiais que eu tinha mais contato. O mesmo me elogiou e disse que minha postura era digna de uma “guerreira” que não foge da missão dada. Entendi, naquele momento, o quão estava inserida em meu campo.

Imagens 14, 15 – Capturas das telas de mensagens recebidas por conta de minha recepção ao casal português em sua visita ao Brasil.



Fonte: A autora, 2023.

Uma de minhas surpresas ao longo das entrevistas foi falar com uma oficiala sobre suas experiências profissionais e descobrir que tínhamos conhecidos em comum. Paramos a gravação e falamos sobre a cidade e as coincidências que a vida e o meu campo de pesquisa puderam me proporcionar. Tais coincidências estavam relacionadas à minha infância em uma determinada região brasileira e me fez lembrar de alguns amigos que há tempos não falava. Soube, por fim, que em outro

local também tínhamos conhecidos e coloquei à disposição meus contatos para que ela pudesse ir visitar com sua família.

Sobre “coincidências”, as quais eu acredito não existir, ao participar de um evento, precisava de um contato para colher um dado sobre o EB e estava à procura do oficial que poderia me auxiliar. Como a cerimônia já ia começar, sentei ao lado de um militar de uma outra Força. Como a palestra estava um tanto ruim, passamos a rir e falar sobre isso, discretamente. Eis, que, ao ser questionada: “*Você é militar?*” e eu responder que não, falei: “*Eu pesquiso mulheres nas Forças Armadas brasileiras*”, começamos a falar de nossas trajetórias na Academia. Descobrimos muitas coisas em comum envolvendo o mesmo local que descobri com a oficiala acima citada, porém, de forma mais abrangente: restaurantes frequentados, locais para passeios noturnos, pontos turísticos e outras mais. Quando nos despedimos, a frase que ele me disse foi: “*Você está certa, Carol. Não há coincidências!*”

### 3.16 Considerações sobre o capítulo

Trago aqui algumas considerações sobre o que eu vivi para poder construir esta tese, relacionando com as Ciências Sociais. Em relação às vestimentas, no período veneziano, elas retratavam as fronteiras sociais, demonstrando posições distintas (MCCLINTOCK, 2010, p. 260):

[...] A roupa se tornou central para o controle das fronteiras sociais, marcando “distinções de riqueza e posições visíveis e acima de tudo legíveis dentro de uma sociedade que passava por mudanças que ameaçavam até mesmo fazer desaparecer as distinções sociais” (Grifo original). O desmantelamento do regime aristocrático envolvia, em parte, o desmantelamento do corpo aristocrático como teatro de exibição suntuária e sexual.

Talvez, por isso, me senti tão confortável e confiante na cerimônia, justamente, por pertencer a uma outra esfera social que não a das mulheres de militares: “A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentidos a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído” (HALL; WOODWARD,

2014, p. 14). Assim, se percebe como as diferenças são vividas e experienciadas. Ainda, é preciso entender por que razões as pessoas assumem tais posições sobre algumas identidades e se identificam com as mesmas. As identidades estão fortemente ligadas a condições materiais e sociais.

A meu ver, para os e as não militares, os mesmos podem se sentir ameaçados por outras pessoas justamente por conta de estarem em um *status* mais baixo em função de sua história de vida, socialmente falando, bem como possuírem um baixo grau de instrução, quando comparados às oficiais, por exemplo, que, dentre outras profissões, eram oriundas daquelas consideradas imperiais, como da Medicina e da Engenharia. Às vezes, me pegava pensando se as mulheres não militares viam em mim alguma semelhança com seus passados e por isso se sentiram tão ameaçadas. Mas, como eu estava em campo realizando uma pesquisa de doutoramento, focava em minhas questões profissionais, intuito de eu estar naqueles ambientes e com aquelas pessoas.

Para Castro (2021), conforme seus entrevistados, as futuras esposas dos cadetes deveriam possuir pouca possibilidade de crescimento profissional, devendo ser “[...] submissa... não ao marido, mas submissa em relação à profissão do marido [...]” (2021, p. 213). Para eles, as mulheres “casáveis” (p. 213) são aquelas que já cursam ou possuem uma formação universitária. Entretanto, isso era visto como um problema, já que a preocupação era se ela iria deixar sua carreira para ficar com eles (p. 213):

[...] “Será que depois que ela se formar, ela vai querer me acompanhar pra onde eu for?” [...] Não quero criticar a esposa de oficial nenhum, mas o que a gente vê muitas vezes é que o oficial vai sem casar para um lugarejo qualquer e - não sei se é desespero - ele casa, por precipitação, com uma pessoa de nível cultural baixo.

A atuação das *Nachthexen* na Grande Guerra Patriótica<sup>80</sup> no Regimento 588, composto, exclusivamente, por mulheres pilotando os frágeis *Polikarpov*<sup>81</sup>, além de todas as dificuldades que sofreram por estarem em um ambiente militar e, mais que

---

<sup>80</sup> Maneira como os russo chamam a Segunda Grande Guerra.

<sup>81</sup> Um avião bimotor feito com madeira e lona usado pelas jovens pilotas soviéticas para atacar os alemães no período noturno, causando um temor nas tropas inimigas, que lhes apelidaram de *Nachthexen*.



isso, em uma guerra, foram expostas a mais uma: a de serem vistas como uma ameaça aos casamentos dos oficiais. Muitas esposas foram até os comandos para anunciar o “perigo” usando argumentos que, segundo elas, aquelas jovens combatentes, ao entrarem em contato com seus maridos, estariam atentando à “unidade e à harmonia conjugal” (2019, p. 110). Entretanto, a Comandanta Raskova, um exemplo de profissional militar, vista assim, inclusive, por Joseph Stalin, respondeu como alguém que sabia o que estava fazendo naquele ambiente de guerra (ARMENI, 2019, 110):

[...] Segundo as jovens ficam sabendo, com satisfação e orgulho, sua comandante as defende sem hesitar. Responde ao coronel que suas meninas estão ali para aprender, que trabalham e estudam arduamente. Ao final, desfere com calma desdenhosa seu golpe mortal: -O senhor é o comandante da guarnição; é a última pessoa de quem eu esperaria interesse por fofocas femininas.

No que diz respeito ao culto da domesticidade no período veneziano, as mulheres foram cruciais na medida em que auxiliaram para moldar uma identidade de uma grande classe de pessoas com suas filiações bem claras, fronteiras bem estabelecidas, mas valores separados, onde se organizaram em torno dos valores domésticos maiores - como os da monogamia, da poupança, da ordem, da acumulação, da classificação, da quantificação e da regulação - ou seja, valores de uma racionalidade liberal, onde as desunidas classes médias passaram a moldar o surgimento de uma identidade única de classe. (MCCLINTOCK, 2010).

Vale lembrar que o Antigo Regime, por conta do Decreto da Convenção Nacional de 30 de abril de 1793, determinou a todos os responsáveis pelos exércitos a exclusão de todas as mulheres “inúteis” de todos os acampamentos e acantonamentos, incluindo, em seu artigo 5º, as mulheres dos oficiais-gerais e de demais oficiais (CAIRE, 2002). Porém, os próprios generais não seguiam as regras e levavam suas esposas legítimas e/ ou suas amantes as quais surgiam, em períodos de paz, em viaturas lotadas delas. Por isso, deixo uma pergunta em aberto: seriam os e as não militares ressentidos por não terem conseguido, por quaisquer motivos, adentrarem nas Forças pela “porta da frente”? Eu, particularmente, não tenho tal resposta.

No que diz respeito à questão do meu medo em campo, pude constatar aquilo que Zaluar (1991) retratou em suas pesquisas sobre a violência urbana e a presença de um *ethos* guerreiro, sendo um corpo masculino como o portador dessa característica enquanto o corpo feminino se via mais seguro dentro de suas casas e no ambiente familiar. É importante falar que por não ser nativa do Rio de Janeiro não me é comum o transporte, bem como o porte, de armas de forma tão naturalizada, seja pelas Forças de Segurança, seja por um cidadão ou cidadã. E mesmo estando em um ambiente onde poderia se esperar algum tipo de demonstração desse tipo, apenas aquele oficial ostentava a sua arma de maneira visível.

Mais que isso, em minha estada em Portugal não percebi esse belicismo em público, mesmo estando em um país que estava sofrendo as consequências diretas da Guerra da Ucrânia/ Rússia: não vi nenhum militar com armas em punho, muito menos de grosso calibre, nem vi o medo da população pelas ruas ao passar uma viatura, porque as mesmas não circulam tal qual é aqui, com seus fuzis expostos.

Também não ouvi nenhuma rajada de tiros, tão naturalizada pelos cariocas, onde as pessoas transitam normalmente pelas ruas enquanto há trocas de projéteis pelo céu, não sendo raro um cidadão ou cidadã ser atingido sem participar desta nossa “guerra urbana”, como costuma se ouvir na grande mídia. Notei que não há uma naturalização sobre estar armado em meio a um público não militar. Ou seja, não se fala de armas ou mortes de forma banalizada, como vemos normalmente nas discussões dentro do senso comum. Para o meio militar, arma em punho é sinônimo de guerra e aniquilação do inimigo, seja ele quem for.

Das (2020, p. 40, grifo original), quando relata sobre a situação de mulheres em conflitos bélicos, como na Partição da Índia, fala sobre a rotinização da violência no cotidiano das pessoas, onde traumas coletivos são absorvidos, criando, desta forma, certas fronteiras entre etnias, nações e grupos religiosos em que há:

[...] a ideia de que o sentido vertical da forma de vida sugere o limite do que ou quem é reconhecido como humano dentro de uma forma social e fornece as condições do uso de critérios em relação aos outros. Assim, os critérios da dor não se aplicam àquilo que não exhibe sinais de ser uma forma de *vida* – não perguntamos se um gravador que pode ser ligado para reproduzir um grito sente a dor.

Sobre o assunto de as mulheres não poderem atuar nas linhas de frente ou em posições estratégicas nas FA brasileiras, categorizei como a **questão da mochila**.

Lemmon (2018), em vinte meses de viagem pelos Estados Unidos, entrevistou as mais experientes lideranças militares estadunidense, além de outras pessoas ligadas ao ramo militar daquele país, com o intuito de escrever sobre a criação do *CST - Cultural Support Team*)<sup>82</sup>: um grupo de mulheres militares da elite para atuarem na Guerra do Afeganistão, em 2011, junto ao Exército no 75º Regimento *Ranger* de Operações Especiais de Elite.

Em suas entrevistas, a “questão da mochila” e sobre carregar pesos também surgiu. De acordo com os estudos da pesquisadora, naquele país, um soldado deve apresentar uma forma física que seja sempre capaz de carregar outro em situações adversas. E, assim como no Brasil, a questão sempre colocada para evitar mulheres em posições mais prestigiosas ou mesmo em combates terrestres frente- a -frente era a mesma: “uma mulher conseguiria carregar um homem grande para fora do campo de batalha sob fogo?” (2018, p.93). Lemmon demonstra que as respostas sempre eram explicadas não como uma ofensa pessoal mas, justificando que os militares não confiavam suas vidas nas mãos de uma mulher.

Durante o treinamento para escolher quais seriam as mais aptas a irem para a missão no Afeganistão as militares se prepararam muito, já que estariam com os melhores soldados do Exército em um cenário de guerra: a equipe *Ranger*. Por isso, a “questão a mochila” era o menor dos empecilhos, estando mais preocupadas em demonstrar suas habilidades militares (LEMMON, 2018, p. 15; 56- 57). “[...] Quando saíram do alojamento, cada uma delas carregava mais de 13 quilos de equipamentos. [...] Elas tinham que pôr primeiro 9 quilos e depois mais 13 quilos de equipamentos em suas mochilas na preparação para a competição de verdade. [...]”.

Lemmon (2018) explica que a ideia de criar tal segmento feminino, assim chamado nos EUA, partiu de um oficial da Marinha, o qual era visto como um homem “[...] de porte pequeno e grande em presença” (p. 25), sendo o modelo de “profissional quieto” (p.25) que as Forças de Operações Especiais gostam, ou seja, um “Oficial cerebral” (p. 25). Antes disso, o Corpo de Fuzileiros Navais, em 2003 e 2004, criou o programa *Lioness*, onde vinte soldadas e fuzileiras navais se juntaram aos fuzileiros e ao Exército para revistar mulheres iraquianas na tentativa de encontrarem coletes explosivos e armas escondidas, além de verificarem se eram mulheres de fato ou homens disfarçados entre os véus. Foi nessa operação que as Forças Armadas

---

<sup>82</sup> O trecho correspondente na tradução é: “Equipe de Apoio Cultural”.

estadunidenses concluíram: a fim de que a operação tivesse êxito, precisariam de mulheres militares.

Logo, o questionamento sobre a capacidade de ter mulheres em missões dentro das FA brasileiras poderia ser explicada de outra forma, já que sobre levantar pesos não seria um problema para as brasileiras, assim, como nunca foi para nenhuma mulher em momentos de conflitos armados, conforme já exposto nessa tese. Seria, então, apenas, pela questão de serem mulheres? Talvez, a resposta de uma CST, como eram chamadas as estadunidenses, no período chamado de “guerra contra o terror”, responda os oficiais brasileiros (2018, p. 93): [...] Mas e os caras que medem 1,62 metro de altura e pesam 59 quilos? [...]. “Por que com eles tudo bem e com garotas do mesmo tamanho não?”

Para Huntington (1996, p. 48), a teoria oitocentista sobre o generalato girava em torno do conceito do “gênio natural”, onde o exercício para comandar era tido e visto como uma arte, uma espécie de música ou de escultura, as quais exigiam talento inato. Ter a competência militar era algo que não poderia ser ensinada ou transmitida, já que estava dentro de determinadas pessoas de forma subjetiva. Entretanto, o autor ressalta que tal ideia era romantizada e antiprofissional. Assim como a teoria aristocrática (p 48), “[...] certos homens nasciam para comandar e outros para obedecer. Seria essa a justificativa para que as FA não permita que mulheres exerçam posições de maiores *status* haja vista sua função naturalizada na sociedade?

Em relação aos meus cabelos e o das militares, passei a entender, ainda mais, sobre tal questão. Acredito que ele, realmente, tenha nos aproximado. Eu, que estava preocupada no início e que jamais imaginei que ele seria a minha passagem de entrada neste campo de pesquisa, percebi que ele foi mais que isso: cortado por livre e espontânea vontade, reforçava a minha identidade, tanto como uma profissional mas, também, como mulher. Já para as militares, parece estar ligado à sua carreira de forma imposta, estando ele sempre cortado ou muito bem preso.

A questão dos cabelos das jovens pilotas soviéticas na Segunda Grande Guerra, ao se apresentarem, em Engels, ao comando, também existiu, onde houve uma ordem para que todas devessem cortá-los imediatamente. A ordem não era esperada por aquelas jovens mulheres que viviam suas belezas, também, através de suas vastas tranças e cabelos das mais diversas cores e estilos (ARMENI, 2019, p. 93-95):

Parece óbvio: alguma vez já se viu um soldado com cabelos longos e traçados? Elas são soldadas. Devem cortar os cabelos até a metade da orelha para ficarem o máximo possível semelhantes aos homens. No entanto, a ordem não era esperada e parece brutal. [...] No dia seguinte, sempre em fila, vão ao barbeiro do regimento. É o mesmo ao qual se dirigem os homens para seu primeiro corte como soldados. [...] Limitam-se a inclinar a cabeça na frente do barbeiro, como se fosse uma guilhotina. [...] Reina um estranho silêncio, inexplicável em um lugar repleto de mulheres jovens. Um corte de tesoura após o outro, e o ritual se cumpre. As moças esperam umas pelas outras e saem como entraram: em fila. No chão, há um tapete de tranças louras, castanhas, pretas, castanho- escuras e ruivas.

Talvez para as militares brasileiras que foram, desde o seu ingresso, assim como as *Nachthexen*, obrigadas a cortarem suas madeixas em seus momentos mais felizes de suas vidas - tanto na vida profissional como na pessoal - o cabelo era percebido como uma forma de aproximação a um mundo militarizado, em uma tentativa, talvez, por parte de seus superiores, de um possível apagamento de suas identidades femininas<sup>83</sup>.

Sobre a questão da sexualidade e sobre matrimônios, Castro (2021) coloca a primeira questão em categorias como “carência afetiva” e “desespero” (p. 214). Para o pesquisador, o assunto sobre homossexualidade era um assunto tabu (2018, p. 214):

[...] Sempre que alguém é apontado - quer por colegas, quer por oficiais – como tendo “jeito” ou “tendências” homossexuais, ele é imediatamente acusado; caso a acusação seja confirmada, o desviante será “excluído a bem da disciplina” ou constrangido a pedir desligamento.

Sobre o bastão de comando, o artefato é de uso exclusivo do general que está na ativa e possui posição de comando. Sua origem vem de tempos remotos, onde o rei ordenava o início de uma guerra movimentando o mesmo. Ainda, servia para distinguir o comandante do comandado nas tropas, as quais possuíam muitos soldados. Simboliza a autoridade do oficial e sempre foi manuseado por homens ao longo de toda a História. Logo, minha colocação foi no sentido de saber que uma mulher generala em posição de comando irá poder manusear normalmente. Pelo rito militar, não deverá haver nenhum problema. Entretanto, vale lembrar que na MB, não

---

<sup>83</sup> Trarei mais análises sobre essa questão no capítulo 4 que abordará as entrevistas.

era permitido que as militares embainhassem e desembainhassem a espada no momento da formatura, sendo mais uma das demandas feitas pelas profissionais para que os ritos fossem iguais para homens e para mulheres, o qual foi modificado.

No que diz respeito às demonstrações de afeto e de proximidade, escolhi ir ao encontro de Le Breton (2019) e de Sousa Santos (2010) e preferi analisar e compreender o mundo social - e aqui, falo de um mundo militarizado -, que apenas manipula-lo ao tratar minhas e meus interlocutores de “objetos”.

Mesmos que as emoções e os sentimentos não sejam expressões unicamente psicológicas ou fisiológicas, não são demonstrados por acaso, partindo de uma iniciativa de um ator ou atriz social. São ações que, apesar de não serem distantes da linguagem, são distintas da mesma, nascendo de uma avaliação lúcida de um ato social presenciado por um ator ou atriz que possui sua sensibilidade própria. Ainda, podem exprimir uma linguagem gestual e através de mímicas dentro de uma cultura afetiva, podendo serem reconhecidos pelos integrantes daquele meio social, a menos que um dos atores passe a dissimular seu estado afetivo: (LE BRETON, 2019, p. 12):

A cultura afetiva oferece os principais esquemas de experiência e de ação sobre os quais o indivíduo tece sua conduta de acordo com sua história pessoal, seu estilo e, notadamente, sua avaliação da situação. A emoção experimentada traduz a significação conferida pelo indivíduo às circunstâncias que nele ressoam. É uma atividade de conhecimento, uma construção social e cultural, a qual se torna um fato pessoal mediante o estilo particular do indivíduo.

Logo, segundo Le Breton, nas abordagens naturalistas - inspiradas em Darwin, as quais defendem que não existe uma “condição humana” - as emoções são importantes por serem vistas como uma forma de se proteger contra o meio, em que são reforçadas as capacidades adaptativas da natureza humana. Indo de encontro a isso, conforme o autor, a Antropologia acredita que é através da educação que se constroem as esferas das emoções, onde o ser humano, em sua infância, vive modalidades particulares de sua socialização.

Para Sousa Santos (2010), o rigor científico das Ciências Sociais, ao tentar se igualar com o rigor das Ciências Exatas, objetifica o fenômeno social, caricaturizando-os (p. 54): “O rigor científico, porque fundado no rigor matemático, é um rigor que quantifica e que, ao quantificar, desqualifica, um rigor que, ao objectivar os

fenómenos, os objectualiza e os degrada, que ao caracterizar os fenómenos, os caricaturiza. “

Conforme o autor (2010, p. 18), os pesquisadores deveriam se perguntar sobre as relações entre a Ciência e a virtude; o que usamos para dar sentido às nossas práticas e que muitas vezes são vistas como falso ou irrelevantes:

[...] Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou colectivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso; e temos finalmente de perguntar pelo papel de todo o conhecimento científico acumulado no enriquecimento ou empobrecimento prático das nossas vidas, ou seja, pelo contributo positivo ou negativo da ciência para a nossa felicidade.

Sobre o “ser brasileiro (a)” trazido neste texto, onde me pareceu que os militares se consideram mais que aqueles que não pertencem a tal meio, fiz referência, em um primeiro momento, a uma identidade que termina em si mesma. E, ao afirmar isso, excluo aqueles que não o são, como os italianos, os búlgaros, os espanhóis, e assim por diante. Entretanto, há mais que apenas a negação de não ser de outro lugar e “ser brasileiro (a)”.

Tal afirmação esconde uma série de categorias que elegem quem pode ou não estar dentro do “ser brasileiro (a)” (HALL; WOODWARD; 2014, p. 75): “As afirmações sobre diferenças também dependem de uma cadeia, em geral, oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.”

Em relação aos militares serem tidos como uma elite, trago uma contribuição de Pareto (1984), o qual é reconhecido por sua teoria da **circulação das elites** (p. 25, grifo original). O autor juntou uma análise de mobilidade e estrutura, passando de uma análise conceitual isolada (a micro sociológica) para uma análise global integrada (a macrossociológica). Desta forma, Pareto não apenas introduziu a noção de um **sistema social** (grifo original) mas, apresentou, através de uma figura geométrica, a **pirâmide social** (grifo original). Tal experiência, conhecida como a “curva de Pareto”, (grifo original) foi uma demonstração de sua análise estatística da distribuição dos fenômenos sociais.

Para ele, haveria uma heterogeneidade dentro dos sistemas, os quais poderiam ser reduzidos a dois estratos sociais: o inferior - as classes não eleitas ou “a massa” - e o superior - a classe eleita ou “a elite” (1984, p. 25). Logo, associei os estudos de Pareto aos discursos acima para demonstrar como as pessoas do mundo militar brasileiro se percebem dentro de uma elite, estando, na visão deles, na classe “eleita”.

Diferentemente aos estudos de Moura (2007), a qual estudou a diplomacia no Instituto Rio Branco e tinha uma proximidade com seus interlocutores, mesmo não sendo uma diplomata, eu, ao contrário, não pertencia ao campo militar. Acredito que isso tenha causado algum impacto em minha entrada, primeiramente. Mas, ao longo do tempo, fui me envolvendo nos assuntos de cunho militar e acredito ter demonstrado que não precisava ser uma “apadrinhada” para estar estudando as mulheres militares. Mostrei minha vontade de desbravar esse universo tão pouco estudado no Brasil, mesmo que cometesse alguns deslizes. Talvez, esta postura de ser sem amarras e sincera, além de agir sempre com respeito com quem falava comigo, me aproximou mais de meus e minhas nativas.

Tenho plena consciência que minha aparência física me ajudou na inserção em meu campo de pesquisa. Afinal, eu sou vista como um indivíduo aceito dentro das relações sociais ocidentais e possuo atributos relevantes dentro da sociedade brasileira: “*Você é muito inteligente! “Essa mulher é perfeita: bonita, inteligente e sabe fazer bolo de chocolate! E, ainda por cima, integral!”*”, me disse um oficial ao saber sobre a preferência de minha filha pelo meu bolo integral de chocolate.

Contrariando meus receios sobre minha aparência, ao escolher este estudo para meu doutoramento afirmo que minha entrada se deu de forma muito tranquila, sob este aspecto, onde fui muito bem recebida por todas e todos os militares que conversei e que se dispuseram a conversar comigo. Tive o apoio de muitas pessoas para que as entrevistas fossem realizadas ou para que eu pudesse participar de eventos, apesar das constantes perguntas e pessoas ao meu redor “me cuidando”, sob todos os aspectos.

Sobre a pesquisa em si, passagens embaraçosas em meus momentos de campo estão presentes a fim de mostrar que uma pesquisadora, para realizar um bom trabalho, precisa estar muito bem alinhada com seu objeto, mesmo que isso venha a causar alguns constrangimentos engraçados, mas que abriram portas para ter contato com as profissionais militares. Ser pesquisadora, conforme Schucman (2006), requer o que chamei de um “algo a mais” - que em meu campo ficou apelidado de “borogodó”



por meus interlocutores - para entranhar em ambientes jamais pensados a fim de explicar por qual motivo escolhi tal objeto para estudo.

Entretanto, apesar de ter feito uma entrada bastante pacífica, estava explorando mais que um campo de pesquisa: um campo de disputas das mais diversas formas ao longo de minha jornada empírica, como fiz o esforço intelectual de demonstrar ao longo desse capítulo. Sempre adotei, por opção, uma postura de não ser passiva mas, sem ser agressiva, indo de encontro ao que se espera de uma mulher dentro de nosso contexto social ocidental. Fui assertiva, sem perder a diplomacia, demonstrando que não disputaria, de forma alguma, situações de baixo calão. Nesses momentos, acionei discursos acadêmicos, usando as minhas categorizações, no sentido de me diferenciar. Entendi que estava em meio a uma sociabilidade diversa de minha vivência e que, por isso, precisava mostrar minha seriedade, sem perder o respeito, o bom humor ou a afeição ao outro.

A disputa pelo espaço político público entre homens e mulheres não se deu” por acaso” (MCCLINTOCK, 2010, p. 249. Grifo original). Alguns tipos de homens, no fim do século XVII, também eram excluídos de tal participação. Por isso, precisavam expurgar as mulheres desse meio para poderem ter mais acesso à arena pública:

[...] Enquanto achavam seus meios de acesso ao poder, os novos profissionais e comerciantes deliberadamente excluíam as mulheres de classe média dos clubes e tabernas, das lojas maçônicas e das organizações financeiras, das salas comerciais dos *pubs*, das reuniões e dos encontros políticos, da Câmara dos Produtores, das eleições legislativas, e das universidades; em suma, de todas as instituições do poder público, que foram por isso mesmo definidas como espaços exclusivamente masculinos. [...]

Jamais poderia dizer que minha estada em campo não foi repleta de batalhas - usando termos nativos - onde sempre deveria sair um vencedor. Simmel (2011, p. 570- 571), nos diz que o “conflito é admitido por causar ou modificar grupos de interesse, unificações, organizações:

Assim como o universo precisa de “amor e ódio”, isto é, de forças atrativas e repulsivas, a fim de dispor de qualquer forma, do mesmo modo, a sociedade, também, para atingir uma forma determinada, precisa de alguma razão quantitativa de harmonia e desarmonia, de associação e de concorrência, de tendências favoráveis e desfavoráveis.

Para o autor, existe um tipo de mal-entendido ao definir o que seria uma **unidade**. Para ele, haveria duas explicações para tal: a primeira, diz que a unidade seria o consenso e a concórdia atingida em um grupo de indivíduos que interagem com outros em oposição às suas discórdias e desarmonias. A segunda, estabelece que a unidade seria o total de tudo o que um grupo sintetizou, no que se refere a termos de componentes funcionais tidos como únicos. Aqueles elementos tidos como negativos e dualistas desempenham um papel positivo em um quadro mais abrangente, mesmo que haja a destruição de relações particulares, dentro de um competição entre indivíduos dentro de um campo.

No que diz respeito aos relacionamentos amorosos vividos pelos oficiais dentro da caserna para salvarem seus casamentos, pego o exemplo de homens em operações de libertação da França durante a Segunda Guerra que, por vaidade, saiam com diversas mulheres diferentes, comprometendo, muitas vezes, as investidas contra os nazistas. Contavam sobre suas atividades secretas para aquelas que, inclusive, simpatizavam com os alemães, o que Purnell (2021, p.123) chamou de “[...] parte de uma bravata de *chercher la femme*<sup>84</sup>”. Isso apenas prova que os meus interlocutores estavam sempre à procura de uma amada, já que seus casamentos não valiam à pena, no que dizia respeito ao amor que deveriam sentir e que o mesmo não passava de aparências sociais.

Em relação a ser observada durante minhas aparições nos eventos, bem como a relação de não militares homens e mulheres, conforme descrevi, parece-me ser uma prática comum com pesquisadoras, em especial. Takahashi (2002, p. 75) também foi alvo deste tipo de atitude ao estudar as mulheres na AFA:

A maior dificuldade que vivenciei enquanto pesquisadora neste período de 1999 a 2000, no entanto, foi a falta de cerimônia com que alguns colegas (homens ou mulheres e civis principalmente) paravam ao meu lado e liam o que eu estava lendo ou escrevendo, tecendo em seguida comentários sobre o que eles achavam que eu deveria ou não abordar na pesquisa provocando situações de constrangimento. Nestes momentos, a sensação maior era a de que estes colegas repetem exatamente o comportamento que mais criticam na instituição militar – o controle a interferência sobre as atividades que não lhe dizem respeito. É bom que se diga que entre os colegas havia homens e mulheres, civis e militares, que mesmo sabendo-se parte de meu estudo, acrescentaram muitas informações sem tentar interferir na orientação que eu daria a elas, demonstrando respeito e apoio ao desenvolvimento do trabalho.

---

<sup>84</sup> O trecho correspondente na tradução é: “procurar a mulher”.

Além disso, minha postura de sentir receio quando fui chamada para conversar com um oficial pode ter se dado porque no início de meu campo me senti muito acuada pelo fato de, muitas vezes, ser a única mulher no ambiente, indo ao encontro de Zaluar. Mas, à medida que o tempo passava, me sentia mais solta e sem receios de sofrer qualquer dano. Ousava em brincadeiras dos mais diversos assuntos, provocando aqueles oficiais e fazendo-os sociologizar junto comigo.

Ao trazer a queda da criança da tribuna de honra, invoco algo que me era muito falado: a família militar. A meu ver, passei a entender o porquê de haver uma clara intenção de reconhecer Fonseca ou Néry<sup>85</sup> frente àquelas que realmente lutaram pelo nosso país, dentro de suas condições sociais. Fonseca é vista, dentro do ramo militar, como a “mãe da família militar”. E nesta esteira, passei a entender o motivo de haver um forte esforço para reconhecer especialmente as mulheres de oficiais - as não militares - que orbitavam naquele meio. Deixo em aberta a pergunta: e se tivesse sido uma militar que permitisse que sua cria despencasse da Tribuna? Seria ela categorizada de uma “má mãe” ou de uma “má militar”?

Ainda, percebia que para alguns militares, bem como uns e umas não militares, minha postura, como um todo, sobre maternidade e feminilidade soava diferente de tais mulheres: eu não disputava atenções, como me foi mencionado que em diversas ocasiões havia uma disputa de “hierarquia”, isto é, ser uma mulher de general é estar “acima” de uma mulher de major, por exemplo, dando a elas uma falso *status* militar e indo totalmente contra à postura militar das entrevistadas, que muitas vezes precisaram se sujeitar para atender aos caprichos de tais não militares.

Ao falar sobre caber aos militares construir famílias ainda quando estão na Academia com o intuito de ascensão de carreira, saliento que o termo “família” origina-se do latim *famulus*, o qual está voltado para a servidão dentro da lógica do *pater familias*, ou seja, o homem detinha os poderes em relação à vida, à propriedade e ao trabalho das esposas, das crianças e dos escravos (lembrando que os primeiros grupos também eram vistos como os últimos tais já que não possuíam direitos alguns). Logo, deixo a pergunta: qual seria o sentido da expressão “família militar”?

---

<sup>85</sup> Mulheres relatadas no capítulo 1 desta tese.

Imagem 16 – Intenção do Comandante do Exército Brasileiro, o General de Exército Tomás Miguel Miné Ribeiro Paiva, o qual cita a “família militar”.



Legenda: Documento intitulado “Diretriz do Comando do Exército 2023 - 2026”.

Fonte: [Calaméo - Diretriz do Comandante do Exército 2023 \(calameo.com\)](http://calameo.com).

Importante trazer à tona sobre o casamento dos homens oficiais, onde o Decreto- Lei nº. 6.289, de 23 de fevereiro de 1944, determina que o casamento deve ocorrer a partir dos 25 anos, o que já seria considerado muito “velho” para tal função já que “[...] ele já se aborreceu de ser tenente, podendo por conseguinte aborrecer também a noiva” (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 129).

Por isso, vou além das colocações de Castro (2021) sobre as categorias nativas “carência afetiva e desespero”, dizendo que os oficiais devem casar-se logo e gerar crias, por conta de uma imposição da Lei, além da cobrança social de virilidade, como se verá na sequência dessa tese. Vale lembrar que no Antigo Regime, devido a uma flexibilização no Decreto de 8 de março de 1793, permitia que todo e qualquer militar, sem distinção, se casasse sem o consentimento de seus chefes superiores. (CAIRE, 2002).

Por fim, a ideia de escrever este capítulo foi tentar trazer à tona situações experienciadas no campo de pesquisa que, talvez, se leve a pensar formas de como as mulheres nas FA brasileiras são vistas, no que diz respeito à sua profissionalização, bem como se fazer um campo pouco explorado, sendo sempre vista como “a outra”, no sentido mais amplo da palavra.

## 4 AS ENTREVISTAS E AS ANÁLISES SOCIOLÓGICAS

Nesse capítulo trago algumas reflexões baseadas em trechos de entrevistas com as oficiais das Forças Armadas ao longo dos anos de 2021 e de 2022. Neles, as militares expuseram questões como feminilidade, desafios no início de suas trajetórias profissionais dentro das Forças, suas motivações para ingressarem nelas, entre outras vivências. Como esta tese se destina ao estudo de uma carreira pública, as análises serão nesse sentido, onde a questão dos gêneros se entrecruzam na realização de determinadas tarefas consideradas militares ou não, bem como trazer à tona a imagem da mulher militar vista pelos seus colegas homens.

Cabe ressaltar que não serão identificados nenhum dos nomes das oficiais, das Forças, de locais citados, de nomes de colegas nem de eventos específicos, justamente, por se tratar de um universo bastante restrito que é o das militares das FA brasileiras. A depender da informação, poder-se-ia, facilmente, identificar as profissionais, o que não é o desejo desse estudo. Minhas conversas ocorreram com militares da Terceira, Quarta e Quinta Geração, bem como nomeei as Forças com letras do alfabeto fonético internacional - conforme estipulei para esta pesquisa, quando falei sobre a metodologia, páginas atrás.

Trarei alguns assuntos que me foram relatados, de alguma forma bastante violentos e que me pareceram importantes serem ressaltados neste estudo. Ao final, apontarei algumas reflexões no que diz respeito ao lugar profissional das oficiais, baseada nos trechos apresentados.

### 4.1 As análises sociológicas do campo de pesquisa

Ao longo das entrevistas, percebi a influência de algum tipo de parentesco que, de uma forma ou de outra, incentivaram estas oficiais a entrar na carreira militar. Muitas associaram suas entradas às figuras de irmãos, por estes já participarem de uma das Forças, além das figuras de pais e avôs. A figura materna apareceu como uma incentivadora e modelo de exemplo nos cuidados com os afetos e em suas carreiras - quando exerciam alguma atividade laboral fora de casa.

Além disso, trago relatos sobre seus filhos e filhas e suas ligações com a carreira por conta de seus exemplos pessoais:

*O: Quando eu entrei pra [FORÇA], eu apenas procurava um emprego estável e eu me formei. [...]. Os meus pais não queriam, eles achavam que essa profissão não era uma profissão pra mulher. [...] eu peguei [...] e falei: “[...] vamo ali comigo, me empresta um dinheiro aí, faz a minha inscrição!”, [...]. Quando eu passei, no dia da formatura, meu pai, que não queria, ficou todo bobo né: “Minha filha!”, aí, pegou o retrato [...] e botou lá no hall [...] dele. [...]. (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).*

*O: Era uma oportunidade e a [FORÇA] eu falei: “Nossa! Que legal!” Ainda mais imaginar que eu ia para [ESTADO], né: “Nossa! Eu vou poder viajar para [ESTADO], caramba! Vou conhecer [ESTADO]” [RISOS]. Então, foi assim meio que na brincadeira e eu já tinha meu irmão, que era da [FORÇA], né, então, eu sabia, mais ou menos, e era uma forma de eu me “independizar” né, porque eu morava na casa da minha mãe, é... como [PROFISSIONAL], né, a gente [RISOS], eu trabalhava em CINCO [ÊNFASE NA FALA] lugares pra conseguir ter uma... uma condição, né, adequada. Cinco lugares [RISOS] pra ter um pouquinho de dinheiro aí, que desse conta [...] [RISOS].*

E: E, você, pelo que você falou, né, na trajetória pessoal, não tinha ninguém militar na família que dissesse “Olha, é meu vô, nós viemos duma tradição, o meu pai...” não. Pelo que eu entendi, o irmão foi alistamento obrigatório, você olhou o cartazinho...

*O: Exato! Isso aí! Foi, realmente, vamos dizer, um amor à primeira vista sem conhecer direito, mas, depois, me apaixonei, até porque eu ia ter a possibilidade de fazer atividade física todo dia que era uma coisa que eu queria [RISOS]! E, principal: trabalhar na minha área! [...] Naquela época, que que aconteceu? Eu encontrei vários colegas meus de faculdade que se formaram junto comigo, trabalhando em shopping, entendeu? [...] Aí, [...], eu prestei um concurso [...]... um belo dia, eu chego em casa, nessa época não tinha internet não, assim como tem hoje, então, era telegrama! Recebi um telegrama com uma frase assim que eu não entendi porque não era meu hábito ter esse tipo de contexto na vida, escrito assim: “Parabéns! O Senhor passou no exame intelectual!”. Eu falei: “Que isso? Daonde? Que diabo é isso? Eu não sei de nada!” [RISOS] Bom, aí, o meu irmão, que já tinha sido militar, [...]. Aí ele: “Não, isso aí é porque você passou... Você fez alguma prova?” [RISOS] [...] Aí, ele falou: “Não, você passou! Você fez prova?” Eu falei “Fiz!”. “Então, você passou!” E eu não acreditando que eu tinha passado! [...].*

E: Entendi. Então você entra né, na Força, por conta de um cartazinho, olhou lá, provavelmente, a remuneração contava, também né, você tava fazendo um trabalho e ia entrar num trabalho público novo, mas, provavelmente, isso pode ter interferido e ficou, até então, até se aposentar. Vou usar o mesmo termo aqui.

*O: Sim! Exatamente! Isso aí! E eu, na época, não sabia nem quanto que eu ia ganhar, [RISOS], quando eu entrei (Oficiala da Força Quebec, com 1 filho).*

*O: Não, mas muita gente pergunta! “Como é que apareceu isso na sua vida?” Bom, na verdade, meu avô, pai da minha mãe, é [PATENTE]. Era, né! e ela conta muita coisa... [...] [PATENTE] da [FORÇA]! Eu não lembro exatamente qual [PATENTE], mas, enfim! Minha mãe contava algumas histórias...” Mas,*

*foi isso que fez você querer ser militar?” Não! Não foi isso que me fez! Mas, eu tinha algum conhecimento da vida, até da família do militar, nem tanto do que o militar fazia porque era a visão da filha...[...] Meu irmão é [PATENTE] [PROFISSIONAL], já foi para a reserva e minha irmã, não! Minha irmã não seguiu! Mas, enfim, pessoas totalmente normais! Ou seja, era possível ser profissional e era possível ser mãe e ter família, isso foi uma motivação para eu querer ser alguma independente do que eu seria, mas eu queria ter a minha profissão, ter o meu trabalho, ter a minha independência. [...] Meu irmão entrou dois anos antes de mim, eu estava, ainda, concluindo minha faculdade e no ano que seria o concurso, no ano anterior, [...], ele inscreveu minha cunhada que, também, acabou entrando, depois, para fazer prova [...]. Eu falei: “Poxa, tem [PROFISSÃO] lá?” [RISOS] “Tem [PROFISSÃO]? Escreve meu nome! Me inscreve também!” Podia até inscrever e ele me inscreveu. Eu não sei como funcionava na época e eu quase não fiz a prova porque estava toda enrolada com prova de faculdade, na época! No dia da prova, eu: “Ai meu D’us!”, eu não tinha estudado nada para a prova, estava estudando porque eu tava estudando mesmo, estava no meio da faculdade! Ai, fui lá fazer a prova e foi assim que eu entrei. Fiz a prova [...]. Enfim... aonde eu tava? Me perdi! [RISOS].*

E: E o seu irmão te...

*O: Ai, eu me inscrevi, tal, fiz a prova e passei! Tirei mais que 5, fiquei entre as 6, na verdade eram 4, que eram duas vagas, depois entraram 3. Mas, a princípio, eram 2 vagas. E só eram 3 mulheres que passaram, tiraram mais que 5... Então, acabei prosseguindo o processo seletivo. [...]Falei: “E agora! O que é que eu faço? Entro ou não entro? O que é que eu faço? Pode entrar?” Até o fim do [CURSO] você tem que apresentar a colação de grau, o fim do [CURSO]. Pede a declaração da Universidade... eu falei com a [UNIVERSIDADE], conseguimos com o professor lá que me deu que eu só, realmente, estava concluindo. E entrei! [...]*

E: E os teus filhos? Vendo pai e mãe, algum seguiu? Não quer seguir? Não tem interesse...

*O: Até pouco tempo, nenhum deles queria. Agora o mais velho está considerando a possibilidade, [...] e [...] então ele começou a entender que, talvez, na profissão dele, seja melhor ele conseguir alguma coisa desse tipo, alguma coisa mais perene, mais segura porque, senão, ele vai trabalhar muito, talvez, ganhar pouco, não ter estabilidade nenhuma, então, ele começou a considerar essa hipótese agora. A namorada dele quer fazer, [...] e ela é convicta! Ela, acho, que me viu e achou o máximo e, acho, que ela se interessou, realmente, pela carreira. [...]. O outro faz [...]. Na área de segurança que ele acha muito interessante. Mas, ele não pensa em [FORÇA], não. Acho que nessa área dele, ele tem tanta oportunidade, que ele, realmente, diferente do outro, que seria uma boa escolha, para ele, acho que ele tem tantas opções que ele não precisa ficar preso à [FORÇA]. Mas, ele também não tem muito pendor para ser de [FORÇA], militar. Podia ter, né? “Não interessa! Eu quero ser de [FORÇA]!”, mas, ele não tem. Eu entendo. Ele tem muita opção no exterior. Eu espero que não, quero tudo debaixo da minha asa, tudo aqui, junto. (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

E: Uma coisa que você falou, que eu queria que você falasse mais sobre, vou usar tua palavra, que a mulher que fosse séria, que era o que a tua família falava, não entrava para uma Força porque isso era coisa de puta.

O: Era profissão...ia virar “barril de quartel”. Olha uma coisa dessas!

E: [RISOS] O que é um “barril de quartel”?

O: “Barril de quartel” é um pouco demais! Cé não acha, não!

E: Eu não sei o que que é! [RISOS]

O: [RISOS] *Imagino! “Barril de quartel”, olha, antigamente*

E: Rola pra tudo quanto é lado? É mais ou menos isso? Todo mundo agarra? [RISOS].

O: *É isso aí! Também! Todo mundo agarra, todo mundo enfia, você imagina um buraco assim no meio e todo mundo ó...*

E: [RISOS] Isso vinha da sua família ou de qualquer pessoa?

O: *Qualquer pessoa! Falavam isso as pessoas que eram, assim, como é que eu vou te dizer, que não tinha a cabeça boa [...] (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).*

O: *[...] Formei em [ANO], depois, fiz... comecei [...] em [ÁREA] na [UNIVERSIDADE]. Aí, em [ANO], fiz o concurso, apareceu o concurso, né. O pessoal pergunta assim: “Você sonhava em ser militar?” Sonhar, podia sonhar, né, não existia mulher militar! Eu sempre admirei, sempre gostei, né! Não tem ninguém na família que seja militar! Meu pai serviu. Quando serviu, serviu em [FORÇA] e, na época, acho que eram 3 anos que ele ficou lá na [FORÇA]... e só! Não tem ninguém mais da minha... Agora, tem minha filha, né! Também é da [FORÇA]. Mas, aí, surgiu aquele concurso, né, que todo mundo: “Ah, mulher vai ter!”, aquelas coisas, né! “Novidade!”. Recém-formada, em [ANO]! A situação do país, também, não era lá essas coisas, né! Nós... não tinha perspectiva de concursos para nada. E, aí, apareceu essa oportunidade e eu resolvi me inscrever e tentar, né! Não custa nada, né! Eu digo sempre: se a gente não tentar, não consegue!*

E: Eles [OS FILHOS] ingressaram para as Forças ou não?

O: *Não. Só a minha filha! [...] aí eu falei para ela: “Minha filha, olha só, faz o concurso para a [FORÇA]! Porque, se você não se adaptar, você faz outro concurso e sai, não tem problema nenhum, né! Mas, pelo menos faz! Primeiro, que, se você passar, é um emprego. Tem uma certa segurança, né! Segundo, que nada te impede de sair! E se você quiser fazer outros concursos, você já tem uma experiência em alguma coisa.” [...] Aí, ela ficou meio assim e eu disse: “Você que sabe! Mas, não custa tentar! E fez e passou! [...]pro Quadro de Oficiais. Agora, já está lá vai fazer [ANOS]! Daqui a pouco ela é [PATENTE] [RISOS] [...].*

E: E o filho seguiu outro caminho. Não quis.

O: *Nada de [FORÇA], nada! Não, nada! Ele faz parte de [ÁREA], a esposa, também, faz essa parte de [ÁREA], vão vivendo lá, na boa. Nessa época, agora, de pandemia, trabalharam em casa. Com aquelas [...] crianças, deve ter sido um inferno! [RISOS] Mas, tudo bem! Imagino como deve ter sido... meu D’us! Porque as crianças não são fáceis! Mas, faz parte! Tem saúde, porque criança muito parada tem alguma coisa errada! Mas, é isso. [...]. (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

O: *É... Primeiramente, eu agradeço a D’us! Eu nunca imaginei! Nunca imaginei uma menina criada no interior, né, do Estado de [NOME], né, depois... me formei no colégio alemão em [CIDADE]. E por conta, eu queria a minha sobrevivência. Eu queria ajudar a minha família, né! Eu sonhava em ser professora, em ter um salário, ajudar meu pai, minha mãe, porque o serviço na roça é difícil! Muito difícil! Então, fui pra [CIDADE] e meu irmão, que já tinha ido na frente... ele já tinha entrado [...]! Ele era [PATENTE]! [...]. Então, esse meu irmão me ajudou a arrumar um concurso! Eu não escolhi o*



concurso! Primeiro que apareceu... “Eu preciso trabalhar! Preciso trabalhar!” Primeiro que apareceu! Então, tudo isso, eu agradeço a D’us. [...] (Oficiala da Força Golf, sem filhos).

O: [...] Então, essas coisas... parecem que é destino, né!. São coisas que vão acontecendo na vida da gente e é o que eu sempre digo “pega a oportunidade!”. Inclusive, um amigo, muito interessante, que diz que: “**A oportunidade é uma mulher cabeluda na frente e careca atrás. Se você não pegar ela pelos cabelos da frente, quando ela tá vindo, quando ela passou você não pega mais, porque não tem cabelo!**”. [GRIFO MEU] E ele tá certo! Porque é assim, mesmo! Então, foi isso. Ai, fomos... Era uma turma experimental! Eu sempre digo isso: de uma certa maneira, não deixávamos de ser um experimento para a [FORÇA], né, nessa fase nova que eles começaram, realmente, perceber que as mulheres teriam que entrar no mercado de trabalho, né! [...]! A gente, até, né, fica, assim, “Poxa, [NOME DO CORPO] tem uma conotação um pouco meio estranha”. Então, nós entramos, todas as mulheres! [...] (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).

O: Meu pai é militar da [FORÇA] e eu lembro que quando eu era adolescente, as pessoas perguntavam, perto dele né, se eu já sabia o que eu queria fazer, ele dizia que eu ia ser [OFICIAL] da [FORÇA], que, na época, era a única escola de formação de carreira que aceitava mulheres. [...] E acabou que eu fiquei, meio que pensando, eu nem entendia direito o que era ser [OFICIAL] e botei na minha cabeça e, enfim, tentei e acabou acontecendo de eu conseguir passar [...] (Oficiala da Força Wiskey, com 1 filho).

O: [...] O que me influenciou foi a vontade de querer ser independente, de querer ter meu emprego e foi uma oportunidade que surgiu porque, antigamente, não tinha muitas oportunidades. Além de tudo, você ser uma das primeiras mulheres a entrar. [...]! De ser pioneira, mesmo!

E: A tua família te incentivou? Disse: “vai!” E a mãe?

O: Não! Meu pai não queria que eu entrasse para a [FORÇA]. Minha mãe, sim! Ela acha que a gente tem que ser o que a gente quer. Que seja lixeiro, mas que seja o melhor lixeiro, que procure fazer as coisas com amor.

E: E seu pai não queria por quê?

O: Meu pai não queria porque, ele tinha... apesar de ele ser da [FORÇA], ser militar, ele tinha uma coisa da [FORÇA] de que os [PROFISISONAIS], aquela história de uma mulher em cada [LUGAR], não sei o quê! Ele não queria que a filha dele, de repente, se envolvesse porque, se você trabalha em um local, provavelmente, você vai se envolver com alguém! E ele achava que os homens de [FORÇA] eram meio ... [RISOS]

E: Rudes...

O: Ele achava que não seriam bons maridos se eu arrumasse um, né, para me casar! Acho que ele tinha aquela coisa. Acho que era mais preocupação de pai com a filha, não querer que a filha se envolva com um cara que, de repente, pode ser, não digo picareta, mas, assim, que gosta de mulheres, de muitas mulheres.... aí, já viu! Então, essa era a preocupação! E, aí, eu falei pra ele: “Que a gente só é o que a gente quer ser! E eu vou para a [FORÇA] porque é uma oportunidade que eu tenho de ter um emprego...” [...] Na verdade, a minha vontade era de ter o meu dinheiro e poder fazer minhas coisas, entendeu? E não ficar dependendo, também, de pai e mãe, né!

*Porque a gente vai crescendo e tem que ir à luta! Deu tudo certo, graças a D'us! (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

*O: Meu pai nunca foi muito presente na minha formação e eu devo tudo que sou e que eu ainda vou conseguir alcançar aos meus avós e meu esforço maior em ter uma carreira estabilizada foi, justamente, pensando neles, em dar uma aposentadoria tranquila pra eles. [...] a gente sabe que [PROFISSIONAL] no meio civil não é tão bem remunerada, então, assim, minha busca por ter condições, por exemplo, de pagar um plano de saúde pra minha avó, que é quem eu chamo de mãe, foi o que me fez buscar por um cargo que me desse certa estabilidade. (Oficiala da Força Quebec, sem filhos).*

As falas das oficialas demonstram que elas viram na carreira militar uma ascensão profissional, mesmo tendo formação universitária em cursos tidos como imperiais, não apenas para elas, mas para seus futuros herdeiros e herdeiras, os quais devem seguir essa tradição de família. Além disso, vê-se que a principal motivação era de ter uma estabilidade financeira, mesmo que tivessem suas profissões de formação. Com tal estabilidade, a ideia era de auxiliar a família, inclusive, podendo sair de casa para desonerar os gastos de seus pais e mães, além de contrair matrimônio.

Sobre as figuras inspiradoras, vê-se que as mães incentivavam e inspiravam, enquanto aos pais cabia as preocupações com o fato de serem mulheres no mundo militar, podendo correr riscos de serem enganadas, emocionalmente falando. As famílias, de alguma forma, não aceitavam o emprego eleito pelas militares porque seriam taxadas de “barris de quartel”, ou seja, todos os homens fariam sexo com elas. Tal pensamento me pareceu bastante conservador, mas como as oficialas vinhas de famílias de classe média em um Brasil passado, não me assustei com os comentários. O que me chamou a atenção, porém, é que, ainda, se veem as militares dessa forma, principalmente, pelos homens, conforme relatei sobre “as tenentinhas”, ou seja, as mulheres ainda são vistas como “barris de quartel”, independentemente da Força.

Conforme Janowitz (1967), nos Estados Unidos, o interesse maior de entrar para a profissão militar vinha de famílias com tradições agrícolas e rurais, haja vista uma ligação maior com a violência até o Sul daquele país começar a se industrializar. A partir daí, passou-se a acreditar que o oficialato refletia o credo da nação, inclusive, pensando serem “superiores ao grosso da população” (1967, p. 80). Lá, raramente, os profissionais militares e sua elite eram compostos de americanos natos. Por isso, quando se referiam à elite, estavam falando sobre os mais prósperos - como

comerciantes e burocratas - e não sobre os mais bem nascidos. Assim, a profissão militar sempre foi um canal alternativo para uma mobilidade social, em especial, quando o país passava por crises econômicas. Com tal colocação, acredito ter ocorrido no Brasil o mesmo fenômeno quando da entrada das oficiais da Quarta geração.

No que diz respeito à esta pesquisa, fui muito bem recebida e entendida pelas entrevistadas, as quais salientavam a relevância de falar sobre a trajetória da militar brasileira com o viés dos gêneros, do mundo militarizado e do profissionalismo:

*O: [...] Ah, você me lembrou agora de um lance muito interessante! Uma vez, eu fui a um churrasco. [...] . Aí, tinha uma moça nova, que tava com uma criancinha pequena e a gente não sabia o que que era: “Quem é a senhora?” e tal, “Ah, eu sou a esposa do [PATENTE]” e tal. Simplesmente, quando eu cheguei, no dia seguinte, na unidade, eu tava transferida [...]. Uma coisa que não tinha nada a ver com o que eu fazia. Por quê? Porque ela ficou com ciúmes de mim e eu tava com o meu marido lá, como outras colegas. Então, a gente ainda enfrentava um ciúmes das esposas dos Oficiais, percebe! Elas ficavam cheia de dedos, com a “tenentinhas” que estavam lá: “Vai trabalhar com o meu marido? Não!” “[NOME], tu que mora perto do [LOCAL]?, Vai na [LOJA] comprar uma bolsinha pra mim!” [IMITANDO SOTAQUE DA ESPOSA] Ainda, faziam a gente de “boy”. E aí da gente se não fosse, né!*

E: E vocês iam? [RISOS]

*O: Eu ia! [...] Tinha esse aluguel entre aspas da pessoa, mas houve reconhecimento. [...] (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).*

*O: [...] Igual eu falei pra você, eu já passei por várias coisas e eu nunca tinha associado à questão do sexismo, né! Mas, agora, a gente conversando, te veio vários exemplos! [...] Eu acho que, fisiologicamente, realmente, a gente é mais fraca que o homem, mas não quer dizer que não existam cinco mulheres que, pô, na minha turma, teve lá, uma certa época, que a gente tinha que subir em corda! Pô, éramos [NÚMERO]. Só uma conseguiu subir! Aquela ali, ela conseguiria ser da Infantaria, por exemplo, entendeu!*

E: [...] Mas, por que preferir a mulher por que ela é mulher e a gente parte do princípio que ela é fraca? Eu já ouvi, também: “Ah, mas a gente vai estar no ambiente de guerra, é sempre o pior cenário, é sempre na guerra! E a mulher vai começar a chorar. Aí, eu disse: “Mas, o homem não chora? E mais, assim, há relatos verídicos de mulheres na Segunda Guerra que tiveram que amparar os homens que estavam chorando, desesperados, porque queria a mãe, a namorada, morrer e quem tava segurando a barra eram as mulheres, chorando por dentro ou chorando por fora, da mesma forma, mas eram elas que tavam lá!”

*O: [RISOS] Cara, isso tá abrindo várias coisas aqui na minha cabeça! Esse papo! [RISOS].*

E: E aí, fica sem resposta! [...] E é outra pergunta que eu faço, e eu fiz a pergunta quando esse monte de homem me recebeu aqui: [...] “Por que que as mulheres não estão em níveis estratégicos? Se Generalato é a pessoa

que ela tem que pensar fora da caixa para dizer como vai agir, por que não uma mulher? Ela não, necessariamente, vai pra guerra, ela vai tá operacionalizando, literalmente, mandando! Por que que essa mulher não tem competência? Elas estão num processo? Estão num processo! Mas, por que não abrir?" [...]! Aí, esses dias eu recebi de um [PATENTE]: "Olha só: das [NÚMERO] [...] dessa turma [...], [NÚMERO] foram mulheres!" Eu disse: "Não adianta você falar isso! Porque foi por causa de uma mulher na Presidência que essa mulheres estão agora lá! Então, isso é muito hipocrisia você dizer que elas estão tendo espaço! Porque se não fosse a canetada [...], de dizer: "Ou façam ou façam!" até hoje, não teria nenhuma! E isso eu não discuto pelo *Whatsapp*, eu discuto pessoalmente. Então, você me chame e me convença!" Porque é isso, sabe! Agora é legal falar: "Eu sempre acreditei que vai ter mulher!" Sério? Desde quando? Desde 2017! [...]. Mas, assim, eu tô de fora, eu posso falar! [...] [RISOS].

O: *É bom que você pode falar, né* [RISOS]. (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).

O: *Carol, eu só tenho que te parabenizar por esse trabalho tão importante de levantar essa parte que, realmente, ela não... É pouco falada, pouco falada, reconhecida, como é a história... Tem, assim, nos estados mas, de um modo geral, isso aí num foi registrado. Existem os registros locais, né. Isso aí não é conhecido. Isso é muito importante! Eu te desejo toda sorte, toda... o sucesso para você poder colocar isso daí numa... por escrito, a nossa história, a história da mulher brasileira, né! Nas Forças Armadas, Forças Policiais, assim... Como em todo segmento da sociedade, hoje, nós somos vendo as mulheres que estão levantando na política, isso é muito importante! Tá faltando mulheres na política, né! Eu estou aqui em [CIDADE] e a gente sabe quanta lacuna, né, nós temos! Precisa mulher em todas... as mulheres são necessárias em todo seguimento da sociedade! Porque nós somos família, né, nós temos que caminhar juntas! Já o homem, não pode ficar sozinho, então... tem que interagir. Esse trabalho teu vai ser muito bom! Da história das mulheres nas Forças Armadas brasileiras, em toda América Latina! Como um todo! A gente tem que saber isso! Isso tem que ser publicado! É muito importante! É uma história, né! Nós sabemos... porque sabe muito pouco... um povo que não tem a história, sem memória, isso é muito triste! Isso é muito bom! E eu te parabenizo você por essa iniciativa, viu? Muito importante você... é uma civil, né, se interessando por esse departamento das mulheres militares das Forças Armadas. Isso vai ficar na História, viu! Parabéns! [...] A Inglaterra... A Rússia... Rússia, as mulheres, há muito tempo! Tem Israel: Israel, nós temos Generais Aviadoras! Então, a mulher está em todos os lugares! Então, é... é que num... talvez, não é muito conhecido. Mas, eu agradeço você, essa entrevista. Você vai mostrar a importância da mulher, tanto no Brasil como no mundo! Se você pesquisar a área estrangeira que a mulher é bem usada, muito antes do Brasil, né! E a gente foi buscar lá fora! E deu certo! E está dando certo, né! Então, eu agradeço. (Oficiala da Força Golf, sem filhos).*

O: [...] *Acho, também, que a gente começou a ficar mais atento com isso, foi mudando a cultura do mundo com relação a essas coisas. Antes, era muito machista. A mulher era [...] tratada como objeto. Naquela época, eu tava muito atenta a isso [...]* (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).

O: *Pois é! Porque é o que eu digo: tudo é cultural. A Sociologia, aí, é extremamente importante nessa situação, entendeu! Porque as pessoas precisam entender que tudo faz parte do mesmo barco. Nada é separado, não existe isso! Você não faz com que as pessoas, de repente, ... Não! Não é assim! [...] Tem muita coisa, né. É por isso que eu falo, são culturas diferentes. Você tem que pegar Israel, Rússia, que são mulheres que, devido*

*a todas as situações sociais e econômicas, elas, realmente, foram obrigadas a partir para defender, realmente, o país com armas! [...] Com o tempo... foram... a coisa foi... era o que eu digo, a coisa foi mudando por que... a visão foi modificando, né... A visão da sociedade é que faz com que tudo se modifique! Não adianta você forçar uma “barra” ... por isso que essas leis não pegam! São leis que não têm nada a ver com o que a sociedade, efetivamente, quer e pensa! Aí, não pega! Você não pode forçar uma “barra” com a lei! A lei, na verdade, é uma regulamentação, no meu ponto de vista, tá?. Eu sei que é muito mais o seu campo do que o meu [RISOS]. Mas, é uma regulamentação de hábitos e conceitos em um sistema em sociedade! Porque, se não for assim, não funciona! Eu penso dessa maneira, né! Não sei se a minha visão é muito correta, mas é a minha visão! E aí, as coisas foram, então, mudando. E aí, depois, em... [ANO], [A ENTREVISTADA FAZ CONTAS] Acho que foi [ANO], [...], então, foi modificado e, aí, então, as mulheres que tinham feito o concurso, puderam entrar nos Corpos e Quadros. E, aí, foi quando eu entrei [...] eu podia competir em igualdade com os homens... para ascensão funcional, para tudo! Entendeu? (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

*O: [...] eu não tinha associado a questão do casamento [...] à questão do gênero...*

*E: você não tinha associado até agora?*

*O: Não, até agora, não! Não, não tinha...*

*E: [RISOS] que bom que minhas visões sociológicas [RISOS]*

*O: [...] pra mim, tinha a ver com a flexibilidade. Porra, eu gosto de fazer as coisas retas, certas! Então, de repente, eu ia atrapalhar alguém...se eu ficasse ali...*

*E: Pode ser... é que como o meu viés sempre é sociológico, eu sempre vejo pelo meu lado, entendeu! Pelo lado da pesquisa, pelo lado do meu estudo! Não digo que o teu não tá! Mas, é que assim, várias situações que me vem, assim, as pessoas: “Não, eu não acho que é porque eu sou mulher...” Eu acho que é...*

*O: [...] Uma vez, eu fui escalada pra ser Presidente de uma comissão e, sei lá, precisaram escalar umas 10 pessoas. Eu fiz uma reunião, chamei o pessoal e quando entrou na minha sala, só tinha mulher! Aí, eu falei: “Fecha a porta aí! “Ó, tô tranquila e feliz porque eu sei que vai dar super certo! Só tem mulher aqui!” Eu nem acho que eu tenho a bandeirinha de feminismo não, entendeu! [...] eu faço questão, por conta da antiguidade, tem uma [PATENTE], uma [PATENTE] e eu. Então, nós somos as mais antigas [...]! Eu falo [...]: “Olha, não aceito menos que o perfeito! A gente tá aqui, custou muito pra gente tá aqui, muitas ralaram pra caramba pra hoje, a gente ter a chance de estar aqui, a gente não passou nem por um centésimo das dificuldades que elas passaram, então, a gente tem que honrar isso aqui, tando aqui! Então, pô, não vamo dá mole!” (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).*

*E: Aí, [...], eu vou chamar de Capitã.*

*O: Capitã [...].*

*E: Capitã [...]*

O: *Chama não... É muito feio! Me incomoda horrivelmente: Capitã, Sargenta... Capitão!*

E: Pela regra, sempre falo né, a regra de Português é clara: se tem Capitão e tem a flexibilização do artigo feminino, se flexibiliza.

O: *Não! É "A" Capitão!*

E: Então...porque é uma patente, mas tem patentes que, quando tem a palavra, pela regra, deveria seguir a regra.

O: *É Capitã? Jura?*

E: Pela regra de Português, sim.

E: Aí, falam: "Ah, mas, é Soldado por causa do soldo...", a gente entra em outra discussão, de mesa de bar...

O: *Na [FORÇA], a gente chama a Capitão, a Sargento, a Suboficial, a gente não flexiona o posto. A gente flexiona...aliás, como hoje, tudo antes, como hoje, é exatamente, a mesma coisa.*

E: Mas, é o juiz e a juíza!

O: *Sim! Mas, a gente trabalha com "o" estudante, "a" vítima..., ah, não, a vítima é só alguma coisa. A gente não flexiona o posto! O posto é "O" posto! Independente de quem está ocupando aquele posto. A gente flexiona o "o" ou o "a", o almirante, a almirante. A gente não flexiona a almiranta! Que fica horroroso! Anta, Presidanta... Acho horrível! Almiranta! (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

O: *[...] Atualmente, até tem taifeiro mulher, né! Que, antigamente, não tinha. Taifeiro, que são os que servem, os que cozinham, né, antigamente, não tinha. Quando eu falo "antigamente", é quando eu entrei. Não existia mulher taifeiro. Não sei nem se tem taifeira, como a Dilma costumava falar: Coronel e coronela.*

E: Eu falo também! Tá no Português! O Português permite essa tipo de flexão.

O: *[RISOS] Ela criou um idioma especial: o Dilmês [...]. (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).*

E: Uma coisa né, que eu falei no início da minha fala e eu sempre falo, também, [...] é a questão da flexão do gênero: a soldada, a capitã, a coronela, a almiranta, [...]. Ainda ninguém me explicou, assim, eu não perguntei diretamente, mas ninguém me explica por qual motivo que se chama mesmo com a entrada de mulheres, a cabo.

O: *Falando de Capitão, por exemplo.*

E: É, a Capitão. Ah, a Major, até acho que vai, mas a almirante, a coronel, isso na Polícia Militar, nas Forças, enfim, tem alguma instrução, alguma regra, por exemplo... Um exemplo que eu botei aqui né, eles fazem um comunicado pra todo mundo: "Olha, em função da Covid, todos os oficiais devem usar máscaras", não vão colocar os oficiais e as oficialas, não...

O: Não.

E: Tá. Pelo jeito acho que isso nem se cogita mudar [RISOS].

O: *Pelo jeito, não. Esses dias aí, ouvi um professor, lá da Academia, comentando sobre isso durante uma reunião que a gente teve, [...]: eles reuniram [...] pra o pronunciamento do [PATENTE] e aí, durante a tiragem de falta, eles ficaram chamando: “Cadê a Capitã [NOME]? Cadê a Capitã [NOME]?” E ela não aparecia. Aí, por fim, o próprio [PATENTE], [...] chamou: “Capitã [NOME]!” E aí, depois de um tempinho, acharam a Capitã [NOME]. Aí, tinha um [PATENTE] sentado do meu lado, ele falou: “Não entendi por que que não podem chamar ela de Capitã, qual é o problema nisso? Na Língua Portuguesa é previsto, tá permitido!” Então, assim, o próprio [PATENTE] levantou essa questão e aí ficou: “Ah, eu acho que é por costume, sei lá, porque sempre teve só homem falando e hoje em dia, eles não fazem questão de mudar” E aí, realmente, isso, sempre foram só os homens e hoje em dia, mesmo que tenha mulheres eles não fazem questão de mudar, sabe que tem essa proibição, sabe que é possível, mas...[...] As novas Cadetes, ou Cadetas como já ouvi algumas pessoas dizendo [...]*

E: *Então menina, me deu até uma emoção agora porque eu dei uma palestra [...], falando sobre o trabalho que eu ganhei [...] sobre mulheres nas guerras e tal. E aí, teu tava em BH e tava todo mundo online, inclusive eu. [...] tomara que essas pessoas que estão falando agora né, nesse teu contexto, a Capitã e tal, tenham ouvido de mim isso, porque eu falei: “Gente, eu sei que as Forças Armadas não utiliza flexão, mas algumas palavras são permitidas e existem na Língua Portuguesa e porque não falar? A não ser que a Oficial diga: “Me chama de Capitã”, aí é uma opção profissional que ela quer, mas ela teve a opção, porque a outra pode dizer: “Eu prefiro que me chame de Capitã”, “Então, vamos chamar de Capitã!”. [...] eu fiquei alegre porque, de repente, a gente acha que a gente fala e as pessoas não ouvem e assim, no boca a boca que, talvez, muda. Daqui a pouco, a gente vai tá falando e é isso, mudou. [...] Um [PATENTE], e aí, ele se reportou às mulheres, [...] eu me lembro que ele flexionou não sei se foi Oficialas ou ele falou, eu sei que ele flexionou o gênero e eu disse: “Aahhhh!, toquei no coração!”, entende? Então assim, me faz, me parece assim que os homens tão, tipo assim: “Não pode, D’us me livre, mas quem me dera. Não pode, mas se eu chamar eu vou ser punido? Não vou ser punido, eu vou chamar alguém, vou ver se cola. Se colar eu vou me fazer de louco e vou começar a chamar”, porque pra um [PATENTE], quando eu falei, eu expliquei, eu vou flexionar. Quando o [PATENTE] falou, ninguém, eu fiquei olhando pra cara das pessoas pra ver se alguém ia falar alguma coisa e ele falou em público né, ele falou presencial. Eu queria ver se alguém ia falar assim: “Não, é... não a gente não chama assim!”, como eu fui chamada atenção de um [PATENTE]: “A gente não chama de Coronela.” Eu falei,: “Eu sei, mas eu tô fazendo estudo sociológico, eu vou chamar, tá?” [...].*

O: *[RISOS]. Sementinha que você plantou. Ninguém vai contestar. (Oficiala da Força Quebec, sem filhos).*

O: *Meu nome é [NOME], me sinto também muito honrada em poder ajudar você, Carol, nessa missão. (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).*

Percebe-se que as militares entrevistadas possuíam plena noção da sociedade em que vivem. Mesmo na tentativa de afastamento de discursos tidos como “feministas”, as quais elas sempre demonstravam distância para tal categoria, entendiam que as mulheres e os homens, dentro da caserna, possuíam atividades e oportunidades distintas, mesmo que a narrativa oficial alegasse o contrário. Sabiam,

inclusive, que para se protegerem dos ataques das não militares, faziam o que tais mulheres solicitavam, a fim de não ocorrerem sanções para elas como o risco de serem transferidas para outra unidade, conforme relatou a oficiala na fala acima. Ainda, a categorização “tenentinha” apareceu em uma das falas da oficialas, mostrando que nos dias atuais, ainda se enxergam as jovens militares como mulheres “fáceis” dentro das Forças. Vale lembrar que no Antigo Regime, mulheres que acompanhavam os exércitos, tidas como “mulheres comunais sempre prontas para o prazer” (CAIRE, 2002, p. 21) poderiam influenciar a moral das esposas.

Sobre a flexão das patentes, algumas falas acima demonstram que já existem militares homens que entendem que poderia ser feita a flexão baseada na Língua Portuguesa, os quais, inclusive, se utilizam de meus argumentos para marcar os gêneros. Isso me deixou bastante feliz por ver que, realmente, um fazer sociológico estava sendo realizado por mim, conforme relatei no capítulo três sobre este tópico. Entretanto, percebe-se nas falas uma resistência sobre a flexão das patentes devido alguns e algumas militares atrelarem ao linguajar da ex- Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff (2011 - 2016), sendo a discussão dentro da caserna levada para o viés ideológico e político, afastando, assim, de discussões propriamente regradas e de interesse nas FA.

Vê-se, assim, como existem militares - homens e mulheres - que desconhecem a norma culta de nossa língua e que não querem se abrir para o assunto, a fim de conservar o *status quo* de defesa de seus interesses políticos e corporativos, misturando politicagem com assuntos de defesa nacional.

Falar sobre mulheres empoderadas, como as que eu lidei, é dar, de fato, poder e *status* profissional, através de capacitação e desenvolvimento na carreira. Assim, se garante que militares saibam atuar de forma assertiva sobre todos os aspectos que envolvam sua carreira. Como aspiranta a socióloga, uso Durkheim (2014) para ancorar meu pensamento sobre a Sociologia. O uso de tal Ciência ressalta a natureza verdadeira das coisas no que diz respeito à educação e ao aprendizado. Para ele (p. 98, grifo meu):

**[...] De fato, na minha opinião, o postulado de toda investigação pedagógica é a tese de que a educação é uma coisa eminentemente social, tanto por suas origens quanto por suas funções e que, logo, a Pedagogia depende mais da Sociologia do que qualquer outra ciência. [...].**



Também, vou na direção de Bourdieu (2020) ao analisar critérios que, de fato, dividem grupos - no caso dessa tese, o grupo militar - ao invés de ir somente atrás de formalidades construídas conforme as necessidades da causa. Os discursos sociológicos sofrem, de certa forma, leituras com as disposições de quem lê discursos classificatórios nos sentidos ordinários, sendo muitas vezes, vistos como insultos. Cabe lembrar que “[...] o mundo social ordinário é o local do performativo.” (2020, p. 39) e que as relações simbólicas ficam mascaradas sob diversas formas - em um gesto facial, em uma palavra pejorativa ou até mesmo através do silêncio.

O autor, ao abordar a *distinção* (p. 24, grifo original) para falar sobre uma noção de classe construída, partindo de um sistema de critérios: questões sociais, culturais, de gêneros, me auxilia enquanto pesquisadora, a buscar critérios que se relacionam entre si para que eu, em posse deles, consiga reproduzir um sistema das diferenças constatadas.

Através das interações com as entrevistadas, as mesmas passaram a repensar seus papéis como militares femininas e de que forma isso vinha a impactar em suas carreiras, algumas se mostrando mais abertas às questões sobre os gêneros nos discursos atuais. Vê-las expondo suas experiências à luz da Sociologia apresentada por mim me mostrava que o meu caminho do saber estava sendo trilhado, colocando em prática o que aprendi ao longo de minha formação e de minhas experiências profissionais.

Essas falas me deixavam muito emocionadas como uma profissional em formação e me mostravam que quando uma mulher recebe a educação formal adequada, dentro do ambiente profissional eleito, ela torna-se a profissional que entende seu papel dentro da instituição, não abrindo mão de seus direitos nem deixando de seguir as regras, conforme existem no mundo militar.

Sobre as mulheres militares brasileiras poderem executar determinadas tarefas que até então eram realizadas pelos homens, as falas abaixo revelam como as entrevistadas viam essa questão:

*O: O Intendente vai, assim como médico, ele vai para as questões logísticas. Ele até vai, mas a missão dele não é lutar, a função dele é dar o suporte logístico. Ele vai como vai o médico, vai como o enfermeiro, ele vai lá para fazer outra coisa, não vai lá para batalhar. “Ah, mas se o cara vier atirar nele ele atira no cara?” Sim, claro! Se tiver um tiroteio danado e ele estiver com*

*uma arma na mão ele vai atirar? Vai! Diferente do médico que não vai. O pessoal da saúde não pega em arma.*

E: Não vai com arma?

*O: É, ele pode ir, mas não é o certo. Para ser respeitado quem tem aquela cruz não pode ser atacado, teoricamente! Então, ele, também, não pode atacar! Aquilo ali garante a ele não ser atacado, então, ele não pode atacar e nem ser atacado. Ele não deve usar arma. A lei é essa. O Intendente não: ele está lá, o couro comendo, ele pode atirar, se ele quiser, porque ninguém vai deixar de atirar nele já que ele não tem a cruzinha vermelha. “Vamos matar ele também!” então, ele pode se defender. Sim, Intendente vai não para guerrear, mas pode guerrear? Pode. Ele é treinado? É. (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

*O: Então, aí a primeira turma teve esses embates porque não podia ser Chefe! [...] não podia isso e elas não ter condições, por exemplo, de portar uma arma! Onde já se viu um militar, um militar que tira serviço sem arma! Porque a primeira turma sofreu isso na pele! Por que elas não podem andar armadas? Claro, nós fomos ao stand de tiro, mas nós não podíamos andar armadas, a gente não desembainhou espada.*

E: E por que que vocês não desembainharam espada?

*O: Porque nós somos consideradas aquelas meninas que eram as garotinhas frágeis. Não teve treinamento na selva! [...] Aí é que tá, o nosso treinamento não teve selva! Não teve nada que se dissesse: “Elas pegaram numa arma?”, Não! Nós tirávamos serviço ali [...]. (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).*

*O: Não tem como fazer isso, senão é preso, né! O que já aconteceu comigo, [...], tinha um Aspirante do quarto ano na mesa, confraternização [...] tinha uma Cadete do quarto ano da [FORÇA] [...]. E, ele falando com os caras da [FORÇA]: “Pô, mas se ela mandar tu cair na flexão pra pagar 10, você cai?”. Aí, o cara falou: “Lógico!” Aí, a Cadete do quarto ano: “Lógico! Por que que não vai cair?” Ele: “Não, só tô querendo entender...” Ele achando que uma mulher não pudesse mandar a pessoa cair pra pagar flexão... (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).*

*O: [...] Não existe mistério, não existe! Não tem nada... a mulher não é impossibilitada de fazer nada e a gente mostrou isso! É lógico que nós somos diferentes mas, nós complementamos um ao outro. O homem e a mulher se complementam, assim também nas Forças Armadas! Tem habilidade que a mulher tem e que o homem não tem, né! Então, isso, essa diferença, é... enriquece! Um auxilia o outro! Então, a mulher, a sensibilidade da mulher, ela vê com mais rapidez certas situações [...] ... Então, ninguém é mais do que ninguém! Mas, nós complementamos um ao outro! Então, foi um sucesso, um sucesso! [...] Pois, eu vou mostrar o que eu posso!”, né. “Se eu não sei, eu vou aprender [...], porque nós, [...] somos regidas pela Lei Federal no quesito de disciplina!”. [...] Então, isso tava na ponta da nossa língua! [...] ... se não tiver ordem e disciplina, vira bagunça! E isso aí é fundamental: disciplina e ordem, né! [...] Então, eu não fiquei com medo não! Disse: “Ó, tô bem ciente, conheço a disciplina, conheço a Lei Federal”, então, pra mim, eu não tenho medo, né! Nós somos capacitadas nesse quesito de ordem e disciplina! É a primeira coisa que a gente aprende, né! [...] Porque o conhecimento liberta! A gente tinha o conhecimento, não tinha por que ter temor, né! [...]*

E: Se ele confia no bastão dele, você confiava no seu taco, né [RISOS]?

O: [RISOS] *Com certeza!* (Oficiala da Força Golf, sem filhos).

O: *Era [GRADUAÇÃO] de [FORÇA]! todo mundo sabia que eu era [PROFISSIONAL] Mas, eu não podia dizer quando eu ia votar que eu era [...], eu era [GRADUAÇÃO]! [...] Eu sempre me considere [PROFISSIONAL] [...], independente da [FORÇA] me reconhecer dentro do Quadro ou não, né! Eu sempre me vi como [PROFISSIONAL]! Mas, é aquela história, né. A promoção [...] é muito mais rápida, então, muitos colegas que entraram pra [FORÇA] depois, bem depois de mim, [RISOS] ficaram mais antigos do que eu... [...] Permitiu que nós, mulheres, pudéssemos, efetivamente, competir dentro do nosso Quadro com os homens, né! E, é logico, que eles sempre reclamaram que a gente não [REALIZAVA A FUNÇÃO]. Eu dizia pra eles “A gente não [REALIZA A FUNÇÃO], mas vocês, também, são mais antigos! Entraram ontem e já são mais antigos do que eu!*

E: E a resposta? [RISOS]

O: *A resposta... [RISOS] Aquela resposta de homem, que você sabe! [RISOS]. Porque eles reclamavam que a gente não [REALIZAVA A FUNÇÃO] e eu dizia assim...*

E: Porque o discurso era: “Vocês querem, mas não querem [REALIZAR A FUNÇÃO]. É isso? Mas, não era nem que vocês não queriam, né? Era uma questão de lei!

O: *É! Mais ou menos isso. Eu dizia para eles: “Ó, tudo tem ônus e bônus!”. Exato! Tudo tem ônus e bônus! “No momento, isso, eu acho, que se a gente não pode competir com vocês, a gente, também, não pode [REALIZAR A FUNÇÃO]! No momento em que a gente puder competir com vocês, eu acho que é obrigação de cada um de nós [REALIZAR A FUNÇÃO], também!” [...] Mas, é isso, entendeu? As coisas foram se modificando. Agora, eu sempre falei: “Ah, vai fazer tal curso? “Claro!” “Ah, mas você pode não fazer!”, “Eu sei que eu posso não fazer, posso dizer que eu não quero fazer, o requerimento pediu para eu não fazer, mas, eu quero fazer!” [...] É aquilo que eu falei para você: eu acho que a gente tem que pegar todas as oportunidades! Eu não sabia exatamente o que eu queria! Então, em determinado momento, ser [FUNÇÃO] era só o que eu queria! A minha maior aspiração, até um determinado, momento era ser [CHEFE]! [...] Aí, quando eu cheguei [...], aí, cê quer mais! Você começa a ver... [CHEFE], ele não é só um título! Ele é todo uma responsabilidade, entendeu, [...] ... e, aí, você começa a entrar em um outro momento em que você não é só mais [PROFISSIONAL]! Você começa a ser Administrador, também! Entendeu? Aí, bom... “Que legal, tô achando isso interessante! Então, o que mais que a gente pode ser?” Aí, quer dizer, eu nunca quis ser [PATENTE]! Eu sempre quis ser [CHEFE], mas, quando eu cheguei lá, vi que se abriu um leque de novas oportunidades e de coisas diferentes que eu poderia aprender e fazer, né! Eu sou uma pessoa que gosto, assim, de coisas diferentes... [...] É isso! Aí, foi que começou, meu [PATENTE] perguntou se eu fosse designada para algum lugar se eu ia e eu disse: “Claro! Não tenho mais impedimentos: filhos criados, [...], não tenho mais ninguém que dependa, realmente, de mim. Estou à disposição!”. [...] E ali, eu aprendi muita coisa! Aprendi a reconhecer como eu sou pequena! [RISOS]. Foi maravilhosa! Eu aprendi muita coisa!*

E: E pelo que você tá falando, você foi sempre profissional dentro da [FORÇA], né? Não é a mulher dentro da [FORÇA]!

O: *Sim, profissional! Profissional! Eu nunca me coloquei como mulher! Eu sempre me coloquei como profissional, como militar, profissional, Oficial...entendeu? Profissional! É isso que, muitas vezes, algumas mulheres se perdem! Porque elas querem ser mulheres. Eu sempre digo: mulher a*

*gente é em casa... a gente é em qualquer outro lugar. Quando a gente está em um determinado lugar, nós somos profissionais, assexuadas, de preferência, que é pra não me perturbarem. (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

*O: [...] deixa eu ver, não me lembro, mas as situações de dar instrução [...], também, era engraçado, porque eles tavam acostumados com instrução de [PATENTE] e eu, [PROFISSIONAL], dava [...] instrução como [PROFISSIONAL], não como... [RISOS]. Então, eles, é... sentiram a diferença, foi muito interessante por causa disso, também. Isso aí não foi uma situação ruim, foi uma situação boa! Então, acho, nesse ano, aqueles conscritos que a gente chama, aqueles [PATENTE] [RISOS], eles respeitaram. Eles aprenderam a respeitar porque viram que eu sabia dar aula, controlar. Falei um assunto que não tinha nada a ver comigo, [...] pra eles, [...]. Mas, eu estudei! O próprio instrutor que tava lá com eles disse: “Nossa, eu nunca vi uma aula tão boa!” Eu falei: “Ué, mas isso é o normal [...], né?” Então, teve também essa situação. [...] no [ANO], eu resolvi ser atleta da [FORÇA]. [...] Então, são as coisas assim, diferentes pelas quais eu passei, fora as situações engraçadas né, de... assim, de militares que, ainda, não acostumados com mulher, ficam, não sabem como vão agir... Às vezes, querem dar a frente pra gente, querem dar passagem, só que eu sou não mulher ali, eu sou um [PATENTE] ou eu sou um [PATENTE], entendeu? Então, a gente que coloca eles no lugar deles, vamos dizer! [RISOS]. Essa é uma questão que acontecia muito. [...] na época da gente acontecia essas situações. (Oficiala da Força Quebec, com 1 filho).*

*O: [...] Eu tava na mesa [...], aí, um cara, assim [...] a gente comentando dessas questões das escolhas para o exterior, ele: “Pô, da minha turma só foram mulheres! O que que vocês acham?” Aí, eu olhei pra ele e falei assim: “Por que elas são competentes, né?” Aí, ele: “Você acha que é só por causa disso?” Eu falei assim: “Ué! Por que não seria? Quem escolhe são quem? Do Alto Comando só tem homem, cara! E se isso tá acontecendo não é culpa delas! É culpa deles!” Foi o que eu falei, se a mulher fica fazendo muito joguinho, e o cara atende a demanda dela, por que também? Porque ele eu tá entrado no joguinho, né! Mas, se os dois tivessem a postura profissional, não ia acontecer!*

*E: E não, necessariamente, as mulheres que foram, fazendo joguinho ou não, não deixariam de ser competentes!*

*O: Isso! Eu acho que ele foi muito infeliz no que ele falou. Senti assim uma, sei lá... porque, pelos nomes, eu convivi com essas pessoas [...] são pessoas que desde a época [...], elas já mostravam que eram um padrão muito elevado, né. Então, eu achei, assim, que não teve nada a ver ele falar aquilo! [...] E teve um outro, até da minha turma, nesse dia, ele comentando, também, querendo dizer que tinha, que a gente conseguia coisas mais fácil porque a gente é mulher. Mas, aí eu fico assim: “Mas, o quê? Me dá um exemplo? Que eu não consigo enxergar desse jeito que ce ta falando!” E não é assim, porque eu quero bater de frente, é pra eu poder enxergar! Pô! Peraí, meu mundo é tão mal assim? Deixa eu enxergar! Deixa eu botar essa lente aí no meu olho porque eu não vejo dessa maneira! (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).*

Vê-se que as militares acima sempre pediram para serem tratadas de forma equitativa dentro das FA brasileiras, já que lá estavam para serem militares

profissionais, executando tarefas de militares e firmando a honra militar. Mais que moralidades estabelecidas, elas eram profissionais. Falar sobre militar profissional é falar sobre honra, conforme Janowitz (1967).

Para o autor, pelo fato de a profissão militar - que eu prefiro chamar de carreira - não ser diferente de outras profissões por conta de serem ações realizadas por diversos homens - e nesse sentido, acompanho o autor, já que, majoritariamente, há mais homens que mulheres nas FA - por princípios (1967, 214), “[...] toda a profissão militar está obrigada à honra [...]”. Para ele, é através da honra que um oficial demonstra sua lealdade junto à carreira militar, exatamente como me demonstraram as oficiais em suas experiências profissionais.

Janowitz acredita que pelo fato de os oficiais estarem sendo recrutados de classes sem tradições familiares e com aspirações mais carreiristas, isso acabou enfraquecendo a importância da honra militar nos Estados Unidos. Entretanto, o que pude perceber no Brasil, ao entrevistar as oficiais, no caso do ingresso das mulheres, é que a maioria vem de classes com tradições militares, perseguem o carreirismo e cumprem com a honra esperada de um oficial profissional.

Além disso, percebe-se que os homens se incomodavam com a ascensão feminina, dando a entender que elas apenas ascendiam por serem mulheres e não por serem competentes, mostrando, por parte deles, a falta de honra esperada de um militar oficial. Além disso, as oficiais, ao ascenderem, passavam a ter experiências profissionais outras que as permitiam demonstrar mais seus atributos profissionais, galgando para níveis mais altos na hierarquia.

Na fala em que a oficiala se refere aos conscritos, podemos trazer Huntington (1996): dentro da vida militar, a vocação deles é tida como um ofício, não uma profissão, diferindo, desta forma, o oficialato de praças em qualquer lugar do mundo. A hierarquia do mundo dos conscritos não se reflete a uma profissional já que naquela, as promoções e os rebaixamentos são mais comuns que no oficialato. Por isso, as diferenças entre as vocações de um oficial e de um conscrito impedem, *a priori*, a vinda deste para aquele círculo, podendo acontecer, mas dentro de um cenário de exceção já que a formação, bem como as instruções, são incompatíveis entre tais posições.

Em relação a forma que as militares eram tratadas dentro das OM's, quando de seus ingressos, vê-se algumas narrativas bastantes violentas, onde suas vidas,

inclusive, foram colocadas em risco por conta da não aceitação da hierarquia feminina por parte de seus colegas mais antigos:

E: A senhora lembra de alguma história sua se teve, né, de insubordinação? Insubordinação, não, mas, alguma coisa que você, fugiu um pouco da regra: “ó..”.

O: *Eu não digo insubordinação, mas, por exemplo, [...] eu tirei 52 em uma prova que eu sabia que não tinha tirado 52! E aí, eu entrei com recurso para fazer revisão de prova... aí, nessa época... normalmente, os cursos, eles fazem aquele terrorismo, pode levar uma punição, coisa normal do curso, [...]! Na época [...], eles corrigiram minha prova com o gabarito errado, porque tinha a prova [COR], a prova [COR] e prova [COR]. E eu, por exemplo, a minha prova era [COR], eles pegaram o gabarito da [COR]...*

E: E corrigiram a tua!

O: *Corrigiram a minha! O que que aconteceu?*

E: Não batia!

O: *Não batia! Então... faz assim: 5C! Ela botou 5D? Errado! E, mesmo assim, consegui tirar 52! Eu falei: “Não! Tá errado! Eu tenho certeza!” Eu sempre tive muita certeza das coisas que eu fazia. E aí... Minha amiga: “[NOME], você tirou essa nota?” Eu falei: “Não, mas eu já tô fazendo recurso lá, pedindo revisão das minhas questões!” Aí, quando eu cheguei, na época, para dar entrada no coisa, o [PATENTE], que era encarregado do corpo de alunos, virou e falou assim: “Você sabe que se você fizer um recurso e você não tiver razão no seu recurso, você pode ser até punida!” Assim, tipo, serviço extraordinário, aí você, invés de ir para a casa, você vai dar um serviço. Aí, eu falei assim: “Sei! Mas, é um direito que eu tenho de pedir o recurso se eu estou me sentindo prejudicada!” E isso, eu fui a quarta colocada [...], eu, ainda, consegui ser a quarta colocada no geral das mulheres! Entendeu! [...] Tem uma coisa que eu não faço: eu não colo! Não adianta, eu não olho para a prova do outro. O que eu consigo, eu consigo. Dizem que quem não cola não sai da escola. Eu, graças a D’us, nunca fui de colar e saí da escola. Entendeu! Porque eu não gosto. Eu faço o que eu sei, depois eu vou para o que eu não sei. Eu não perco tempo! [...]. E aí, nisso que eu fiz o recurso, a minha nota de 52 foi para 94! Aí, eles ficaram todos sem graça.*

E: Aí, você estava em quarto e foi para...

O: *Não, eu terminei em quarto. Mas para onde eu iria com aquela nota? Isso foi uma das coisas... E aí, tranquilamente, não fui punida.*

E: E quem corrigiu errado, foi?

O: *Ah, não, não sei! Acho que não! Também, não cobrei isso, não! Mas, o que eu queria, era o meu objetivo, foi alcançado, que era consertar a minha nota! [...] Mas, eu sou muito firme! Nem adianta me ameaçar, botar aquele pavorzinho. Não interessa! Eu prefiro ser prejudicada! Mas, pelo menos, eu tenho a minha convicção de que eu fiz e que me enganei do que ficar remoendo: “Será que não deveria ter feito?” Se isso for uma forma de ter um certo assédio, uma coisa assim, de me botar medinho, foi a única coisa que eu sofri, mas, que, mesmo assim, não me causou nenhum problema porque eu fiz. (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

O: O que que acontece? Uma vez, eu [...] tava de serviço e uma coisa que eu tinha muito, é... assim, medo até um pouco de receio, medo não, um pouco de receio, era de ficar lá, à noite, na hora de dormir. Porque a hora de dormir é aquela hora que você vai se desligar um pouco, né? Então, eu pegava minha arma, eu deixava ela engatilhada embaixo do travesseiro pra qualquer coisa! E era assim que eu ficava! Mas, teve uma vez que chegou um policial, PM né, e disse: “Olha, a gente recebeu, nosso serviço secreto, uma informação de que eles vão invadir [...]”. [...] aí, o que que acontece? [RISOS] a gente... eles chegaram e falaram isso e a sorte é que eu tava com o [PATENTE] que apoiou! Mas, essa noite eu não dormi porque a gente ficou super preocupado! [...] Então, foi um momento em que eu não dormi, fiquei lá, de plantão, preocupada, porque a gente não sabia né, o que poderia acontecer e, bem ou mal, o nosso [PATENTE] não era formado pra entrar em combate, assim, de cara, [...]! Então, o [PATENTE], lá, é formado, mas, não é, assim, preparado pra ficar dando tiro em bandido né? Então, teve essa situação, sim. Deixa eu ver que mais que teve assim de... ah...teve uma outra situação, assim que a gente chegou, nós, as meninas, chegamos na OM, que eu estava, íamos fazer educação física centralizada porque sempre tem um exercício. Aí, eu abaixei a cabeça assim... aí, de repente, eu vi uns dois homens me agarrando achando que eu ia desmaiar, olha que coisa legal! Falei: “Não, relaxa gente! [RISOS] Eu só tô aqui, olhando pra baixo, tá tudo bem comigo!” Quer dizer, eles ainda tinham aquele cacoete que mulher é frágil! Mal sabe eles o que que a gente já não tinha passado lá na escola [...] no período de treinamento. E eu, fui uma das mais guerreiras, sempre fui! (Oficiala da Força Quebec, com 1 filho).

O: [...] quando a gente foi pegar o ofício para viajar para o Rio de Janeiro, então, a gente teve o espanto do Comando, né! “O que que vocês vão...” Na época, o Comandante [...] era um [PATENTE]! E ele ficou muito espantado! “O que que vocês vão fazer lá? Vocês... ceis... vão fazer o quê na [FORÇA]? Ceis não entendem nada de [FORÇA]!” né! Então... vocês vão... Não entendo nada! Tô recebendo ordens [...], ceis vão lá! Mas, para mim, vocês vão ser babá [...]!” (Oficiala da Força Golf, sem filhos).

O: Lembrei de uma aqui, também! [...] eu trabalhava com arrecadação de alimento não perecível, [...] eu ficava lá. E aí, chegou um Oficial que ele não era, não trabalhava nem no Rio, era de [CIDADE] e, aí, com duas mulheres, uma de cada lado e aí, beleza, as mulheres subiram e ele ficou [...] e tal, nem sabia quem era, nem tinha visto. Na hora que ele foi embora, [...] e ele me viu aí, ele falou: “Nossa! Uma Aspirante mulher! Meu D’us! Que linda! A primeira vez que eu vejo!” Aí, eu fiquei em sentido né, porque ele é mais antigo que eu e eu cheia de medo, aí ele: “Nossa! Me dá um beijo aqui!”, assim! É... “Me dá a mão aqui que eu vou te dar um beijo!” E eu: “Não, não senhor! Não posso!” aí ele: “Me dá tua mão aqui que eu vou dar um beijo na sua mão!” eu: “Não, não, Senhor! Não posso!” “Me dá essa porra dessa mão logo que eu vou te dar um beijo!” e eu: “Não, Senhor, eu não posso!” Aí, nisso...veio um Oficial por trás dele, por trás de mim, eu não tinha visto, veio o Oficial por trás de mim e falou: “Você! Vem aqui!” aí, deu um esporro nele, aí, veio uma outra Comandante por trás de mim, [...], falou: “Sobe agora! Não quero você aqui! Sai da minha frente!”, não sei o que! Aí, eu subi, não entendi nada o que tava acontecendo, aí subi. Aí, no que eu tô andando, esse outro Oficial foi, gritou: “[NOME], volta aqui agora!” Aí, eu voltei correndo, aí eu falei: “Meu D’us: é pra subir ou pra ficar?” Aí, eu voltei correndo, aí, esse Oficial: “Não, me desculpa, me perdoa, não foi minha ideia...”

E: O que tentou beijar?

O: É, tentou beijar a minha mão.

E: Depois de ter conversado?

O: *É. Depois dessa conversa. “Aí, eu não queria te ofender, não queria te constranger, me perdoa! É que eu nunca tinha visto uma Aspirante do sexo feminino!”, não sei que e tal e aí, foi, eu subi, eu: “Sim, Senhor! Sim, Senhor! Sim, Senhor!, só falei isso. Aí eu: “Com licença!”, eu prestei continência e saí. Aí, esse Oficial que deu o esporro mandou uma parte de ocorrência lá pra OM dele, lá em [CIDADE], e ele tomou uma parte de ocorrência porque ele fez isso comigo. Que, provavelmente, ele já tinha bebido alguma coisa, já tava alterado e aí.*

E: Mas, e a Comandante tava te culpando?

O: *Sim. E aí, me mandou subir: “Sai da minha frente! Não quero te ver”. E sendo que eu fiquei, na hora, eu fiquei tão nervosa que eu fiquei em sentido só falava: Não, Senhor! Não, Senhor! Não posso!” porque, é complicado. [...]* (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).

O: [...]. *O que mais me marcou em relação à minha turma foi: no último dia que antecedia a formatura da turma de cima, a gente tava [...], o último dia, assim, meio que fica todo mundo em festa e tudo mais e aí começaram a bater na nossa porta [...], começaram a gritar: “Última turma sem piranha! Última turma sem piranha!”, que eles falaram que a nossa turma é a primeira turma com piranha, que era a primeira turma com mulher, entendeu? E aí, eles começaram a gritar: “Última turma sem piranha” Última turma sem piranha!”, aí, batendo na nossa porta. Aí, a gente: “Meu D’us! Eles vão invadir! A gente vai tomar parte!”, já desesperada! Aí, começaram a gritar: “[NOME], mostra o peito!”*

E: Mas era quem isso, os próprios?

O: *Era a turma de cima da nossa.*

O: *Gritando pra uma menina da nossa turma mostrar o peito porque ela namorava com um menino da turma de cima e ela tinha colocado silicone, aí pra zuar ele, começaram a gritar pra ela mostrar o peito. Acho que de assédio na escola, foi a única coisa.*

E: Mas, eles chegaram a ser advertidos? Chegou alguém: “E aí! O que que é isso?”

O: *Ninguém.. [...]*

E: Se vocês fizessem isso? “Ô, fulano, mostra a cueca!”

O: *Duvido! Ia ser na hora! Duvido!* (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).

O: *Teve uma vez [...], era final de semana, [...], veio um [...] falar comigo. Só que o cara devia ter quase uns [METROS] de altura [...], assim, sabe, aquele “armário” gigante! E ele veio com um facão! Nas costas, assim, pra falar comigo! Eu fiquei... Aí, ele veio falar alguma coisa e falei: “Por que que você trouxe um facão pra cá?” Aí, ele: “Ah, não porque eu tava trabalhando!” Eu falei: “Não! Isso é material de uso do rancho! Não tem que sair do rancho! Quando você vier aqui falar com qualquer pessoa aqui, você tem que deixar isso lá!” Eu senti que ele fez aquilo pra me intimidar, digamos assim.*

E: Mas, você viu?



O: *Vi! Ele fez questão que eu visse! Tipo assim, vou levar pra..., de repente, se fosse outra pessoa. Eu tava, realmente, tava tensa por dentro! Tava nervosa! Tava com a mão na arma! Eu falei: “Se ele for maluco de meter a mão no facão, eu vou atirar nele!”*

E: Eu vou primeiro! Que chore a mãe dele e não a minha! [RISOS]

O: *[...] Tinha habilidade com armas, sabia que ali, eu não perderia! Mas, eu vi que ele fez aquilo pra me melindrar, de alguma maneira. Pra me amedrontar, só que aí...*

E: E o assunto era nada a ver?

O: *Nada a ver! Era coisa de [...] eu não sei se eu fui chamar a atenção de alguma coisa que ele tinha feito de errado, mandei ele lá na sala falar comigo, aí, ele já veio assim! Só que eu tava, por dentro, morrendo de medo, né! Eu falei: “Porra! Não vou ceder!” Aí, perde o respeito, né! Então, já aconteceram essas coisas... (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).*

E: [...] Ah, bom, eu acho que, assim, a questão da hierarquia né, é muito falado que as Forças, como um todo, hierarquia, a disciplina, o respeito, [...] as pessoas fazem vista grossa de que você não está sendo respeitada. E aí, você acha que o fato de ser mulher é um “a mais” pra que isso aconteça ou assim: “Não, todo [...], eu já vi homem que passa e o Soldado se sente no direito de não prestar continência.”

O: *Bom, eu acho que, no geral, pra mim isso ainda, tinha um “a mais”, ainda, que é ser mulher e ser [IDENTIFICAÇÃO PESSOAL] [RISOS], entendeu? Então assim, foi todo um combo que eu peguei: era ser militar [...], ser mulher e ser [IDENTIFICAÇÃO PESSOAL], aí parece que não tinha valor nenhum! E isso assim, de um superior de não ter, como é que eu posso dizer, de não ter tato pra falar, sabe? Parecia que tava falando com um qualquer. Pô! Não é assim! Que que é isso? Dá vontade de questionar. Realmente a vontade é essa! Mas, a gente entende que, a gente sabe que, no fundo, isso não leva a lugar nenhum. Como, assim, eu tenho os meus meios de me impor, não preciso bater boca, não preciso brigar, xingar, não. Eu sou profissional! Eu vou mostrar a que vim! E é isso que eu tenho feito. [...] eu tento apresentar o meu melhor, eu quero fazer um bom ambiente [...], quero que eles se sintam queridos. Eu sei que a gente tem regras a cumprir, eu sei todo o procedimento de tudo o que eu tenho que fazer pra eles, também, respeitarem, como a minha chefe me disse, [...]: “Se eles não te enxergarem como um bom militar, eles não vão te enxergar como um bom profissional”, então, eu tento, ainda que uma formação rápida, tento me aprimorar, sempre me policiar, prestar muita atenção no que eu tô fazendo pra que eles percebam isso, que eu sou militar, eu sou mulher, [...], mas eu sou uma profissional. Eu sou uma excelente profissional!*

E: Então, eu acho que você tocou num ponto bom,. Eu acho que tem, assim, tem uma coisa a falar: na prática, então, né, nem sempre é colocado os pilares que se diz que tem: o respeito, a hierarquia, porque todos, pelo menos, todos os homens quando eu falava: “Ah, eu vou falar do...mulheres na... “Não, elas são super respeitadas! Ainda mais como Oficial! Assim, alguém abaixo não pode nem pensar em não prestar continências!”.

O: *Hummm... não, na prática... a teoria é outra.*

E: Então, pois é. Há uma quebra né, de, como é que eu posso falar, dessa base militar.

O: *Eu acho que, na verdade, eles entendem o respeito o fato de você, como você disse agora pouco né, de não mexer, de não assoviar, de não tá chamando de gostosa, eles acham que respeito é isso, mas num é só isso, né!*

E: Não! E isso seria inconcebível dentro do ambiente!

O: *Inconcebível! Mas, na visão que eles têm de dizer: “Não, elas são muito respeitadas” é nesse ponto. Eu nunca tive nenhum tipo de constrangimento num ambiente de trabalho, sendo mulher, sendo minoria, eu nunca observei nada. Até, eu tô há pouco tempo? Ok! Mas, eu não observei nada, eu nunca passei por nenhum tipo de situação que me sentisse constrangida, que me sentisse, ali, coagida a nada. Não. Esse respeito existe, entendeu? O respeito nesse nível. Agora, o respeito em relação ao profissional, às vezes, fica um pouquinho a desejar. Nem tanto em relação aos superiores, isso foi um caso isolado, durante o serviço que a gente tem que tirar, mas essa insubordinação que a gente fala, do Soldado, por exemplo, de passar e fingir que não viu, isso aí, diariamente! Se ele puder desviar o caminho dele pra não ter que passar por mim e prestar continência, ele vai desviar!*

E: Entendi. Eu acho que você falou uma coisa muito boa [NOME], **a questão do respeito é não ver a mulher como um pedaço de carne dentro das Forças.** [GRIFO MEU]. Tanto homens quanto mulheres vão dizer: “Não, não, tem respeito, o cara não me toca, o cara não fica me olhando...” Não! E nem se você passar, o cara não vai virar né, o pescoço, pra olhar. Tá! “Estamos respeitando as mulheres!”, mas, o respeito militar é mais do que isso né! É você ter toda né, a pompa né, [...] Ótimo! Achei ótimo isso.

O: *Exatamente! É isso! Exatamente! Ele não vai chegar perto de mim, me encostar sem ter permissão pra isso. Ele não vai me chamar de gostosa, ele não vai me chamar pra um cantinho.* (Oficiala da Força Quebec, sem filhos).

O: *[...] durante a formação, teve um [...] específico que era de duas turmas acima da minha que ele meio que me perseguia mesmo assim, e aí, ele tinha tentado ficar comigo, eu não quis ficar com ele e aí, a partir disso ele começou, todos os trabalhos, tudo, ele queria que eu fizesse, assim. Todas as vezes que era véspera de prova, ele me deixava até de madrugada fazendo trabalhos aleatórios porque ele queria, [...], mas, ele sabia que minhas amigas iam me ajudar, então ele me levava pra uma sala separada e me deixava lá sozinha no computador separado, fazendo lá e aí.*

E: Isso no intuito de te prejudicar?

O: *Sim. E aí, eu tinha que ficar estudando final de semana pra conseguir passar direto, porque ele fazia meio pra prejudicar. Ele perguntava pra outras meninas da minha turma, isso eu só descobri depois, quando que eram as nossas provas e ele me ligava e me mandava descer justamente quando era véspera de prova e aí uma vez ele falou pra mim: “Ah, se eu pudesse, eu te dava um soco, pena que eu não...” Tipo assim: “Ah, que se você fosse homem, de repente, eu poderia te bater...” [GRIFOS MEU] tipo coisas assim. Aí, outra vez, também, ele se reuniu com outro [...], falou assim pra mim: “Ah, eu vou te mandar embora daqui, eu vou te botar pra fora de [FORÇA]! Eu vou te fazer repetir de ano, eu vou te “botar crepe”, que fala que vai embora direto né, repete, vai embora direto. “Eu vou te mandar embora, eu não vou deixar você se formar!” [GRIFO MEU] várias coisas assim, desse nível e eu só balançava a cabeça assim. Aí, ele: “Você tá entendendo o que eu tô falando?” Eu: “Sim, tô”. E aí, no final do ano, eu passei direto e ele que ficou de prova final, ele foi pra conselho, foi um monte de coisa, ficou todo pegado lá, porque assim, eu acredito na justiça de D’us, então, eu sei que você planta, você colhe.*

E: Mas, não chegou a fazer denuncia pra ninguém?

O: *Não precisei. Todo mundo percebeu, assim. Todo mundo percebeu. Ele, no intervalo [...], ele ia na minha sala, ele me dava trabalhos, ele falava: “Ah, eu quero agora!”, aí, eu saía correndo, enfim, atravessava um prédio, subia...*

E: Ele nem precisou esconder.

O: *Ele nem precisou esconder de ninguém. Hoje ele é casado com a menina da turma de baixo como quem diz, não conseguiu na minha turma, conseguiu com a de baixo e aí, enfim, me esqueceu, graças a D’us, mas, ele só me esqueceu quando um outro Comandante entrevistou e aí, conversou com ele e aí, ele meio que parou. Quando ele ficou todo enrolado né, foi quando ele ficou todo enrolado, e aí, isso me marcou porque eu falei “Gente!” Até minha mãe chorou, só pra cê ter uma noção, minha mãe falou assim: “Por que que ele tá fazendo isso com você?” Eu: “Mãe, eu não sei!” Mas, ele ficou com ódio, realmente, de mim porque eu não quis ficar com ele sendo que isso, há.*

E: É escolha nossa.

O: *Entendeu? Como se eu tivesse obrigação e eu não tenho. E o outra coisa que me marcou muito [...],i, era meu imediato né, que ele dava direto comigo que foi o que falou que “Ah, pra mim, você não devia nem ter se formado” [GRIFO MEU] [...] que eu falava muita coisa, [...] e quando chegava [...], ele fazia, [...] ele obrigava a gente a estar em algum lugar [...], sendo que [...], você não manda em ninguém, você manda dentro da instituição, fora da instituição não é obrigação nossa estar em algum lugar e ele fazia, como eu não ia, né, quando o pessoal saía, ele fazia por ordem pra eu estar lá. Por ordem! E, aí, era horrível né, porque, às vezes, eu não queria estar num ambiente com bebida, com o pessoal, enfim, fazendo várias coisas e aí eu tinha que tá lá e uma vez quando a gente voltou [...]... ele voltou pra mim e perguntou: “E aí, [NOME], zerou o contador?” Só que eu num tinha entendido o que era isso, não tinha vivência [...], né, [...] eu não tinha entendido. Aí, eu fui em outro setor e falei: “Gente, o que que significa isso: zerar o contador?” Aí, falaram: “Que isso! Quem perguntou isso pra Senhora?”, eu falei: “O imediato!” aí, eles: “Não era pra perguntar isso pra Senhora!”. Eu falei: “Gente, o que significa isso?”, “Perguntou se a Senhora deu [...]”, assim, se eu tinha...*

E: Transado.

O: *Zerado meu contador [...] aí, assim, e aí, na hora, eu não entendi, falei: “Desculpa, imediato, não entendi”, aí, ele: “Não, não, tá safo, deixa pra lá!”. E aí, eu continuei despachando tal, saí, fui lá e perguntei e falei: “Gente, eu não acredito que ele me perguntou isso!”, assim, porque a gente respeita quem é mais antigo, mas, nesses momentos assim, pra mim, perdeu, completamente, o respeito, porque não sei se ele tava acostumado a fazer isso com as mulheres que ele convivia fora da [FORÇA], não sei [...] não sei o que ele pensou, sei que foi a situação mais constrangedora que eu já passei [...], que quem trabalhava comigo né, tanto os meus subordinados quanto os mais antigos que eu, ninguém, nunca tinha me desrespeitado desse jeito né e, e ele falando isso pra mim, pra mim foi a pior coisa, assim, que eu já passei, entendeu.*

E: E ele era acima de ti? E chegou ao conhecimento de alguém ou não?

O: *É. A gente tem tanto medo disso prejudicar a gente que a gente acaba nem falando e o que esse meu chefe fazia comigo eu falava pra ele só voltava contra mim, assim, tanto que eu parei de falar porque não adiantava. E aí, o*

*pessoal começou a ver, tanto que, depois, ele foi denunciado [...], várias outras coisas. (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

*O: Eu vi, também, outro momento, assim. Teve um evento, em uma outra unidade, que era pra ir fardado, só que na última hora, [PATENTE] liberou pra ir de civil, teve só um mulher que trocou de roupa pra ir de civil na festa. E era uma mulher bonita, né! [...] À tarde! Aí, numa hora, chamou pra reunir a galera da [FORÇA] para tirar a foto, ela tava do outro lado da sala, aí, chamaram ela para vir para perto, então, estavam os homens todos ali, devia ter uns 20 caras, ela vindo e todo mundo: “Não, vem mais devagar para a gente ter mais tempo de admirar sua beleza!” [...] Eu falei: “Caramba, olha só o que tão falando pra ela! Ela tá rindo!”, mas, eu falei: “Pô, mas ela tá rindo porque é o melhor que ela tem a fazer. Vai discutir?” Porque, se fosse ao contrário, um monte de mulher aqui, viram um cara, duvido que a mulherada ia ficar falando: “Poxa, olha só: vem mais devagar pra gente te admirar mais...” (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).*

E: [...] Ah tá. Eles [MILITARES HOMENS] podiam andar no corredor de vocês.

O: *É, mas a gente não podia andar no deles.*

E: Mas o caminho deles fazia sentido passar por vocês pra ir pra algum lugar?

O: *Fazia, pra sala de aula.*

E: E o de vocês passar pro lado de lá, fazia sentido?

O: *A gente não podia. Mas, fazia, que era pra sala de aula.*

E: Tá, então o caminho era pros mesmo lugares...

O: *Exatamente! Só que a gente não podia passar.*

E: Hoje pode?

O: *Hoje pode. [...] E aí, quando tem alguma mulher passando no corredor tem que gritar:” [PATENTE] do sexo feminino passando no corredor!”*

E: E quando passa um [PATENTE] do sexo masculino ninguém liga?

O: *Normal.*

E: E se vocês gritarem, o que que acontece?

O: *Não, ...varia, mas, normalmente, ninguém fala nada. Mas, tem dia que o pessoal fica zoando: “Ehhh”*

E: As meninas?

O: *Os meninos ficam zuando.*

E: E vocês não zoam? [...] [RISOS]

O: *Que tudo a gente tem muito medo.*

E: Claro, eu entendo, entendi. [...].

O: *Ah, tem também frase do pelotão né, frase todo dia de manhã. Todo dia de manhã, tem uma frase motivacional [GRIFO MEU] que se fala pro*

*pelotão né, nós somos divididos [...] e todo dia de manhã tem uma frase motivacional.*

E: São muitas?

*O: Não, um só. E aí, tem a frase do dia do pelotão, aí, tem a frase motivacional e tem alguns [...] que falam, sempre [...] do primeiro ano, tem alguns [...] que falam frases pejorativas pra gente: "Mulher é igual a carro velho: só funciona se botar óleo!" "Ah, se combinar direitinho, todo mundo faz!"*

E: Isso pra ser motivacional?

*O: Entendeu? Só que não é! Aí, quando a gente reclama, eles ficam reclamando porque a gente reclamou, sendo que a primeira coisa que a gente fala: "Tá, se fosse tua mãe, se fosse tua irmã, tu ia gostar?"*

E: E se vocês fizessem uma frase pejorativa em relação a eles?

*O: Ah, mas, aí, a gente não faz porque a gente respeita, entendeu? Essa é a grande diferença! E aí, as pessoas não entendem, infelizmente. [GRIFO MEU].*

E: E acontece ainda?

*O: Acontece ainda, infelizmente.*

E: E a questão hierárquica? Porque tá sendo acompanhada por um superior, não tá?

*O: Tá sim e aí, a gente manda uma parte de ocorrência né, no caso, que elas fizeram [...] também a mesma coisa que a gente fez na nossa época, dá parte de ocorrência, porque essa não é a conduta de um militar que, poxa, um dia vai ser um encarregado, que vai ter mulheres subordinadas e aí? E ele vai falar e a gente vai ter que me engolir? Não! Não é bem assim.*

E: E faz alguma, tem alguma ação ou não?

*O: Tem. Aí vai tomar punição.*

E: Mas, aí, não parou o processo?

*O: É, não parou...*

E: Continua a "frase motivacional" de forma pejorativa?

*O: É, mas, aí, ele vai servir de exemplo pros outros, igual foi no nosso ano.*

E: Entendi. É um caminho árduo, né. E vocês acham que vocês tão, assim, desde a época das primeiras [...] né, aos pouquinhos, vão abrindo caminho e vocês vão entrando nesses caminhos, assim, pras próximas, como por exemplo, o fato de vocês terem entrado [...] abriu pra que essas [...] entrem [...]?

*O: Com certeza! E o fato da minha turma ter sido a primeira [...] e não ter tido nenhum problema. [...] Abriu que, poxa, elas também poderiam entrar e que é normal isso, ter mulher [...] não teve nenhum problema, muito pelo contrário, a gente se adaptou muito bem e quando tinha algum problema, assim, não era por pessoas [...], era pessoas que vinham destacadas de fora [...] e quem era [...] mesmo, sempre tava ali, cumprindo com as obrigações, cumprindo a missão e muito pelo contrário. (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

E: [...] Você disse que tinha uma coisa que tinha que me falar.

O: *Ah sim, sobre esse aspecto de militares de carreira e temporário. Às vezes, rola um certo preconceito com os militares temporários [...] E aí, às vezes, eles, a gente sente né, na fala de alguns superiores o preconceito [...], o respeito não é o mesmo. A gente sente o preconceito até do próprio Soldado que, se a gente for analisar bem, ele é [...] subalterno, ele tem que passar, assim, [...] tem que prestar continência” A obrigação dele e ele finge que não viu por ser mulher! [...]. Então, assim, realmente eles valorizam muito quem é de Arma e quem é de carreira, sabe? [...] Esse é um ponto assim que a princípio me deixava assim bem chateada, mas, hoje em dia isso não me abala, porque assim, eu sei [...] do meu potencial, eu sei da minha capacidade, eu sei da minha formação, sabe? Tudo que eu tô ali pra passar eu não tô ali por um acaso, eu não tô ali porque ninguém [...] me colocou ali, sabe? É como no meio civil, em alguns lugares, a gente diz que tem o QI, o “quem indica”. Não! Eu passei por um processo seletivo, fiz prova como todos os outros, mas, [...] às vezes, pesa mais do que a experiência né, e o currículo que a gente tem. (Oficiala da Força Quebec, sem filhos).*

O: *Teve uma vez só, assim, durante a adaptação né, um período de muito, assim, a gente fala que é a militarização né, que a gente é paisano e entra sem saber nada e descobre como que é ser um militar, né. E aí, é um período de muito estresse, muita tensão e aí, normalmente, né, mulheres tendem mais a chorar do que homem Eu só lembro de um momento de uma amiga minha ter chorado e aí, durante esse momento, ela tava até segurando uma [FERRAMENTA] que ela tinha perdido [...] e aí, falaram: “Tá, então segura a [FERRAMENTA] aí!”. Ela ficou segurando, segurando, só que é pesado né! Ficou lá! Aí, um monte de gente veio apertar ela, aí, ela começou a chorar. Só que, quando ela começou a chorar, ela tava atrás de mim, vieram umas dez pessoas assim, gritar, gritar, gritar, eu falei: “Meu D’us!”, e todo mundo, assim, no meu ouvido, né, e aí, tá, gritando, gritando, gritando e aí, nesse dia ela quis desistir, ela dormia em cima de mim.*

E: Mas, gritando o quê?

O: *Gritando: “Tá chorando por que?” Esse tipo de coisa: “Tá chorando por quê? Engole o choro!” não sei o que, “Tá achando que tá aonde?”*

E: Isso homens e mulheres?

O: *É! E aí, beleza, e aí, a gente subiu, já tava de noite né, foi depois da ceia e a gente subiu e aí, ela queria desistir. [...]ela: “Ah não, vou desistir...” Eu falei: “Tá maluça? Tu vai desistir de quê? Tu lutou pra caraca pra tá aqui! Por causa de uma cravação? Vambora minha filha! Não tem esse negócio de desistir. Essa palavra não existe no seu vocabulário! Vamos embora, não tem isso, não!” “Ah, mas, eles vão ficar me cravando!” “Nossa! Meu D’us! Grande coisa! Próxima! Não tem essa, entendeu? Vambora minha filha! Não tem essa, não!” Foi a única coisa que eu me lembro assim de situação de extrema, assim, de choro.*

E: E, talvez, pode ter sido uma forma de fazer ela desistir mesmo pra dizer: “Tá vendo? Não tem capacidade!”?

O: *Ah, com certeza, com certeza. Mas, todo dia, tentavam colocar a gente embaixo, todo dia, mas isso é normal, entendeu? Porque isso é uma período pra ver realmente, efetivamente, quem quer estar ali e quem não quer. Então, todo dia, a gente era colocado à prova, a gente pagava exaustivamente, a gente corria exaustivamente, tudo era intenso pra ver quem realmente queria de fato tá ali e quem realmente só tava ali “ah, porque eu passei e fui”,*

*entendeu? Então, era todo dia intenso mesmo, desde a hora que acordava até a hora que ia dormir. (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

Vê-se o quão violento pode ser uma formação militar, em especial, para as mulheres. O fato de estar sendo formado um novo grupo de Oficiais, e nos casos acima, de turmas com oficialas pela primeira vez, demonstra que colocá-las à prova fazia parte da “tradição militar”, já que a desistência ao serviço é mal vista pelas instituições militarizadas e gera influências nos números das FA. O “pede para sair”, coloquialmente falando, é utilizado para mexer com o lado psicológico da pessoa, ainda mais se falando de mulheres, as quais são categorizadas como “choronas”.

Nas cenas narradas acima, mesmo com a presença de mulheres militares em lideranças, corroborava a ideia de um pensamento militarizado baseado em um *habitus* masculino, onde o discurso de que não há desrespeito e sim, “ver quem aguenta”, é passível de aceitação. Em uma instituição que alega ter indiferença quanto às condutas de homens e mulheres, analisar as falas dessas oficialas leva a pensar que nesse quesito, faz-se questão de se equiparar as jovens mulheres dos homens militares em geral. Entretanto, os choros e as humilhações masculinas são veladas e não publicadas.

Para usar o conceito de *habitus*, vou me utilizar daquele usado por Elias (1994) o qual o define, partindo de uma sociologia configuracional, como aquele espaço de redes que se comunicam entre si, havendo entre os indivíduos e suas relações sempre um encontro de forma interdependente em que as identidades são tidas como pessoais e sociais. Ou seja, a pessoa se vê como um resumo muito complexo de seu contexto social e histórico, tendo uma realidade social externa a ele e uma interna, muito próximo ao *between* de Liu (2021), que descrevi em meu quadro conceitual no capítulo dois dessa tese. Logo, no ambiente militar, a pessoa não deixa de ser o que era antes de entrar nesse mundo e, muitas vezes, nem deixa de pensar sobre a vida anterior, fazendo, apenas, alguns ajustes para se adequar àquela nova realidade.

Utilizo Bourdieu (2020) para problematizar a naturalização da figura feminina nas FA brasileiras, justamente, porque dentro da Sociologia, naturalizar algo é problemático (p. 23, grifo original): “[...] a palavra “natural” é perigosa e, na sociologia, ela resultará em problemas [...]”. Logo, ao ver uma mulher militar em um ambiente o qual sempre foi ocupado por homens e ficar surpreso ao ponto de desrespeitar, como

o ocorrido com uma oficiala, não pode ser encarado como algo natural e sim, algo para ser levantado como um ponto de atenção, já que tal militar não está se portando conforme os princípios de hierarquia e disciplina tão difundidos para fora da caserna.

Ainda, ao classificar situações e pessoas de forma burocrática, cria-se poucos problemas para quem produz este tipo de formatação. Entretanto, isso pode gerar muitos desafios para quem pensa em refletir sobre tal. Logo, a meu ver, institucionalizar o ingresso de militares mulheres para determinados locais em OM's, auxiliou a quem designou a função. Na prática, como verifica-se nas narrativas, causou transtornos profissionais - e por que não, pessoais - enormes, já que não houve uma preparação adequada para recebe-las.

Utilizarei conceitos de Bourdieu (2020) para tentar aproximar meu raciocínio com a realidade vivida por tais mulheres. Para ele, o “respeito” é uma palavra que apresenta uma percepção, como um determinado olhar, mostrando um comportamento adequado. Já a palavra “categorema” (do grego, *katégoreisthai*) significa acusar de forma pública, podendo ser aceita ou rejeitada, o que poderia ser visto como um insulto. Para o autor, o insulto seria uma espécie de “conduta mágica” (p. 36, 37, grifo meu):

O juízo de gosto é quase sempre um juízo de desgosto indireto. Como o insulto, ele envolve o interlocutor, ele compromete o ofensor que se expõe ao agredir. Esse ato mágico é portanto um ato de magia privada que se opõe ao rito oficial de destituição, de acusação legítima [...] essa conduta mágica exercida a título pessoal **sem garantia institucional** detém uma força [...] o grau que o insulto acerta na mosca, como se diz, e que ele atinge o alvo, depende de sua forma.

O que o autor coloca sobre o insulto me parece bastante explicativo quando fala-se daquilo que as militares sofreram no interior das FA brasileiras, quando de suas entradas no Corpos, Quadros e Academias: piadas, palavras com conotações sexuais, ordem unida em tom pejorativo, desrespeito à hierarquia entre outras violências que percebe-se nas narrativas das militares. Os insultos simbólicos, ou seja, aqueles que parecem não existir, mas, que estão ali, em forma de não aceitação em determinados lugares nas OM's, olhares e condutas inadequadas de homens e de mulheres Comandantas ocorrem por conta da institucionalização - por isso, grifei a



passagem acima -, acreditando estarem respaldados pelos Comandos superiores para agirem assim.

Dentro dos insultos sofridos, a palavra “assédio” também surgiu, o que entendo como uma forma de insulto, já que colocava a honra das militares em exposição pública. Não há em nenhuma legislação brasileira que as militares deverão ser tratadas como desiguais pelo fato de serem mulheres. Logo, vê-se que as militares brasileiras entrevistadas passaram por situações de insultos bem como pontuou Lemmon (2018) em relação às mulheres que se inscreveram para participarem do CST: durante suas carreiras, alguns dos comandados por tais mulheres diziam que não iriam aceitar ordens vindas de uma oficiala mais jovem e inexperiente que jamais tinha estado em um ambiente de conflito.

Conforme Lopes (2018), que escreveu sobre as desbravadoras da Marinha do Brasil, casos de assédio ocorreram na entrada das mulheres na MB: um oficial se dirigiu às militares com palavras de baixo calão enquanto treinavam a Ordem Unida. Após relatarem às militares da PMESP, as quais foram as responsáveis pelo treinamento, todas as oficialas foram reunidas todas para ouvirem o pedido de desculpas vindas do ofensor, ao final do dia.

As militares brasileiras lidam com uma violência institucionalizada sem precisar estar em ambiente de guerra para estarem expostas a violências, sejam físicas ou morais, já que, conforme a fala das oficialas, houve a necessidade de quase usar suas armas para defenderem as próprias vidas ou terem que se esquivar de colegas ao sentirem suas integridades física e morais ameaçadas, sendo, inclusive, perseguidas, podendo ser configurados como casos de brutalidades aos corpos femininos dentro das FA brasileiras.

Em relação ao ingresso das mulheres nas Forças Armadas no Brasil, as falas abaixo demonstrarão como as mulheres descreveram alguns momentos sobre suas trajetórias:

*O: Mas, o pior não foi isso. O pior, eu acredito que, num todo, a experiência foi ótima! Agora, no todo né, eu acredito que o que lesou muito ser pioneira foi esse ônus de só pode ir até [PATENTE]. Criaram um Quadro que só vai até [PATENTE]. Isso aí, limita a carreira. (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).*

O: [...] Outra coisa interessante. Eu, quando fui para o [CURSO], [...], um colega meu que já tinha feito [...] e sabia que eu era a primeira mulher lá falou assim: “Olha lá o que você vai fazer, hein! Você é a primeira mulher lá. Nunca nenhum brasileiro foi reprovado ou deixou de tirar “A” em tudo.” (Força Juliet, com 2 filhos).

O: [...] Inclusive, uma colega nossa comandou o Hospital Central [...]. Ela foi a Comandante lá. Esteve lá comandando. Muito legal isso. Tenho muito orgulho dessas minhas colegas. (Oficiala da Força Quebec, com 1 filho).

O: É... Na época, lá da [FORÇA], tinha o grupo das [PATENTE], né, [...], já era médica, dentista, é... Então, elas já vieram formadas para a [FORÇA]. Então, era só incorporar e as vagas onde tava faltando médicos, dentistas, né, então, elas ia só complementar, mas elas tinha que ter um treinamento militar. (Oficiala da Força Golf, sem filhos).

O: [...] a gente sofreu muita sanção em relação a tudo, porque existia até um código, um regulamento, de boas maneiras! Para não ferir o pundonor militar! Não podia andar com a unha pintada: nem de vermelho, nem de azul, nem de amarelo, nem de nada! Tinha que ser esmalte clarinho, unha cortadinha. Não podia botar um batom vermelho assim, tinha que ser um batom cor da boca. Não podia pintar muito aqui, não podia... enfim. Várias exigências né, porque a mulher era tida, assim, igualzinho quando o pessoal falava assim: “É um vaso de planta que vem enfeitar a minha sala!”, né. (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).

O: Mas, hoje... Hoje, eu tenho orgulho de ter sido pioneira! (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).

O: Ah, tem coisas assim. Mas, também, eu nem esquento porque a gente veio, realmente, florear o ambiente masculino, brabo... a gente deu mais harmonia, mais embelezamento, de todas as maneiras! Tanto no nosso jeito de tratar, de humanizar a [FORÇA]! Eu acho que nosso ingresso foi fundamental para isso! (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).

O: Agora, você me pergunta: “Como que tudo isso começou? Quando que a mulher começou a trabalhar na Força de Segurança” No caso do Brasil, até 1955, não existia mulher, [...]. Não existia um corpo feminino. Então, mulher era presa? Tudo era homem, né! Não existia! Então, no início, 1955, tinha advogada criminalística que vendo tudo o que acontecia com crianças e com mulheres. Então, era uma mulher chamada Hilda Macedo, uma advogada muito competente. Ela apresentou o projeto, né, de criar-se mulheres na Secretaria de Segurança Pública. Então, o Governador, na época era Jânio Quadros.. Ele apoiou totalmente a ideia dela! E ela foi fazer pesquisa na Inglaterra. E ela veio da Inglaterra com todo material, né, dela, as ideias, né, e mostrou, apresentou ao Governo [...]. Então, e ele aprovou o regulamento, a criação do corpo feminino de Policiais, eram civis, junto à Secretaria de Segurança Pública. Direto subordinado ao Secretário de Segurança do Estado de São Paulo. Então, isso foi o começo de tudo! Uma advogada criminalista viu a necessidade e a falta de uma mulher na situação, junto à criminalidade, junto às Delegacias de Polícia, atender as crianças, né, no serviço preventivo, né. Então, tudo isso começou em 1955 no Brasil! Através de uma advogada criminalista, doutora Hilda Macedo! Então criou-se o Corpo Feminino de Polícia Feminina da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. (Oficiala da Força Golf, sem filhos).

O: [...] Quando nós, mulheres entrávamos [...], o pessoal achava aquilo: “Ohhhh!” Muitas não podiam entrar. “Ô!” [INDICAÇÃO DE NEGAÇÃO COM O DEDO PARA ENTRAR NO LOCAL] “Ué, você não é Oficial? Eu também sou Oficial! Eu vou entrar, sim!” “Ah, mas o que cê vai fazer aí?” “Eu vou ver o que eles estão fazendo! Eu quero aprender! Eu tô aqui pra interagir! Eu quero saber como é que é! Eu quero conhecer essa cultura, que é diferente do que a gente tá acostumado!” Eles ficaram “meio assim”. Nunca me enxotaram! Também, se me enxotassem... [Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).

O: [...] Até então, as mulheres não podiam entrar [...] porque não havia vaga para as mulheres! Por várias questões. Tinha uma questão legal, [...]! Existe uma questão legal que, quando houve essa reestruturação [...], havia uma cláusula de proteção à família! Que seria as mulheres, para poder criar seus filhos, não poderiam ir para a guerra. O Quadro Operativo que vai pra guerra! Resumindo: é isso! [...] Claro que o engenheiro também vai, [...] ... o médico também vai e Dentista também vai! Mas, assim, [...]. Combater, um Tenente não combate, ele provê a logística! engenheiro faz a ponte ou destrói a ponte! Seja como for, dependendo do referencial, monta um Hospital de Campanha, [...]! Então, para que as mulheres não sofressem morte, não fossem feridas e deixassem os filhos desamparados, havia essa proteção na lei. Então, precisou mudar a lei, [...] (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).

O: A [FORÇA] tem que estar preparada para, qualquer momento, entrar em qualquer situação que possa existir!

E: Vocês foram preparadas assim?

O: Sim! Essa turma, mais ou menos. Essa turma inicial, na verdade, ela foi chamada para servir em terra.

E: Na ação, propriamente dita?

O: Sim, em terra! Ou seja, sem a perspectiva... até porque na Constituição havia um entrave... e que as mulheres... não sei se você já leu a Constituição com calma... [RISOS] que as mulheres... pois é... as mulheres são protegidas, por causa, elas são as matrizes...

E: Matrizes no sentido de gerar, reproduzir...

O: “Fábrica de gente”, sabe? Essa proteção da família impedia que as mulheres pudessem ser colocadas em vias de combate.

E: A perspectiva era: se deu briga lá fora, essas mulheres não vão?

O: Se deu briga em qualquer lugar! Essas mulheres têm que estar dentro de um hospital! Aqui! Entendeu! Dentro dos escritórios! Aqui! Entendeu! No início, nós não podíamos nem mudar de Sede! Fizemos prova para cá e aqui que a gente podia ficar. A gente não podia nem mudar de Sede! (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).

O: [...] .... A semente brotou! Foi muito bom e, hoje, todas... que eu creio que todas as federações tem [...] o seu contingente feminino, porque é necessário! [...] A mulher precisa estar engajada, precisar estar! É muito importante!. Lógico, que tem... as corporações tem que ter... e aí, vai, também, uma coisa que foi muito difícil pra nós, é... o apoio para as [...] mães, que tinham as crianças Foi muito... Nossa! Foi muito... no começo, que não tinha creche, não tinha, né! As empresas civis são obrigadas, né! Mas, dentro do... foi uma coisa muito custosa, né, no caso [...] arrumar creche. Tanto é que, essa bandeira, pechei bastante, na época. Eu peguei a bandeira dos [ANOS].

*Afinal, “Já que não tem creche, então, queremos aposentadoria aos [ANOS], porque nós temos dupla jornada!”, né! E, na época, em [ANO] junto com a [PROFISSIONAL], ela também pegou a mesma bandeira [...], né... então, foi feito um projeto, foi aprovado [...], que ele foi o meu [PATENTE], meu instrutor [...]. Então, ele sabia, né! Ele apoiou! Aí, conseguimos! [...] (Oficiala da Força Golf, sem filhos).*

E: Essa é outra pergunta: quando vocês entraram, qual era a ideia de ter mulher? [...]

*O: Eu acredito que tenha sido, Carol, pra humanizar a Força. E aquela história também, determinadas profissões, né, aquela profissão é profissão de mulher! Profissões voltada pra estética, até mesmo na área de saúde, né. Olha só o constrangimento de uma senhora ser banhado por um enfermeiro! De repente, ela estaria melhor, à vontade, com uma enfermeira. E tem certas profissões, não é, que você por exemplo, psicólogo: tem psicólogo homem e Psicólogo mulher! Isso aí, cabe a você escolher teu psicólogo! Se você se sente bem no divã com um homem, lá, ouvindo o que você está falando, ótimo! Tem gente que não se sente, prefere ter uma psicóloga mulher. É igual personal trainer, às vezes, se sente mais à vontade com uma personal trainer mulher do que com um personal trainer homem. Eu acredito que abriu por causa disso mesmo! E também porque determinada profissões aí que eu digo pra você: porque que Taifeiro, aquela história né: “Lugar de mulher é no tanque ou na cozinha, fazendo comida”. Não abriu pra taifeiro! Não abriu pra lavadeiro! Foi abrir agora! Então é isso, eu acho que foi pra humanizar mesmo a Força, pra que houvesse maior integração entre homens e mulheres, todo o movimento feminino e feminista de que a mulher precisa ser, a mulher é um ser humano, entendeu! Porque em determinados países, a mulher não podia nem votar, né! [...] (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).*

*O: Porque, até então, eles não achavam possibilidade! Mas, quando foi criado esse quadro, [...], o quadro o qual eu faço parte, né, eles viram que podiam inserir esse público na parte administrativa, porque... [...] Olha só, na minha época não entrava, [...], as únicas mulheres que tinham éramos nós [...]. A partir de [ANO], houve uma abertura maior à entrada de público feminino através dos Oficiais técnicos temporários. Aí, depois, isso foi evoluindo, evoluindo, aí, começaram a entrar Sargentos temporários, Sargentos de carreira, [...] essas mulheres que entraram, elas já entraram com uma especialização. Elas têm curso técnico e entram pra serem [PATENTE]. Na [FORÇA], nós não temos mulher que não tenha uma especialidade. Ela não entra como soldado, porque serviço militar obrigatório está prevista em Constituição é para homens! Para o sexo masculino! Então, pra entrada de mulher teria que se mudar isso na Constituição, tá? Então, isso não foi mexido. [...] Elas entraram [...] É... nós não temos mulheres, ainda, na parte operacional [...]! Não tem mulher! Tem no serviço de Intendência que são serviços! Que são, também, vamos dizer, administrativos, tá? então, essas são, transcurso delas e foi uma insistência do Governo [...], pra que entrasse essas [...] lá, e agora estão lá, né, sendo as primeiras, vamos dizer, mulheres, da [ACADEMIA]. [...] ou seja, [FORÇA] com toda entrada dessas mulheres aprendeu, desde [ANO], aprendeu muito com as mulheres, veio aprendendo para conseguir chegar a esse ponto e conseguir inseri-las na [ACADEMIA].*

E: E aí, entraram grávidas, não grávidas, casadas, não casadas?

*O: Não pode! No nosso caso, ninguém... tanto que, antes, a gente teve que fazer teste de gravidez. Não podia! Não podia tá grávida! Completamente contrária à nossa função! Porque a [FORÇA], [...] sempre vai ser operacional. O treinamento da gente...a gente teve marcha! Como é que uma grávida teve que ficar com arma na cintura? Não tinha condição, tá entendendo? [...] A gente entra pra ser operacional. Pra você ter uma ideia, todo ano a gente tem*

*que fazer [TESTE] e três vezes ao ano, a gente faz [...]! Por isso, a rigidez no meio da [FORÇA], ela tem que ser muito forte! Eu, como eu já gostava de educação física, não foi grande problema pra mim [RISOS], entendeu? Não foi muito problema eu participar das atividades físicas, guardadas as devidas proporções de homem pra mulher! Mas, a gente fazia, inclusive o treinamento físico, nós tínhamos sempre uma centralizada. A gente fazia todo mundo junto! Homem, mulher, todo mundo junto!*

E: E naquele momento, a primeira turma, a [FORÇA] estava preparada em questão de estrutura mesmo, né, de dormitório, dos banheiros, das roupas, a gente já falou...

O: *Olha só, o que que acontece? Assim, como a gente entrou, depois que eu entrei na [FORÇA], eu entendi muito bem isso. Às vezes, é dado uma missão!. A gente recebe a ordem: "Ó, tem que botar mulher agora!" Foi isso que aconteceu. Então, quando nós entramos, o prédio que seria destinado aos alunos [...] naquela época, né, ela não ficou pronta. Então, eles pegaram os alojamentos que eram dos [PATENTE] e adaptaram pra gente. Então, tinha um banheirinho, mas, também, tinha mictório [RISOS] no nosso banheiro! Mas, os quartos... nós tivemos uma ala separada pra nós, mulheres, entendeu? Então, o nosso ano foi assim! O ano que veio depois, já conseguiu pegar o alojamento todo bonitinho, novo, tudo perfeitinho! A gente dormia num quarto enorme, com vinte meninas cada quarto, vinte ou quinze meninas cada quarto tinha. (Oficiala da Força Quebec, com 1 filho).*

O: *O quê? Meu marido? Não! Meu marido... nunca quis falar... [RISOS]. Ele era civil, [...]. Na verdade, nós começamos a namorar... vamo voltar um pouquinho, né! Nós começamos a namorar, eu tinha [ANOS]! Aí, casei. [...] com ele. [...]! Aí, casei, aí, fizemos, né... fomos morar junto, aquela coisa toda! Casou, né, tem que morar junto! [RISOS]. Nem sei, agora tá meio complicado! Mas... ele foi designado... designado, não! Ele conseguiu um emprego, porque tava uma época difícil, né, como eu falei, Em [ANOS], tava um negócio complicado e ele conseguiu um emprego lá em [CIDADE]. Aí, ele ficava lá e vinha final de semana ou final de semana, eu ia pra lá. Entendeu?*

E: Isso com filho?

O: *Não, ainda não! Só casada! Aí, quando entrei pra a [FORÇA], ainda não tinha filho, aí, engravidei. O pessoal me chamou de coelho, inclusive [RISOS], fazer o que né! Fiquei lá, presa, quando saí, [BARULHOS DE MÃOS BATENDO] né, engravidei! E pior que eu fiquei sem saber que estava grávida até os 3 meses, quase, de gravidez! Que eu menstruava, entre aspas, né, saía um sangramento... e os peitos só aumentando, né!*

E: E nisso, já na [FORÇA]?

O: *[RISOS] Isso já na [FORÇA]! E os peitos aumentando e eu dizia: "Meu D'us do céu, que quê isso? Tô com algum problema hormonal! Tô com alguma alteração hormonal!"*

E: "A [FORÇA] está me fazendo algum problema!" [RISOS]. E ele, em [CIDADE], ainda?

O: *E ele, em [CIDADE] e a gente... né! Aquela coisa e tal...Engravidei, foi um grande estresse, porque a [FORÇA] também não sabia o que fazer com a gente. Mas, como no edital não dizia nada, se engravidasse em curso... falava, só, que não podia entrar grávida... Então, eles mantiveram. Eu não fui a única, né! Muitas casadas... Então... eu não fui a única que fiquei grávida. Na formatura, tinha o "pelotão das grávidas".*

E: Primeira geração!

O: *É, primeira geração! Mas, é isso! A gente voltou, né! [RISOS] Mas, é isso... [...]. (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

E: Entendi. E aí, mulheres muito jovens entrando numa profissão nova, né, até então, no Brasil, né, abrindo...a gente se abrindo pruma democracia, vocês entrando numa Força [...], e aí, ao longo desse período, colegas suas chegaram a engravidar, largaram a profissão, fizeram a maternidade juntas, casaram, casaram com Oficiais, casaram com civis ou não?

O: *Sim! É... depois que a gente saiu da Escola, logo em seguida que a gente saiu, eu tive uma colega que já engravidou. Primeira coisa que ela fez foi engravidar! [RISOS]. E o grande problema é que não havia, ainda, uma legislação pra mulher gestante, pra militar gestante. Então, essa minha colega, inclusive, até o [MÊS] de gestação, ela ficou tirando serviço, com arma aqui no quadril, entendeu? Hoje em dia, não! A gestante, hoje em dia, a mulher apresenta o seu exame de gravidez, imediatamente, ela é tirada de todas as escalas, muda até a roupa! Começa a usar uma roupinha lá, [...], entendeu? E mudou mesmo! Isso mudou, mas muitas engravidaram e a partir do momento em que a mulher engravida, ela sai das escalas, em geral, ela não entra em escala. Escala de serviço, escala de ficar em pé, nada disso!*

E: Mas, naquela época sim? Ficava?

O: *Naquela época aconteceu porque ainda não havia legislação, mas por exemplo, eu engravidei no ano de [ANO] pra [ANO]. Meu filho nasceu em [ANO]. Isso já estava regulamentado, graças a D'us [RISOS] e eu, imediatamente, sai das escalas todas que me forçavam! Mas, foi só um período, também. Outra coisa que, também, a gente teve que pleitear é em relação aos testes de aptidão física, porque como não tinham um registro, lá, no sistema deles, a gente ficava com demérito! Por que o que acontece? A gente não podia fazer, é... o teste! E eles, em vez de repetir... hoje em dia não, hoje em dia, o último teste que a mulher faz, é repetido durante o período todo de gestação dela! Porém, atualmente, na minha época não! Então, a gente ficava com demérito! A gente teve que entrar com pedido para que isso fosse mudado e o teste de aptidão física, o último que a gente realizou, fosse repetido durante esse período para que a gente não ficasse com demérito na nossa ficha! Porque isso influencia na hora da promoção, entendeu?*

E: Então, vocês estavam gestantes, não podiam fazer o teste físico, reprovava né, por causa disso, e ficava, lá, na ficha “ó, não fez, não atingiu”, e, aí, contava negativamente. Vocês conseguiram reverter.

O: *Depois a gente tinha que fazer um processo né, uma solicitação, um requerimento pra solicitar a mudança. Obviamente, eles entendiam a situação, isso era feito imediatamente! Porém, a pessoa tinha que requerer. Não podia deixar de requerer, senão, aquilo ficava ali marcado daquele jeito! Hoje em dia, não! Hoje em dia, ela apresentou, imediatamente o último [TESTE] realizado é repetido, automaticamente! O sistema mudou. (Oficiala da Força Quebec, com 1 filho).*

O: *[...] Então, o Comando deu todo o apoio. Tanto é que, quando terminou o curso de formação de Sargentos, então, eu sugeri: “Coloquem... vamos começar concurso [...]!”, foi um sucesso! Houve o concurso misto! Então, aquilo que em [ESTADO] ainda não tinha, eu consegui aconselhar para pôr as mulheres [...], mas era salas feminina, longe das masculino. Tinha muito preconceito. Muito preconceito! A primeira turma, que são... pioneira, nós sofremos o preconceito sabe! Então, ainda nós estava quebrando o “Clube*

*do Bolinha". Nós fomos as primeiras! Quebramos o Clube do Bolinha [...]. Fomos... Ficávamos, nós ficamos separadas! A gente não ficava com os meninos, né! Então, lá em [ESTADO], eu disse: "Olha, não pode ter separação!. Então, faça o concurso intelectual e ponha as mulheres, que elas já sabem, [...]! no meu caso, nossa primeira turma pra entrar [...], nós fomos... é... assim, como [PATENTE], a gente chegou lá na [...], né, assim, tímida, todo mundo Oficial .. aí, nos colocaram numa sala separada. A gente não tinha aula junto com os meninos, entendeu? A gente era separada... a gente se sentia, assim, de lado. Isso aí, foi! [...] E tudo que a gente passou, [...] depois, com a interação do dia a dia, aí, nosso convívio foi mudando, sabe! Foi mudando... a convivência foi mudando! E, aí, hoje, são todos juntos, hoje você vê desfile de 7 de Setembro, cê vê mulheres no comando, cê vê mulher no pelotão, o pelotão misto e isso é muito bonito! Muito bonito! (Oficiala da Força Golf, sem filhos).*

*O: E lá, eu conheci meu marido! Só que meu marido entrou para o [CORPO]. Por quê? Porque ele poderia fazer a prova para o [CORPO], coisa que eu não poderia, [...]! Na época, não existia a possibilidade de mulheres entrarem [...]. Era um receio que eles tinham de as mulheres não darem certo, então fizeram um corpo para as mulheres. Ou seja, mantiveram elas, ali, segregadas no corpo só para elas, porque, se desse errado, podia desfazer com mais tranquilidade. (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

Vemos que para as Forças Armadas, um homem ir para o teatro de operações, abandonando sua família e, principalmente, seus filhos, não era de responsabilidade estatal. A responsabilidade de manter a família unida recaía às mulheres brasileiras. Logo, percebe-se a dificuldade de ser desassociado tal pensamento até nos dias de hoje, quando se exalta o *ethos* guerreiro apenas na figura masculina, obrigando a feminina a cumprir seu dever de "fábrica de gente", como colocou a oficiala. Seria por isso que as militares no Brasil executam atividades menos prestigiosas?

Tal condição feminina nas FA lembra a cultura afegã, na qual, há muito tempo, as mulheres são vistas como os seres que carregam a honra da família. Na região dos *pachtun*, por conta do código *Pachtunwali*, reina o sistema do *namus*, o qual define a relação entre os gêneros e estabelece a castidade e a integridade sexual da mulher dentro de uma família. (LEMMON, 2018). Nesse sistema, por conta de a honra feminina ser preservada, as meninas, desde sua adolescência até seus casamentos, são apartadas dos homens.

Caso queiram sair desse círculo familiar, devem estar acompanhadas por um homem ou por um grupo de mulheres tendo um homem como líder, sendo todas vestidas com seus *chadris* ou burcas, ou seja, com seus rostos completamente cobertos. Vale lembrar que militares brasileiras também sofreram escoltas de homens em territórios em conflito, conforme me disse uma oficiala.

Sobre a lei citada de proteção às mulheres, não posso afirmar, pelas falas das militares de qual se trata. Mas, na Lei nº 9.519, de 26 de novembro de 2017, há referências sobre o assunto. Caso seja, vê-se que foi por conta da demanda das desbravadoras que a mesma foi alterada pela Lei nº 13.541, de 18 de dezembro de 2017, em seu artigo 9º, Parágrafo 1º, (BRASIL, 2017, grifos originais):

Art. 9º Os Oficiais da Marinha, de ambos os sexos, são iguais em direitos e obrigações nos termos da Constituição, observados os valores, princípios e normas nela estabelecidos.

~~§ 1º Na conciliação, obrigatória, entre as exigências do preparo do Poder Naval e sua aplicação em situações de guerra e crise, e a observância dos valores constitucionais de proteção do Estado à família, obedecer-se-á ao seguinte:~~

~~I— serão ocupados por Oficiais do sexo masculino os cargos, respectivos, do Corpo da Armada e do Corpo de Fuzileiros Navais;~~

~~II— serão objeto de idêntica ocupação, no Corpo de Intendentes e no Corpo de Saúde da Marinha, percentuais dos respectivos cargos, cujo exercício, comprovadamente, seja indispensável ao preparo e aplicação do Poder Naval.~~

~~§ 2º A execução do disposto no inciso II do parágrafo anterior dependerá de proposta, motivada, do Ministro da Marinha ao Presidente da República, e da fixação, em Decreto, dos percentuais em referência.~~

§ 1º Na conciliação, obrigatória, entre as exigências do preparo do Poder Naval e sua aplicação em situação de guerra e crise e as diferenças físicas entre os sexos feminino e masculino, será observado o seguinte: [\(Redação dada pela Lei nº 13.541, de 18/12/2017\)](#)

I - os Corpos e os Quadros de Oficiais da Marinha do Brasil serão integrados por Oficiais de ambos os sexos, e compete ao Comandante da Marinha fixar em quais escolas de formação e cursos, além de definir as capacitações e as atividades, em que serão empregados Oficiais dos sexos feminino e masculino; e [\(Redação dada pela Lei nº 13.541, de 18/12/2017\)](#)

II - ato do Poder Executivo definirá os percentuais dos cargos dos diversos Corpos e Quadros para os sexos feminino e masculino. [\(Redação dada pela Lei nº 13.541, de 18/12/2017\)](#)

§ 2º [Revogado.](#) [\(Redação dada pela Lei nº 13.541, de 18/12/2017\).](#)

Ainda sobre leis, uma oficiala cita sobre não haver uma lei específica para a maternidade quando da entrada delas nos serviços militares. De acordo com a Lei Nº 13.109, de 25 de março de 2015, baseada nos princípios da Constituição Federal, as oficialas, incluindo as militares temporárias e os militares - com a licença- paternidade, passaram a ter direitos em relação às suas maternidades<sup>86</sup>.

<sup>86</sup> Assunto tratado no capítulo 1, onde demonstrei como os militares também se beneficiaram com a entrada das mulheres nas Forças Armadas do Brasil.



Cabe ressaltar que no Reino Unido, as mulheres ingressaram, durante a Segunda Grande Guerra, nos seguintes grupamentos: no Corpo de Enfermeiras de Primeiros Socorros - *FANY (First Aid Nurses)*, na Força Aérea Auxiliar Feminina - *WAAF (Women Auxiliary Air Force)*, no Serviço Territorial Auxiliar - *ATS (Auxiliary Territorial Service)* e no Serviço Naval Real Feminino - *WRNS (Women Royal Navy Service)*, sendo todos os grupos de serviços voluntários e auxiliares voltados para as atividades do cuidado como atividades de enfermeiras, cozinheiras, motoristas e escriturárias. (ROSE, 2022).

Nos Estados Unidos, em 2009, foram enviadas ao Afeganistão, as mulheres do *FET - Female Engagement Team*<sup>87</sup> - para auxiliar nas ações com os moradores locais sem que se ferissem os códigos de honras culturais. A maior parte delas sempre sonhara em estar em uma guerra, mas não como enfermeira, mecânica, digitadora ou em qualquer outra atividade que, com o avanço das sociedades, passaram a aceitar mulheres: elas queriam estar como Soldadas de Operações Especiais. (LEMMON, 2018).

Outra ressalva feita pelas militares em seus ingressos é sobre orgulho que sentem ao serem vistas, bem como por terem ultrapassado todas as barreiras impostas, como “pioneiras” - que eu escolhi nomear de desbravadoras - além de reconhecerem os sucessos de suas colegas que ascendiam no decorrer de suas carreiras. Relatos de que não eram aceitas em lugares comuns a todos os militares e que agora estavam aptos a receber o time feminino lhes foram negados.

Sobre a maternidade, e sobre seus relacionamentos afetivos, as oficiais declararam que não havia uma restrição caso engravidassem após o ingresso, o que acabou ocorrendo com muitas delas, gerando o “pelotão das grávidas”, com a inclusão de um berçário<sup>88</sup> para atender às novas mães dentro das Forças. Chamadas de “coelha”, conforme a oficiala revelou, o fato de estarem distantes de seus afetos, acabou por acentuar o número de grávidas no ingresso das desbravadoras.

Ao falar de profissionalismo com as desbravadoras, já que todas as entrevistadas foram, em algum momento nas suas carreiras militares, as primeiras em alguma situação, vê-se o quanto elas se dedicaram e de que forma o modelo de

---

<sup>87</sup> O trecho correspondente na tradução é: “Equipe de Engajamento Feminino”.

<sup>88</sup> No capítulo 3, apresentei uma foto da revista Manchete onde mostrava os recém-nascidos.

soldada profissional impactou em suas vidas profissionais, onde conflitos laborais surgiram por conta de suas condutas acatando os Regimentos Militares:

*O: Eu fui render um amigo meu que tava sendo transferido, eu fui para o lugar dele, transferida de outra unidade, e ele me falou: “Ó, o cara que vai ser teu chefe ele não gosta de trabalhar com mulher!” Ele já era bem antigo, já tinha ido pra reserva e voltado a trabalhar como PTTC [PRESTADOR DE TRABALHO POR TEMPO CERTO], [...] Eu falei: “Tá Bom!”. [...] Ele nunca falou que não gostava, mas, realmente, ele era bem grosseiro, né! [...] Eu até brincava que a sala dele era Londres, porque o tempo estava sempre nublado lá, na sala dele! E ele pegava pesado! Foi uma época bem difícil. Mas, aí, tudo passa, né! Enfim, ele saiu de lá. [...] mas, essa mesma pessoa, eu não fiquei sabendo por ele, a gente é avaliado, uma vez por ano, os militares, todos os militares, todos nós somos avaliados pelos chefes, superiores imediatos, assim, E eu acho que ele quis me dar um conceito não muito bom, só que, na época, eu tava num unidade comandada por um [PATENTE] e o [PATENTE] gostava do meu trabalho, quando ele viu a nota ele falou: “Não! Pode aumentar o grau da [NOME]! Não vai ser isso não!” [...] Eu fiquei sabendo disso por conta de outra pessoa que tava na reunião [...]: “Ó, ele queria te ferrar, mas o [PATENTE] não deixou! Mandou ele aumentar a nota! Ele ficou p... da vida!” [...] (Oficiala da Força Whiskey, 1 filho).*

*O: [...] Homem, também! Se eu tiver que chamar... por exemplo, eu já peguei militares meus dormindo: “Ah, Comandante, mas é porque eu faço faculdade, eu moro longe, eu tô muito cansado...” Eu falei assim: “Mas, na hora que eu for ter que dar um conceito, eu vou ter que comparar você a um outro, por mais que você seja inteligente, excelente profissional, mas eu vou ter que me lembrar que você estava dormindo aqui na sala, com outros colegas teu trabalhando”. Porque, às vezes, a gente dorme mesmo, né? Tá sentado aqui, daqui a pouco... Eu falei assim: “Eu tenho que ser justa! Eu não posso passar a mão na tua cabeça em detrimento dos outros! Porque os outros vão se sentir prejudicados! Porque eles são tão [PATENTE] quanto você! Você está cansado, você se sentiu que tá cansado? você levanta, ‘gente eu vou ali no banheiro’, lava seu rosto e volta!” Tranquilo! Eu peguei, e falei com ele... ou então chegava: “Vamos avaliar juntos?” Aí, eu já avaliava ele antes e ele se avaliava. Mesmo eu avaliando e pegando esses detalhes que eu não gostava e tal, ele conseguia fazer uma avaliação pior do que a minha. Por quê? Porque ele já ficava se sentindo, né! “Pô, eu fiz isso, fiz aquilo...” ele mesmo se condenava. Aí, quando chegava: “Bom, vamos ver aí quantos pontos você fez? Aí, digamos, fez 99...” Eu fiz 103. Tá vendo? Você se avaliou pior do que eu te avaliei! E olha que eu me lembrei que você dormiu e tal e não sei o que, mas eu sei que você é bom, que você tem outras qualidades aqui que, de repente, aí, você achou que não tinha.. Tá vendo que, quando a gente vai se avaliar, a gente é mais rigoroso?” Aí, os caras: “Nossa, pensei que a Comandante ia me prejudicar e no final ainda foi melhor do que eu! Eu mesmo fui pior do que ela na avaliação!” Então, assim, a gente vai conversando e você vai pegando as pessoas para você! Mostrando que você não quer prejudicar ninguém! Mas, que você tem que seguir determinadas coisas, manter a união do pessoal no trabalho e que se eu beneficia-lo, eu vou criar o quê? Uma animosidade ali! Porque o cara vai dizer, “Caramba, a Comandante passa a mão no cara lá, vai ver que ela gosta dele mais do que da gente, a gente trabalha aqui, a gente não dorme...” Entendeu! Várias coisas! [...] (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

O: *Mas é bem isso. As mulheres, realmente, são melhores. Tô tendo oportunidade de ter contato com isso. A questão da disciplina delas em sala de aula é diferente. A questão do sono: [GRADUAÇÃO] tem um problema de dormir muito porque a gente sabe que eles têm uma rotina pesada, eles dormem muito tarde e acordam muito cedo e, cara, eles sentam e dorme. Hoje, durante a aula o menino acabou de me fazer uma pergunta, quando eu olhei pra ele, ele já tava dormindo, eu falei: “Caraca! Ele acabou de falar comigo, gente!” Questão assim de segundos! Aí, eu comecei a rir, falei: “Gente, que que você faz com uma criatura dessa?” Porque a gente vê que não é maldade, não é desinteresse não é nada. Ele tinha acabado de me fazer uma pergunta, respondi ele começou a anotar e ele tchum, apagou. Falei: “Gente, carrega aqui!”. E as meninas, a gente percebe que elas lutam mais, elas são mais resistentes a essa questão de se manter acordado, de se manter concentrado, realmente, é um “a mais” aí que elas têm que tentam apagar [RISOS]. [...] (Oficiala da Força Quebec, sem filhos).*

O: [...] *Por exemplo, lembro que eu tive uma professora que me agradeceu no final né, quando a gente se formou, ela virou e falou “Nossa, eu agradeço muito a vocês porque quando vocês entraram até o ambiente em sala de aula mudou!”, né, a gente não tinha mais certas piadas, os meninos não falavam mais palavrão em sala de aula, ou se eles falavam alguma besteira, automaticamente, eles já pediam desculpa por a gente estar, porque, realmente, ela disse, né, que na visão dela, o ambiente mudou quando a gente entrou né, que isso foi muito positivo pra ela, porque ela também se sentia assim. Uma turma inteira de 40, 50 homens e só ela ali, de mulher, e, às vezes, tinha essas coisas. Quando a gente entrou meio que parou, porque a gente também impunha esse respeito, sabe? “Não, não entendi por que que você tá falando isso!”, “Não cara, para de falar assim, nada a ver!” sabe? Porque como a gente era da mesma turma em proximidade a gente também tolhia eles de algumas coisas que, poxa, não tem necessidade.*

E: *E é um ambiente profissional né? É bom deixar muito claro isso. Não é uma mesa do bar, não é... nem que seja um treinamento na beira da piscina, vocês estão se profissionalizando!*

O: *Exatamente! E futuramente, eles iam também lidar com outras mulheres, porque por mais que não tivesse [...] os outros Corpos e Quadros já haviam ingressado mulheres. **E aí, a gente entende que, atualmente, quem tá lá em cima não viveu [...], [GRIFO MEU] então, muitas vezes, por exemplo, quando eu tava [...] e o meu imediato, o meu Comandante me perguntava alguma coisa e eu falava, por eu ser moderna né, por eu ter acabado de chegar [...] e por eu ser mulher, com certeza: “Tá, mas aonde tá escrito isso?”, “Tá, mas aonde..., mas tem certeza?”** (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

E: [...] *Como é que era essa relação, porque você, mulher e primeira turma, estando como [PATENTE] tinham homens abaixo de você, né? E você tinha que dar ordem. Como é que era?*

O: *Tinham! [RISOS] Isso aí, que que acontece? Existe uma coisa muito séria dentro da [FORÇA] que é a hierarquia e a disciplina. Então, eles não olhavam pra mim: “Ah, é a mulher que tá ali. Não, é a [PATENTE], o [PATENTE]. Eles focavam no cargo, no cargo, na minha patente.*

E: *Nunca nenhum menino se bobou assim...se meteu a besta?*

O: *De forma alguma! De forma alguma! Seria uma falta! Uma indisciplina! Uma questão de dar até cadeia! Não chega a isso, mas a gente pode punir alguém que faça isso e todas nós tínhamos uma postura muito rígida. Primeiro, conosco mesmas, certo? A gente num deixava, né... pelo fato de*

*ser mulher que a gente não vai fazer as coisas! A gente sempre fez tudo! Sempre acordou de madrugada, sempre fez ronda e tem que... o serviço de segurança, [...]! E armada, né! tirando serviço! Agora, o [LOCAL] que eu trabalhei, [...]! Então, não era um [LOCAL] assim, vamos dizer, super operacional, não era, entendeu? Nenhuma colega nossa... porque, o que eu tava dizendo pra você... nós somos do [QUADRO]. O [QUADRO] ele vai servir, geralmente, [...] que vai, realmente, a sua tropa vai estar se preparando para ser acionada, a qualquer momento, mediante a ordem do Presidente, porque ele é o nosso, o Presidente, seja ele qual for, é o nosso Comandante, o maior Comandante, tá? E lá não, lá a gente tinha um...e, também, como eu já tinha dado, às vezes, instrução pra esses garotos, eles me conheciam muito! Eles sabiam que eu tinha domínio de sala, entendeu? E isso é muito importante! E a gente conversa né, você conversa com o [PATENTE] que tá ali, que tá trabalhando com você, você procura estar mais próxima. O [PATENTE], ele tem essa possibilidade, [...] a gente é muito próximo da nossa tropa. A gente tem que procurar tá junto deles! Eu sei, isso é um pouco diferente de outras Forças, [...], como vamos dizer, como é a Força que trabalha [...], que combate [...], todo mundo tem que tá ali e “vai tá na chuva pra se molhar”, entendeu? (Oficiala da Força Quebec, com 1 filho).*

*O: Aí, fui pro [LOCAL], já contrariada né. [...] E [...] ele tinha entrado na [FORÇA], ele foi desligado por algum motivo, ele entrou na justiça e retornou [...]. Bem mais velho, assim. Aí, um dia, eu entrei lá pra falar com ele [...], ele falou: “Pô, a gente tá muito cansado, [PATENTE]!” eu falei: “Cara, eu sei, mas, vai passar. Daqui a pouco passa.” Só pedi um pouquinho de paciência. E ele foi meio grosseiro, do jeito que ele falou, eu não gostei. [...] Aí eu falei assim: “Ó, amanhã você vai falar comigo depois do expediente”. “Não, mas é meu horário de ir embora!” Eu falei: “Não interessa! Amanhã, depois, você vai falar comigo!”. Eu não queria falar ali, naquela hora porquê [...], não ida dar tempo. Aí, no dia seguinte, ele foi na minha sala e ele tava bem alterado [...]*

*E: Mas, ele era um homem mais velho?*

*O: Bem mais velho! Tinha idade, sei lá, pra ser meu pai, na época! E eu, comecei: “Cara, que que tá acontecendo? Não tô entendendo por que que você tá falando desse jeito?” Aí ele começou a falar alto e eu mandando ele falar mais baixo, e ele falando alto e eu: “Pô, fala mais baixo!” E ele: “Porque eu tenho idade pra ser seu pai! Eu falei: “Não quero saber qual é a sua idade! Aqui, o que importa é que eu sou [PATENTE] e você é [FUNÇÃO]! Então, enquanto eu tiver falando, você não pode me interromper, você tem que me escutar! Você só falar se eu deixar você falar!” Ele: “Ah, vou pedir pra ir embora!” Eu: “Você vai sair da minha sala e vai lá nos Recursos Humanos, vê o que você tem que fazer e dar entrada no seu pedido de reserva”. Acho que ele falou isso, porque como ele era um cara bem visto, todo mundo adorava ele, ele jogou tipo assim: “Ela não vai brincar, né!” Só que ele falou, eu retruquei! Falei: “Você vai lá agora, saindo daqui, e vai pedir pra sair”. Aí, nisso, a [PROFISIONAL] entrou na minha sala, eu pedi pra ela ficar, foi bom, ela acompanhou, um pouco do estresse que tava rolando, aí, ele saiu as sala, enfim, foi embora... Eu tô lembrando de uma outra história, também...*

*E: Mas, ele saiu mesmo!*

*O: Saiu, saiu, falei pô, nem que me pedir pelo amor de D’us pra continuar, eu não quero mais trabalhar com ele. E ele foi embora! [...] No dia que eu conversei com esse [...], que veio falar, que veio pra pedir pra ir embora, na hora, eu segurei meu tom de voz, não gritei, sempre falando assim: ‘Não interessa se tem idade pra ser meu pai, você não é meu pai. Aí, aqui eu sou [PATENTE] e você é [PATENTE] e você tem que me escutar. Eu falar o que eu tenho que falar e você tem que me escutar, eu tenho que conseguir terminar as minhas frases!’”, porque ele não deixava eu falar! Ele querendo me interromper. Aí, eu subi pra falar com o meu Chefe, que era o [PATENTE]*

[...] Ele é minha referência de Chefe, de militar, até hoje! Quando eu entrei na sala, tava meu marido [...], eu subi com a [PROFISSIONAL], a gente entrou na sala [...] Quando eu entrei na sala, eu comece a chorar! Descontroladamente! De eu não conseguir falar! Isso nunca tinha acontecido comigo no trabalho! Mas, assim, na hora, falando com o cara, eu segurei! Fiquei, ali, tranquila. Mas, quando eu saí, eu me tremia. Eu lembro de ele me dando um copo de água e não conseguia beber de tanto que eu tremia. Meu marido tava, assim me olhando. Meu marido! [...] Ele nunca tinha me visto daquele jeito! Aí eu falei: “Ó, não vou dar conta, porque eu sou muito certinha.” Lá [...], quando se é militar, cê fala: “Só tem um bando de gente! “As pessoas... Porra, não vou conseguir!” Aí, eu lembro que o outro [PATENTE] falou assim: “[NOME], pra você ser uma boa maga, você tem que entender de magia branca e de magia negra!” Eu falei: “Cara, eu não quero entender! O que eu aprendo na [ACADEMIA] não serviu de nada? Por que eu venho pra cá e o mundo é diferente? Porque que a gente aprende aquilo tudo lá, então, se não é desse jeito!” [...] Mas, é conversando com você, que eu tô vendo várias coisas que eu passei que, de repente, foi pelo fato de ter sido mulher. [...] (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).

O: Por exemplo, [...]. Existem pessoas que não sabem qual sapato a gente usa com qual roupa, qual sapato que a gente usa com a saia, qual sapato que a gente usa com a calça, porque nós temos a saia, né e quando a gente usa a saia nos eventos, normalmente, e formaturas é calça, normalmente, o sapato pra uma formatura é diferente do que eu de saia, e aí, muita gente não sabe isso e muitas vezes acabam eles mesmos se complicando, assim, entre eles. Mas, basicamente foi isso, [...] eu vejo na área profissional hoje, claro, **as autoridades que estão hoje, né, na atividade, que estão, que lidam com a gente, não viveram [...] com as mulheres, não viveram né, a parte de faculdade e internato com as mulheres, então, não tem esse entendimento do que é.** [GRIFO MEU]. [...] (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).

O: É o que a gente fala, não existe, nessa fase da carreira quando você já é [PATENTE], cara! Tem um ou outro que faz uma besteirona, posso te dar até o caso de um [...] idiota, não vou dizer o nome, que fez uma grande meleca e foi pego com prostituta na rua e sofreu um assalto e não sei se balearam ele e ele está com prostituta na rua, olha só, [PATENTE], entendeu? Se você não faz uma coisa assim, ASSIM [ÊNFASE NA FALA], quem chega à [PATENTE] todo mundo tem qualificação e mérito para continuar, mas não tem vaga! [...]

E: Ninguém foi atrás da prostituta [RISOS]

O: Ninguém foi atrás da prostituta! Ninguém fez besteira, ninguém fez! Só que um tem que ir embora. A não ser que seja no par ou ímpar, um vai embora. Todo mundo falou comigo: “[NOME], ele trabalha há anos [...]” Então assim: “Ah, porque você é mulher” Não, não tem nada a ver! Acho até o contrário! Se fosse pesar isso, acho que a [FORÇA] ia querer fazer a primeira Oficial [...] mulher. Se fosse isso, eu diria que era o contrário e que também não seria justo, se a gente parar para pensar. Eu como mãe de dois homens, eu não gostaria nunca que meus filhos perdessem oportunidade de emprego ou oportunidade de promoção porque outra pessoa é negra, porque outra pessoa é mulher, porque outra pessoa é trans. Eu quero que o mais competente, o mais qualificado para o cargo e não porque ele é preto, branco, gordo, magro, feio, careca, bonito, né? (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).

E: Em relação a vocês, assim, né, porque a gente vem de uma geração bem melhor, digamos né, de querer oportunidade de emprego, de trabalho, melhor, mais igualitário, diferente da minha época que a gente já pedia, mas

não era tanto, que é diferente lá da época das outras que aceitavam outras coisas, você percebe a diferença, assim, desde a turma [...], a que é a primeira [...] e você, que é dessa primeira turma?

O: *Ah, com certeza, com certeza.*

E: E que é influência dela ou que é influência dum todo, da sociedade como um todo?

O: *Ah, eu acho que dos dois, porque eu acho que a gente só tem as normas que a gente tem hoje pras mulheres porque elas lutaram muito pra ter até hoje e a gente só, também só tem essa melhor busca de igualdade, até na parte empresarial salarial porque a gente já veio lutando né, desde antes, até porque cargo de direção, cargo de gerência, tudo isso aí as mulheres era muito, muito difícil de chegar aí, hoje não, a gente vê mulheres CEO, mulheres donas de empresa e que, antigamente, era, praticamente, impossível né? (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

O: *[...] Mas olha, não sei, não vi isso como uma pressão, uma demanda feminina. Eu percebi como uma realização, uma força que realizou que não havia sentido. Ele viu essas distorções e haviam pessoas fazendo as mesmas coisas com carreias diferentes. [...]! Também era uma distorçãozinha. Então, isso tudo foi acertado nessa grande reestruturação que eu acho que a Força percebeu essas inconsistências e ela rearrumou tudo! E, aí, [...] as mulheres que tinham um Corpo específico, [...], depois, foi criado o [QUADRO], foram para os seus Corpos e Quadros! [...] (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

E: Eu acho que é essa questão assim muito do casar, né? As mulheres das primeiras turmas muitas também falavam dessa questão da estabilidade, mas, elas vieram do mundo civil com formação universitária, todas das três Forças pra entrar nesses quadros especiais femininos. E, a partir daí, elas começam então a namorar e casam, começam a namorar casam e tem filho, tudo nesse início né. Nessa tua turma né, e aí a gente tá falando numa diferença grande né [...], a visão continua a mesma? Porque vocês não entraram com a formação civil, né.

O: *É.*

E: Porque vocês já são na carreira.

O: *É, da minha turma, duas meninas são casadas com meninos da minha turma mesmo.*

E: Que se conheceram?

O: *Que se conheceram na minha turma mesmo e aí, da minha turma, [...] uma já tem dois filhos e outra já tem um filho. Tudo a partir de [ANO], [...], porque [...] a gente [...] não pode né, nem casar e nem ter filho né. Se você casar ou tiver filho, você é desligado, né. Você não pode continuar na formação.*

E: Nem o homem? E: Não pode casar?

O: *Nem o homem. Não pode ter filho. [...]*

E: Mas, se ele tem uma namorada fora e ela engravida? Eles escondem?

O: *Exatamente isso que acontece! Ele continua [...]. Exatamente! Eles escondem.*

E: Ou casou, antes de viagem: “Vamos casar?”, aí foi?

O: *É! Exatamente!*

E: Então ele vai casado.

O: *É! Exatamente! E acontece! Ou faz a cerimônia só no salão de festas né, e depois casa no papel. Pode acontecer também. E ele, alguns, escondem né, e aí, só depois que declaram filho, porque tem outros benefícios né, tem auxílio natalidade, tem dependência pro filho, poder usar o hospital [...], essas coisas. Mas, realmente, acontece, só que com a gente não tem como esconder, né. E aí, [...] é aquilo, fica né, a gente, na verdade, planeja a nossa vida de casar e ter filho baseados na nossa oportunidade na carreira. Exemplo, a gente tem uma [MISSÃO] [...]. Dá pra ter filho? Dá! Mas, será que seria o ideal que uma criança ficasse esse tempo todo longe da mãe? E se eu tiver filho logo antes? Será que eu vou conseguir amamentar todo tempo que eu gostaria de amamentar? Então, assim, quando eu tiver na faixa de antiguidade que eu vou poder concorrer, eu penso em não engravidar, por enquanto, porque eu vou concorrer, também, quando eu for só [PATENTE], então, eu penso, por enquanto, de não ter filho até [PATENTE]. [...]. Então, eu vou querer engravidar antes? Será que seria o ideal que meu filho ficasse [MESES] sem mim, por enquanto? Então, o ideal é que eu não engravide antes que passe essa faixa de antiguidade que eu vou poder ter essa oportunidade. [...] Será que seria o ideal? Então, assim, tudo né, baseado, a gente faz o nosso planejamento familiar baseado no planejamento da carreira, também, quais são as oportunidades.*

E: Entendi. Porque o mesmo, provavelmente, não acontece com homem, o planejamento, né: “Não, eu vou chegar aqui, daqui já tô mirando aqui, porque daqui eu venho pra cá, porque já tô mirando lá em cima...”, “E quando é que cê vai ser pai?”

O: *Até porque, por exemplo, se eu for escolhida [...] e eu tiver grávida eu não vou, porque eu não posso estar grávida [...].*

E: E aí, você perde porque você não vai mais né?

O: *Perco, eu não vou mais. Exatamente.*

E: E aí, você não indo, a chance de você ir subindo já corta, né?

O: *É, vai diminuindo né, não ocorre, mas diminui bastante. Uma pontuação, por exemplo, medalha. Exatamente. Isso tudo conta.*

E: E você vê os seus colegas falando sobre planejamento: “Quando que eu vou ser pai? Ano que vem!”

O: *Sim, mas não tanto quanto a gente, tanto que a maioria dos meus amigos de turma já tem filho, a maioria. Quando a gente para pra pensar assim né, de grupo de turma a maioria tem filho. E aí, é, existem mulheres que, focam na carreira e existem mulheres que focam nos filhos né, por exemplo, nas turmas de baixo existem mulheres que, também, já tem um filho, né, que já se formaram e já engravidaram igual na minha turma. Mas, existem mulheres que não pensam nem tão cedo justamente por conta da carreira. Então, assim, eu acho que não é nem um e nem outro. Eu acho que é o equilíbrio. Eu acho que não é nem o ser mãe muito tarde, querendo focar só carreira, carreira, carreira e nem ser mãe logo querendo focar só filho, filho, filho. Eu acho que tem que ter um equilíbrio. Passou essa faixa de antiguidade [...]. [...] E aí, eu já cumpri, graças a D’us. Então, eu posso voltar ou não. Eu posso voltar, se eu quiser. Claro que não é bom você recusar [...], mas, se não for*

*nesse momento, aí eu vou engravidar, mas, se for nesse momento, eu vou abraçar essa oportunidade e depois eu engravidar com calma, que eu não vou ficar longe, vou ficar mais presente ali.*

E: Porque, também, se exige muito do homem militar que ele seja pai [...], eles já começam a visar mulheres, futuras pretendentes para casar e engravidar. Tem essa questão da virilidade masculina: “Tenho que provar que eu sou um bom homem sob todos os aspectos, inclusive como um bom marido e um gerador de crianças”, não seria isso, mas é “mostrar minha virilidade” de fato, né? “Olha só como eu sou varão, como eu sirvo pra estar aqui.” Pode pegar mal: “Como é que você não tá casado ainda? Por que que você só tem um filho?” Você percebe essa cobrança também de mulher ou não? “Quando que vocês vão casar? Vocês vão casar?”

O: *Sim. Já aconteceu comigo. [...] um Comandante que já tinha servido com meu esposo, ele, na frente de várias pessoas, um grupo inteiro, quase 50 pessoas...*

E: Mas teu esposo não tava presente?

*E: Não tava presente, foi aqui no Rio [...] e aí, [...] ele foi e perguntou: “E aí, já casou?” Aí eu falei: “Não senhor, ainda vou casar.” E tava quase perto do casamento, [...]. Ele falou: “Pô, tá pegando! Isso tá errado!” Aí eu me assustei né, falei: “Ué, meu D’us!”. Aí ele: “Não, pô, ele tá te enrolando! Cês já tão há muito tempo juntos, pô! Já era pra tá casado! Eu vou apertar ele!” falando assim como quem diz: “Ah, tá errado, ele tá te enrolando.” Poxa, na frente de todo mundo? Eu falei isso pro meu esposo depois. Aí ele: “Nossa! Por que ele falou isso?” Porque ele falou, não sei, mas, que eu me senti extremamente constrangida... primeiro porque, poxa, se eu tô com meu esposo é porque eu confio nele, aí, ele falou que ele tá me enrolando na frente de todo mundo, eu achei completamente desnecessário. Aí, você para pra olhar pra ele, ele tinha acabado de se divorciar, aí, já emendou em outro relacionamento e já vai casar de novo. Então, assim, uma pessoa que ele mesmo, talvez, não esteja bem com ele mesmo e quer, sabe, mas, assim, **confundi completamente o pessoal com o profissional** [GRIFO MEU] e ele naquele momento me deixou... todo mundo viu, assim, de mim eu falei: “Meu D’us!, falei: “Senhor, eu tô seguindo assim e eu tô há [ANOS] com meu esposo, nem acho que é tanto tempo assim.” Tem gente que namora há [ANOS] por conta, justamente, de não poder casar, tem gente que começa a namorar [...] e, aí, só pode casar depois que se forma [...] por quê? Porque não pode casar antes, então assim.*

E: Por que que não pode casar antes?

O: *Ah, uma regra. [...] Eu acredito que é porque a gente não consegue tá presente todos os dias, [...] e aí, a gente não consegue mesmo, ter uma esposa, às vezes, um filho em casa esperando. Realmente, não tem como.*

E: É. Mas, então confirma né, porque na verdade não era você... você, diretamente, foi cobrada, mas, ele tava cobrando que o marido casasse né, ele tem que mostrar essa virilidade. Como que ele tá com uma mulher e não tá casado, né? Tá indo contra as normas naturais das forças militares.

O: *Exatamente. Sim. E tem esse estigma né, fala que é um dos requisitos né, que é você tá casado, falam que é um dos requisitos.*

E: Do homem? Ou pra você? Vocês são cobradas ou não?

O: *Não diretamente, mas, assim, por exemplo, um cargo de Generalato, dizem que é ideal né, que você esteja casado.*



E: O homem? Será que vão cobrar isso da mulher?

O: *É. Ah, provavelmente, muito provavelmente. [...] Mas, dizem, que existe, uma ficha, né, que eles marcam quem é e quem não é. A gente desconhece essa ficha, né. A gente não tem acesso, a gente não tem nada né, mas dizem que controlam a nossa vida, meio que por trás, assim, entendeu? Quais os lugares que a gente frequenta? Quem são os nossos, amigos sociais, assim, entendeu! Dizem que controlam essa parte. Assim, eu acredito que tenha mesmo, mas a gente não tem acesso não, justamente, por conta disso: “Ah, eu tô acompanhando essa pessoa aqui, será que ela é apta pra tá lá de frente? Será que ela não é?” (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

O: *Eu acho lindo! Primeiras turmas, inicialmente, foram para [LOCAL], [...] que é onde fica o pessoal dos [PATENTE], né! Então, realmente, era o único lugar que tinha e que comportava! Depois, a coisa foi mudando, né! Na medida em que o tempo foi passando, e que nós mostramos que tínhamos capacidade de nos adaptarmos! **eu até brinco... acho, realmente, que os homens não conhecem realmente as mulheres!** [GRIFO MEU] Porque as mulheres são muito mais pertinaz... são teimosas, sim! Mas, é porque elas, realmente, quando elas querem, elas querem e elas fazem, né! Elas não recuam... com facilidade, né! São destemidas, de uma maneira geral! E, a gente tá acostumada a fazer mil coisa ao mesmo tempo!. Até na parte, vão dizer assim, militar, de uma maneira geral, as mulheres se adequam mais! Pelo menos, a minha geração, né! Porque, agora não sei como é que tá! Mas, as mulheres sempre foram mais cobradas e sempre mais contidas, né, pela própria sociedade. Então, não havia, em princípio, motivos, né, pra esse medo, receio, de nós não nos adequarmos.*

E: Mas chegou a ter alguma autoridade masculina que disse: “Isso não vai dar certo?”.

O: *Aí, eu não sei te dizer, né! Provavelmente, algumas pessoas devem ter posto todas aquelas coisas que, ainda hoje, são questionadas, né! E não é só aqui, no Brasil! Elas são questionadas no mundo inteiro! Porque, realmente, quando você junta homens e mulheres, há possibilidade de você ter todo tipo de conflito ou de interações... né! Pode acontecer! Mas, é o que eu sempre digo, e não acontece de outras maneiras? (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

E: Vamos lá, hum, bom, eu acho que, eu vou ter uma pergunta aqui que né, que existem poucas mulheres nas Forças, [...]

O: *[...] Sim, muito pouco, mas, aí, também, tem aquele detalhe né, elas foram, tipo, um projeto piloto e eles queriam que desse certo, tipo, a todo custo! Então, assim, muitas desistiram. As que não desistiram, ouvi dizer que... eles foram, assim, pediram: “Pelo amor de D’us!” pra elas não saírem. Que, se não tivesse o número mínimo, não iriam continuar. Se essa turma não desse certo, entendeu, eles iam cortar de vez, então a galera chegou a implorar mesmo, resolver questão de nota: “Não, vocês tem que continuar, vamo lá! O que que cê tá precisando? O que que você quer?” entendeu! Rolou todo assim uma...*

E: E que tinha que ser cumprida [A DEMANDA], aí, faz todo sentido! (Oficiala da Força Quebec, sem filhos).

O: *Eu tive um problema em [ESTADO]: eu fui [CHEFE] [...] Na época, eu tinha mais de 50 homens subordinados a mim [...] [...] Um fato interessante, como eu te falei antes... [...] Eu tinha um Chefe que era um [PATENTE] que tava sendo promovido [...], ele já tava querendo sair de lá [...]. E a ideia era que eu*

*assumisse, né! Fiquei [ANOS] estudando e trabalhando pra caramba por conta disso! Aí, ele saiu de férias. Eu fiquei como Chefe, né, no período que ele tava de férias e meu marido, na época, era [PATENTE] mais moderno e era [CHEFE]. Aí, o [CHEFE] que era mais antigo que nós todos, me chamou e chamou o meu marido, na época, na sala. Ele falou: “Ó, eu vou tirar o [PATENTE] lá do [LOCAL], mas, não vai ser você, [NOME] que vai [...]”. Aí, eu olhei pra cara dele. Ele: “Vou botar o [NOME], que é o seu marido e [NOME], você vai pro [LOCAL].” [...] Cara, eu fiquei tão p... da vida porque, assim, eu acho, que ele usou meu casamento pra fazer isso! Ele falou: “Não, eu sei que vocês são casados, vocês vão se ajudar! Eu sei, [NOME], que você é melhor pra [LOCAL] e que [NOME] é melhor pro [LOCAL], mas, como vocês são casados, vocês vão se ajudar.” E ele mudou as funções. Por isso que eu fui meio sem vontade [...], porque eu tinha estudado muito, tinha me dedicado muito, me preparando pra ser [CHEFE]. Mas, acho que tem a ver com a questão da “flexibilidade”, né, que eu não era tão “flexível”, não sei se você tá entendendo [RISOS] o que eu tô querendo dizer...[...]*

E: Eu tenho uma outra visão sobre isso, eu acho que foi uma questão de gênero. Total! Porque... é por isso que eu falo sobre mulheres militares e profissionalismo. Porque a mulher, geralmente, dos depoimentos que eu tô colhendo, e até das falas informais com homens [...], principalmente, elas são muito mais preparadas! E na hora que tem que colocar no cargo que ela se preparou ou que, mesmo que ela não esteja almejando, mas, que é o momento, porque ela é a que tem mais bagagem, ela é preterida!

*O: Foi isso que aconteceu comigo! E eu fiquei muito chateada, porque, assim, realmente, meu marido, na época, já tava muito tempo no [LOCAL], era o momento de trocá-lo, mas, assim, tinha outras pessoas ali pra mexer, não precisava ser essa mexida, que de certa maneira, abalou meu casamento, também, né porque, pô, ele tava feliz pra caramba, ao mesmo tempo, de ir pra lá! Ele ia sair de um lugar que já estava cansativo pra ele pra ir pra outra oportunidade que ele ia crescer pra caramba profissionalmente! Eu fiquei muito frustrada, desiludida! Cheguei a pensar em fazer concurso e sair da [FORÇA]! Eu falei, cara, que que adiantou todo o meu esforço, entendeu, se na hora, ele fez essa jogada! Enfim... Aí, por isso que eu quis vir pro [ESTADO], mas eu ia falar outra coisa, me perdi aqui... (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).*

*O: [...] Teve uma situação que foi, acho, que a situação mais difícil que eu passei, né, [...] é o que eu te falei né, tem Chefes e tem líderes. E aí, a gente ia receber a [FORÇA] americana, aí, a gente recebeu [FORÇAS ESTRANGEIRAS] [...]. E aí, eu tava lá e a gente [...] tinha que [...] colocar roupa de cama, colocar uma cartinha de bem-vindo. A gente imprimia e cortava. [...] E aí eu falei: “Gente, olha só, vamo! A roupa de cama, eu quero pronto até a hora tal, o dia tal, porque vou passar inspeção e a gente vai tocando as outras coisas e evento, tudo mais!” E aí chegou no dia e não tinha nada pronto! Falei: “Gente, mas o que aconteceu? [...]”. Mas, o que que houve?” E aí, eu fui, falei: “Não, olha só, a gente só vai embora hoje quando a gente der o pronto!”*

E: Dar o pronto é o que? O “ok”?

*O: É, der o ok, deixar tudo pronto pra amanhã que a gente ia receber eles. Só que no dia, tinha um jogo muito importante do [TIME DE FUTEBOL]. Aí, o pessoal [...] tava: “Não, porque hoje tem jogo, porque a gente tem que sair cedo pra ir pro jogo!”, tudo mais. Eu falei: “Não gente! Hoje, a gente tem que preparar [...] porque amanhã, o pessoal vai chegar, então, a gente só vai embora hoje quando a gente acabar!” E aí, eu também botei a mão na massa, fui ajudar, colocar roupa de cama porque o pessoal ia chegar no dia seguinte. Aí, tudo bem! Aí, meu chefe chegou: “[NOME], olha só, hoje tem jogo do*

[TIME DE FUTEBOL]. *Amanhã, a gente vê isso.*” Eu falei: “Olha só, eles vão chegar amanhã de manhã, 6h da manhã, como que a gente vai ver isso amanhã? A gente tem que ver hoje! Tem que resolver hoje!”, Aí ele: “Tá comigo! Eu vou resolver!” Eu falei: “Você vai resolver? A gente tem que dar o pronto de tudo até amanhã, 6h da manhã!” Aí, ele: “Não, eu vou resolver!” Liberou todo mundo porque eles iam juntos pro jogo. Aí, eu falei: “Ok! Isso vai dar ruim... não vai dar certo, não vai dar certo!” Fiquei preocupada com aquilo. Aí, eu continuei [...], fui embora 10h da noite nesse dia e aí, já tinha até começado o jogo, acho que o jogo começava umas 21h e quando acabou o jogo foi até a hora que eu tava chegando em casa, assim mais ou menos. Eu mandei uma mensagem assim pra ele: “E aí, conseguiu resolver?” Só que eu sabia que ele não tinha resolvido, porque eu fiquei até o final pra resolver. E ele achou aquilo um absurdo, porque eu tava cobrando a ele uma faina que ele disse que ia resolver sendo que ele era meu superior. E aí, ele começou a me ligar, me ligar, me ligar, eu falei: “O que que foi? Que foi que cê tá me ligando?” Aí ele: Amanhã, quando cê chegar, se apresenta pra mim.” Eu falei: “Amanhã, eu te falei que eu vou estar de serviço, então, eu vou chegar e já vou logo assumir serviço [...]”. Aí: “se apresenta pra mim não sei o que”, tudo mais. Aí, ele foi, eu cheguei de manhã, peguei serviço, [...] falou: “Ó, se apresenta pra mim!” Aí, ele começou: “Você tá achando que você é quem pra me cobrar alguma coisa! Você é subordinada a mim! Eu que tenho que te cobrar as coisas!”. Aí, deixei ele falar, falar, falar, falar, falar. Quando ele terminou, eu falei: “Tá bom. Você ia falar pra quem se não tivesse roupa de cama pro americano dormir hoje? Você ia falar com o Comandante que foi você que não fez? Ou você ia falar pro Comandante que eu não fiz, que eu sou mais moderna?” Aí ele: “Ah, você acha que eu ia falar o que?” Aí eu falei: “Eu sei o que eu acho! Eu tô perguntando o que VOCÊ [ÊNFASE NA FALA] ia falar, porque eu sei o que você ia falar. Você ia colocar na minha conta porque eu sou mais moderna! Mas, isso não é verdade, porque eu segurei todo mundo! Aí, fui embora, ontem, tarde pra tudo tá pronto hoje!”. Aí, eu falei: “Eu não era encarregada do conforto, eu não tinha nem que tá vendo roupa de cama! Eu fiz pra ajudar mesmo que eu sabia que não ia tá pronto pro dia seguinte!” Mas, poxa, imagina a [FORÇA] americana, voltando pros EUA, falando: “Nossa! Cheguei [...] não tinha nem uma roupa de cama pra eu dormir!” Ia ser uma vergonha nacional! Eu, tava preocupada com isso, sabe? De, poxa, eu não tinha nada a ver com roupa de cama, [...], era outra área, mas eu tava preocupada de, poxa, como que eu vou receber alguém na minha casa e eu não preparei, sabe, pra essa pessoa? E aí, eu lembro que eu comecei a argumentar com ele, falei: “Não, você tava preocupado em ver o jogo do [TIME DE FUTEBOL] né! Mas, você tava preocupado com o que os americanos iam falar quando voltassem pra lá? Que eles chegaram [...] e não tinha nada? Não tinha nem roupa de cama pra eles dormirem? Que eles iam dormir no colchão vazio? Não! Você não tava preocupado!” **Aí, comecei a argumentar com ele, ele começou a chorar** [GRIFO MEU]. Aí ele: “Ah eu tô cheio de problema em casa, eu tô com problema com a minha família...” Aí, eu falei assim: “Olha só, se você tivesse com problema na sua família você teria...”, é..., falei assim... não, falei assim: “Se você tivesse com problema com a sua família, você não estaria no jogo do [TIME DE FUTEBOL], primeiro ponto. Segundo ponto, eu também tenho um monte de problema em casa, como todo mundo tem! Eu tenho, você tem, se eu começar a falar aqui, você vai, também, continuar chorando do jeito que você tá! Só que não é porque a gente tem um problema pessoal em casa que a gente vai deixar alheio o nosso problema profissional [...]! E a gente tem que resolver as nossas coisas, porque a gente é adulto né? E a gente tem que cumprir a nossa missão! E qual é a nossa missão? Deixar tudo pronto [...] e é isso aí!” Ele continuou lá, chorando, aí, ele: “Ah, você me desculpa...”, eu: “Não cara, eu te desculpo, só que não dá pra trabalhar assim! Você tem que entender que as pessoas têm que ter responsabilidade! Você é o meu chefe! Eu não tenho que tá te cobrando as coisas! Você tem que tá cobrando quem é o responsável da roupa de cama, que não sou eu nem você e você sabe! E

cadê o responsável?” [...] E eu, que tava preocupada em receber bem a [FORÇA] americana e ele, preocupado com jogo do [TIME DE FUTEBOL] ...então, assim. (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).

O: Você falou aí, eu lembrei. Tem várias coisas... Lá, [...] teve uma vez que só as mulheres tiveram corretivo, na minha turma.

E: Corretivo é o que: chamada de...

O: Corretivo é troca de uniforme, sobe, 5 minutos pra botar uniforme, desce, paga flexões, o cara gritando no ouvido e, assim, na época de formação, principalmente, quando está no início do primeiro ano que a gente é [FUNÇÃO], a gente passa por isso! Pra ver quem aguenta mesmo! É pra testar, a gente tá se formando militar! A ideia não é qualquer coisinha, você começa a chorar e se desesperar, você tem que conseguir manter a estabilidade emocional. Então [...] eles testam isso o tempo todo! [...] Eu não me lembro porque que foi, mas foi um corretivo que a só gente teve, só as mulheres! E eu lembro, assim, que eles estavam gritando, lá, naquela correria de manda subir, e bota uniforme e tal e dão 5 minutos! Você sobe igual uma desesperada, troca de roupa, desce, entra em forma, aí, começa a pagar flexão, polichinelo, o cara gritando. Tinha mulheres, também, na equipe, assim, treinando a gente, e teve uma hora que tinha bastante gente chorando. Eu quase... Eu ia começar a chorar, ele falou assim: “Eu não quero ver ninguém chorando!”. Eu falei: “Filho da puta! Então, tu não vai me ver chorando!” Eu tava com tanta raiva que eu controlei aquela vontade de chorar, né, canalizei pra raiva! E tipo, não vai me ver chorando! Não quer dizer que eu não chorei! [...] em vários outros momentos, de eu ter ficado triste, eu não chorei na frente das pessoas! Eu não vou dar esse gostinho pra ele. [...] Acho que por conta até da formação que eu tive na [ACADEMIA], hoje em dia, não consegue, não! Eu vou ficar com raiva, explodindo, você não vai nem perceber que eu estou com raiva. [...] As [MILITARES] [...] elas, também, passaram corretivo só delas... (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).

O: [...] Era uma outra menina da minha turma, mas só que o pai dela é [PATENTE] [RISOS] e aí, é, ela não tinha quase função [...] que o pai dela é [PATENTE]. Eu tinha muito mais função que ela, muito mais função porque ele é da turma de [PATENTE] e ninguém quer se indispor, entendeu? [RISOS]. [...] E aí, o primeiro grande esporro que a gente tomou foi: a gente foi a uma palestra e aí, [...] tava faltando lugar na..., era tipo uma reunião que era uma palestra. E aí, tava faltando lugar e quem é mais moderno né, no caso, a gente que acabou de chegar, tem que ficar em pé e os mais antigos sentam. Só que pela gente ser mulher, um Comandante foi e levantou da cadeira e uma menina da minha turma sentou! E aí, a Comandante, [...] mandou ela levantar! Falou: “Pô, levanta que ele vai sentar. Comandante, como o senhor é mais antigo, o senhor senta.” Depois da palestra, reuniu a gente e desceu o esporro, falou: “Cara, cês tão achando o que? Que um Comandante, infinitamente mais antigo do que vocês, vai levantar pra vocês sentarem por quê? Por que vocês são mulheres? Cara, a regra [...] é: os lugares que tiverem são dos mais antigos! Os Chefes das reuniões! Se tiver lugar, a gente, que é mais moderno, vai sentar, se não tiver, a gente vai ficar em pé! Alguma dúvida?” Porque não tem isso! Porque assim, ele levantou, viu mulher em pé, “Não! Vou levantar!” Igual no metrô, como se fosse, viu idosa...[...] só que ela falou “Ah, no militarismo a gente tem que entender que não é ser mulher”. Por que que ele levantou? Ele levantou porque ele viu mulher em pé e falou: “Ah vou levantar pra ela!”, sendo que não, aí a gente tem que falar: “Não, Comandante, mais antigo é o senhor, tem que ficar sentado.” Aí, ela deu esse esporro na gente por conta disso, [...]. Aí, depois que a gente se formou, essa menina da minha turma foi pro mesmo [LUGAR] que eu. E aí, o meu Comandante recebeu uma ligação de que uma de nós ia

*ter que [IR PARA OUTRO LOCAL]. E aí, ok, uma de nós [...]. E aí, meu chefe me chamou e falou assim: “[NOME], eu vou te colocar pra fazer um curso, [...] porque eu prefiro trabalhar com você, eu já confio mais no seu trabalho. eu vou te colocar pra fazer esse curso porque aí, eu te seguro aqui [...] e você fica aqui.” Ok. Aí, fizeram uma ordem de movimentação pra ela, com o nome dela, “ah, desligar a, apresentar fulana de tal!” ok. No dia seguinte... aí, eu, super nervosa né, falei: Meu D’us! Eu vou sair [...], eu não queria sair [...], aí, lutei tanto!”, tudo mais. Aí, ela falou: “Não, eu vou ligar pra papai!”. Ligou, no dia seguinte cancelaram a mensagem! Eu nunca tinha visto isso!*

E: Por que era amiga?

O: *Porque o pai dela era influente.*

E: E quem teve que sair? Não tinha uma que sair?

O: *Então, aí nenhuma das duas saiu! As duas ficaram e eu nunca tinha visto isso! Assim, chegar uma mensagem e cancelar a mensagem por conta de influência, assim. E aí, ela não fez o curso, só eu fiz o curso! E aí, [...], só eu dava serviço, ela não dava serviço! E aí, [...], eu tinha mais funções do que ela [...]. Então, assim, era muito complicado. Às vezes, eu já cheguei [...], né, pra dar serviço 3:30h da manhã, sair 23:00h e ela sem dar serviço! Assim, umas coisas bem surreais, por conta do privilégio entendeu?*

E: Porque as pessoas têm medo de se comprometer.

O: *Exatamente!*

E: Mas, aí, a questão da igualdade militar cai por terra conforme a Comandante falou pra vocês, né.

O: *Sim, sim, só que todo mundo via o que acontecia e não queria se comprometer por conta...*

E: E continua não querendo se comprometer, porque ela tá lá né? [...] ela tá na carreira?

O: *Sim, normal. (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

O: *Mas, a questão de aparecer, assim, que você falou... é interessante que, uma vez, uma amiga minha de turma, eu não perguntei nada pra ela, ela quis se meter e dar uma opinião, eu postei uma foto ela falou: “Pô, acho que cê tinha que se maquiarr um pouquinho mais pra ir para o trabalho!” Eu falei: Cara! Olha só! Não! No trabalho, eu tô aqui para trabalhar! Eu não tô aqui pra ficar chamando a atenção por conta da minha beleza!*

E: E ela se maquiava?

O: *Sim! Ela contou [...] “Porque, uma vez, eu tava lá no exterior, chegou uma mulher, toda bunitona e tal, toda arrumada.” Aí, eu falei: “Pô, às vezes, toda a atenção que ela conseguiu não foi nem pela competência dela, foi por conta da “armação” dela [RISOS].” Eu falei: “No me trabalho, eu não to aqui pra isso! Tanto é que a gente usa uniforme! Acho que é, justamente, pra não ter isso!” E, assim, isso aí, eu já escutei muito! “Pô consegui isso porque é mulher!” “Lógico! Olha o jeito que fala!” “Porque chorou!” essa coisas, escuta sim! Mas, assim, eu não levo pro coração, por isso não me marca. (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).*

E: Porque é isso! Assim, eu já ouvi, tanto em [FORÇA], das mulheres que eu falei e também em [FORÇA], de que, “Ah, eu como eu sou mulher, por exemplo, eu respondo pra você só que, sei lá, eu quero esse final de semana

que é minha tiração de serviço e vai ter um casamento de uma amiga, enfim, eu falo: “Ah, não tô a fim, quero trocar com alguém, Mas, assim vou passar por cima da [NOME] porque eu sou mais próxima do Comandante e vou lá e vou pedir pra ele, vou fazer o que for preciso porque eu quero esse final de semana.” Aconteceu já com você disso, de uma mulher?

*O: Já, esse ano. Outra menina da minha turma, agora no outro lugar que eu tô. Tem uma outra menina da minha turma e aí, [...] ela falou que não ia e aí, eu tava de serviço, eu não fui nem em casa, peguei tudo que tinha no meu armário, botei numa mala e fui [...]. E aí, outras vezes, também, ela já, duas vezes, tiveram que avançar serviço pra ela, justamente, por causa disso e outra vez, me chamaram prum evento que ia ter lá, não é evento né, é conselho de disciplina, tipo uma sindicância, um negocinho mais sério e aí, na Portaria [...], assinada pelo [PATENTE], era o nome dela, só que como a gente é da mesma turma, acharam que era eu. Aí, me chamaram, aí, eu comecei estudar sobre o assunto, ler as normas, ler as regras que um outro [PATENTE] pediu pra eu ler. Li tudo, aí, eu comecei a digitar com outro [PATENTE] que tava na faina comigo, comecei a fazer. Só que o meu Chefe, que é [PATENTE], falou assim: “[NOME], você tem que voltar pro setor.” Eu falei: “Não, Comandante, tô aqui fazendo essa faina do conselho de disciplina.” E aí ele falou: “Oh, [NOME], mas, você tem que estar aqui no setor!” Mas, eu falei: “Sim, Comandante, mas, eu também tenho que cuidar dessa outra questão aqui que tem que dar o pronto pro [PATENTE].” Aí eu falei,: “[PATENTE], o senhor poderia me dar a Portaria que eu vou mostrar pro meu Comandante que eu tô aqui, [...], nessa sala específica aqui porque eu tenho que dar o pronto pro [PATENTE]?” Quando eu fui pegar a Portaria não era eu, era ela! Aí, eu mandei, aí todo mundo ficou assim: “Ué, mas, não é você! Meu D’us! Cê não era nem pra tá aqui!” Eu falei: “Sim! Eu vou lá avisar ela!”. Aí, na hora, tirei foto, mandei assim: “Fulana, você!” Aí ela: “Ah não, não sou eu não!”. Aí eu: “Não cara, você tá aqui! Tá assinada a Portaria!”, “Ah não! Mas, eu, pô, tô com muito trabalho aqui! Não dá, não! Não dá pra ser eu não!” falou com D’us e o mundo e aí, tirou o nome dela e iam botar o meu! Só que, por sorte, não colocaram o meu [...] e já tava assinado... aí, escolheram outra pessoa. Mas, era eu que ia de novo. Tudo que ela não vai, eu que sou acionada. Tudo que ela não vai.*

E: Que se utiliza da questão de “ser mulher” pra... “Ah, eu não quero...”

*O: Aham... E aí, o que aconteceu quando a gente chegou? Eu não sou muito de sair, eu sou mais caseira, e aí, ela começou a sair com o nosso atual [CHEFE], aí, ficou meio que cochada nele e aí...*

E: Mas, sair, sair, de?

*O: Não, não.*

E: Sair junto, “Vamos pra noite?”

*O: É, “vamo pra noite!” e aí, virou cochada dele.*

E: O que que é cochada?

*O: Cochada é tipo assim: “Ah não, tá bom!”, passa a mão na cabeça.*

E: Se você disser: “Você tem que tá aqui!”, ela vai lá nele e ele fala: “Não, ela não tem estar aqui.”

*O: É! Exatamente! Várias [...], final de semana que a gente tem que ir, às vezes, pra cumprir, ela não vai, inventa: “Ah eu tenho um casamento. Exatamente! Eu tenho uma festa, Ah, minha cachorra vai castrar”, várias*

*desculpas. Assim, ela nunca tá e uma amiga minha de trabalho, que é namorada desse nosso [CHEFE] perguntou pra ele: “Porque que ela nunca vai e a [NOME] sempre vai? Não é uma coisa, assim, aleatória, esporádica. Não, ela nunca vai e a [NOME] sempre vai no lugar dela!” Aí, ele: “Ah, porque a [NOME] aceita, porque a [NOME] trabalha, porque a [NOME] dá o pronto, porque a [NOME] sempre faz certo, porque a [NOME]...” como se [RISOS] trabalhar fosse uma justificativa de quem não faz certo.*

E: É...se você continuar na carreira e chegar até [PATENTE], beleza, vai tá valendo a pena. A questão é que se não valer de nada, né?

O: *Exatamente!*

E: Se ela tem essa mesma chance e ela pode chegar lá é um pouco injusto né. E aí, você acha que é pelo fato da questão do gênero feminino, assim, ela se utiliza disso? De ser: “Ah, vou usar meu charme, eu vou usar uma voz mais fininha, eu sou a frágil, pra não fazer.”

O: *Com certeza! Com certeza, sim!*

E: E aí, cai por terra de novo a questão da disciplina né, por quê...

O: *Sim, igualdade, gente! No mínimo! Se a gente luta tanto por ter direito de igualdade, que que a gente tá fazendo errado, diferente? A gente tem que lutar. Não! Conselho de disciplina? Vamos lá, vamos dar o pronto! Vamos fazer! Não! Vou mostrar que eu sei! [...] É pra fazer o quê? É pra fazer isso? Então, vamos mostrar que a gente sabe fazer e bola pra frente!*

E: É! E o exemplo de cima também, né, porque se você faz e a outra não faz, tem alguma coisa equivocada, né. Então tá, então se a gente botar um homem no lugar dela vão dizer que é uma desigualdade.

O: *Sim. (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

O: *Tem, mas por que que isso acontece, também? Pode acontecer! Mas, o homem permite isso! Porque tem homem, também, que fica cheio de graça, entendeu! Eu não ando toda maquiada, toda, assim, acho que o meu limite de vaidade no trabalho, ele é bem contido. Já passei por situações, mas, assim, eu sempre dou de doida, né! Tipo assim: o cara fala alguma coisa, me elogiando, eu “ah...”. Na [ESCOLA] mesmo! Nem foi um militar, que eu trabalhava com um [PATENTE] que eu fui [FUNÇÃO]. E ele, era [DIRETOR] [...] e foi um civil que comentou, [...], tinha uns helicópteros [...], eu tava de costas com uma [PATENTE], trabalhava na [ESCOLA], também, chegou e: “Caramba! Dois aviões olhando pra um avião!”. Aí, eu olhei para a cara dele, nunca falei com a criatura, aí, olhei pra cara dele, assim... Aí, ele saiu de perto. (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).*

O: *[...] uma amiga minha, que era até enfermeira, virou e falou assim: “[NOME], eu até não quis botar fogo na fonalha, mas eu coleí toda [A PROVA] de você...”*

E: Eita!

O: *Aí, eu falei assim: “Mas, como?” Ela sentava do meu lado, então a prova dela deve ter sido [COR], nem [COR]. Tipo, eu, [COR], ela, [COR] e a outra, [COR]: “Aí eu olhava lá a tua questão. Aí, você, a tua questão 1, eu olhava assim, botava aquele olho [RISOS], aí, a minha era a 20ª. Aí, eu ia lá pra 20ª e marcava o que você...”. Ela tirou 80 e poucos.*

E: Ela foi esperta. [RISOS]

O: *Ela foi esperta! Ela tirou 80 e pouco! Mas, eu não quis falar nada que eu fiquei até com medo...* (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).

O: [...] Já houve uma flexibilização. Nesse contexto, meu marido, apesar de ter entrado no mesmo ano que eu, era um posto acima de mim, ou seja, ele era [ANOS] à minha frente, porque para chegar a [PATENTE], eu teria que ficar [ANOS] como [PATENTE]. O que que isso implicou? A vida inteira, minha carreira inteira ele foi mais antigo que eu, por conta desse início. Lá em [ANO], fizeram a reestruturação de Corpos e Quadros e, finalmente, entenderam que as mulheres deram certo e que não havia por que ter esse receio de manter segregação e começou a vir problemas! Porque [...], **a gente fazia, exatamente, as mesmas coisas, do que os homens** [GRIFO MEU] [...] etc. Não fazia sentido mais haver essa diferenciação! Os dois [PROFISSIONAIS] fazendo a mesma coisa e um tem uma carreira X e outro tem carreira Y. Isso foi reestruturado em [ANO]. (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).

O: *É... eu queria comentar um negócio* [RISOS] [GRAVAÇÃO INTERROMPIDA A PEDIDO DA ENTREVISTADA] *Em [ANO] eu vim transferida [...], cheguei na unidade, não fu muito bem recebida, Comandante falou: “Ah, fica aí, em qualquer lugar!”. Teve um [PATENTE] lá, na época, acho que ficou com pena de mim e falou: “Não, fica aqui [RISOS] na minha sala! Acha uma mesa pra você sentar”. Sentei numa mesa que não tinha nem um computador, e eu fiquei, sei lá, das 9h da manhã até 4h da tarde sentada nessa mesa, todo mundo entrava, ficava me olhando, eu, super incomodada, porque em [ESTADO], eu trabalhava pra caramba. Nunca fugi de trabalho! [...] Aí, no dia seguinte, teve uma formatura, tinha uma mulher que era [PATENTE], que, acho, que era o máximo que elas chegavam, né, das primeiras, [...] Aí, depois da formatura, eu fui falar com ela: “Poxa, [PATENTE], a senhora não tá precisando de ajuda lá, não? Porque eu tô aqui, o Comandante não me definiu pra fazer nada... Eu não quero ficar aqui à toa. Eu gosto de trabalhar! Se a senhora precisar de um [FUNÇÃO]”. E ela: “Lógico! Vamos pra lá!” Aí, me arrumou uma sala, com uma mesa, com computador, aí, eu comecei a montar as [ATIVIDADES]. Isso, começou a bater na mão do Comandante. Aí, um dia, ele chamou nós duas na sala dele, tipo, duas semanas depois. [...] Só que ele começou a perceber a qualidade das coisas que tavam indo pra ele assinar, ele: “Ué, o que que tá acontecendo?” Aí, chamou nós duas na sala. Aí, ele foi e perguntou o que que eu tava fazendo lá. Aí que falei: “Ó, quando eu cheguei aqui o senhor não me deu função, eu perguntei se ela tava precisando de ajuda, ela tava, ela me deu uma sala, me deu computador e me deu trabalho! Tô trabalhando lá!” Aí, ele: “Não, mas não pode ser assim!”. Ela: “Pode sim, ué! Você não queria ela aqui, eu aceitei! Ela vai trabalhar lá comigo!”*

E: E ela era...

O: [PATENTE].

E: E ele?

O: [PATENTE]

E: Ela era mais que ele?

O: *Era menos! Mas, ela era braba!* [RISOS] *Mas, ela meio que bateu de frente com ele, ali, na reunião. Acho que eles já tavam tendo algum tipo de problema. Acabou que eu fiquei acumulando [...]. Ele viu que eu trabalhava e que tinha qualidade o que eu fazia, né! Enfim, foi uma época difícil. Depois, até, ele me aceitou bem... não sei se era porque eu era mulher, **esse [PATENTE] era mais antigo, não trabalhou, não se formou junto com mulheres na [ESCOLA]** [GRIFO MEU] ou se eram outras questões, né. [...]*



*Lá em [ESTADO], ralei pra caramba! [...] Aí, eu chego numa unidade nova, sou tratada assim, foi bem impactante pra mim! Até me arrependi de ter saído de [ESTADO]... (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).*

E: E dessas [OFICIALAS] que tavam contigo, alguma saiu? Não?

*O: Não. Da turma de baixo sim, uma saiu. Eu até fui conversar com ela né, ninguém me pediu pra ir, eu fui voluntariamente. Eu falei: “Poxa, mas por que você tá indo embora? Você lutou pra tá aqui..., todo mundo né?” Aí ela: “Ah, porque eu quero casar!”, aí, eu falei: “Tá, mas, você vai casar! Só faz a sua faculdade! Quando terminar, você pode casar!”, ela falou: “Ah, não, mas meu esposo já viveu isso aqui, já fez [...] também, eu já viajei os países que eu queria com ele e agora, não quero esperar [ANOS] pra casar!”*

E: Ele era da mesma Força?

*O: Ele era. E aí, ela foi embora. Eu falei: “Mas, aí, você tá tirando a vaga de alguém!”, que ela desistiu logo na semana seguinte que terminou a adaptação e não podia mais chamar quem tava na reserva. Eu falei: “Poxa! Mas, você tirou a vaga de alguém. Ela: “Não, eu não tirei a vaga de ninguém. Se eu estava ali naquela vaga, eu estudei pra aquela vaga, então, eu não tirei a vaga de ninguém!”. Assim, ela bem resistente. Tudo que eu falava, fiquei quase uma hora conversando com ela, mas, ela quis ir embora mesmo assim, porque queria casar.*

E: E casou?

*O: Nem sei! Ninguém mais acompanhou ela na verdade, mas... Ninguém sabe também. Ela só falou que ele fez [...] também e ela já tinha viajado os países que ela queria e não queria esperar mais. Aí eu falei: “Mas...” aí ela: “Ah, eu vou voltar fazer o que eu fazia e é isso!” Ela não quis. (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

*O: [...] Começam a falar sobre isso, mais ou menos, quando você vai a [PATENTE], quando você é promovido [...] é quando você começa a sondar do seu comprometimento. Por que é muito isso: qual o seu comprometimento? O quanto você está disposto a dar para seguir a carreira? Tem gente que não quer. Um dos problemas das mulheres é que muita mulher não quer. Aí, ficam: “Ah por que só tem uma? Por que que só tem duas?” [...]. Chegaram muito mais mulheres...Poderiam ter chegado muito mais mulheres com oportunidades até antes [...], dentro da turma [...] e depois [...] também, [...]! Várias mulheres poderiam ter chegado, mas não quiseram e você não pode obrigar ninguém a querer. É uma questão de “Ah, porque as mulheres não têm essa ambição?”, as mulheres não tem! É fato! Tem muito menos mulher com essa ambição que homem! É fato! Tem gente que quer, eu falo com algumas amigas minhas, Oficiais, e não querem! Uma que trabalhava com [NOME], ela nunca quis! Nunca quis! Ela falava assim: “Ah não! Quero completar meu tempo, 30 anos...” agora mais, mas, na época, 30 anos, “eu quero ir para casa, eu vou cuidar dos meus filhos, eu vou viajar, eu vou fazer não sei o que...”. Quem poderia ser promovida! “Vou cuidar dos meus pais, meus pais já tão velhinhos...” Não quer! (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

*O: Mas, houve desistências: duas das nossas colegas que entraram desistiram no decorrer do curso. [...]. (Oficiala da Força Quebec, com 1 filho).*

O: [...] algumas foram desligadas, parece que uma ou duas desistiram porque conseguiram um outro emprego, em multinacional. (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).

E: Você lembra de algum caso de ter que chamar atenção alguma mulher subordinada sua por qualquer coisa? “Ah, olha só, seu cabelo, olha seu sapato sujo, olha sua unha...”

O: Normalmente, eu falo geral! Isso é normal a gente falar: “Olha, gente, temos que ter cuidado com uniforme, com cabelo, tem gente que tá com cabelo grande...” Eu não falava: “Ah, você tá com cabelo grande...” ou chamar pessoalmente, não! Eu dava geral! Eu reunia, no alojamento, as meninas, eu era a mais antiga, então, eu falava pra todo mundo, não, especificamente, pra alguém ou aquela que eu percebia.

E: Mas, isso só para as meninas?

O: Só para as meninas! Por quê? Porque você tem que orientar todo mundo! Não adianta você falar só para uma e a outra ou fica com raiva de você... então, é geral! Porque, aí, você já alerta outras que até andam certinhas, mas se tiver uma se escorregando que a outra tá..., então, você já fala para todo mundo. Alerta todo mundo! Isso aí, é normal! [...] (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).

E: [...]. É porque, assim, a gente fala de um lugar tão masculino que ensina, na verdade, esses jovens homens a tarefa tidas como femininas: limpar, lavar, organizar, respeitar, né [...] Ele vai ser chamado atenção. Ele não pode mexer com uma mulher dentro do ambiente militar, mas na rua ele mexe! Então, ele tem que entrar em [FORÇA] pra entender que não pode mexer com mulher. É meio incoerente né! Mas, enfim, é só alguns *insights* que eu tô tendo à medida que eu tô estudando [...]

O: Exatamente! [RISOS]. Pra se virar sozinho, porque a verdade é essa. Muitos vem de longe, não tem família na cidade, então, ele precisa saber fazer o mínimo né, que a gente parece que já cresce sabendo isso, ele precisa saber limpar, arrumar uma casa, se virar sozinho. (Oficiala da Força Quebec, sem filhos).

O: [...] Já chamei atenção de um militar, na época, porque ele tava atendendo ao público e, eu acho, que ele meio que jogou uma paquera para a mulher de um militar. E esse militar, ele deu parte [...] e veio um ofício [...] cobrando da OM uma posição. Quando chegou, um monte de homem né!: “Ah, que nada! Veio essa mulher... vai ver que o cara nem falou nada, deve ser um bagulho!” Aquela coisa de homem, né? Sabe como é! Na época, eu me lembro que eu era [PATENTE], era novinha. Aí, eu virei e achei que não queriam muito punir o cara, não... ah, dá um jeitinho, ou dar uma puniçãozinha bem brandinha pra dizer que..., ou chamou a atenção, ou admoestou, sei lá... aí, eu virei, tava tendo café da manhã, eu virei e falei assim: “É, Comandante, mas, hoje esse [PATENTE] desrespeita a mulher do [PATENTE], talvez até porque o [PATENTE] seja mais moderno, ele achou que, de repente, não teria uma atitude da parte do militar contra ele por ser mais moderno. Mas, amanhã, pode ser a sua filha ou a sua esposa que vem aqui se identificar e a pessoa vai e desrespeita”. Quando eu falei isso...

E: Caiu a ficha...

O: “É verdade!” Caiu a ficha! Porque as pessoas não se colocam no lugar das outras. E isso, eu falei, era [PATENTE]! O homem já era [PATENTE]! Na época, até [...], diretor da OM. E ele foi e deu 3 dias de prisão simples para o cara. [...] No alojamento, se não tiver alojamento na OM, fica no distrito, no

*distrito tem... E aí, ele puniu! E aí, mandou ofício com resposta que o [PATENTE] foi punido por 3 dias... mas, não queria! No fundo, fundo, ele ia dar uma de que... admoestou o cara... Mas, eu falei isso! Depois que eu falei isso... “Nossa! Que eu sou mulher, também! Aquilo era um desrespeito!” Eu acho que era um desrespeito para comigo e para com as outras mulheres, que tinha uma outra Oficial lá. E atendimento ao público? Dentro de uma casa militar? Cê tem que... Poxa! **Se lá fora, a gente já tem que ter respeito, qualquer órgão público, imagina uma casa militar!** [GRIFO MEU]. Essas coisas, eu nunca abri mão! E nunca me calei! E, graças a D’us, nunca me prejudiquei, também! Porque o Diretor poderia até ficar com raiva de mim: “Essa menina aí, novinha, chegou ontem na [FORÇA] e já está querendo...” né! [...] Mas, graças a D’us, eu acho que foi até bom! Que eu alertei as pessoas: “Olha, tem que ter princípios, né! Tem que respeitar a mulher dos outros. Essas coisas que aconteceram, foi facilmente resolvido. Porque sempre tem uma coisa que desagrada, mas nada que a gente não tenha conseguido resolver. (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

E: [...] O meio militar fala muito sobre o ethos guerreiro, a coragem, a virilidade, a masculinidade, mas ele prepara o homem para ser, tipo, um ser humano, entendeu? Tu entra numa Academia pra respeitar uma mulher.

O: [...] Parece que o homem, no geral, não tá preparado né, que o homem não... parece que ele não é criado pra isso. Aí, pra organizar, aí, cada vez que, e, assim, é a rotina deles, eles acordam mais cedo pra poder fazer a faxina. Chegou o superior pra vistoriar, não tá direito? Ele é torrado, ele tá preso final de semana, não vai pra casa, vai ficar lá fazendo as mesmas coisas que ele fez durante a semana toda, entendeu? [RISOS] [...] Ele realmente a toalha tem que tá alinhada no varal se não também perde ponto, é tudo muito assim o nível de exigência é máximo. (Oficiala da Força Quebec, sem filhos).

O: [...] Eu já vinha de uma formação de freiras alemãs, aí pra mim não foi nenhum problema. O único problema era ter que arrumar a cama, aquela cama enfileiradinha né ...] no alojamento [...], aí, você tinha que arrumar aquela cama, aquele perfeccionismo todo. Tá! (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).

Pode-se ver nas narrativas, que as militares seguem à risca a hierarquia e o profissionalismo que qualquer outro militar deve seguir. O que se aprendeu nas Academias, para as que passaram por elas, foi apreendido e levado a sério, sendo colocado em prática por elas. Porém, alguns militares se utilizam de meios informais para exercerem suas posições, colocando o profissionalismo das mulheres em questionamento a todo o instante. Vale ressaltar que aqueles militares que apoiavam as mulheres em situações de conflitos são, até hoje, lembrados por elas, já que fizeram a diferença em suas trajetórias profissionais. Não percebi em nenhuma fala informal de homens sobre mulheres bem preparadas e capacitadas para atuarem na caserna; apenas sobre suas aparências físicas e com quem elas eram casadas, namoravam ou qualquer outro comentário sobre suas vidas pessoais.

Entretanto, muitos homens se utilizam das diferenças entre os gêneros para explicar os motivos aparentes de não termos mais mulheres em postos estratégicos ou de maior *status*, de verdade. Pode-se ver que em nada os sexos interferem nas atividades laborais citadas acima. A meu ver, o fato de o Chefe chorar, conforme grifei, demonstra sobre a questão das emoções, as quais ocorrem com todos os seres humanos, mostrando que a fragilidade não está no sexo feminino.

Ao contrário, quando o oficial se sentiu pressionado pela oficiala, ele recorreu a um meio emotivo na tentativa de amenizar a situação, algo, que sempre é colocado quando há mulheres nos ambientes laborais, especialmente nas FA. Inversamente a esta situação, quando uma outra oficiala se viu em uma situação de caos psicológico, a mesma aplicou seus ensinamentos militares e conteve suas emoções, mostrando o que é ser uma profissional militar. Para os homens militares, as mulheres choram e se abalam facilmente com as adversidades, o que foi desmentido nas falas trazidas.

Na situação em que o chefe chorou, caso a oficiala tivesse acreditado em suas palavras e deixasse para ele “resolver”, percebe-se que ele não o faria, pois, ela estava no local de trabalho no momento do jogo e ele, não. Ou seja, a arrumação de camas e organização de um evento caberia às mulheres e não aos homens daquela missão de fazer a atividade. Porém, como trouxe a oficiala, quem deveria estar escalada, que era um outra mulher, sequer foi citada por ele no conflito, o que me levou a crer que além de as mulheres sofrerem com algumas quebras de regulamentos de suas autoridades e colegas homens, algumas mulheres também se aproveitam de situações de privilégio para se beneficiarem.

Sobre este assunto de executar o trabalho voltado ao cuidado, entretanto, percebi, na fala de uma oficiala, a quebra de tal expectativa, mostrando que nem todas tinham o costume de arrumar seus pertences pessoais, aprendendo tais ações em colégio interno e, depois, na Força escolhida. Assim, a noção de que toda a mulher sabe lidar com os afazeres domésticos deve ser rejeitada.

Além disso, vê-se em falas diversas das oficialas que, mesmo já havendo interação entre homens e mulheres, apenas os grupos femininos eram colocadas para serem testadas sobre seus sentimentos, onde pedidos para ninguém chorar eram demandados aos gritos. As mulheres canalizavam seus sentimentos para outros, a fim de não serem taxadas como frágeis, já que receberam um treinamento militar que deve prepara-las para situações adversas, os quais podem vir de uma hora para outra. Isso demonstra que as militares absorvem tudo o que lhes é passado como tática

militar e se adequam aos ambientes, conforme é pedido a um soldado profissional, conforme Janowitz (1967), sendo preparadas como uma elite militar, de fato.

Tais falas chocam-se com as atitudes masculinas nas Forças, onde os homens partiam para seu desequilíbrios emocionais - com choros, gritos e uso de sua autoridade superior hierárquica - a todo o instante a fim de amedrontar tais mulheres. Logo, percebe-se que as mulheres são muito bem treinadas e que seus profissionalismos não são abalados por quaisquer situações.

Ortega y Gasset (2016) categorizou um novo homem- massa: o “homem vulgar” (p. 173), onde o mesmo possui uma visão radical de que a vida é fácil, sem limitações trágicas, em que cada indivíduo médio possui, em si mesmo, uma sensação de domínio e de triunfo. Tal sensação lhe sugere que seu depósito moral e intelectual é bom e completo por si só, o que lhe permite não ouvir nem contar com aqueles que lhe rodeiam e não colocar suas opiniões próprias em questão, exercendo, constantemente, um certo predomínio. Desta forma, o “homem vulgar” age apenas como se ele e seus congêneres existissem, intervindo em tudo com sua opinião vulgar (p. 174, grifo original) “sem considerações, contemplações, trâmites nem reservas, quer dizer, segundo um regime de ‘ação direta’”. A meu ver, conforme as narrativas das oficiais, muitos militares atuam dentro da referida categorização.

Vê-se que é bastante comum os militares desrespeitarem as próprias colegas. Em algumas falas, as oficiais se colocam em posição de liderança no sentido de apontar as falhas de seus subordinados de forma mais assertiva, chamando para conversas no intuito de mostrar onde estão ocorrendo os erros: uma oficiala fez questão de avaliar um militar juntamente que havia dormido em serviço, mostrando que, mesmo assim, ela entendia que ele tinha qualidades profissionais. Entretanto, na fala de outra oficiala, foi perceptível que seu chefe tentou desmerecer seu trabalho e dar uma nota não tão boa na avaliação que ocorre entre os militares, na tentativa de prejudica-la profissionalmente.

Lopes (2018, p. 51) cita narrativas semelhantes à da oficiala por mim entrevistada que ficou um dia todo sem fazer nada, ao chegar em sua unidade laboral: “Os primeiros dias no Hospital Naval Marcílio Dias foram os piores de minha vida marinheira. Ficamos formadas nos corredores ou sentadas no auditório sem nada para fazer. Na semana seguinte, fomos encaminhadas aos nossos setores [...]”.

Vê-se, ainda, como as mulheres militares levam a sério seus compromissos pessoais e profissionais, sempre com a preocupação de executar bem as tarefas,

separando de suas vidas pessoais, já que muitas casaram-se com colegas de Força. Entretanto, nas falas das oficiais, vê-se que os homens não se preocupam tanto assim, a ponto de oficiais de alta patente serem surpreendidos com uma meretriz ou chegando em festas de militares com duas mulheres. Deixo, dessa forma, uma pergunta em aberto: se fosse uma militar em processo de ascensão na carreira que fosse conhecida por suas aventuras amorosas, a mesma chegaria ao generalato? E se fosse uma mais antiga, seria cotada para o mais alto posto?

Rose (2022) traz à cena discussões do Generalato e de Diplomatas dos Estados Unidos e do Reino Unido nos bordéis em Casablanca, no Marrocos, onde debatiam sobre o “*Le Jour J*”, podendo nos levar a pensar que a prática de promiscuidade é tolerada pelas FA, quando parte de um homem. Além da autora, Purnell (2021) também relata a figura de prostitutas nos movimentos em apoio aos *partisans* na França contra os nazistas, de forma naturalizada pelos militares homens. Trago desta forma não por ser contra as prostitutas, mas por haver um discurso de que os militares são casados e que a “Família Militar” existe por causa de suas esposas. Neste aspecto, prefiro deixar em aberto para que os leitores tirem suas próprias conclusões.

Percebe-se, nas falas, que há uma certa varredura nas vidas dos e das jovens oficiais, a fim de verificar se está de acordo com as moralidades que determinada Força prega. Entretanto, viu-se que esta varredura pode ser bem específica, na tentativa de vasculhar mais determinados corpos que outros, já que o oficial com a prostituta não passou por este crivo nem os jovens oficiais com seus relacionamentos externos, com filhos e casamentos sem a permissão da Força, a fim de não perderem as oportunidades laborais.

Percebi que as mulheres me pareceram entender que se trata, muitas vezes, sobre desigualdades de gênero, mas, por não querer polemizar sobre o assunto - haja vista que ele é visto como uma pauta progressista e entendida como contrária às questões militarizadas - acabam justificando a não presença de mulheres em postos mais altos e os motivos de serem preteridas: o homem sempre é mais bem preparado, dentro da visão institucional, mesmo estando em pés de igualdade na hierarquia e pertencendo ao mesmo Quadro ou Corpo que uma mulher.

As falas acima demonstram que as militares sabiam que poderiam ter sido as escolhidas para ascenderem, mas, acreditam que, ainda, lhes falta preparo profissional ou que a Força deve priorizar aquilo que lhe convém. Como se viu, as

militares estão sempre mais bem preparadas e mais bem atualizadas, formalmente falando, para ocuparem os postos que elas percebem que há possibilidades. Apenas uma única fala desmerece a luta da desbravadoras, que, ao chegarem nas Forças, passaram a identificar problemas de ascensão e de direitos na carreira, beneficiando a todos, inclusive, aos homens, bem como mudanças nas leis para equiparar os direitos de militares mulheres aos dos homens.

Em relação ao casamentos e a ter filhos, vê-se que há regras, mas, que se demonstra que quem segue o regulamento são as mulheres devido o fator biológico ser aparente. Acredito, pelas falas dadas, que nenhum homem em idade fértil é questionado ou investigado se ele está casado ou possui filhos antes de o prazo previsto em documentos oficiais permitirem, o que demonstra mais uma quebra de regras militares acirrando as desigualdades em função da dos gêneros, no sentido formal.

Viu-se, porém, que a mulher que decide não seguir a carreira militar e escolhe outros caminhos, como cuidar de seus afetos, não é bem vista por outras militares, sendo categorizada como uma “mulher sem ambição”. Porém, o casamento entre os e as militares era bem-visto por tais mulheres, sendo algumas das entrevistadas casadas com homens das FA. De certa forma, há, também, a estereotipagem da mulher moderna, a qual deve trabalhar, cuidar dos afetos e dar conta de tudo sem reclamar, já que as que estiveram antes precisaram lutar para que hoje tivessem direitos à escolha.

Porém, a meu ver, a percepção que tive é que recai às mulheres os cuidados da maternidade e do casamento também dentro da caserna, não afastando as “sem ambição” das “com ambição”. Em ambos os casos, o homem militar estará ausente da criação dos filhos por conta de sua carreira, enquanto as mulheres militares terão que conciliá-la, podendo perder ascensões aos postos hierárquicos caso ocorra uma gravidez no momento não esperado. Trago esta passagem de DeMille (1992) que pode auxiliar na compreensão sobre as mulheres que abandonaram a carreira militar para fazer sua carreira no casamento (p. 236, grifos originais):

[...] a senhora Campbell [...] escolheu ceder ao marido em termos da carreira dele, a seus diversos postos pelo mundo, inclusive aqueles em que ela não podia acompanhá-lo, e em termos de receber pessoas que podiam acompanhá-lo, e em termos de receber pessoas que pessoalmente podiam não interessá-la, este tipo de coisa. Uso o termo “escolheu” porque é no que

se resume – numa escolha. A senhora Campbell é da velha escola, e tendo estabelecido um compromisso com o casamento, ela o sustentará, [...] Não se queixava, não se lamentava [...]

Percebe-se que o *between* (LIU, 2021) está sempre presente na vida das profissionais, não sendo elas apenas militares em seu cotidiano, mas, mães, esposas, mulher e outras categorias sociais. Por estarem em uma delas mais fortemente em determinadas situação não significa que outras atuações não estão ocorrendo de forma mais branda. Nas narrativas das entrevistadas, as mesmas estavam em seus múltiplos papéis sociais, inclusive, agindo como um corpo político em prol de seus direitos dentro da carreira.

Nas narrativas informais dos homens, o discurso “sou militar” era presente e suas ausências em outras posições me foram perceptíveis, como na questão familiar, conforme situações colocadas no capítulo três: os homens reclamaram que não puderam acompanhar os seus filhos pequenos e seus desenvolvimentos por conta de transferências e cursos, já que viajam solitários a fim de ascenderem na carreira. As mulheres, ao contrário, levavam em conta seus relacionamentos, incluindo esposo e filhos em suas vidas, sem deixar as carreiras de lado e visando suas ascensões, também (ROSE, 2020, p. 94):

O *corps féminin* nunca estavam apenas a trabalho; elas mantinham uma identidade como mães, irmãs, namoradas, esposas – ou ex- esposas – mesmo atrás das linhas inimigas. O Escritório havia reconhecido essa características femininas como vantagens na arte clandestina em 1942; [...]

Viu-se que, por aqui, assim como Lemmon (2018) falou sobre as militares do CST e Armeni (2019) sobre as *Nachhexen*, as mulheres também demonstram um espírito de corpo e uma liderança que impressiona e surpreende os homens, conforme uma oficiala comentou: “[...] *eu até brinco... acho, realmente, que os homens não conhecem realmente as mulheres!*”

Ainda, conforme as autoras, as mulheres nunca deixavam uma companhia para trás, demonstrando tudo o que aprenderam sobre o espírito de corpo, assim, como viu-se nas narrativas das entrevistadas, onde as militares se ajudavam para que uma não fosse prejudicada por seu superior. E nessa ajuda, em alguns momentos, viu-se que alguns militares tinham ciência sobre as desigualdades entre os gêneros



que estavam ocorrendo com as desbravadoras, a ponto de precisarem intervir em alterações de conceitos e mesmo, de desrespeito à honra de algumas delas.

Percebeu-se que as militares brasileiras executam suas autoridades na base do respeito e dos princípios hierárquicos esperados pelas Forças, dentro do que ocorre nos treinamentos. Através de escutas eficientes e ações envolvendo o espírito de corpo, as militares, aos poucos, iam ganhando o respeito de seus colegas masculinos.

Apesar de as entrevistadas não terem passado por nenhuma situação sobre o assunto “menstruação”, as mesmas relataram ocorridos com colegas, onde, rapidamente, eram sanados, umas auxiliando as outras:

*O: Não. Nunca tive problema com isso. Talvez alguém que tenha aquela “coooooisa” de menstruar desesperadamente. Eu nunca tive esse problema. [...] (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

*O: A questão do uniforme né. O principal que eu vejo, assim, em relação ao uniforme e a menstruação [...] Em termos de uniforme, a gente normalmente tem dois uniformes [COR], por quê? Se acontecer de sujar um, da gente já correr e trocar pra colocar o outro.*

*E: E já aconteceu, tu já viu?*

*O: Já, já aconteceu, mas, nenhuma situação que algum homem tenha percebido. Normalmente uma menina que avisa a outra ali, aí já, rápido já... [...] (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

*E: E em relação a menstruação? Tinha problemas assim, [...]*

*O: Ahã! Eu, assim, graças a D'us, eu nunca tive! Mas, teve gente que já passou vergonha, sim.*

*E: É! Por quê?*

*O: Tinha que sair, “fulana...” [...] Eu nunca passei vergonha, porque a minha menstruação, além dela ser certinha, ela só ficava aqueles dias, não era aquela coisa “ãããã”, eu nunca tive cólica, era como se eu estivesse normal, só que... Graças a D'us, nunca passei vergonha! Mas, eu tinha colegas que vazavam demais!*

*E: E mancha se você não limpar na hora!*

*O: Mancha! E, aí, a gente até para levar a pessoa: “Fulana, olha só, a tua saia está suja!” “Ah, mas eu não tenho! Você tem lá?” “Eu tenho lá uma saia, [...]” Eu até podia emprestar porque a gente tinha os nossos armários, [...] Não tem como! A gente ia sabe como? Ficava uma atrás da outra, botava, tipo, um casaco “Bota um casaco aí”, vai tampar, não sei o que, a gente ia e dava um jeito. Mas, já teve! [...] E tinha uma [GRADUAÇÃO] até, que ela sofria muito com cólica. Imagina você ter que trabalhar com cólica! Ela tinha que sair pro cantinho, no alojamento. e botar aquelas bolsas de coisa quentinha para poder melhorar que era, assim, um mal-estar incrível. [...] É, e ela sofria*

*sempre com isso! Eu, graças a D'us, nunca passei vergonha! Aleluia! [...]*  
(Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).

*O: E aí o que acontece? Eles não estavam acostumados, por exemplo, com a mulher menstruar. Foi um embate. De repente, marchando e tal, a menina menstruou, uma coleguinha. E ela não sabia o que fazia, aquilo já escorria perna abaixo e...*

E: Calça ou saia?

*O: Nós estávamos nesse dia de saia [...]. Imagina essa menina, que menstruou na fila, tipo assim, eu saí de forma e ele [INSTRUTOR] me dando esporro né: “Aaaah”, eu falei: Olha! Ela está menstruada! Sangue perna abaixo!”.*

E: E era o que, era treinamento?

*O: Era um tal do treinamento pra ir pro 7 de setembro.*

E: E tinha todo o nervosismo né, “A primeira coisa que a gente vai fazer...”

*O: É, exatamente!. Olha a situação que a pessoa não, não..., a situação que a menina não ficava! Poxa! Toda menstruada!*

E: Ela chegou a comentar, [NOME], ou vocês viram?

*O: Não, a gente viu e ela não sabia o que fazer: se saía de forma ou não. Ela ficou apavorada! Era uma pessoa baixinha, nós conseguimos ver porque as testas né, são as mais altas e quem vem mais na rabeira são as mais baixinhas. Ela era muito baixinha e a gente identificou e viu que ela, inclusive, tava com dor, não sabia o que fazia, olha a situação! A situação foi ruim! Bem ruim mermo! E o cara, toda hora, implicava com ela: “Acerta o passo, fulana! Acerta o passo” e ela não conseguia acertar o passo! Porque tem uma maneira de acertar o passo se deslocando, que a pessoa, praticamente, faz assim né, pra acertar mesmo, o direita- esquerda ou esquerda- direita e tal e ela, uma vez, coitada, quase se enrolou foi nas pernas. Na hora de acertar o passo, se deslocando né, ela muito baixinha... Então, são coisas que nem eles estavam preparados.*

E: E como é que terminou essa situação?

*O: Terminou de que ela saiu de forma é, e foi pro vestiário. Providenciar e tudo. Não voltou por quê? Foi pro posto médico! Nós tínhamos lá um posto médico. Ela estava com cólicas, talvez, até mais por nervoso e aí, ela ficou no alojamento. (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).*

Ao falar de um ambiente profissional onde há mulheres, esse é um assunto que acaba por incomodar, haja vista que a sociedade não aceita como normal esse período mensal feminino. É importante lembrar que, no mundo militar, para evitar que entrem mulheres, além da alegação de não conseguirem carregar muito peso e de serem emocionalmente instáveis, existe, também, o discurso sobre as situações por estarem menstruadas. Nos EUA, a justificativa para não terem mulheres na Infantaria seria por conta de a menstruação atrair ursos em florestas. As militares do CST

estadunidense passaram por esta situação durante o treinamento para irem ao Afeganistão, levando tudo em tom de brincadeira, mas uma ajudando a outra (LEMMON, 2018, p. 94):

[...] E, então, ela olhou para baixo e viu que sua calça estava ensopada de sangue da cintura aos joelhos. Rigby teve uma sacudida de pânico [...] Estava em campo há mais de doze horas e de algum modo não percebera que sua menstruação começara horas antes. [...] -Tenho que cuidar desse negócio! - gritou ela. – Volto num instante... [...] -Os ursos vão ter um dia de festa! – gritou Kate para as companheiras de equipe. [...] O treinador estava a seis metros das mulheres e assistiu a tudo sem dizer uma palavra. Os olhos dele se arregalaram, [...] mas ele ficou ali simplesmente assistindo enquanto as mulheres se organizavam como se nada tivesse acontecido e em seguida prosseguiram com a tarefa.

Para Strömquist (2018), a palavra polinésia *tuapuá*, que significa menstruação, pode ter originado a palavra “tabu”, forma que o ciclo menstrual é tratado em diversas sociedades. Entretanto, a autora salienta que em períodos os quais dependiam da mão-de-obra feminina, como as guerras, a discussão sobre esse “tabu” diminuía, retornando, após o fim das batalhas, quando desejavam que as mulheres voltassem para suas vidas de donas de casa.

Além disso, a autora cita que havia a contrariedade de mulheres cursarem as universidades, pois seu cérebro gastariam todo o sangue corporal que deveria ser usado para a menstruação. Logo, para o ingresso das mulheres nas FA brasileiras me parece que não houve o pensamento de que mulheres menstruam, haja vista que nenhuma delas relatou apoio para se sentir mais confortável, seja com palavras de seus superiores ou com um uniforme em uma cor que não favorecesse o surgimento de marcas de sangue.

No que diz respeito aos uniformes, as mulheres da Terceira, da Quarta e da Quinta Geração parecem concordar que as roupas não foram pensadas para os corpos femininos, mas, que alguma mudança ocorreu, a partir de suas reivindicações:

*O: Por exemplo: a nossa formatura, [...] foi de saia, só que a gente teve que adaptar a formatura porque a gente, nós somos pequenas né, a maioria da minha turma é pequena, uma ou outra que é alta e a gente não conseguia, por conta da saia, abrir a passada e chegar junto com todo mundo da minha turma, então, a gente teve que adaptar a formatura.*

E: Abrir a passada é o caminhar mesmo?

O: O caminhar. A gente teve que adaptar: os mais altos davam passo menor deles pra gente poder acompanhar, então, a gente teve que adaptar a formatura inteira por conta da gente.

E: Vocês tiveram que se arranjar?

O: A gente teve que se arranjar e aí, [...] a gente fez solicitação[...] Je já foi de calça e aí, é até hoje, e não precisou de nada disso! Então assim, só que tem coisa que eles falam: “Ah, por que que ta mudando por causa de vocês?” (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).

E: Quem levantou essa bandeira de mudar o uniforme?

O: Pra [COR]? Olha, foram tanto homens como mulheres! Que eles não gostavam daquele [COR], não. [RISOS]. Ficou bem melhor! [...] Mesmo porque, quando a gente viu a [FORÇA], o uniforme da [FORÇA]: “Olha! Nossa! Como eu gostaria de tá com aquele uniforme!” E eu, toda de [COR], né? [...] Muito feliz aquele uniforme da [FORÇA]! Coisa linda! Desde o casquete<sup>89</sup>! Bonitinho, né! O nosso era um modelo francês! Aquele quepe... você vê, né! Ali, eu, de [COR], quepe francês, veio da França! Lá do Charles de Gaulle [RISOS]. A polícia francesa. Que a gente copiou muito da França o nosso uniforme, né! Copiou muito da França. [...]. Eles iam muito pra França! Pra receber treinamento, os Oficiais franceses, pra Gendarmerie, francesa, vinham deram muito apoio [...]. Então, aquele quepe antigo, modelo lá da França. Aí, veio a [FORÇA], com aquele quepe lindo, né! Disse: “Ah, depois que a gente viu aquele uniforme chique, lindo, maravilhoso... Eu não quero ficar [COR] não!” [RISOS] Aí, tanto homens como mulheres, né, mudaram! Aí, mudou todo mundo! Hoje, é, até, [COR]. [...] (Oficiala da Força Golf, sem filhos).

E: E vocês usavam calças, na época? Todo mundo de calça? Mulheres, de saia?

O: [RISOS] Tudo de saia! Depois, começou com calça.

E: A primeira turma é saia e cabelo cortado, é isso?

O: Era mais saia e cabelo cortado. Depois, a gente mostrou que, dentro do [LOCAL], por exemplo, para você fazer algumas atividades, a saia além de atrapalhar, fica muito mais visível qualquer situação, entendeu! Que a calça compunha melhor!

E: E era saia? Não era saia calça? Se tiver que correr de saia...

O: Era saia! Imagina, que confusão! Se assalta? Negócio... Porque quem fez, de uma certa maneira, quem fez os nossos uniformes, ali, foi uma pessoa com a cabeça de “vamos seduzir as mulheres pela beleza do uniforme!”, né! Ou seja, um bem machista mesmo! [RISOS] E aí, foi [...], mulheres belíssimas, lógico, modelos, magérrimas, lindas! Aqueles “cabides” que tudo fica bem? Né! E a brasileira não é assim! A brasileira é cheia de curvas! Isso é outra coisa muito interessante... Você precisava ver quando chegaram os uniformes para a gente botar, nada cabia na gente...

E: A saia?

---

<sup>89</sup> Outro nome para a cobertura.

O: *Tudo! O botão saltando...* (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).

E: Era saia-calça? Era saia?

O: *Não! Era saia!*

E: Saia lápis? E como é que caminhava?

O: *Tinha que ter cuidado! Porque, se abria muito, aparecia as coxa, assim... Eu tinha o maior cuidado! Eu botava até um ganchinho assim, por dentro...*

E: Mas tem abertura?

O: *Tinha! Na época, tinha!*

E: E sapatinho...

O: *O sapatinho? Era [COR]! Entendeu! E a bolsa, também, era [COR]. Era tudo bonitinho, entendeu! Mas, depois, mudaram tudo...*

E: Calça, você nunca usou?

O: *Eu usava, mas não gostava muito de calça, não! Nunca gostei de calça! E, agora, tão até usando! E, agora, fizeram uma calça que tem uns bolsos... Imagina a mulher que... eu acho que não fica legal! Botaram bolso nas calça, tipo calça de homem? Então, ficou tudo igual! Só muda a posição, porque de homem é para um lado e de mulher, pra outro. *Aí, que você descobre!* (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

E: Vocês tinham que estar sempre de saia?

O: *Não, eu usava calça direto. Era raro me ver de saia. Muito raro!*

E: Mas você poderia escolher?

O: *Pode. Isso é uma questão que os homens nunca... quando vocês usam saia ou calça? Mais ou menos, não é tão flexível assim. No dia a dia, o que você quiser, o que eu escolher, o que eu estiver com vontade de vestir naquele dia. No meu caso, eu só usava calça durante o trabalho normal.*

E: Calça [COR]?

O: *Não, calça [COR]. a gente trabalha de [COR]. Nas cerimônias, aí tem uma regazinha, por quê? Para manter uniformizado. Então, a regra, na marca é o seguinte: quem vai fazer a cerimônia diz qual é o uniforme. Se você diz qual é o uniforme, você vai dizer se é calça ou saia, só que ninguém nunca disse, então. [...] É mais social. É um evento que você não tem que subir escada, [...] As meninas, pessoal da OM não está usando calça, é saia. Se não é nem nesses dois casos, é saia. Então, isso para a cerimônia. Agora, vamos dizer assim, tem uma aula [...], eu posso usar saia ou posso usar calça. Cada um usa o que quer [...] A calça veio não sei quando, mas veio depois. Nem foi feito [...], aqueles uniformes horrorosos [RISOS], aquela coisa horrível. Eu gostava muito da calça, gostava demais da calça. Só não usava calça quando estava muito calor e o ar-condicionado da minha OM quebrava, aí, usava saia porque é mais fresco. O ar-condicionado está funcionando? É calça, não tem dúvida. Tinha uma aula [...], uma apresentação, uma reunião, era calça. Eu sempre fui de calça. Cerimônia, que é uma coisa que todo mundo fica mais formadinho, que a gente tentava padronizar, mas, a saia mesmo quando você usa, de qualquer maneira, os homens vão estar de calça, então nem é tão padronizado assim. Os EUA acabou com a saia, até onde eu sei. Alguns*

*uniformes acho que acabou com a saia ou, pelo menos, eles têm uma orientação de usar calça, porque eu fui em alguns eventos com Oficiais dos EUA e elas sempre usam calça. Não sei se é orientação, eu não sei se aboliram a saia. Abolir, não aboliram não, porque eu já vi foto de mulheres fardadas de saia. Não aboliram. Eu não sei qual critério. Acho que realmente padroniza. Ah, é mais social no prédio? Mas, tem os homens de calça, então não padroniza [...] (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

E: O maiô de vocês era transparente igual à primeira turma? [RISOS]

*O: Não. Nosso maiô já era preto. Já era, mas era um maiô horroroso de helanca. Depois mudaram, botaram um maiô de lycra. Eles realmente, tadinhos, o uniforme foi errado. Eu cheguei a botar aqueles shortinhos, só que o meu shortinho, [...], um shortinho que a gente fazia [TESTE], [COR], [...]. Sabe aquele calçãozinho que as meninas do vôlei feminino usam? Aquele calçãozinho... cara, era aquilo: um calçãozinho! [...] Mas, é aquele, não do vôlei de praia, do vôlei de praia é muito cavado. As meninas do vôlei feminino de quadra, não usam um short super curto? Era quase aquilo, [...] Eu peguei esse shortinho [COR], foi o primeiro ano [...] Camiseta branca de manga, depois veio a camiseta sem manga. Para a gente, tudo era diferente. E, pô, era quente! Depois, a gente adotou aquela camisa, que a dos homens é cavada no braço, é só diminuir a cava. Tanto aqui quanto aqui! Os homens tinham mais aberta aqui e mais cavada aqui para poder botar um top. Até chegarem nisso, eu peguei esse shortinho. Era um calçãozinho [COR]... triste. (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

*O: [...] Com relação a roupa que você falou, a gente sempre teve...o uniforme pra nós, ele já chegou com uma saia, uma meia calça, é...tinha variação da calça comprida [RISOS] , que era uma calça sem bolso, e a blusa muito parecida com a deles, porém, a blusa não tinha uma marcação aqui na frente que eles chamavam, aqui bem na altura do peito, assim, o bolso que tinha um “macho”, eles chamavam de “macho”, que é uma pence dupla...e o nosso bolso não tinha isso, era um bolso mais liso, uma camisa mais acinturada...mas, no início, os alfaiates que estavam acostumados a costurar para homem, tinham dificuldade de costurar pra mulher. Então, a nossa, a minha primeira farda ela foi feita como se fosse pra homem! A única coisa que eles respeitaram foram as minhas medidas! Mas, até o fecho dos botões era masculino! É porque eles não sabiam costurar pra... alfaiate costura só pra homem! Aí, depois, eles foram, pegando costureiras e... a gente usava essa farda, que era uma blusa [COR] e uma calça ou saia. A saia que sempre com meia calça tá? E o sapato é um sapato, um scarpin [COR]. Eu sempre usei salto alto! Nunca gostei de salto baixo! [RISOS] Apesar de ser militar e ter que usar uniformização, sempre preservei a minha vaidade. [...] (Oficiala da Força Quebec, com 1 filho).*

*O: [...] Por exemplo, um [GRADUAÇÃO] falou pra mim e pra outras meninas: “Ah, por que que você tá com a blusa por fora do short?” O short dos homens é diferente do short das mulheres em [FORÇA]. Atualmente, a gente é até autorizado a usar o short deles, sendo que só por cima do nosso. O nosso é coladinho e o deles é mais larguinho. Atualmente, a gente pode usar o nosso coladinho por baixo e por cima o deles, que é soltinho. Aí, o deles, eles usam com a blusa pra dentro e o nosso a gente usa com a blusa pra fora e sempre a orientação foi a blusa comprida pra cobrir a parte da frente e a parte de trás.*

E: Ah, então vocês são obrigadas a deixar do lado de fora?

*O: É! Justamente pra cobrir. Top e essa blusa branca por cima. [...]*

E: E blusa de vocês é cavada assim?

O: *Agora, a gente pode usar cavada, mas quando eu entrei, só podia manga.*

E: Mas, pra fora também?

O: *Isso, pra fora também.*

E: E o deles só pra?

O: *Só pra dentro.*

E: E o deles cavado? E pra dentro? Não precisa esconder o deles? [RISOS]

O: *É. Isso. (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

O: *Uma coisa, também, que foi uma transição boa pra gente: a questão de sapato, né. Na [FORÇA] americana, o sapato das mulheres é igual o sapato dos homens e a gente, na época [...], tinha uma Oficial americana, fazendo intercâmbio, [...] e aí, a gente fez um estudo né, sobre se a gente preferia que o nosso sapato fosse igual o dos homens ou se não e qual motivo e também pediram todos os nossos números e também fizeram um histórico né, de numeração e um estudo e subiram com esse estudo, né! E aí, atualmente, né, já tá autorizado, também, estamos num período de transição né, quem quiser ainda pode utilizar o sapato de salto. Mas, até daqui a [ANOS], vai ser autorizado né, o sapato de salto. Mas, depois de [ANOS], não vai mais ser autorizado, vai ser o mesmo sapato. Por quê? Quando a gente entra no primeiro ano, a gente só pode correr, né. Até o meio do ano [...], então a gente só pode correr, não pode caminhar. E aí muita...*

E: Como assim, correr?

O: *Só pode correr. Se eu levantar aqui pra andar não posso, só correr, porque é o primeiro ano, aí, a gente tem que fazer tudo correndo, tudo. A justificativa é que é pra gente se adaptar a rotina e nunca chegar atrasado, mas, assim, a gente só pode correr, não pode andar.*

E: E aí nisso, vocês de salto?

O: *De salto. Muitas meninas tiveram fascite plantar, eu tive [PROBLEMA FÍSICO], muita gente teve problema no joelho, várias vezes, tropeça, cai, cai da escada, várias coisas. E aí..., e o sapato ele é só de encaixar, não é preso, então, a gente, toda hora, tinha algum problema e aí, a gente sempre pedia pra, poxa, trocar o sapato, um sapato sem salto e tudo mais. E quando veio essa oportunidade [...] a gente: "Com certeza!", porque pra gente seria muito melhor correr com um sapato, pelo menos sem salto do que um sapato com salto. E aí, atualmente, tá autorizado, mas o sapato é igual e sem salto [...] antes do nosso uniforme chegar, que é aquela primeira semana de adaptação que a gente usa só calça jeans e blusa branca, todo mundo passou por medição de todos as medidas do corpo. [...]. Os uniformes vierem pra gente, a gente experimentou todos os uniformes pra ver se era aquilo mesmo. E aí, por exemplo, ah, eu era 40: "Não, melhor 42", aí, sempre tinha uma Oficial com a gente falando, olhando: "O 42 vai ficar melhor em você", auxiliando a gente porque a gente, até então, tinha acabado de entrar e a gente não sabia muito de uniforme. E aí, depois esse número foi passado [...] a gente faz o pagamento do uniforme e aí, a gente recebe.*

E: [...] Se você pegar uma calça de um homem e vestir é normal?

O: *É a mesma coisa. E a gente também conseguiu ganhar, quando a gente entrou, a calça feminina não tinha bolso.*

E: Na frente ou atrás não tinha nada?

O: *Não tinha, nada! E aí, a gente conseguiu, e aí, ganhou bolso na frente. Aí, depois a gente brigou, brigou, brigou e atualmente a gente ganhou bolso atrás, porque era muito ruim! A gente não conseguia guardar nada. As pessoas davam um bloquinho pra gente que sempre tinha que anotar as coisas, a gente tinha que botar por dentro da blusa pra poder levar, ou então celular: por dentro da blusa. Era tudo por dentro da blusa, [...], e aí, era uma dificuldade pra carregar as coisas, mas agora a gente já pode ter bolso tanto na frente quanto atrás.*

E: E isso é uma demanda da tua turma?

O: *Nossa! Sempre é pedido. (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

E: Em relação aos apetrechos que vocês usavam: unha, brinco, cabelo [...]

O: *O cabelo tem que ter corte! Se você tiver um cabelo comprido porque você não gosta de ter cabelo curto, você tem que ou ter um cabelo que fique bem preso num coque... Não deve usar coisas extravagantes, entendeu...*

E: Mas, você entrou de cabelo curto ou comprido?

O: *Eu entrei de cabelo comprido porque eu não sabia que tinha que cortar! A gente amarrava! Depois, eles cortaram... Meu D'us do céu! Depois, eu tive que cortar "Joãozinho" quando cheguei em casa.*

E: Ah, cortaram ruim?

O: *Cortaram! Pegaram aqueles barbeiros de [FORÇA] e cortaram a gente! Aí, muitas ficaram traumatizadas. Mas, eu não esquento não, cabelo cresce... [...] Pra gente, não falou que ia cortar! A gente podia prender! Tanto que eu levei um negócio pra prender o cabelo, ficar com, tipo, um coque...*

E: E eles chamaram vocês: "Então... hoje é o dia de cortar o cabelo!"

O: *É! Aí, foi horrível! Porque eles fizeram assim, sabe, meu cabelo é muito cheio! Agora não porque está "Joãozinho" assim, mas era muito cheio! Imagina comprido! Você pegar um cara e... [BARULHO DE CORTE]! Eles não tinham jeito...*

E: Ele fez isso!

O: *Só fez isso: amarrar o cabelo e cortar aqui!*

E: "A próxima!"

O: *"A próxima..." Aí, tinha umas meninas que sabiam cortar cabelo, mas não tinham a tesoura! Aí, depois pediram lá para os camaradas, aí, eles emprestaram, aí deram um jeitinho que a menina até cortava... até uma amiga minha [...]. Aí, ela deu uma ajeitadinha no cabelo das meninas, algumas. Eu falei: "O meu, do jeito que está, vai ficar assim mesmo e depois eu corto em casa", entendeu! ainda mais que cabelo ondulado já é mais complicado. Cabelo liso dá [...] mas, eu falei: "cabelo ondulado, eu corto em casa, quando eu for pra casa!" [...]*

E: E a sua unha? Hoje, a senhora pode entrar com uma unha assim [APONTO PARA AS MINHA UNHAS COLORIDAS]?



O: Olha, não seria o ideal, entendeu! Até unhas berrantes...tá vendo!  
[MOSTRA AS SUAS UNHAS] Eu sempre pintei minhas unhas com cores, assim, bem discretas...

E: Com nude...

O: *É! Na verdade, branquinho e tal. Na verdade, no próprio coisa diz, tem que ser cores discretas, mas o pessoal bota unha azul, bota unha desenhadinha. Às vezes, bota três brincos, não pode! É um brinco ou coisa e tal. Mas, assim, às vezes, acontece umas certa coisinha diferentes. Eu sempre fiz o que dá! O meu cabelo era preso... quando tava muito cheio de coisa eu passava um gel para ele ficar bem grudadinho, pra não ficar todo... Eu sempre gostei de andar na marca. Às vezes, minhas amigas falam assim: "Oh fulano, vai ver lá se a Comandante precisa de alguma coisa, não sei o quê!" Aí, as minhas amigas falavam assim: "Oh fulano, tá vendo essa saia aqui? Foi ela que me emprestou! Esse cinto novo aqui, que o meu tava arranhado, foi ela que me deu." Eu tinha três, quatro, entendeu! Eu gostava de tudo bonitinho! E, às vezes, quando alguém tava com alguma coisa feia, eu já emprestava pra ficar bem, porque a gente tem que representar! **Porque, assim, eu acho, assim, nós, por ser mulher, a gente é minoria, a gente chama mais atenção.** [GRIFO MEU] Tudo a gente é observada! Então, a gente tem que se manter, mesmo! Isso é uma preocupação que, eu acho, que a gente tem! A mulher tem. Por quê? Porque senão... acabam sempre...*

E: Vão falar!

O: "Aí, mulher não tem jeito, né!" Eu acho que as mulheres até se preocuparam bastante com isso. (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).

E: A diferença foi que [...] todas da primeira foram obrigadas a cortar o cabelo e pra vocês já não? Já veio assim: "Quer ficar vem fazer coquinho, ou chanel ou corta?"

O: Isso, isso. Aí, você fazia o coquinho, botava uma redinha né, pra não ficar todo espigado. Nunca implicaram, por exemplo, se a pessoa tinha cabelo ondulado contanto que fosse curtinho, chanel, beleza. Se você só não podia é, ultrapassar aqui o ombro, o cabelo tinha que ser realmente chanel mesmo. E nunca implicaram que fosse ondulado e que não fosse, que fosse branco ou que não fosse, eu acredito que não poderia fazer como o pessoal faz hoje né, pinta uma mecha de verde aqui e mesmo que seja curto, eles não iam deixar né. O pundonor militar não ia permitir né, ia falar assim: "Ih essa daí, com esse cabelo aí, já tá aparentando outras coisas."

E: Piercing também não?

O: Não não, nem tatuagem. Jamais! Tatuagem que aparecesse em qualquer parte do corpo tipo, braço, perna, a não ser que a pessoa fizesse uma tatuagem na região genital, onde não fosse aparecer, mas de qualquer forma o nosso maiô era cavado, pegaram emprestado o modelo de maiô da [FORÇA] [RISOS].

E: Era transparente?

O: Olha, mais ou menos.

E: Porque o da [FORÇA] foi um vexame.

O: *Um horror. É, o nosso também. E aí, ficava aquela história, entendeu, Carol, aquela história de que elas não podem isso, elas não podem aquilo, elas não podem, mas aquele maiô...*

E: E quando vocês foram a primeira vez pra piscina, quem tava lá? Tinha plateia? "Vamos apresentar, as primeiras mulheres vão entrar na piscina!"

O: *Tinha, tipo assim. Tinha. Quem sabia nadar, já tinha um aprendizado né, já se deu bem, já saiu mergulhando e nadando. Agora, tinha os nossos professores de educação física e os nossos professores.*

E: Só? Oficialato ninguém tava lá?

O: *Só. Não. Poderiam estar até escondidinhos pra olhar as meninas de maiô [RISOS], mas não tinha. [...] O nosso foi discreto. Foi assim, os instrutores né, nós tínhamos muitos instrutores e não tinha nenhuma instrutora, assim, de ensino, mulher. Nós tínhamos as meninas as [PATENTES], mas essas não iam participar da parte de educação física. (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).*

O: *Quando a gente entrou...a mesma coisa com os homens, tá? Por exemplo, eles mandaram, [RISOS] a gente chama de "cotonete": é uma roupa que é uma blusa branca, calça jeans e tênis. Todo mundo usava isso! Que, uma máxima das Forças Armadas é a uniformização, certo? Então, essa era uma tendência! Mas, o cabelo, ele, se fosse comprido, abaixo do ombro, ele tinha que tá preso! Ou em rabo de cavalo ou seja como for. Eles chegaram ao ponto de querer que as mulheres todas botassem grampo aqui na franja pra prender a franja, assim! Mas, isso, graças a D'us, evoluiu! Então, não ficou essa coisa horrorosa! Imagina, você ficar cheio de coisa aqui! Porque é o seguinte: a [COBERTURA], ela tem que pegar aqui e não pode ter nenhum cabelo, nada pegando, aparecendo! [...] ela tem que aparecer todinha aqui. [...] Então, tem que ficar aqui e não pode ter cabelo aqui, né? A gente não pode botar a [COBERTURA] aqui em cima e ficar com ela aqui assim, então, por isso eles falavam que tinha que prender. Mas, a gente fazia assim ó, jogava a franja! Eu sempre fiz isso! Eu sempre tive tendência a ter cabelo curto! Porque o cabelo mais comprido, ele conforme a gente fazia alguma atividade, e, principalmente, atividade física, que sempre foi inserida dentro da nossa atividade diária, a gente sempre saía de lá com o cabelo preso e molhado! Então, isso é péssimo para queda de um cabelo! Acaba! Eu sempre tive o cabelo muito fraquinho, meu cabelo sempre foi fraquinho! Então, eu sempre preferi o cabelo curto, porém, quem tinha cabelo comprido, sempre teve que ficar de coque, prender! Atualmente, houve uma flexibilização. Hoje em dia, elas podem usar um rabinho de cavalo, mas, que encoste aqui no início das costas... houve uma flexibilização. Na nossa época, era coque mesmo, não podia usar rabo de cavalo de jeito nenhum! (Oficiala da Força Quebec, com 1 filho).*

O: *Existe uma regra geral, por exemplo, minha unha agora está até sem pintura nenhuma, porque minha unha tá fraquíssima, estou tentando recuperar, já me disseram que tenho que passar tempo sem pintar...Mas, eu sempre gostei. Eu passei a vida inteira pintando [...]. Mas, eu sempre pinte e as pessoas estranhavam que eu pintava com cor forte. [...] "Ah, mas não pode! Tá escrito!", mas a [FORÇA] nunca exigiu. [...] [FORÇA] não foi radical, tanto é que quando eu cheguei na [ESCOLA] e viram minha unha [...], dependendo da semana, "Mas, pode lá?" "Eu pinto e nunca ninguém falou nada..." Nunca deixei! Fui promovida pintando minha unha [...]. Nunca deixei de pintar minha unha da cor que eu queria! Então, [FORÇA], ela é bastante flexível nesse ponto. Eu usava [ADEREÇOS], todo mundo dizia que era só um. [...]! No momento, não estou usando, mas passei muito tempo usando [...]. [FORÇA] é flexível e tolerante sem abusos, diferente de você, por*

*exemplo, uma unha dessa [APONTA PARA AS MINHAS UNHAS QUE ESTAVAM PINTADAS DE VERDE E AMARELO] ia chamar atenção e incomodar. [...]. Adorava usar uniforme [COR] com minha unha [COR]! Ninguém nunca me incomodou, porque se não é gritante, não fere a imagem, [FORÇA] é bem flexível com isso. Eu já percebo que [FORÇA] não é. [FORÇA], também, elas sempre me perguntaram: “Ah, você pode pintar dessa cor?” E eu falava: “Olha, eu pinto e ninguém fala nada!” (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

*O: Por exemplo, uma menina da turma de baixo da minha, que, assim, pra explicar: quando a gente ia licenciar na sexta feira, a gente tinha uma inspeção de uniforme. O uniforme de paisano mesmo, de civil, quando ia sair. Então, era calça jeans, ver se tá de tênis ou sandália fechada, não pode sandália aberta.*

*E: Assim, não pode sair de havaiana?*

*O: Não [RISOS]. Aí, tinha que ser blusa de manga ou, então, a alça tinha que ser grossa, não podia ter nada assim muito aparente, assim, chamando muita atenção. Tinha que ser discreto e tudo mais. E aí, por exemplo, pros homens tem algumas regras que não valem pras mulheres. Exemplo: tem que tá com barba feita, cabelo cortado, tem que tá com cinto e tem que estar com meia. E: pra sair?*

*O: É, pra sair, também. No dia a dia, tanto no dia a dia tanto pra licenciar da escola. E aí, a gente deixa a identidade assim na mão e fica em sentido, esperando. Caso tenha alguma coisa errada, o Oficial pega sua identidade ou então [GRADUAÇÃO] mais antigo que tiver fiscalizando pega sua identidade e aí, você vai lá, safa pendência né, a demanda que ele pediu e volta e se apresenta no próximo reunir, tem que esperar tocar. E uma menina da turma de baixo da minha tava com o buço por fazer. Então, o Oficial pegou a identidade dela e mandou ela fazer o buço, sendo que isso não é cobrado pra gente e aí, foi uma situação completamente constrangedora e aí, ela chorou no dia, tudo mais, e aí, a gente levou pra Oficial, porque ela apesar de ser mais antiga do que esse outro Oficial que pediu, ela explicou pra ele que isso não existia na norma, tanto, por exemplo, o cinto pras mulheres não é obrigatório. Pros homens é, mas pras mulheres não, então fica esses desencontros assim que nem todo mundo tem conhecimento das nossas normas por ser uma coisa mais recente.*

*E: E qual justificativa dele ter falado do buço dela?*

*O: Porque os homens tem que tá com a barba feita.*

*E: E aí, ele levou ao pé da letra que a gente tem barba também?*

*O: É! Entendeu! Aí, foi isso, aí depois ele pediu desculpa pra ela, disse: “Eu não sabia que pra vocês não tinha essa norma, te peço desculpas se te causei constrangimento.”*

*E: Foi uma ignorância dele, assim.*

*O: [...] Exatamente. E a gente tinha várias palestras sobre o que podia e o que não podia. A gente tinha media training, porque quando a gente entrou toda hora tinha Globo, Record, Band querendo entrevistar a gente e a gente tinha que fazer também, cumprir a rotina mais media training, ficar colocando o uniforme lá pra ir treinar, se alguém interpelasse a gente e algum evento. (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

E: [...] Eu já olhei a tua unha, também, e isso é uma coisa que na [FORÇA], não acontece, não pode! Tem que ser nude. [...]

O: *Aqui pode esmalte claro, fiquei até na dúvida se esse meu tava fugindo um pouco do padrão, mas por conta da Copa, eu pintei e tô meia assim, né. Você falou e fiquei!” Pô, deve tá gritando!” [RISOS]. Aqui na [FORÇA] é esmalte claro. [...]* (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).

O: *Olha... no quesito, assim, do cabelo... nos foi mostrado que tinha que cortar o cabelo porque tinha que pôr a cobertura<sup>90</sup>. Aí, num tem! Isso aí, era uma coisa furada, né! Mas, a outra argumentação é que se deixasse o cabelo comprido, né, era um ponto fraco, né, [...], nós tínhamos treinamento de defesa pessoal, né! Mas, o cabelo... o cabelo era um ponto fraco! Que nós poderíamos ser atacadas pelo cabelo e imobilizadas pelo cabelo. Então, diante desse argumento, eles, exigiam que a gente cortasse o cabelo. Hoje, não existe mais isso, não! Isso foi no começo! Eu, por exemplo, no meu tempo, sempre tive de cabelo curto! Sempre! Pra higiene... que eu tinha a cobertura, sempre tinha que ter a cobertura, trabalhar com a cobertura... o quepe, né, esquentava muito a cabeça, né... Então, naquela época! Mas, hoje em dia, isso aí acabou! Isso aí... Lógico que muitas deixaram de entrar na corporação, que foi uma pena, por causa de motivo religioso, então, elas deixaram de... passado na parte física, a parte intelectual, na parte psicológica... mas, ficaram... quando chegou “tinha que cortar o cabelo”, elas desistiram, por causa disso, entendeu? Então, eu continuei! Lógico, eu não tinha tanto assim esse problema aí, de cabelo. Mesmo porque, eu sempre gostei de nadar, entendeu? Eu sempre gostei de natação, então, o cabelo curto, pra mim, era mais conveniente, né! Pra mim, não foi problema, mas para muitas, foi problema sim! Muitas, foi problema! No caso da [FORÇA], ainda tinha essa ideia, né, de cortar o cabelo... mas, agora, não tem mais não, essa ideia já foi deletada! [RISOS] (Oficiala da Força Golf, sem filhos).*

O: *Então, existe uma regra [...] mas, também, a gente tem uma regra interna [...] né, existe qual padrão do cabelo curto, qual padrão do cabelo longo, quais uniformes que você pode usar, o rabo de cavalo, quais uniformes que você tem que usar o coque, né. A justificativa do coque é pra gente tá o mais padronizada possível [...], por exemplo, ah, tocou um incêndio, [...] se eu sair correndo e meu cabelo prendeu em algum lugar e, por exemplo, lá em [CIDADE] que tem muitos casos escarpelamento, basicamente, a justificativa é essa. E aí, ok. Quando a gente entrou, já ensinaram pra gente, desde o início, já tinha experiência, também, de colégio militar, então é coque com gel ou sem um fio aparecendo e nas nossas normas existe uma, inclusive [...] que é infringir a norma de uniforme em desalinho e aí, a gente toma uma parte de ocorrência que é uma punição e aí, você vai ser julgado e vai se justificar o porquê que você tava com o seu uniforme em desalinho que faz parte do cabelo.*

E: E você já viu casos assim? Na tua turma?

O: Já.

E: Mas é o que, de cabelo desalinhado? Solto?

O: *É, assim, é, que quando a gente não passa muito gel ou não passa gel direito, ele fica né, mais pra cima, sim, e aí, basicamente, é por isso.*

E: E aí, leva advertência.

<sup>90</sup> Nome oficial que os e as militares dão ao adereço que vai à cabeça: o quepe, a boina, o bibico.

O: É.

E: Que seria no mesmo nível do homem que tá sem barbear? Sem cabelo cortado.

O: *É. Exemplo: no [ANO], a gente teve uma menina que queria cortar o cabelo igual o dos homens. Aí, chegou essa demanda né, pra [PATENTE], e aí, ela falou: “Tá! Ela vai querer cortar o cabelo, mas ela vai cumprir as normas igual a dos homens né!” Que a gente fala que é pé disfarçado aqui embaixo, [CENTÍMETROS] pra cima. Ela: “Ah não! Mas, eu não quero cumprir!” “Você quer cortar o cabelo igual dos homens? Você tem que cumprir o que eles cumprem. É fazer o pé disfarçado, deixar [CENTÍMETROS] acima”, que, atualmente, é [CENTÍMETROS] acima. Aí ela: “Ah não! Então, não vou cortar, não!” Porque se é pra padronizar, tem que padronizar todo mundo, independente se for homem ou mulher.*

E: Mas se quiser cortar igual o meu cabelo ela pode? Por que seria cabelo de mulher?

O: *Isso, pode. A única coisa que tem, uma linha aqui atrás no uniforme que não pode. O rabo de cavalo, se quiser prender, não pode passar dessa linha e o cabelo não pode encostar na gola do uniforme, e aí, no caso, você estaria no padrão, só que não pode franja, então teria que prender com uma presilha de cada lado, a franja.*

E: [...] Bom, o maiô de vocês não é transparente?

O: *Não, é azul marinho. Ou preto. (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

O: *[...] Isso é para homens e mulheres! A farda tem que ser impecável! Porque isso fala a respeito do nosso cuidado conosco e com o ambiente que trabalhamos. E com a Força que nós trabalhamos, entendeu? [...] É problemático, minha filha, mas, tem que ficar limpo! De uma maneira geral, [...] tem que estar sempre de roupa para trocar. Mas, o pessoal que trabalha no escritório, trabalha de [COR]. Agora, as mulheres também trabalham de [COR]. Quando nós entramos, a nossa farda, que corresponde a [COR], [...]. Lindo! [COR] maravilhoso, que cada vez que lavava ficava mais [COR]! [RISOS] No fim de dois meses, um mês e meio, não tinha mais ninguém com a mesma cor de uniforme.*

E: É o degradê, né? E quanto ao uniforme, vocês pediam? E ganhavam quantos? “Olha, esse aqui, manchou...”

O: *Não! Não tem essa não! Manchou, dá seu jeito! No máximo, eu não me lembro, acho que era um ou dois... Pra cada farda! Pra cada tipo de farda! Porque, no início a gente ganhou, porque a gente recebe “um a mais” [SALÁRIO] pra gente poder fazer essa troca, porque a gente, justamente, a gente não pode andar mal arrumado. A gente tem que andar, realmente, dentro do... Tenho uma porção de farda, aí. [...] (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

Sobre as vestimentas, vê-se que as demandas femininas foram sendo atendidas à medida que o tempo foi passando, se adaptando às necessidades dos corpos das mulheres brasileiras. Entretanto, conforme as falas, percebe-se a necessidade de uma militar estar bem apresentada, mesmo que não seja funcional, a

depender da farda. Atividades simples como caminhar ou subir escadas eram dificultadas por conta de saias em modelos justos e com aberturas que expunham as pernas, além de sapatos desconfortáveis, a transparência das roupas de banho e os tamanhos justos dos uniformes para esportes.

Ainda, pode-se verificar que o “verniz”, reclamação de um oficial relatada por Sueth (2016), nunca foi perdido, conforme as falas das oficiais que sempre gostaram de mostrar suas unhas pintadas, seus cabelos bem cortados e usar salto alto e adereços. Logo, o receio dos homens de que as mulheres desbravadoras estaria deixando de ser mulheres não deveria mais existir. Sobre o pintar as unhas, percebi que é muito mais geracional que propriamente um pedido da Força, apesar de constar em manuais de regulamentos internos. Viu-se que em Forças diferentes, pode-se pintar de mais claro ou de mais escuro, já que isso em nada interfere na prática laboral do cotidiano.

Lemmon (2018) aponta que o Corpo de Mulheres Auxiliares do Exército recebeu seus uniformes feitos por pessoas que apenas produziam roupas para homens, haja vista que os lugares que fabricavam para mulheres cobravam preços mais elevados, ficando o Exército daquele país indisposto a pagar maiores valores para adequarem as mulheres à caserna (2018, p. 193):

[...] Mildrei McAfee, a primeira diretora do Waves (Mulheres aceitas para Serviço de Emergência Voluntário) na Marinha dos Estados Unidos, reclamou que “pareciam um traje de ópera cômica”. Parecia que nada se encaixava na forma de uma mulher: as jaquetas tinham ombreiras pesadas e eram apertadas na área do peito; as saias eram estreitas demais para os quadris mais largos de uma mulher. Os sapatos e gravatas foram considerados nada femininos. O design básico podia não ser “tão ruim”, disse uma militar, mas “o produto final não poderia ser pior de qualquer ponto de vista”.

No Brasil, conforme as falas acima, as roupas, à medida que iam sendo usadas e lavadas, iam desbotando, bem como as blusas não se adequavam de forma confortável e os sapatos caíam dos pés, lembrando os uniformes femininos estadunidenses no Vietnã, os quais ficavam amarrotados com o calor e se desfaziam após diversas vezes passando pelo processo de lavagem. Por isso, a maioria vestia o uniforme masculino de campanha com botas, apesar de o uniforme oficial ser um conjunto de duas peças com tênis e saia (LEMMON, 2018, p. 193, grifos originais):

[...] Quando a diretora do Corpo de Mulheres do Exército (WAC, na sigla em inglês) exigiu que as mulheres usassem trajes tradicionais, um major do Corpo protestou que os “WACs estão no Vietnã para fazer um trabalho e não para melhorar o moral das tropas masculinas”. Por fim, um comandante entrevistado para reduzir a guerra de moda e permitiu que os WACs continuassem usando os uniformes de campanhas tropicais, “se desejado”. A maioria usou.

As mulheres do grupamento britânico *FANY* usavam saias cáqui, com “cortes de cabelo práticos” (ROSE, 2022, p. 137), bem como, também, relatou Armeni (2019) sobre as soviéticas durante a Segunda Guerra e os cortes de cabelos, indo ao encontro das falas de as entrevistadas. Uma das mulheres espiãs da Segunda Guerra, Odette Churchill, dizia que “[...] Se for para morrer, quero que meu cabelo esteja bonito” (ROSE, 2022, p. 179). Logo, pode-se concluir que as inspirações para os uniformes femininos brasileiros, bem como os “cortes práticos” tiveram origem em momentos de guerra onde mulheres estiveram presentes.

As falas das entrevistadas das três Forças sobre as vestimentas vão ao encontro dos relatos feitos por Lopes (2018): maiôs transparentes com aspectos masculinizados, além do “grupo das afogadas”, as quais não sabiam nadar e precisavam mostrar tal habilidade na frente das autoridades com um maio desconfortável, sem falar do “enxoval todo branco, que parecia de noiva” (2018, p. 50).

Para Pereira e Brito (2018) que analisaram as desbravadoras na FAB, ao narrar situações nas ingressantes da AFA, apareceram falas sobre os uniformes, os quais eram os mesmos utilizados pelos militares com a justificativa de “manter a uniformidade da tropa que era considerada de elite.” (2018, 44). Quando passaram a usar o uniforme feminino, devido às corridas serem constantes enquanto Cadetes - conforme foi citado pelas oficiais neste capítulo -, os sapatos eram os das militares da Academia de Polícia Militar de São Paulo.

Notas-se, dessa forma, que ao longo do tempo, por causa dos apontamentos das próprias militares sobre seus desconfortos, as mudanças nos uniformes passaram a ocorrer, favorecendo, inclusive, os homens, como se vê na atualização<sup>91</sup> do RUMAER - Regulamento de Uniformes para os Militares da Aeronáutica, feita através da Portaria GABAER N° 57/GC4, de 16 de março de 2021.

---

<sup>91</sup> Ver mais em: [RUMAER - ATUALIZAÇÃO - MAR/21 by Força Aérea Brasileira - Issuu](#).

Imagens 17, 18, 19 - Fotos do NOMAR – Informativo de notícias da Marinha, de abril de 1981. (continua)



**As futuras oficiais durante treinamento de Ordem-Unida**



**Guardas-Marinha em atividades esportivas.**



**Na Marambaia, o Ministro passando em revista militares do CAFRM.**



Imagens 20 - Foto do NOMAR – Informativo de notícias da Marinha, de abril de 1981. (conclusão).



Legenda: Fotografias do informativo mostrando a rotina das praças, bem como os uniformes que eram usados para o serviço militar e para as atividades esportivas. Material gentilmente doado para esta pesquisa por uma entrevistada.

Fonte: A autora, 2022.

Imagem 21 – Foto do NOMAR – Informativo de notícias da Marinha, de novembro de 1980.



Legenda: Fotografia do informativo mostrando uniforme e cabelo cortados. Material gentilmente doado para esta pesquisa por uma entrevistada.

Fonte: A autora, 2022.

Imagens 22, 23 – Fotos da reportagem na extinta Revista Manchete, de 25 de abril de 1981.



Legenda: Fotografias da revista mostrando os uniformes das primeiras praças e a pose com o estilista e as modelos. Material gentilmente doado para esta pesquisa por uma entrevistada.

Fonte: A autora, 2022.

Imagem 24 – Foto do treinamento do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM) de Praças (QAFP) realizado pelas militares da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP). (continua).



Imagens 25, 26– Fotos do treinamento do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM) de Praças (QAFP) realizado pelas militares da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP). (conclusão).



Legenda: Fotografias mostrando o desfile das praças na Ilha da Marambaia, no Rio de Janeiro, à época. Gentilmente doadas para esta pesquisa por uma entrevistada.

Fonte: A autora, 2022.



Imagem 27 – Foto do treinamento do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM) de Praças (QAFP) realizado pelas militares da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP).



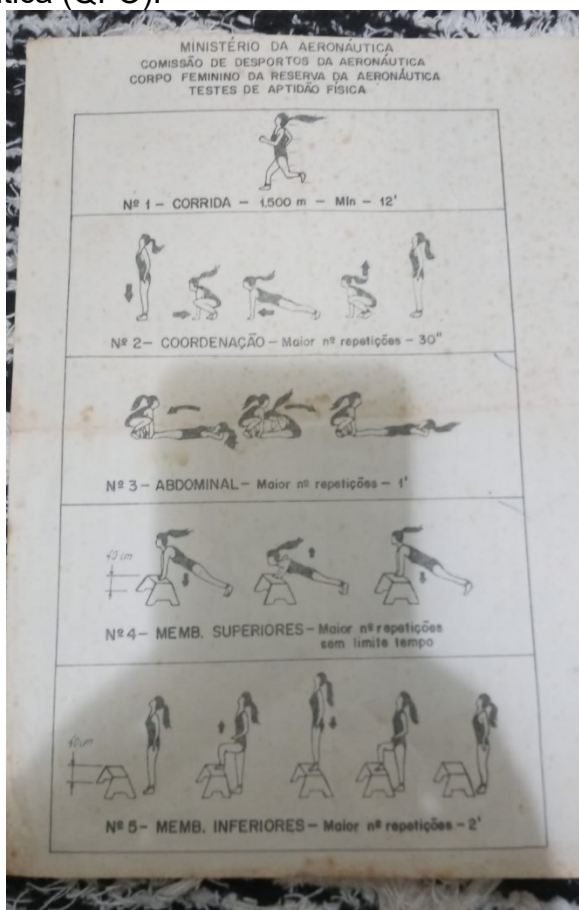
Legenda: Foto tirada à época e gentilmente doada para esta pesquisa por uma entrevistada.  
Fonte: A autora, 2022.

Imagens 28, 29 – Fotos das coberturas de uma Oficiala e da Formatura do Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica (CFRA) do Quadro Feminino de Oficiais da Reserva da Aeronáutica (QFO).



Legenda: Foto tiradas durante uma entrevista.  
Fonte: A autora, 2022.

Imagem 30 – Foto do cartaz de exercícios do TAF do Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica (CFRA) do Quadro Feminino de Oficiais da Reserva da Aeronáutica (QFO).



Legenda: Foto tirada do material. Gentilmente cedido para esta pesquisa por uma entrevistada.  
Fonte: A autora, 2022.

Ao longo de nossas conversas, as oficiais relatavam sobre suas famílias e de que forma as relações pessoais impactaram ou não em suas carreiras, bem como situações de paqueras ao longo de suas jornadas como iniciantes nas FA:

*O: É uma parceria, um companheirismo, de cada hora, um abre mão de alguma coisa pelo outro. Quando ele teve uma oportunidade de fazer um curso [...], meu filho estava com [MESES], o mais velho, [...], eu ia ficar [MESES] com um bebê pequeno sozinha e eu, em momento nenhum, falei para ele “Não vai!” Eu falei: “Vai! Eu vou ficar aqui! Porra! Eu dou conta de um bebê!” [...] “Vai! Tua carreira! Vai.” Na hora que eu precisei que ele me apoiasse para ir [...], ele me apoiou. Isso eu falo muito [...]: cara, é fundamental escolher alguém que dê valor a tua carreira! Não ache que a carreira dele é mais importante que a sua e você sempre tem que abrir mão em favor da carreira dele. [...] ela [UMA MILITAR] casou com um cara, também, de [FORÇA]... [...] [RISOS] que era exatamente assim: era sempre ela dando força para ele, sempre abrindo mão para ele e não pode! Tem que ser um “hora sou eu, hora é você! Super importante! Duas coisas que eu falo, super importante: você escolher um parceiro que é parceiro, que vai segurar tuas pontas e você vai segurar as pontas dele. Outra coisa, se a gente tem, hoje em dia, homens machistas, eles são filhos de uma mãe e essa mãe, ela teve participação em não fazer esse filho respeitar as mulheres. São duas coisas que eu falo, nós somos mães, mulheres são mães, então, vamos fazer esses homens melhores do que eles são, que muito traste que tem por aí! Outra é escolher seu companheiro. Não arranjou? Fica sozinha! Melhor do que arranjar uma pessoa que sempre é para ele, tudo para ele, você abre mão para ele, sabe? Ele pode sair com os amigos, mas você não pode sair com seus amigos, para mim isso não existe! O vento que sopra lá, sopra aqui, é a mesma coisa! Essa é uma das coisas que eu falo muito para as meninas, então são coisas que eu repito: “Faça o seu melhor! O melhor que você puder! Seja ele no nível que você conseguir, mas o que você conseguir fazer de melhor. Escolha um companheiro correto e crie seus filhos para serem homens melhores!*

E: Homens e mulheres, né?

*O Sim, porque também tem mulher machista, mas a mulher é muito mais fácil você, **porque ela sente na pele** [GRIFO MEU]. Eu sou muito a favor da igualdade. [...] Acho que, não quero, eu tenho dois filhos homens, eu não quero que meus filhos sejam preteridos em qualquer coisa que eles vão fazer na vida porque tem um outro de mulher, trans, negro, branco, careca, velho, se eles têm a qualificação, sabe? Acho que tem que ser justo. Isso é uma coisa que eu falo muito. A [FORÇA] tem os critérios tão bem definido que é mais fácil de você ter uma isenção dessa coisa do gênero. Todos os processos que eu concorri, eu fui selecionada. Então, é uma coisa muito, critérios bem definidos. Tem uma questão subjetiva? Sempre haverá! Escolha para [PATENTE] é uma coisa subjetiva, mas eu fui promovida e outras que não foram promovidas, talvez, tenha sido melhor assim, porque é pior você promover alguém que não tem a competência e é alçada a um cargo [...] e faz feio e aí, todo mundo vai dizer porque é mulher! Não, ela não faz feio porque é mulher, ela só não tinha a qualificação e ela foi alçada para aquela situação por ser mulher e aí estraga todo um trabalho de mulheres competentes que fizeram bons trabalhos. Por quê? porque vai se falar: “Ah, ela é mulher!” (Força Juliet, com 2 filhos).*

*O: Eu não tenho o que falar da [FORÇA]... a [FORÇA] foi muito boa para mim. Se eu não consegui mais coisas da [FORÇA], em termos de servir fora, porque eu não quis! Eu sempre me preocupei muito com o lado da minha*

*família! Da minha avó, que eu sempre fui muito apegada a ela! Então, eu nunca quis ir para longe, para outros lugares. O meu irmão serviu em [CIDADE]! Mas, eu nunca tive esse desejo! Eu sempre quis ficar aqui! E, dependendo daonde você vai, do local que você vai trabalhar, às vezes, você prejudica muito a sua família. Às vezes, não tem uma escola boa e teu filho fica... você tem que, vamos dizer assim, se organizar toda e fora de sede você tem mais dificuldade! Se não for em um grande centro, [...], você tem dificuldade! Se você for para uma cidade bem longe, lá do interior, entendeu, é meio complicado. Eu, até na época, eu recebi um convite para ser imediata da [LUGAR], lá em [CIDADE]. Eu falei: "Não, eu não quero!" Eu tenho um marido, ele é da iniciativa privada e eu vou acabar prejudicando ele ou ele, para não perder o emprego, vai ficar aqui e eu vou ficar lá? Não tem como! Então, assim, eu sempre pensei muito na minha família!*

E: Já era mãe?

*O: Já era mãe! Então, eu não ia prejudicar... e meu marido, já tinha uma filha, também, então, tudo isso complica! Você não vai pensar só em você. Você tem que pensar na família! Então, eu nunca desejei sair do Rio de Janeiro! E, graças a D'us, sempre fiquei aqui, trabalhei em uma OM que eu pude exercer várias funções! Aprendi muito, né! Porque as pessoas gostam! Eu tenho amigas que só gosta de ficar dois ou três anos em uma OM: "Depois, eu vou pra outra!" Mas, eu já não sou assim! Eu sou uma pessoa que eu gosto de fincar meu pé! Eu gosto de trabalhar! Assim, eu não me canso! Agora, eu sou uma pessoa, também, que, se você me mandar para outro lugar, eu vou trabalhar do mesmo jeito, como eu trabalhava onde eu estava. Mas, eu, com os meus próprios meios, querer sair? Não! Agora, se a [FORÇA] me mandar, eu vou! (Força Juliet, com 2 filhos).*

E: Alguma da turma de vocês ouvia algum tipo de graça: "Olha lá a perna!", "Ah, não sabia que você era assim..."

*O: Claro que existia! Eu comecei a namorar meu marido no curso. Claro que existia azaração! Mas, azaração que nem existe em qualquer lugar. Não era porque, ah...ninguém falava do shortinho pelo shortinho. Existia azaração, olhava: "Aquela perninha grossa me agrada!" "Ihh, aquela perna muito grossa, não gosto, não! Eu quero mais a daquela, perninha fininha", mas era...*

E: E vocês, olhavam? Mas, rolava apelidos? "Ai, aquele é muito não sei o que." Essas coisas de mulher, entendeu! "Ah, você pegaria?" "Ah, não, não pegaria!"

*O: Claro! Claro! [RISOS] Como eu vi meu marido? O meu marido... as minhas amigas, obviamente, a gente falava, eu falava, "Ah, mas, ele é bonito, é não sei o que." Eu falava dele, né. Havia essa coisa de mulher, como você falou.*

E: Assim como tem de homem! Eles comentam do corpo feminino e tá vendo um monte de meninos, jovens...

*O: A gente falava "Bonito...", "Você já viu? Pernão!"*

E: O short deles era cavado?

*O: Não, o short deles era normal, não precisava ser cavado para a gente apreciar, né!*

E: [RISOS]

O: *Comecei a namorar ele lá. Como que vai rolar isso se um não olhar para o outro, o outro não olhar pro um e gostar do que vê?*

E: *A natação deles era a sunga? Aí rolava um olhar? Vocês nadavam juntos?*

O: *Sunga! Sim! Normalmente, era separado. Quando a piscina estava livre, a gente nadava junto. Aulas eram separadas. Ah, fica lá para nadar? Aí, ficava junto.*

E: *Aí, rolava!*

O: *Aí, olha ali, olha, lá... ele era bonitão. É ainda, mas, agora está mais veinho, mas era bonitão. Eu tenho foto dele mais novo, mas, é obvio que não aqui. Ele obviamente, também gostou, olhou: “hum, aquela garotinha ali...” Ele gosta de magrinha, como diz ele: “a melhor carne é sempre perto do osso...”, [...] (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

O: [...] *A gente brincava entre a gente, mas, é aquele tal negócio, não pensa você que não houve assédio. Teve assédio por parte de outras, não meninas, mas meninos que estavam lá também. Instrutores.*

E: *Mas era no sentido assim de que eles, realmente..., porque é o que eu sempre falo: porque eram homens, às vezes, na mesma idade que vocês, vocês chegando jovens né, em idade fértil, o que é normal. Na sociedade as pessoas interajam e se interessarem umas pelas outras.*

O: *Que tinha umas meninas até que namoravam alguns! Claro! Uhum.*

E: *Existia esse tipo de assédio nesse intuito assim, “Ah achei aquela bonita, quem sabe eu namoro, quem sabe a gente casa” ou naquele caso assim: “Eu vou lá mexer com ela só pra ver ela chorar”, “Quer ver como eu vou lá e vou incomodar?” “Vou constranger!”*

O: *Tinha as duas coisas, tinha essa parte aí. Tinha os meio sádicos, os meio, aqueles que queriam é, implantar o constrangimento. Através disso, eles adquiriam poder, né? E implantavam o medo também, né. Aí, aquela pessoa que confunde o que é ordem com terror. Implantar o terrorismo né, a mulher já olhava pra ele desesperada né: “Lá vem o fulano lá que...” aí, a pessoa ficava né! [...] (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).*

O: [...] *Assim, década de [ANO], mulher era pra cuidar dos filhos e é o caso dela [MÃE]. Ela sempre ficou com a gente, cuidando da gente... mas, meu pai sempre trabalhou! [...] meu pai sempre dizia: “a herança que eu vou deixar pra vocês não vai ser dinheiro, vai ser a educação!” Então, sempre ele falou isso e os exemplos dele né, uma pessoa extremamente honesta, trabalhadora, sempre foi assim meu pai. (Oficiala da Força Quebec, com 1 filho).*

O: *O pessoa sempre me faz esse tipo de pergunta, pessoal me faz e eu digo assim: “Ó, olha, não é, realmente, qualquer mulher civil... quando você está efetivamente, não é o meu caso, [REALIZANDO A FUNÇÃO], quando você está num [LOCAL], [...] ela não tem hora para chegar, não é? Então, é importante que a gente tenha um companheiro. Eu tive companheiro mesmo! Não é marido não, companheiro! Porque é muito diferente uma coisa da outra, né! Se tiver um companheiro, você, realmente, consegue dar conta do dia a dia, porque ele vai te auxiliar e você vai auxiliá-lo porque ele se faz companheiro, né! (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*



O: *No começo, sim! No começo... Quando eu entrei, a Legislação era muito dura! Mesmo no contingente civil feminino: era proibido casar até...! Tinha que dar [ANOS] de serviço para o Estado! Porque...*

E: *Antes de casar... ou quando casava?*

O: *Não! Quando você entrava, você não podia ser casada, entendeu? E uma vez, se entrou na corporação, tinha que dar [ANOS] de serviço para poder casar! Isso na ideia deles! Porque eu ia dar prejuízo para o Estado, porque eu ia gerar filhos. Aí, ia ter afastamento. Aí, o serviço..., então, era o serviço em primeiro lugar... A minha vida pessoal não era levada em consideração! No início, não! Tanto é que, na minha época, quando eu entrei, tinha que esperar [ANOS] pra casar, né! Então, foi muito difícil! Mas, depois, essa Lei caiu. Essa Lei caiu [...]! Mulher podia ser mãe, né... Lógico, que quando cê tá em treinamento, é avisado né, porque no treinamento não pode uma gestante fazer essas Ordem Unida, coisas toda, né! Então, é aconselhável, né! Pra prestar concurso, grávida não dá, né! Porque o perigo de você perder a gestação, né, por... a questão física, né, porque o treinamento é pesado! É pesado, né,! Então, a situação da mulher...então, tem que ter coisa mais leve. E se ela ficar grávida, então, aí, ela tem que ser restringida, ela é... certos exercícios não pode fazer, né! Porque... acontece, né! Então, no começo, era proibido! Proibido! Não entrava mulher casada e só podia casar depois de [ANOS]!*

E: *Isso, década de [ANO]...?*

O: *[ANO], exatamente! Foi quando eu entrei, né! Aí, depois, mudou! Eu...muitas foram prejudicadas por isso! Foi assim, é... como é que fala?...*

E: *Uma escolha difícil!*

O: *Uma escolha difícil, né! Então... Não poder gerar filho, não poder casar, né, e, aí você espera que, entrando com... quem entrava com 25, na época, até 26 anos podia entrar. Esperar mais [ANOS], mais [ANOS]...ia casar só depois de 30 anos! Ter filho, só depois de 30 anos! Já era, naquela época, muito velha pra ter filho! Hoje não! Mas, na época houve isso aí, sabe? É... Mexeu... Mas, você tinha que fazer uma opção, né. A partir... Você tinha que trabalhar! No meu caso, eu queria ter o meu “ganha pão”, né, então, quer dizer, ce tinha que fazer opção! Então, Isso aí, foi uma parte difícil... d’eu não poder casar! Depois que isso aí caiu, depois, caiu pra [ANOS] de experiência, podia casar. Mas, antes era [ANOS]... Isso aí prejudicou, sim! (Oficiala da Força Golf, sem filhos).*

O: *[...] O [CURSO] era para a minha área. [...] Na minha janela apareceu, eu me candidatei e ele [MARIDO] era mais antigo do que eu, então...várias pessoas, aí... a gente entra com aquela mentalidade... perguntaram para ele... e aí, bom...como ele poderia ir comigo? A vaga é para mim! Eu é que fui! “Ah, mas você vai separar o casal?” Existe uma coisa que chama licença para acompanhar o cônjuge, então, se meu marido...*

E: *Remunerado?*

O: *Não! Você deixa de trabalhar e deixa de ganhar, mas, você não perde a vaga, você continua ali, você continua e quando você voltar, você retoma de onde você parou. Basicamente, você interrompe sua carreira [...]. É um período que tem [...] essa licença. Muita gente chegou para ele e falou assim, “Como assim? Você é mais antigo que ela! Como você vai acompanhar ela? Como você vai parar sua carreira para ir com ela?” “Aí, por que o espanto?”*

E: Perguntaram para você “Você vai deixar teu marido?” Era mais para ele?

O: *Ele ia comigo! Era mais para ele. Tipo assim: “Mas, como assim, se você é mais antigo?”*

E: “Você vai sozinha?” perguntaram? Não! [RISOS]

O: *Não me perguntaram se eu ia sozinha, mas todo mundo dizia quando eu dizia que meu marido ia comigo: “Mas, ele vai parar?” O que que isso chama a atenção? Porque haviam outras pessoas cursando [...] cujas esposas, homens, né, claro! Outros homens cursando, e as esposas eram da [FORÇA] e também pediram essa licença e ninguém questionou elas se elas iriam interromper a carreira delas! Ou seja, ela ia interromper a carreira dela para acompanhar o marido ninguém achou isso nada... Normal! Ela vai interromper a carreira dela para ir com o marido! Assim que funciona! Quando o marido ia interromper a carreira para ir com a esposa, todo mundo questionou! Assim: “Vai interromper?” Aí, vinha com aquela história: “Mas, você é mais antigo!” Gente! A carreira são 30 anos! Não importa se você é mais antigo ou mais moderno! “Ah, mas, aí, você vai ficar sem trabalhar, dependendo dela?” Sem ganhar né! “Sem trabalhar e sem ganhar dependendo dela?” Aí, meu marido falou: “Vou! Vou, sim! Porque é bom para a família, bom para a carreira dela.”*

E: Foram vocês dois? Os meninos não?

O: *Todo mundo! [...]. E ele falou: “Vou! Porque é uma oportunidade [...], é uma oportunidade de meus filhos [...], vou porque é uma oportunidade para carreira dela, vai impulsionar a carreira dela... Sim! Eu vou com ela! Eu vou pedir a licença para ficar com ela. Vou ficar dependendo financeiramente dela? Vou!” [...] Foi um momento em que a gente percebe bem a surpresa das pessoas: do marido acompanhando a mulher! Ele ficando financeiramente dependente de mim, porque ele pararia de receber! [...] Lá, não houve muita estranheza não. “Ah, seu marido vem?” “Ah, vem! Meu marido vem!” Tinha uma outra [...], lá, que estava fazendo, também, curso da [FORÇA]... que, também, o marido dela foi com ela, aliás, eu acho que ele era civil, mas, foi com ela! Acompanhar ela! Não houve, assim, nenhuma estranheza lá não. [...] (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

E: É uma coisa que eu sempre pergunto né, porque assim, nesses ambientes onde as mulheres entram e é majoritariamente masculino, parte-se da ideia de que as mulheres, não vão fazer comentários entre elas, principalmente, nas primeiras turmas né, em relação aos homens. “Ah, olha só, aquele é bonito, aquele é feio, aquele é estranho, ah, eu casaria, não casaria, aquele é pra casar, aquele eu não quero.” Vocês faziam na turma de vocês?

O: *Também! Eles da gente e a gente deles, assim.*

E: Mas, vocês sabiam das deles?

O: *Dos apelidos que eles davam pra gente? Sim, sempre tinha um amigo que falava, que nas equipes esportivas, [...] então, você acaba fazendo amizade com as outras turmas também e aí, sempre tem um amigo que conta, “Ah, fulano falou isso, fulano falou aquilo” e até quando tinha que namorar assim, era até complicado, porque a gente tinha que fazer uma autorização, um documento formalizando que você estava namorando com alguém e aí, quando terminava, fazia um documento formalizando que você terminou com alguém, pro Comandante. A justificativa que eles davam era pra que todo mundo ficava mais atento, pra ver se ia acontecer alguma coisa durante o internato, mas a verdade é que não tem nenhum documento que diga que isso é previsto. Eles colocaram na ordem interna né, [...], mas não tem nenhuma lei que diga isso.*

E: E aí, tu conhece o teu marido aqui?

O: *É, ele é meu veterano. [...].*

E: [...] E aí, vocês se viram.

O: *E aí, a gente se viu. Só que eu não lembro dele e ele lembra de mim e aí, quando eu voltei, [...] e ele era meu chefe e aí, a gente sempre fala, eu fiquei quase 2 meses lá e a gente sempre falando de trabalho, trabalho, trabalho e aí, [...] a gente continuou se falando, se falando, aí, um dia [...] ele me pediu em namoro e aí eu falei: “Mas, cê tem certeza?”*

E: Entendi. Eu tô te perguntando isso porque, assim, você falava pras suas amigas: “Aí, eu acho bonito. Eu acho as pernas dele bonita, olha, eu acho que seria um bom pai...” Porque os homens, geralmente, olham assim: “Aí, tem quadril largo, é uma boa mãe, pode sustentar meus filhos.” Vocês como mulheres, [...], que era um grupo tão pequeno que vocês deviam se reunir frequentemente assim.

O: *Sim. [...] É. Mas, era, basicamente, apelido mesmo porque ficava mais próximo, às vezes, na equipe, né. Às vezes, até os namoros aconteciam de quem era da mesma equipe porque ficava mais tempo junto, que de manhã, sala de aula [...], aí tem o almoço, [...], aí, depois, fica na equipe até a hora da janta. Aí, depois, da janta, fica estudando [...] até [...] noite e as outras turmas não precisam ficar estudando obrigatório [...]. (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

O: [...] *Aí, teve coisas interessantes. [...]! E havia, entre o pessoal, dos estudantes, dos alunos, uma tradição de ir lá para o pub [...]... e era um encontro que os alunos faziam, só os alunos, as esposas, não. E eu era aluna! Aí, eu passei a ir também! O [MARIDO] [...] Passou a ir. Aí, as esposas se rebelaram: “Porque ele é esposo! Ele não é aluno! Como é que ele vai? Vocês diziam que era só para aluno e ele vai!” [...] Aí, as mulheres disseram: “Não! Então, nós vamos passar a ir também!” Ou seja, foi uma ruptura de um status quo... na verdade, culpa dos alunos que quiseram abrir uma exceção para o meu marido porque ele era...*

E: Homem! Porque ele era homem! Porque nunca abriram exceção para mulher... É o que a gente chama de “brotheragem”. [RISOS] Eu escrevi sobre isso, se quiser procurar, tá lá!

O: *Mas, foi interessante, porque eu passei a frequentar os ambientes dos alunos e, ao mesmo tempo, frequentava o das esposas: chazinho, frequentava... é exagero! Eventualmente, eu até ia à alguma coisa, era difícil porque eu estava estudando.*

E: Mas ele não ia no chazinho? Ele tinha que ter participado desses grupos [RISOS]

O: *Não. Ele não ia nos chazinhos! [RISOS]. Ele fazia lá, outras coisas mas não ia aos chazinhos. Por quê? Até entendo! É uma coisa que não... ele ia morrer ali! Aquele papo de mulher, de: “Qual receita que você tem?” Porque a maioria ficava em casa. Mesmo as que tinham profissão, trabalhavam, lá, ninguém estava fazendo nada [...] Não era da natureza delas irem, mas passou a ter direito, digamos assim. (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

*E: O constrangimento maior, a perseguição em relação às [PATENTES] foi das esposas dos Oficiais! Que ficavam com ciúmes das novinhas que tavam chegando lá e tavam trabalhando com o marido delas. Foi o que o [PATENTE] falou: “Você fica até tarde despachando com o meu marido!”, eu falei: ‘Minha senhora, eu não fico até tarde despachando com o seu marido, eu sou da [ÁREA] e levo para o [PATENTE] o que ele me pede!’ Eu sofri esse constrangimento, justamente, [...] que a mulher ficou lá, me tirando! E eu tava com o meu marido! Imagina se eu tivesse sozinha! Se com o marido do lado, a mulher resolve ter ciúmes, você imagina... E não era ter ciúme porque era bunitinha, novinha, não! Tinha ciúme de tudo! Tinha mulheres que, realmente, obrigavam os maridos a transferir: “Transfere pra outro lugar! Não quero essa mulher com você!” Olha a situação! (Oficiala da Força Whiskey, sem filhos).*

*O: [...] uma coisa que nós podemos levar: empregado. Qualquer Oficial que vá, pode levar uma empregada, não sei se ainda é assim. Hoje em dia, cada vez as coisas mudam muito! [...] Mas, eu levei uma empregada! Ela ficava em casa cozinhando e com os meninos. [...] Ela ficava cuidando da casa, propriamente dita, e o [MARIDO] cuidava das coisas, por exemplo: [...] levava à escola, ensinava a andar de bicicleta, [...]. Então, ele fazia metade do que as esposas faziam, que era tudo em relação aos filhos, toda essa adaptação na creche e tal e ela, cuidava da casa. Ele teve tempo de se dedicar, claro, os meninos estavam no colégio e ele tinha tempo de se dedicar a esse projeto[...]  
[...] meu marido [...] é um faz tudo! O homem faz tudo! Graças a D’us! Maravilhoso! [...]*

E: Ele se dedicou ao projeto dele, pessoal.

*O: É! É uma coisa que ele gosta. (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).*

E: Eu ia te perguntar se o fato de você ter se unido com um civil, engravidou, se isso, de alguma forma, acabou travando, vou botar travando, a sua mobilidade profissional. “Ah, eu bem que gostaria de ter ido para lá, mas eu preferi ficar aqui pra...”

*O: Na verdade, não! Eu nunca tive ambição de ir para fora do país. Tenho muitas amigas que foram, fizeram curso, até de três, quatro meses, Estados Unidos... teve uma amiga que fez de [ÁREA]. Mas, eu nunca tive! Eu nunca tive intenção de ir para fora de sede e se eu tivesse que ir para fora de sede, eu só iria para [ESTADO] que é onde eu tenho casa! Porque assim, eu mesma, apesar de que minhas amigas adoram, viveram em vila militar mas eu, é da minha personalidade... [...] Eu sou muito caseira, eu não gosto muito de “oba oba”. Minhas amizades, quando, às vezes, eu não gosto de uma pessoa, porque, às vezes, a gente não tem afinidade, não gosta do jeito e tudo, eu prefiro ficar mais reservada. Eu sou incapaz de maltratar alguém ou de ser grosseira... não gosto, entendeu! Mas, eu também não gosto de ficar com quem não tenho muita afinidade. E eu sou uma pessoa muito franca, as pessoas...o meu rosto, às vezes, mostra que tem alguma coisa, então, prefiro ficar mais reservada. Eu nunca gostei de negócio de vila militar, nunca! Nunca gostei! É meu! E aí, se eu fosse para [ESTADO], eu até gostaria porque eu tenho a minha casa! Ia pra minha casa! Saía do trabalho e vou para a minha casa! Não fico ali, naquele ambiente, não gosto! Eu nunca tive esse interesse, então, não me prejudicou em nada!*

E: E uma outra pergunta que eu ia fazer é que, no Corpo, que era só de mulher, vocês apelidavam os homens de alguma coisa? “Ah, olha aquele lá...” “Aquele fulano não sei o quê...”

*O: Ah, claro! Garanto que eles apelidavam a gente, também, né! É! A gente fala! Se o cara tem um jeito esquisito, tinha um que eu falava que ele era “restos humanos”: “Minina, tu viu o Comandante? Minina, parece ‘restos humanos!’” Por quê? Porque tinha o nariz grande, aí, boca pequena, aí, tinha uns braços compridos, mas, as pernas curta, entendeu? “Parece... gente, não parece que pegou perna de um, o braço de um outro, a cabeça de um outro, nariz de... dum defunto e montou esse cara aí?” Aí, o pessoal: “[NOME], tu é muito engraçada!” Porque eu sou meio cômica, às vezes, né! [RISOS]: “Não, gente, sinceramente, não parece ‘restos humanos?’” “Aí, [NOME], que horror! Mas, que ele parece, parece!” A gente faz e os caras, também! “Aquela bunduda, aquela pernocuda...” porque, às vezes, a mulher tá de paisana, quando sai da farda, aí vê: “Nossa!”, calça mais apertadinha: “Que pernao que ela tem!” Eles também não dá apelido na gente? Dá! Dá, sim!*

E: [RISOS] Eles nem devem sonhar com isso! Muito bom! (Oficiala da Força Juliet, com 2 filhos).

Percebe-se que as falas narram sobre como a família se estruturava em função dos trabalhos de ambos, mas sempre a mulher militar dando prioridade a estar junto dos filhos e do companheiro. Quando havia a oportunidade de poder cursar algo fora da cidade, a mulher militar conseguia levar o esposo e filhos, conforme a fala da oficiala que esteve fora de sua sede: de forma privilegiada, mas, dentro das normas das FA, pode levar uma acompanhante para executar os serviços de cuidado, já que estaria ocupada fazendo seus deveres como militar em missão. Seu esposo, porém, ficou com as tarefas menos onerosas, como o lazer dos filhos enquanto a funcionária era a encarregada pela casa. Viu-se, desta forma, que, mesmo o homem militar - como era o caso do marido - o qual é treinado para fazer suas atividades voltadas ao cuidado, conforme descreveu Castro (2021), só as executa por obrigação da carreira. Isso lembra o caso da oficiala e seu chefe que negligenciou uma missão para assistir a um jogo de futebol, citado anteriormente neste capítulo.

Socialmente falando, me parece que a carreira militar corrobora com as desigualdades entre os gêneros por reforçar que algumas atividades militares sejam executadas por homens e outras, por mulheres, mesmo que haja funções específicas para cada Arma, Quadro e Corpo. Ser um companheiro de uma militar e ser uma mulher de militar não são vistos como funções sociais de forma iguais, já que a segunda é ser uma cuidadora socialmente aceita.

A própria descrição de ambos já difere, conforme as falas das oficialas, onde ser esposa não é, necessariamente, ser uma companheira, ao contrário de seus parceiros, onde foi reforçado que aceitavam suas funções profissionais e as auxiliavam em suas rotinas cotidianas, dentro do estabelecido socialmente para um

homem. Cabe lembrar que, assim como coloquei no capítulo três, as esposas de militares - que chamei de não militares - não são bem vistas por serem agressivas e controladoras dentro dos espaços de convívio desses profissionais, bem como são responsáveis por assuntos sobre caridade, também descrito naquele capítulo.

Aqui, apresentei a fala de uma oficiala que sofreu constrangimentos em relação a uma dessa não militares. Para DeMille (1992, p. 236), o ideal de uma esposa de militar é exatamente o oposto ao que ocorre nas FA brasileiras, perceptível durante a escrita desta tese:

[...] não ficava de mau humor como tantas esposas modernas fazem hoje, as que querem ficar com o bolo e comê-lo também. [...] Ela não embarçará o marido com falhas de comportamento, aceitará o bom e o mau, reconhecerá seu próprio valor como esposa e parceira, e não arranjará um trabalho de vender propriedades imobiliárias no centro numa patética tentativa de declarar sua independência. Não usa as estrelas de general, mas sabe também que ele não as estaria usando se não fosse por sua ajuda, sua dedicação e lealdade ao longo dos anos.

Percebe-se que as mulheres militares brasileiras prezam mais pelos seus casamentos que seus colegas homens, já que não ouvi nenhuma história de militares mulheres que se envolveram com situações ilícitas, além de seguirem, também, a regra de que para ascender, precisam estar casadas. Entretanto, suas histórias me foram contadas com alegrias, diferentemente daquelas que ouvi e relatei no capítulo 3 deste trabalho, onde os homens falaram sobre seus casamentos como desgastados e que estariam juntos por uma obrigação moral. Ainda, os homens militares se vangloriavam em contar sobre suas aventuras amorosas, mesmo já estando casados, sendo o oposto das mulheres militares, que se mostravam muito reservadas.

#### **4.2 Considerações sobre o capítulo**

As entrevistas foram muito leves, apesar de os assuntos serem pesados e tristes em alguns momentos. As entrevistadas e eu rimos muito sobre diversas situações ao longo de suas trajetórias, que foram ultrapassadas porque desempenharam seus profissionalismos de forma exemplar. As militares me

receberam com muito amor e carinho nos locais que combinamos e com outras interações em nossa volta: crianças, bichinhos de estimação, filhos e filhas, parentes em geral. As conversas foram longas e percebia que sempre começávamos de forma tímida: eu, por desconhecer o mundo militar e ser limitada em diversas questões sobre o ambiente da caserna.

Elas, por serem experientes em assuntos militares, mas desconheciam as abordagens sociológicas que eu apresentava. Talvez, pelo fato de que entrevista tenha sido de cunho acadêmico e não jornalístico, como elas estavam acostumadas a ceder por serem as desbravadoras em suas Forças. Mas, à medida que íamos conversando, as lembranças sobre situações constrangedoras iam surgindo nas suas mentes, bem como as cômicas.

Nenhuma delas me solicitou para serem chamadas pelas suas patentes. Ao contrário, poucos homens com quem conversei, especialmente com os do Exército, pediram para chama-los pela patente em sinal de respeito, o qual não acatei por entender respeito de outra forma, sendo compreendida pelos mesmos conforme relatei no capítulo três dessa tese, causando incômodo apenas nos e nas não militares.

As oficiais que me cederam suas entrevistas demonstraram ter muito conhecimento sobre suas Forças e as demais, bem como sobre suas atividades e atividades-fim, sempre se colocando como mais uma parte do sistema para que ele funcione corretamente. De forma muito coerente e profissional, as oficiais relataram suas experiências em tom de agradecimento às Forças, mas sabendo que fizeram sempre os seus melhores desempenhos, elogiando aqueles e aquelas que eram bons militares, sem distinção de gêneros.

Suas lutas por melhores condições de trabalho foi algo que me surpreendeu, onde as portas foram abrindo para que novas jovens militares pudessem ingressar nas Forças Armadas. O fato de serem mulheres não as exclui de serem gentis, profissionais, assertivas, mães, companheiras e amigas, conforme Liu (2021) desenvolveu em seu *between* e que me ancora neste estudo.

Percebia, nitidamente, aquilo que abordei na minha dissertação de mestrado - o *script* sexuado de carreira (LOSS LEITE, 2020): constantemente, as mulheres precisavam mostrar, pelo fato de serem mulheres e não apenas profissionais, que, para estarem aonde chegaram, deveriam fazer mais que os homens, a fim de não

serem taxadas de incompetentes ou por terem conseguido algo por se usarem de suas feminilidades.

Em relação ao respeito esperado dentro das FA brasileiras, conforme relatado nas falas, notei que está ligado a um cavalheirismo retrógrado, mas que qualquer mulher espera de alguém com quem trabalha, onde importunações sexuais não devem existir. Entretanto, conforme Janowitz (1967), o cavalheirismo militar tem origens em um feudalismo aristocrático e na prática em si da cavalaria, fazendo, assim, que tal grupo se estabelecesse com padrões próprios de honra, tradições e normas. Para as oficiais, o respeito esperado dentro da caserna deveria ultrapassar o lado pessoal das relações e atingir o profissional, vendo-as como militares executando as tarefas dadas, tal qual é feito com o homens militares.

As oficiais demonstraram muito conhecimento sobre as regras militares, onde o oposto a seu colegas ficou visível. A meu ver, alguns militares estavam mais preocupados em dar ordens por serem homens e estarem há mais tempo nas funções que estudarem sobre os uniformes, por exemplo, não realizando, desta forma, seus trabalhos nem suas obrigações de maneira satisfatória enquanto as mulheres sabiam, exatamente, onde deveriam atuar e onde poderiam melhorar ou sugerir melhoras, incluindo a altura do corte do cabelo em centímetros. Por isso, os homens militares “cravavam” - usando a fala nativa - as oficiais com o intuito de desacreditá-las, como no episódio narrado abaixo, em momentos de treinos físicos:

*O: [...] E aí, um [GRADUAÇÃO] veio cravar a gente, “Ah, por que que vocês estão com a blusa pra fora?” Aí, a gente, “não [GRADUAÇÃO], a nossa blusa é pra fora.” Aí ele: Não interessa! Bota a blusa pra dentro!” A gente: “Não [GRADUAÇÃO], a nossa blusa é pra fora...”, aí, ele não tinha o conhecimento do nosso uniforme, por exemplo, não tinha. Esse tipo de orientação né, mais afim do nosso uniforme. (Oficiala da Força Juliet, sem filhos).*

Em relação ao medo de se ter mulheres nas mais diversas FA, não apenas no Brasil, já que poderiam ser abusadas pelos inimigos, ferindo a honra de uma nação, vê-se que as profissionais podem sofrer - e sofrem - violências pelos próprios colegas: as *Nachthexen* (ARMENI, 2019) andavam sempre juntas para não correrem o risco de serem atacadas tanto pelos nazistas quanto pelos seus colegas.



No chamamento de militares para o CST, uma das militares relatou às demais colegas sobre seu estupro por um soldado de uma outra unidade estadunidense enquanto esteve no Iraque. As FA daquele país, por conta de vários relatos desse tipo, na época, apresentaram um vídeo mostrando como identificar um predador, categorizando como “estupro por conhecido” (LEMMON, 2018, p. 43), informando que as militares precisariam ter cuidados não apenas nos campos de batalha, mas com seus colegas masculinos. A militar se prometeu nunca mais se calar frente a uma violência, dizendo que “[...] não baixaria o tom ou permaneceria “amável” e quieta diante de algo que acreditasse estar errado [...]” (LEMMON, 2018, p. 182, grifos originais). Ou seja, a justificativa de não ter mulheres nas FA para evitar que sejam atacadas por pessoas externas não as protege de serem desrespeitadas por seus próprios colegas, como viu-se nas narrativas concedidas a mim, em que nos encontramos em período de paz permanente.

Além disso, o ingresso de mulheres se deu nas FA ocidentais por questões estratégicas: durante a Segunda Guerra, o Reino Unido já estava sem homens para irem aos campos de batalha. Por isso, decidiram recrutar mulheres. Entretanto, o Alto Escalão da Baker Street, 64, não estava confortável com a decisão, chamando-a de obscena (Rose, 2022, p. 29):

A guerra é travada pelos homens em prol das mulheres e das crianças; que serventia poderiam ter as mulheres em combate? Para todas as culturas ao redor do planeta, a participação feminina em guerra é um tabu: seus corpos são construídos com o propósito de gerar vida, não de destruí-la. [...]

Os britânicos acreditavam que as mulheres no *front* seriam alvos fáceis para ocorrerem estupros por parte dos nazistas, sendo seus corpos vistos como recompensas de guerra. Logo, em defesa da honra britânica os Altos Oficiais negaram a participação delas, em um primeiro momento.

Entretanto, descobriu-se que colocar mulheres em conflitos nunca foi contra as leis da guerra. Conforme as Leis do Serviço Nacional, elas eram aceitas em massa para os serviços auxiliares, sendo agregadas às forças de trabalho. A lei permitia que uma mulher poderia usar armas letais, caso assinasse um documento onde

declarasse que entendia plenamente o significado de matar e de morrer. Logo, as mulheres passaram a serem vistas como úteis, ou até mais que isso: essenciais.

Pelo fato de mulheres estarem sempre mais voltadas ao âmbito doméstico, sendo vistas como mais frias e mais corajosas em suas realidades sociais, além de serem mais solitárias, seriam pessoas aptas para o serviço de espionagem. Para os oficiais, mulheres andando de bicicletas e atuando como *saboteuses*<sup>92</sup> não levantariam suspeita dos nazistas.

Importante ressaltar que nos EUA, quando as primeiras militares entraram no 75º Regimento Ranger, uma força de elite do Exército, para irem ao Afeganistão, ao selecionarem o nome da equipe, todos concordaram que a palavra “feminina” não deveria ser usada, justamente porque isso tornaria a aceitação delas ainda mais difícil em um grupo exclusivamente de homens. Nesse caminho, a palavra “equipe” (*Team*, na sigla em inglês) foi a utilizada.

Além disso, a fim de evitar que as mulheres estivessem atuando na linha de frente, o uso da palavra “apoio” (*Support*, na sigla em inglês), também, foi, cuidadosamente, escolhido. Por último, a palavra “cultural” foi designada para simbolizar que as militares estadunidenses estavam atuando junto àquele tecido social para atingirem os moradores locais e pessoas as quais os homens estadunidenses não alcançariam, como o grupo das afegãs. Assim, nasceram as Equipes de Apoio Cultural, ou as *CST (Cultural Support Team)*.

Percebi, através das narrativas colhidas, que as militares sempre honraram suas fardas, mesmo em momentos de desrespeito e indisciplina. Enquanto seguiam todos os procedimentos e trabalhavam como profissionais militares, alguns de seus colegas do gênero oposto se portavam como antiprofissionais. Tanto em meu momento empírico de coleta de dados em campo, como nas entrevistas, não soube de casos de militares femininas que desobedeceram a alguma ordem ou pedido de alguém hierarquicamente mais alto, salvo os casos de mulheres que se usavam de sua condição feminina para se favorecerem, mas, dentro da aceitação do comando, o que não gerava punições.

Além disso, o fator cultural também apareceu durante as falas de uma entrevistada, mostrando que “forçar uma barra” para criar uma lei apenas para ter mulheres não era o correto. Ainda, a citação de outros países que empregam a força

---

<sup>92</sup> O trecho correspondente na tradução é: “espiãs”.

feminina também foi levantada, mostrando que há uma cultura sobre defesa nacional e a quem deveria receber o devido treinamento.

É sabido, conforme colocado no capítulo dois dessa tese (ARMENI, 2019), que as soviéticas recebiam treinamento desde a mais tenra idade do governo local. Entretanto, mesmo o Regimento Feminino do Grupo de Caça de Marina Raskova, as mulheres foram obrigadas a retornarem para suas vidas de não militares e a seguirem em carreiras burocratizadas ou voltadas para a área do ensino, como ocorreu com a última *Nachthexen*, Irina Rakobolskaya, falecida em 22 de setembro de 2016, onde, dois meses adiante, completaria 97 anos.

Todas as entrevistadas, fossem da Terceira, da Quarta como as da Quinta Geração, se posicionaram ao longo de suas carreiras, mesmo as mais modernas, em relação às suas questões profissionais, reivindicando direitos dentro das Forças, mudando, inclusive, leis para terem melhores condições de trabalho. Conforme viu-se nas falas das oficiais, dentro de um discurso institucional amparado na Lei, observou-se que a preocupação era de resguardar as mulheres e os filhos, sem mostrar que a figura paterna é importante na criação dos mesmos.

Talvez, por isso, vemos tantas desigualdades entre homens e mulheres, não apenas nos meios militarizados, mas, na sociedade como um todo. O fato de haver, dentro das FA, uma Lei que diferenciava homens e mulheres e determinava sua função social, talvez, demonstre o conservadorismo de nossas instituições militares. Foi somente após a entrada das mulheres que as leis passaram a ser vistas sob outro aspecto, sendo, enfim, alteradas.

Percebi mudanças significativas nos discursos de uma geração para a outra, mas, mantendo uma coerência e uma postura muito madura nas jovens oficiais da atualidade. Ao contrário das mais antigas da Terceira e da Quarta Geração, as quais entraram jovens e sem experiência alguma, mesmo com formação profissional, as militares entrevistadas mais modernas - para usar a linguagem nativa - da Quinta Geração sabem muito bem o que vem a ser um constrangimento vindo de seus colegas homens e de seus superiores, não maquiando as ações. Entretanto, o receio de serem perseguidas, ficarem “marcadas” em suas carreiras e não ascenderem por terem denunciado algum oficial permanece, mostrando que as Forças, ainda, lidam com as questões de diferenças entre os gêneros de forma muito insipiente. Talvez, por isso, algumas das mais antigas não tenham se pronunciado diretamente sobre o assunto.

Assim como as mais antigas, as da Quinta Geração continuam seguindo “na marca” - outro termo nativo - as regras e as ordens, mesmo algumas sendo impraticáveis e que mereciam serem explicadas aos oficiais mais antigos. Isso demonstra que a mulher militar no Brasil, em sua grande maioria, atende ao profissionalismo que Janowitz (1967) levantou sobre os militares das Academias estadunidenses pós Segunda Guerra. Ainda, visto nas falas, as oficiais mais modernas retratavam suas realidades demonstrando que a Alta Cúpula das FA brasileiras, por não terem atuado com mulheres no início de suas carreiras ainda desconhecem e desprezam o trabalho das militares brasileiras, colocando-as em posições não prestigiosas nas Forças.

Também foi relatada a ação de mulheres militares que se utilizam da feminilidade exacerbada para obter vantagens, seja não estando no posto de trabalho conforme a escala, as quais acionam outros meios não regrados para se estabelecerem na carreira, assim como ocorre em outras carreiras, sejam públicas ou privadas. A luta das militares brasileiras, assim como foi em outros países, é, ainda, para demonstrar seu profissionalismo militar aos seus superiores, os quais, infelizmente, permanecem julgando as profissionais por seus atributos físicos. E nessa esteira, algumas mulheres, de certa forma, inteligentemente ou não, aproveitam a brecha para se sobressaírem.

Entretanto, conforme as falas apresentadas, para as oficiais, os exemplos deveriam vir da alta hierarquia, não permitindo que mulheres se beneficiassem dessa forma, já que o discurso de igualdade é sempre acionado quando se trata de mulheres nas FA. Para elas, se o homem militar permite as “gracinhas”, abre espaços para que as situações não esperadas ocorram.

O estereótipo da “maria- homem” (LEMMON, 2018, p. 47) parece incomodar as FA como um todo, como se na caserna a beleza, apenas a feminina, importasse mais que ser uma boa profissional. Uma mulher em uma saia lápis quase sem respirar para delinear seu corpo parece ser mais palatável aos olhos masculinos que uma mulher com músculos aparentes, já que sua profissão lhe exige, a todo instante, a força física<sup>93</sup>, conforme as falas demonstraram sobre os testes físicos.

De certa forma, pude acompanhar como se cria uma nova oficiala de alta patente em duas Forças. Várias pessoas, sabendo sobre a minha pesquisa, me

---

<sup>93</sup> Ver as Considerações Finais do capítulo três sobre a “questão da mochila”.

relatavam sobre alguns nomes e que seriam as próximas Generalas. Tais jovens, formadas nas respectivas Academias, eram completamente opostas no que diz respeito às suas feminilidades, mas totalmente alinhadas aos seus desejos de quererem ascender dentro de suas Forças. Apenas, me chamava a atenção como cada Força lidava com a promoção de seus nomes, mas, nunca abandonando a hipersexualização de um corpo feminino.

Não cheguei a entrevistar tais oficiais, haja vista que as mesmas eram sempre muito observadas pelos oficiais em relação à forma que se reportavam caso não fosse uma fala oficial. Mas, tive a oportunidade de vê-las, brevemente, falando em eventos em que eu estive presente. Seus discursos eram aquilo que cada Força esperava: sempre agradecendo a oportunidade de estar naquele lugar e falando que nunca houve desrespeito entre homens e mulheres. Com uma delas, falei alguns minutos antes dela se apresentar onde me relatou queixas sobre as mulheres de oficiais, a quais, atormentaram a ela e às suas colegas com a alegação de que elas não deveriam estar ali e que elas “roubariam seus maridos”.

Cabe lembrar que na literatura proposta nesta tese, bem como neste capítulo, também relatei casos de assédios por parte dessas não militares.

A meu ver, as Forças perdem a oportunidade de permitirem que estas jovens mulheres possam trazer uma nova visão sobre o que é ser uma profissional militar no Brasil, com suas vivências como militar, mas, também, como mulher. Não é raro de acontecer em eventos ouvir falas de oficiais homens relatando suas “histórias de superação” dentro de suas carreiras, geralmente desinteressantes e com o intuito de arrancar gargalhadas da plateia, ou seja, nada ligado ao convívio intenso que é se tornar um militar. Logo, por que não tratar de forma igualitária as mulheres e permitirem que tragam à tona suas reais experiências como militares? Não permitir que as militares engajem em prol de direitos iguais na carreira me parece ser o oposto daquilo que ouvi no início de minha inserção no campo: “*Aqui, tratamos as mulheres de Força igual e com respeito*”.

Vou ao encontro de hooks (2017, p. 120- 121), a qual defende que deveríamos levar mais em conta “[...] a experiência, as confissões e os testemunhos como modos de conhecimentos válidos, como dimensões importantes e vitais de qualquer processo de aprendizado.”. Afinal, “[...] quais questões morais se levantam quando eles falam sobre uma realidade que não conhecem por experiência [...]”? E ao me referir a “eles”, falo dos militares de carreira, ocupantes das posições de poder dentro das FA, os

quais, em sua grande maioria, jamais passou por constrangimentos em relação ao seu gênero dentro das Academias.

Penso que, ao invés de as Forças criarem uma profissional que atenda às suas demandas midiáticas e públicas, poderiam preparar, de fato, tais militares para assumirem postos de comando, onde estratégia, inteligência, disciplina e hierarquia seriam, de fato, testadas. Ao invés disso, percebo que as FA brasileiras ainda estão na fase de criar uma profissional que atenda às demandas de um discurso pronto de cada Força, mas não de suas companheiras, atendendo aos pedidos da mulher ocidental socialmente construída, deixando ideologias políticas e conservadoras bastantes claras.

Na minha visão, parece que as FA estão reproduzindo a atitude *blasé* simmilianiana frente às drásticas mudanças que ocorrem no mundo, de uma forma geral, sem esquecer de Wirth (1976) sobre a independência, cada vez maior, das mulheres ocidentais, o qual alega que a cidade não constrói o tipo social ideal; ao contrário: nela, as mulheres tendem a trabalhar fora de casa, a terem menos filhos ou serem solteiras, levando uma vida independente.

Vale destacar que, conforme Lemmon (2018), desde 1948, nos Estados Unidos, o serviço militar das mulheres era seguido de acordo com a Lei de Integração de Serviços Armados das Mulheres, onde as impedia de servir em qualquer navio da Marinha que não fosse usado para transporte ou que fosse um hospital, bem como de servir em aviões que pudessem participar de uma missão combatente. Nesse período, não havia referências às mulheres sobre combater de forma terrestre.

Entretanto, foi nos anos 1980 que as militares passaram a ingressar em tripulações aéreas não combatentes e a servir em alguns navios da Armada estadunidense. Nos anos 1990 e 1991, 40 mil soldadas mulheres foram chamadas para as Operações Escudo e Tempestade no Deserto, podendo servir em aviões e em combates navais, mas, ainda, não podendo participarem de combates em terra.

Logo, a questão dos gêneros e suas diferenças passam a ser amenizadas quando se percebeu que mulheres, em situações militares específicas e sem ser nas profissões de cuidados como médicas ou enfermeiras, poderiam auxiliar na luta armada, também. O “terceiro sexo” (2018, p. 66) - ou seja, não ser uma mulher iraquiana nem um homem estadunidense - permitia às militares do CST a serem respeitadas por seus trabalhos, de fato.

Chamar militares de “as FEM”, “as Febianas<sup>94</sup>”, “a marinheiro feminino”, “a engenheiro”, “o segmento feminino”, “as gurias”, desqualifica e categoriza levando em conta o sexo biológico ao invés de igualar. O assunto sobre a flexão dos gêneros nas patente causava desconforto nas e nos militares mais antigos. Entretanto identificar como “a médica”, “a enfermeira” e fazer a flexão da profissão não era questionado e aceito de forma natural. Não vi ninguém se reportando como “o médica”, “o enfermeira”, “o professora”, já que são profissões onde há maioria feminina e onde as mulheres militares ingressaram no primeiro momento.

Na fala de uma oficiala, a mesma questiona sobre “o lavadeiro”, a taifeiro mulher”, ancorada em um discurso ideológico contra questões tidas como progressistas. Logo, confirmo que há inconsistências nos discursos sobre isso, haja vista que a Língua Portuguesa é usada no meio para se reportar a determinadas profissões tidas como femininas, mas não pode alterar as que se referem ao masculino, como uma carreira militar, mesmo que já existam corpos femininos atuando.

Se há tanta resistência em flexionar a patente para não gerar constrangimentos e apresentar o “dono” e a “dona” da patente pelo sexo biológico, por que chamar de categorias que rebaixam as mulheres ou se reportar quando lhe for conveniente? As militares do *CST* se chamavam entre si, já que sabiam que eram vistas como “mulherezinhas”, como *Casual Sex Team* ou *Coffee Support Team*<sup>95</sup> (LEMONN, 2018, p,176). Rose (2022) salientou a forma que as enfermeiras britânicas eram identificadas na Segunda Guerra (p.110, grifo original): [...] (Toda auxiliar tinha um apelido no diminutivo e elas foram apelidadas de “*First ANYwhere’s*” - as primeiras em qualquer lugar -, com todas as situações imagináveis.). Ressalto a nomeação do grupo britânico, a qual me chamou a atenção pelo fato de que a palavra *funny* pode ser traduzida, do inglês, como algo ou alguém engraçado, cômico, divertido. Talvez, a escolha do nome não tenha sido aleatório, assim como as questões que envolvam os gêneros, no caso das flexões das patentes, por exemplo.

---

<sup>94</sup> Forma que as mulheres militares são chamadas: na Polícia Militar do Rio de Janeiro, como FEM e as participantes da FEB, de Febianas.

<sup>95</sup> Os trechos correspondentes na tradução são: “Equipe de Sexo Casual” e “Equipe de Apoio do Café”, respectivamente.

As entrevistadas, bem como as militares acima, riam das situações que passaram nos inícios de suas carreiras com os uniformes, especialmente com os maiôs de natação.

Por fim, termino este capítulo trazendo uma passagem de DeMille (1992, p. 4, grifos originais) que pode auxiliar a pensar sobre os gêneros na FA brasileiras e como as mulheres deveriam ser vistas:

“Deu-me a opinião dele sobre as mulheres nas forças armadas:- Elas têm que se agachar para mijar. Tente fazer isso com quase trinta quilos de equipamentos de campanha. – Então anunciou: - Tenho que esvaziar o dragão – e trotou para o banheiro dos homens, onde acho que usou o mictório.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa tese, teço algumas considerações baseada em minhas percepções em campo e nas falas narradas nas entrevistas sobre o ingresso das mulheres nas FA brasileiras naquilo que diz respeito às suas carreiras. Primeiramente, vou ao encontro de Carvalho (2017) sobre a criação de um imaginário coletivo para legitimar uma história e criar um mito, fazendo isso parte de um processo de legitimação de qualquer regime político.

Para o autor (p.11): “É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo.” Assim como Carvalho, eu, também, acredito que não é apenas através das ideologias e das utopias que se constrói o imaginário de uma sociedade, mas, sim, com símbolos, mitos e rituais, já que, por conta de seu caráter menos codificado, podem se tornar elementos poderosos nas construções sobre as aspirações, os interesses e até sobre os medos coletivos.

Atingido o imaginário, quem detém esse poder pode criar versões de mundos e moldar condutas. O autor chama a atenção que na França da Revolução, em 1792, educação pública significava, literalmente, formar as almas, já que o nome do local que efetuava as propagandas no Ministério do Interior era o *Bureau de l'Esprit*. Carvalho salienta que os traços de heroísmo e de virtudes oferecidos ao povo aquecia suas almas, fazendo surgir sentimentos ligados à paixão, glória, felicidade e à devoção daquela nação: a figura feminina da República francesa foi altamente utilizada para quebrar o vínculo com o *Ancien Regime* por representar o povo com seu barrete frígio clamando por liberdade. Por isso, a construção do mito do herói - ou da heroína - é tão importante, já que necessita de uma figura real para torna-la um arquétipo de valores coletivos e suas aspirações.

O mito, então, deve dominar o imaginário da tradição escrita e oral, artística e até em rituais. O mito se cria mesmo sem evidências documentais, sendo gerado conforme os mecanismos simbólicos que não se enquadram, necessariamente, na narrativa histórica.

Aqui, retomo à questão das mulheres heroínas da Primeira Geração, as quais eram negras, indígenas, nordestinas, brancas, europeias, de classe mais abastadas ou não, mas com um ideal: salvar suas terras - hoje, nossa Pátria - dos invasores e

lutar por seus ideais, completamente opostas às que tentam ser construídas pela história militar atual brasileira.

Logo, ao apresentar as figuras femininas da Primeira Geração de mulheres nas Forças Armadas do Brasil, saliento sobre a importância para desmitificar - bem como, desmistificar - a história brasileira, a qual é formada por uma imagética puramente masculina, apenas. Além disso, conforme Carvalho (2017, p. 58): “Herói que se preze tem que ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado.”

Seria por isso que nossas Forças Armadas desprezam as primeiras desbravadoras? Ou seja, seria por conta de serem mulheres de várias cores e etnias, com classes sociais distintas e que, por isso, não poderiam ser tidas como figuras heroicizadas já que não possuem características físicas viris, isto é, barbas, bigodes e músculos aparentes? A meu ver, por conta desse apagamento das mulheres da Primeira Geração nas Forças Armadas, reflete-se o apagamento atual das mulheres na caserna, já que, outrora, combatiam e hoje, cuidam, de uma maneira geral. Chamar as mulheres da Primeira Geração de “mitos” apenas por não terem comprovação histórica reconhecida me parece uma estratégia de apagamento histórico.

Necessário dizer que há narrativas que insistem em afirmar que as primeiras mulheres nas Forças foram as enfermeiras da FEB, deixando de lado, inclusive as militares daquela época da FAB, para reforçar o processo mítico do Exército de forjar a “sua” nação, inclusive, moldando mulheres para suas tarefas naturais e excluindo-as dos ambientes de poder e de decisão, como um teatro de operações, por exemplo. Isso acaba por refletir nas mulheres militares da Terceira, Quarta e Quinta Geração, onde suas existências são preteridas para que os homens sejam honrados na carreira, sem levar em conta seus profissionalismos e comprometimento com as FA.

Aproveito a explicação de Carvalho e marco nesta tese sobre a origem de um mito na entrada das desbravadoras nas Forças: o maiô de natação. Todas as entrevistadas, das três gerações abordadas por mim, falaram sobre a vestimenta, taxada como “*um horror*”, conforme as falas das oficiais. Ao longo do tempo, o mesmo foi substituído por algo mais confortável no que diz respeito à transparência ou às cavas do modelo devido às demandas das primeiras mulheres preparadas para serem miliares.

Sobre as categorizações, de uma forma geral, entendi que a “tenentinha” é oriunda desde a entrada das mulheres nas FA brasileiras para se referir àquelas mulheres vistas como não profissionais que estariam à disposição dos militares para assuntos outros que não sobre trabalho. Desde 1980, o termo vem sendo usado e foi escutado por mim, em 2022, mostrando que permanece em uso.

Logo, o efeito de encapsulação e o de *token*, trazidos por Carreiras (2004), se fazem presente no interior das FA em relação às militares por serem tratadas de forma estereotipadas por seus colegas homens. Ainda, percebi que, nesse contexto, não havia nenhuma preocupação de se chamar de “a” tenentinha, diferentemente de outras abordagens sobre os gêneros. Ou seja, a marcação do gênero feminino era feita sem pudores, já que não ouvi nada sobre “os tenentinhos” em situações amorosas nem a tentativa de se manter a patente como “a tenentinho”, como ouvi sobre “a marinheiro”, “a engenheiro”, “a capitão” e outros. Isso reforça minha percepção sobre as flexões de patente e suas visões ideológicas.

Nas Forças, existem Armas, Corpos ou Quadros diversificados conforme cada uma delas necessita, isto é, sobre sua atividade-fim e seus complementos. Porém, todas elas possuem uma área em comum: a Intendência, a qual, de uma forma geral em todas as Forças, é a responsável pelas questões administrativas e burocráticas, em especial nas áreas de administração, suprimentos e de serviços das Forças. Ainda, está responsável por desenvolver atividades ligadas à ciência e à tecnologia da gestão econômico-financeira, preparando para cuidar das tarefas exigidas em combate de superfície integradas ao sistema logístico.

Percebi que todas as Academias abriram, primeiramente, para o ingresso de mulheres desde que fosse na função de Intendente, já que as mulheres, conforme viu-se na lei citada nas falas das oficialas, deveriam estar protegida por serem tratadas como “*fábrica de gente*”. Entretanto, ao longo dos anos, as mulheres militares demonstraram ser profissionais capacitadas, levando em conta todo o ensinamentos e regimento militar recebido, primeiramente nos Corpos e Quadros, e, posteriormente, nas Academias, alterando leis em prol de seus direitos como militar.

O que pode-se ver, ao longo da história das mulheres nas Forças Armadas do Brasil, é que, excluindo os tempos de guerras - entre os séculos XVI e XIX -, coube às militares as atividades voltadas ao cuidado como em espaços ligados à saúde, ao ensino ou às atividades administrativas, como a Intendência. Nessa esteira, em todas as entradas de mulheres nas Forças, elas ingressaram em Armas, Quadros ou Corpos

específicos, não havendo a igualdade reivindicada pelos interlocutores de Takahashi (2002) em sua pesquisa sequer na linguagem.

A autora, ao abordar as primeiras Cadetes da AFA, escutou que seria “cansativo” a flexão dos postos já que daria uma ideia de diferenciação, sob a alegação de que o ambiente militar é um lugar igualitário (2002, p. 3):

“Ao entrevistar as cadetes fui informada de que o uso da denominação “os/as cadetes” era um fator que incomodava numa instituição onde todos se pretendem iguais. Muitas consideravam o uso deste recurso inadequado por ser “cansativo” e reforçar a ideia dicotômica entre homens X mulheres [...]”.

Assim como a autora, também abordei a flexão das patentes como parte de um progresso social dentro das FA, recebendo como respostas argumentos baseados em ideologias políticas, que foram confirmados em entrevistas e em conversas informais. Logo, reforço meu argumento trabalhado até aqui sobre a flexão da patente: o assunto me pareceu ser mais que apenas executar a ação, envolvendo questões outras, como partidarismos e conservadorismos antiquados junto às políticas militares para proteger o *status quo*.

A meu ver, a grande **questão militar** - categoria usada por Coelho (1976) e outros pesquisadores - desde o processo de Independência - no que diz respeito aos gêneros, profissionalismo e o mundo militar é que as militares no Brasil ainda não podem ascender da mesma forma que os homens. Por que há, ainda, este apagamento, dando a entender que às mulheres, somente, cabe o cuidado e atividades tidas como o *dirty work*?

Conforme apresentado neste trabalho, foi através de leis que houve a permissão de mulheres militares nas FA, não sendo uma conquista social como ocorreu no período da Independência. A elas, sempre coube atuarem de forma desigual desde sua entrada, a partir da criação de Corpos exclusivamente femininos - como na MB e na FAB - e de um Quadro Complementar, no EB.

As oficiais das FA brasileiras, apesar de estarem na mesma carreira, possuem suas ascensões diferenciadas das de seus colegas do sexo oposto, mesmo com o tempos de serviços equivalentes. Isso deve-se à entrada especial que elas sofreram, tendo em vista que não ingressaram via Academias Militares, mas, sim, em Corpos e Quadros que já possuíam um limite de ascensão profissional.

Acredito que consegui, ao longo deste trabalho, desenvolver minha questão de pesquisa e descobrir achados ao mostrar como as militares são vistas dentro das FA: quando se fala sobre o respeito, que sempre ouvia tanto dos homens quanto das mulheres, percebi que tal tratamento era em função de não se referir a uma mulher no sentido de ataca-la fisicamente por um colega dentro de uma OM e outros constrangimentos de cunho sexual. Para as FA, respeito está ligado a moralidades, as quais são ensinadas em ambiente privado, mas que acompanham o *habitus* militar.

Entretanto, o respeito profissional não é realizado quando se trata de mulheres em tarefas militares. Pelas falas das entrevistadas, todas foram desrespeitadas por serem mulheres em ambientes composto por homens. As falas masculinas eram sempre no intuito de desestabilizar emocionalmente uma militar para que desistisse de sua carreira. Logo, o respeito pessoal, quando ocorria tais situações em nível profissional, também acabava sendo atingido.

E é esse o ponto: as mulheres não são respeitadas como profissionais militarizadas pelo fato de serem mulheres em uma carreira que, historicamente, deve pertencer apenas ao homens, nas suas visões, nem que para isso a disciplina e a hierarquia não sejam seguidas, como vimos quando se tratava de um homem se reportar às oficiais, tanto os mais antigos, quanto os mais modernos. Tive acesso a alguns homens pertencentes à primeira turma do QCO que mostravam seus incômodos em relação a algumas oficiais terem chegado a coronelas e eles, não. A frase colocada por uma das oficiais diz muito sobre esta questão: “[...] *“Se eles não te enxergarem como um bom militar, eles não vão te enxergar como um bom profissional”, [...]*”.

Logo, os homens das FA não enxergavam e, ainda, não querem enxergar as militares, sejam as de carreira, de Quadros e Corpos ou as temporárias, como militares capacitadas, mesmo que tenham recebido o devido treinamento e, por conta disso, não as veem como profissionais aptas para ocuparem lugares nas OM's.

Além disso, concluo que a entrada das mulheres nas Forças Armadas brasileiras se deu, a meu ver, por conta do ingresso de mulheres na Polícia Militar do Estado de São Paulo - haja vista a incorporação às Forças Auxiliares em 1970 e sua experiência trazida de Londres pela Comandanta Macedo, em 1955, sendo as primeiras mulheres militares da América Latina, bem como da legalização das mulheres nos EUA, em outubro de 1975 em suas Academias Militares.

Dessa forma, acredito que por causa de tal ação, as FA do Brasil passaram a aceitar mulheres em seus Quadros e Corpos, de forma limitada e com formação profissional de fora da caserna - primeiramente na MB, sendo, depois, na FAB e no EB: dez anos mais tarde, ou seja, em 1980, a Força Naval criava seu Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha - o CAFRM, as quais foram treinadas pelas militares paulistas -, lembrando em muito o Serviço Feminino da Marinha Real (*Women Royal Navy Service - WRENS*), sendo, rapidamente, seguida pela FAB, onde foi criado o Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica - o CFRA, assim como foi feito na Grã-Bretanha como a Seção Feminina da Real Força Aérea (*Women Royal Air Force - WRAF*), sendo ambos grupos ingleses formados durante a Segunda Grande Guerra.

Apenas doze anos mais tarde, em 1992, o Exército ingressava com sua primeira turma mista no Quadro Complementar de Oficiais - QCO. Ressalto que a AFA, ao incluir mulheres, também recorreu às militares da Academia de Polícia Militar de São Paulo, por conta de seu uniforme ser mais bem adaptado às militares, conforme citado nesta tese.

Sobre o chamamento pela patente, onde até eu<sup>96</sup> fui chamada a atenção para chamar certas pessoas ao invés de chamar pelo nome - atitude que não acatei - percebi que no mundo militar as mulheres são chamadas pelo seus nomes. Embora haja a questão da antiguidade, na qual o mais antigo tem o direito de ter o nome de guerra escolhido, não podendo haver nomes iguais para não confundir, sempre ouvia o nome das mulheres sem a colocação da patente, que pelas regras sociais militares, indicaria um certo respeito.

Por exemplo: se eu fosse a almiranta Carol, eu seria apresentada sempre como Carol, retirando meu posto. Já, se tivesse o almirante Carol, assim ele seria apresentado. Mais uma vez, percebemos que o respeito dentro da instituição militar possui um significado distinto daquele que a sociologia militar apresenta, conforme trazida nesta tese.

Sobre o ingresso das mulheres nas principais FA ocidentais, Caire (2002) apresenta que as três Forças britânicas integraram, definitivamente, os grupos compostos por mulheres através da legislação de janeiro de 1949: o Corpo Feminino do Exército Real (*Women Royal Army Corps - WRAC*), o Serviço Feminino da Marinha

---

<sup>96</sup> Essa condição foi descrita no Capítulo 3.

Real (*Women Royal Navy Service - WRENS*) e a Seção Feminina da Real Força Aérea (*Women Royal Air Force - WRAF*)<sup>97</sup>.

Assim como coloquei sobre a **questão da mochila**, exposta no capítulo três, Caire, também, apresenta que as mulheres não eram tão bem vindas nas Forças Armadas estadunidenses, em um primeiro momento: mesmo sendo extinto em 1978, no Corpo Feminino do Exército - o *WAC*, o cargo suprimido de diretora do Corpo foi substituído pelo de “[...] Conselheira do secretário de estado e do estado-maior para todas as questões ligadas com política a seguir perante o pessoal feminino. [...]” (2002, p. 214)., fazendo a diferenciação entre os gêneros, mesmo alegando que tais separações haviam terminado junto com o *WAC*.

Ainda, um artigo, datado de 1971, alegava que as mulheres não estariam aptas a auxiliarem seus colegas de fardas, referindo-se a diversos aspectos, tendo um duplo entendimento em seu título<sup>98</sup>. Nos EUA, a partir de 07 de outubro de 1975, conforme a Lei de Autorização da Convocação Militar, as Academias Militares passaram a ingressar mulheres: a de *Colorado Springs* (da Força Aérea), a de *West Point* (do Exército) e de *Annapolis* (da Marinha). Para Caire, o fato de se ver cada vez mais mulheres nas FA daquele país ocorreu de forma gradativa, dentro de um processo evolutivo, haja vista que não se alteram hábitos de uma hora para outra sem haver testes de eficácia e de rentabilidade para as Forças. Seria por isso o título do artigo de 1971, o qual pode estar se referindo aos gastos junto às FA e a substituição de mão-de-obra naquele país?

Importante lembrar que Caire demonstra que o limite do efetivo feminino sempre girou em torno de 10% do número total de integrantes de cada Força, da mesma forma que foi operacionalizado no Brasil, nos termos da lei. Hoje em dia, as Forças demonstram números maiores que este, mas, no quadro de carreira e nos de liderança, este permanece inalterado. A exemplo disso, no EB ainda não tivemos nenhuma Generala e até o término da escrita desta tese, não havia a nomeação para nenhuma delas, mesmo com os rumores que me chegavam de que sairia uma Generala “*logo, logo*”. Cheguei a conversar com uma candidata fortíssima a ascender

---

<sup>97</sup> Nos escritos de Caire (2002) e Rose (2022) surgiram siglas diferenciadas para se referirem aos grupamentos britânicos, o que considerei como um problema de tradução das obras.

<sup>98</sup> O nome do artigo é: “Será que as mulheres uniformizadas poderão salvar os militares? (CAIRE, 2002, p. 215).

ao posto, mas de maneira informal, não sendo a mesma de carreira, haja vista que as primeiras mulheres da Academia se formaram em 2021 na referida Força.

Pelo que pude compreender, os Quadros e Corpos que compõem mulheres, atualmente, podem chegar até três estrelas, como vimos a Major- Brigadeira Carla Lyrio, da FAB, se tornando, em final de 2023, a primeira Generala três estrelas das FA brasileiras e a primeira da FAB. A mesma pertence ao Quadro de Oficiais Médicos.

Na FAB, as três estrelas são destinadas às e aos Intendentes de carreira, ou seja, formados pela AFA, assim como o Quadro de Médico. As Aviadoras, daqui a algum tempo, poderão chegar à patente máxima, ou seja, a Tenente- Brigadeira, haja vista que somente chega -se às 4 estrelas quem é Aviador ou Aviadora. Isso demonstra que ainda há restrições para as mulheres militares ascenderem, mesmo sendo de carreira, já que suas colocações foram em Armas e Corpos que não estão diretamente ligados à atividade-fim das Forças.

Beattie (2009, p. 151), ao falar sobre a Lei do Recrutamento brasileiro, demonstra uma série de acontecimentos, onde uma guerra de interesses permanecia entre os políticos e militares, não levando em conta, porém, a vontade popular sobre o assunto. Segundo o autor, em uma tentativa de resistir ao alistamento, em 1884, o comitê de Conceição de Alagoas, em Minas Gerais, foi atacado por um grupo composto de cinquenta mulheres disfarçadas, as quais recolheram os documentos referentes ao alistamento e os inutilizaram.

O juiz de paz da localidade chegou a declarar que era “[...] absolutamente impossível conseguir-se fazer o alistamento militar, pois é esta a quarta vez que se tem tentado, e sempre interrompido por mulheres.” Beattie aponta que nesses casos houve a inversão dos papéis de gêneros, já que sempre as mulheres eram apontadas como acompanhantes dos homens e não o contrário, como ocorria nos ataques.

Beattie salienta que o governo foi ineficaz em implementar a Lei de Recrutamento, causando, por conta disso, desestabilização nas relações entre militares e não militares, já que os conflitos se davam entre os Oficiais do Exército com os políticos do Império, onde já havia criado raízes para as ideologias e as ambições elevadas dos militares (2009, p. 155, grifos originais):

[...] Desde a Guerra do Paraguai, os oficiais do Exército sentiam que tinham adquirido direito a exercer uma maior influência nas questões nacionais. A guerra encorajara a absorção da teoria militar europeia, e os oficiais cada vez



mais se inclinavam para emular a organização, ideologia e *esprit de corps* dos exércitos modelos da Europa: Alemanha e França. Essa superpotências tinham demonstrado o poder do militarismo, baseado na infantaria, para forjar uma identidade nacional e promover a unificação econômica, política e cultural. Igualmente, os oficiais brasileiros e seus aliados começaram a enfatizar o papel do Exército em galvanizar a unidade nacional.

Assim, pode-se ver que o Exército sempre foi o gerador do mito de origem brasileiro baseado em um militarismo masculino de um passado de glórias europeias. Talvez, por isso que a insistência no apagamento sobre nossas Heroínas da Pátria da Primeira Geração e a insistência nas histórias de Nery e de Fonseca.

Vimos que as militares no Brasil são sempre colocadas em posições com menor prestígio dentro da hierarquia. Entretanto, são supervalorizadas quando se fala delas fora da caserna, conforme o EB divulga, informalmente, que as mulheres ingressaram em Armas, mas, na verdade, foram em Serviços - de Intendência - e Quadros - de Material Bélico ou locais como Diretorias voltadas ao ensino e à saúde, bem como atividades ligadas a questões puramente burocráticas e administrativas - não tirando suas relevâncias - são os destinos de nossas militares.

Posições onde exigem mais estratégias ou maior envolvimento político e social não são oferecidas às mulheres que fazem carreira dentro das FA, o que me leva a pensar sobre o *dirty work* de Liu (2020). Ambas as Generalas que ascenderam nas Forças em 2023 não atuarão dentro de suas Forças, mas, em ambientes externos e ligados ao Governo Federal, diretamente, além de as mulheres terem acesso à primeira Arma no EB apenas em 2023, nas Comunicações.

Importante ressaltar que as mulheres ingressantes nas Forças Armadas brasileiras - dentro das posições que lhes foram disponibilizadas - abriram portas para as demais. Se hoje vê-se mulheres nas Academias e alcançando postos antes inimagináveis, foi através do esforço de algumas das desbravadoras, como escolhi chama-las respeitosa e carinhosamente, fazendo referência ao desbravar de locais inóspitos. Reconheço muita luta, mas, principalmente, muito profissionalismo com o intuito de atingir algum tipo de equidade dentro de um ambiente mundialmente masculinizado.

Na Marinha do Brasil, a “creche improvisada” em 1981 pode ter sido o pontapé para a alteração da lei sobre a licença maternidade e paternidade, auxiliando no bem-estar de ambos os sexos. Os homens militares precisam saber que portas se abriram

na carreira por conta da luta de algumas poucas mulheres militares que decidiram estarem juntas nos mesmos espaços que eles.

Cabe às FA brasileiras, bem como à sociedade em geral, reconhecer profissionalmente as mulheres e seus profissionalismos sem esquecer de suas vivências pessoais. As mulheres nas FA mostraram que não é através de dureza, mas da paixão e da força de vontade que se quebram barreiras, sem tirar a emoção de todos os seres humanos. E comprovando que emoções pertencem aos humanos, através das narrativas das oficiais, viu-se que homens também choram e são - até mais - vulneráveis emocionalmente que as militares ao apelarem para este artifício quando quebram as regras. Em contrapartida, as mulheres se mostraram firmes em suas posições, quase que como uma inversão cultural dos sexos, como mostrou Mead (1969) em seus estudos na sobre os Tchambuli, os Arapesh e os Mundugumor as Nova Guiné entre os anos 1931 e 1933.

Assim como mostra DeMille (1994), a família militar é tão igual às outras famílias não militares. Talvez, um pouco mais inserida no contexto profissional que as demais, já que pude perceber que há casamentos entre os e as oficiais, bem como a facilidade de trânsito das mulheres não militares, especialmente as esposas dos oficiais. Diferentemente, como me foi relatado, enquanto as militares procuravam um companheiro de vida, os homens perseguiam uma figura para ascender profissionalmente, conforme Castro (2021).

Confirmei, de acordo com o que me era dito nas entrevistas, que as militares se veem como profissionais, mas, também, como mães, companheiras, filhas, avós, indo ao encontro de Liu (2020). O *between* se mostrou de fato, onde não há como ser somente militar. Mais que isso, todos e todas militares são civis, antes de tudo, e devem respeito à Pátria por conta de suas carreiras já que servem à Nação em um serviço público, conforme Moura (2007).

Concluo que todos aqueles que tive contato **não são** e nunca serão militares, mas, sim, **estão** militares, de acordo com o Decreto- Lei nº 3.864, de 24 de novembro de 1941, em seu artigo 45. E para as entrevistadas, isso me pareceu muito claro, diferentemente de os homens, quando em conversas comigo.

Tal atribuição de responsabilidade ficou mais acentuado nas mulheres, que reconheciam muito bem suas tarefas de trabalhar em prol de sua Força, sem esquecer suas formações profissionais não militar em universidades, diferentemente dos homens. Usando o *between*, nenhuma mulher deixou de ser militar para ocupar outras

posições sociais, ou vice-versa. Ao contrário, essas faces se entrecruzam o tempo todo, formando aquela profissional e moldando-a conforme a regra da caserna, sem abandonar os conceitos socialmente já construídos e esperados (ou não) que elas acatem.

Apesar de haver este discurso, de uma forma geral, percebi que ele não passa de um reforço para se sentir especial em uma sociedade pautada nas desigualdades das mais diversas naturezas. E nesta esteira se encontram aqueles que chamei de “não militares”, principalmente as esposas, as quais, comprovei que muitas vezes atrapalham a vida militar em diversos sentidos na esperança de perpetuar a “família militar” que só existe como modelo, mas que na vida real é igual a qualquer outra.

A literatura escolhida demonstra que mulheres nas FA serviram a seus propósitos enquanto as mulheres de militares se sentiam ameaçadas. Mulheres de fibra e que nunca se abalaram com tais ataques, pois se valeram de seus profissionalismos para poderem trabalhar, conforme apresentei em Armeni (2019), Purnell (2021) e Lemmon (2018). No final, percebia que as esposas expõem muito mais as FA que as mulheres militares. Não à toa que em todos os livros lidos para esta tese, há relatos sobre.

Conforme Moura (2007, p. 97), para um diplomata “[...] não se pode casar com qualquer pessoa.”, ao menos, aparentemente: até certo tempo, deveria pedir uma permissão por escrito ao MRE (Ministério das Relações Exteriores) para que ocorresse um casamento, haja vista que, durante o Regime Militar brasileiro, havia o perigo de os diplomatas se juntarem com pessoas tidas como subversivas, isto é, pessoas com o pensamento esquerdista, como costumam categorizar no senso comum. Nas FA, viu-se nas falas das oficiais que ocorre igualmente, porém, os pedidos por escrito para namorar ou desfazer o namoro ainda persiste, informalmente.

Entretanto, conforme relatado pelas narrativas, talvez, as esposas de oficiais sejam mais “perigosas” que as tidas como subversivas, já que atacam mulheres vistas, por elas, como “rivais” que ameaçam tirar seus privilégios, forçando a substituição ou a movimentação das jovens oficiais de seus postos de trabalhos. A literatura trazida nessa tese demonstrou tal questão, inclusive com mulheres embriagadas telefonando para as jovens oficiais do CST dos EUA (LEMMON, 2018, p. 74):

[...] Após algumas semanas na nova função, os homens, depois de perceberem que ela não era o estereótipo de mulher retraída que se ofenderia com suas conversas grosseiras, deixaram-na em paz. Mas, só porque apoiavam sua presença, isso não significava que as mulheres na vida deles a apoiariam e Tristan recebia regularmente telefonemas furiosos de esposas, Às vezes bêbadas, ordenando-lhes: Fique longe do meu marido!” Ela respondia pacientemente que ficaria muito feliz por fazer isso assim que seu período de oficial deles terminasse.

As mulheres nas FA não entraram como militares de carreira, mesmo que pudessem ascender até um determinado ponto, a depender de seus Quadros e Corpos, ocorrendo isso somente quando elas passaram a ingressar nas Academias Militares (AMAN, AFA e Escola Naval). E sobre isso, falamos de datas recentes: AMAN, em 2017; AFA, em 1996 e Escola Naval, em 2014, todas para a área da Intendência. Por conta disso, também, há limitações para chegar ao posto máximo de Generalato de cada Força. Ou seja, ainda há barreiras para que as mulheres possam ser, de fato e de direito, Generalas apresentando 4 estrelas. Em uma instituição que diz seguir regras, disciplina e honra, seria necessário rever tais conceitos para que eles, realmente, fossem colocados em prática.

Vale lembrar que ser militar de carreira é aquele que segue a Academia de sua Força rumo ao Generalato, haja vista que a mesma prepara o oficial para assumir tal posição, conforme a sociologia militar usada neste trabalho. Isso significa um militar mais qualificado e profissional, já que recebe, ao longo de sua preparação, oportunidades de cursos e contatos diferenciados. A meu ver, a entrada das mulheres nas FA brasileiras pode ter causado diversos desconfortos em homens porque as mesmas, mesmo não sendo das Academias, entraram em seus Quadros e Corpos já qualificadas, com ensino superior completo ou com formações técnicas específicas, sem contar com uma experiência *ex caserna* nas suas áreas, indo ao encontro de Huntington (1996) e o soldado profissional, porém, sem a devida formação militar de uma Academia.

Vale lembrar que para Huntington (1996), pessoas com profissões sem qualificações para administrar a violência - como as voltadas para o cuidado - podem ser integrantes de corpos de oficiais. Mas, estas pessoas serão identificadas com insígnias especiais e impedidas de exercer funções de comando militar, o que reforça o pensamento de Carreiras sobre o encapsulamento.

A fim de dar alguma importância à “familiar militar”, tão citada para mim durante o campo, principalmente pelos homens militares e mulheres não militares, mas praticada de forma tão diferente daquilo que se espera, haja vista que pude presenciar fatos, além daqueles narrados pelas entrevistadas, ressalto o nome da ex- Primeira-dama Nair de Teffé (Nair de Teffé von Hoonholtz da Fonseca - 1886- 1981), esposa do Marechal Hermes da Fonseca, a qual era 31 anos mais jovem que ele, mas que tiveram um grande amor enquanto juntos. (REZZUTTI, 2018). Teffé pertenceu à nata da sociedade brasileira: filha de um diplomata e herói da Guerra da Tríplice Aliança (Antonio Luiz von Hoonholtz- o Barão de Teffé), foi educada em um convento francês, na cidade de Nice. Já em Paris, teve aulas de desenho na *Académie Julian* - onde Tarsila do Amaral também frequentou.

Por conta disso, acabou desenvolvendo uma habilidade que trazia desde a mais tenra idade: a caricatura. Usando um pseudônimo (Rian, que significa Nair ao contrário), adentrou em um mundo que pertencia aos homens, com o aval de seu pai, publicando nas revistas Fon-Fon, Binóculo, Careta, O Malho, além das francesas *Le Rire*, *Excelsior*, *Fémina* e *Fantasio*, sendo considerada a primeira caricaturista brasileira. Ao se apresentar como Rian, evitou que ficasse “mal falada”, já que sua arte era imposta apenas aos homens, bem como se fez ser aceita por produtores artísticos, editores e pelo público.

O casamento de Teffé com Fonseca foi o único<sup>99</sup> durante um mandato de um Chefe de Estado na nossa República, sendo a cerimônia em 1913 no Palácio Presidencial Rio Negro, na cidade de Petrópolis, abençoados pelo Cardeal Arcoverde, meses após “o marechal”, como Teffé o chamava carinhosamente, perder sua esposa. Moraram por seis anos na Suíça, após o mandato findado de “o marechal”, sendo, em seu retorno, em 1921, eleito presidente do Clube Militar.

Assim como expuseram as entrevistadas, o companheirismo de ambos sempre existiu, deixando claro que se amavam, a ponto de Teffé solicitar ser presa com seu esposo, já que ele fora acusado de participar da Revolta do Forte de Copacabana, no movimento tenentista. Foi solto em 1923, falecendo nove meses depois em Petrópolis.

Por conta disso, mesmo sofrendo uma forte depressão, nunca deixou de se posicionar sobre questões nacionais: em 1924, se colocou a favor do trabalho e do voto das mulheres. Ainda, dizia não gostar de ser chamada de Primeira- dama, indo

---

<sup>99</sup> No Império ocorreram dois: o de dom Pedro I com Amélia, em 1829, e o de dom Pedro II com Teresa Cristina, em 1843.

na contramão das não militares de hoje dia; se mostrou a favor do divórcio, fã da Jovem Guarda e dizia que somente não usava minissaias porque suas pernas não permitiam mais. Faleceu em Niterói, em 10 de junho de 1981, quando completaria 95 anos.

Vê-se que esta mulher não militar e casada com o primeiro<sup>100</sup> militar presidente da História do Brasil, diferentemente de Rosa da Fonseca, suposta mãe de Deodoro, de fato fez parte de nossa História, incluindo a militar. Oriunda de uma família de militares e de origem nobre no Brasil, foi um exemplo como mulher de um militar, dando atenção às coisas genuinamente brasileiras, como as músicas de Chiquinha Gonzaga, vista pela sociedade da época como uma afronta, e sempre se posicionando ao que ocorria na sociedade brasileira. Mãe de um filho de outro relacionamento, sempre respeitou a figura de “o marechal”, diferentemente dos relatos me dados durante meu campo.

Tal mulher honrou a disciplina e a honra militar. Quando coloco, no capítulo 3, a pergunta sobre não militares não terem entrado pela “porta da frente”, não incluo Teffé já que a mesma sequer quis saber sobre tal discussão deixando claro que detestada ser chamada de Primeira- Dama justamente porque casou por amor e não por outros interesses. Por isso, faço a seguinte reflexão: por que o meio militar não a usa como exemplo de mulher já que foi a Primeira- Dama do primeiro militar presidente, além de ter sido filha de um herói militar? Talvez, a resposta, já esteja dada.

Trouxe a figura de Teffé para demonstrar que, assim como as entrevistadas colocaram, o parceiro de vida é muito importante ao lado de uma oficiala de sucesso. Teffé nunca tentou se sobressair em relação à “o marechal”, para usar o chamamento da própria Teffé. Da mesma forma, como as narrativas das militares, seus companheiros estiveram sempre ao seus lados, em especial, aqueles não militares, cuidando dos filhos ou da relação.

Importante ressaltar que por conta da prática do *purdah* na cultura afegã, onde as mulheres são excluídas da visão pública, tais pessoas ficavam invisíveis aos olhos de qualquer estrangeiro (LEMMON, 2018). Logo, uma mulher afegã ser revistada por um militar estrangeiro é uma quebra de código de honra social, já que os militares

---

<sup>100</sup> Além de Marechal Hermes, tivemos Eurico Gaspar Dutra (entre 1946 e 1951), e Jair Messias Bolsonaro (entre 2018 – 2022).

estarão desrespeitando não apenas as mulheres, mas suas famílias e, principalmente, os homens destas, já que eles tem o dever de protege-las.

Na chamada “guerra ao terror”, a contrainsurgência americana no Afeganistão contava com 30 mil soldados no ano de 2009. A contrainsurgência era uma doutrina militar, recém restaurada, baseada na proteção daquele povo e no combate contra os insurgentes, além de estabelecer um governo que auxiliasse o povo daquele local com serviços básicos. Logo, quebrar códigos locais estaria indo de encontro à própria proposta.

Entretanto, ter acesso às mulheres regionais, as quais, por serem o cerne da família e que sabem de tudo o que se passa nelas, incluindo as atividades masculinas, era fundamental. Além disso, todo o possível armamento ou até mesmo homens escondidos em locais onde somente eram acessados pelas mulheres estavam invisíveis às tropas estadunidenses, bem como toda uma influência social que apenas as mulheres tinham acesso. Ainda, os homens se disfarçavam de mulheres na tentativa de escaparem de as mãos dos militares ocidentais por conta desse código de honra não ser quebrado. Dessa forma, o tenente Matt Pottinger, um fuzileiro naval veterano do Iraque, ao chegar no Afeganistão, percebeu que deveria ter mulheres na missão (LEMMOM, 2018, p. 30, grifo original):

Logo, ele percebeu que, devido aos costumes locais e tradições do Afeganistão, seria quase impossível para os militares fazer buscas em casas cheias de mulheres sem se indisporerem com todo mundo na vila. Após meses de estudo, ele chegou a uma conclusão surpreendente: para terem êxito, as missões precisavam de mulheres.

Talvez, as mulheres das FA brasileiras entraram, em um primeiro momento, para suprir os trabalhos que chamei de *dirty work*. Ao longo dos anos, seus ingressos serviram, também, para atender às demandas da ONU (Organização das Nações Unidas) em missões de paz, assim como foram as *saboteuses* da *Baker Street* na Segunda Grande Guerra, as militares do CST estadunidense para não ferirem a honra e a cultura dos inimigos terroristas do Afeganistão ou as da Operação *Lioness*, no Iraque. Além disso, não há lei de guerra - conforme colocado no capítulo 4 desta tese - que não permita mulheres, desde que estas entrem como grupos de apoio dos demais serviços. Para Lemmon, (2018, p. 30, grifo original):

[...] Com a ajuda de mulheres da vila que foram interrogadas por membros da equipe de engajamento feminino - que logo ficaria conhecida pelo acrônimo FET (*female engagement team*) [...] – os fuzileiros navais localizaram os insurgentes [...] Igualmente significativo: idosos da vila expressaram aprovação pelo fato de que homens afegãos e americanos não haviam interagido com suas mulheres. A presença de fuzileiras navais provava ser uma vantagem em termos tanto culturais quanto táticos.

Ainda, acredito que, além do apelo político de Vargas às classe mais altas do Brasil, dando oportunidades de trabalhos às mulheres mais abastadas, as profissionais brasileiras que foram pela FEB e pela FAB tinham treinamento para atuarem em frentes voltadas ao cuidado, à exceção da atuação de Elza Cansanção. Em nosso caso, um país pacífico, sob o ponto de vista de guerras entre nações ou envolvimento direto com conflitos internacionais por conta de nosso baixo potencial bélico, as militares demonstram, desde sua entrada em 1981, serem capazes de assumir suas funções, mesmo que colocadas em posições de baixo *status* e prestígio, socialmente falando. Por aqui, as mulheres lutaram por posições de equidade e de melhorias nas OM's, cada qual com sua importância e representatividade dentro de sua geração.

As desbravadoras, as de ontem e as de hoje, sofreram todo o tipo de desqualificação por conta de serem as primeiras a entrarem em Quadros e Corpos até então ocupados por homens, bem como nas Academias. Por acreditarem que as FA também é local de profissionais mulheres, mostraram qualidades de militares: estratégia para lidar na adversidades e frieza para sair de situações constrangedoras. As da Quinta Geração, mais nutridas de informações sobre diferenciações sobre os gêneros, assédios e outras questões que ocorrem no âmbito profissional, mesmo não ingressando com uma formação não militar como as desbravadoras, foram ingressantes de uma caserna ainda não preparada para elas, em especial à recepção nada respeitosa de seus colegas homens mais antigos, que as enxergavam como cuidadoras e realizadoras de tarefas voltadas para o cuidado, além de as verem como pessoas inferiores por serem mulheres, colocando, inclusive suas vidas em risco e suas capacidades psicológicas à prova o tempo todo. Nesse sentido, invoco o “homem vulgar” de Ortega y Gasset (2016).

Por serem instituições que sempre prezaram pela disciplina e hierarquia, vê-se que há muitos militares que descumprem totalmente as regras, o que seria enquadrado como prevaricação, isto é, ato exercido por um funcionário público que



não pratica um ação de ofício ou o faz contra sua vontade, a fim de se beneficiar, conforme o comentário abaixo de uma oficiala e de outras falas ao longo das entrevistas:

*O: Sim, que é prevaricação que a gente fala, né, que é você não advertiu quando você viu que alguma coisa de errado aconteceu e você não tomar nenhuma atitude pra isso, que você prevaricou sobre aquilo. É até um crime militar. [...].* (oficiala da Força Juliet, sem filhos).

Ou seja, desrespeitar um superior hierárquico por conta de sua condição biológica de mulher, atentar contra a vida e a integridade profissional de uma militar, desmerecer seu trabalho e não respeitar a ordem de avanços na carreira por conta de serem profissionais mulheres diz muito sobre de que disciplina e que hierarquia está-se falando: algo que compromete a funções das FA no sentido democrático de ser, onde deveria atuar profissionais preparados para defender e proteger os interesses da Nação, sem discriminações entre os gêneros. Tais atitudes me fizeram refletir, por diversas vezes durante esta pesquisa, sobre quais critérios são levados em conta para formar um oficial ou oficiala militar: disciplina, hierarquia, honra, respeito e seguir as regras de manuais ou ser homem ou mulher?

Outro ponto que percebi foi que, conforme o campo realizado e as entrevistas dadas, dentro das regras para se tornar uma oficiala das FA brasileiras, as mulheres devem apagar seu gênero e ser uma militar dentro de um modelo já esperado socialmente onde o exemplo é um homem. Entretanto, devem se apresentar maquiadas, com unhas feitas, usando uniformes que não foram pensados para atendê-las e se apresentando com a voz em tom baixo, a fim de serem reconhecidas dentro do modelo social aceito de mulheres:

*O: Então, essa questão... eu acho que eu nunca fui muito atenta a isso. Então, sabe que você fica meio blindada porque você é ignorante no negócio! Eu nunca pensei de ser tratada diferente porque eu sou mulher. Na [FORÇA], sim! Trabalham muito essa questão "Você é militar! Você é militar!" é logico que tem as diferenças! Os testes físicos são diferentes, a gente faz flexão com o joelho no chão, os homens, sem o joelho no chão. Mas, eu sempre entendi que isso é o básico! Não tem como comparar! É diferente, realmente! [...]* (Oficiala da Força Whiskey, com 1 filho).

As oficiais entrevistadas sempre destacaram suas feminilidades de acordo com os códigos de condutas estabelecidos, sem “ferir” a imagem da Força a qual pertenciam. Entendi que uma unha com esmalte azul pode ser mais passível de punição que um colega portar uma faca em uma conversa com sua superiora imediata.

Por fim, vou ao encontro de Freire (2019) ao falar sobre uma nação democrática que o Brasil acredita ser: sem que as mulheres militares ocupem, de fato e de direito, postos equitativos aos dos homens, bem como colocaram as entrevistadas, não podemos falar de uma democracia; a menos que este seja o objetivo do Chefe do Executivo brasileiro, deverá haver mais discussões sobre o que a mulher militar brasileira representa para as OM's. Serão elas sempre as realizadoras do *dirty work*, com posições hierárquicas que representam uma função social ou as mesmas terão a chance de participar de assuntos estratégicos e políticos como os homens do Generalato já o fazem? Aqui, não falo em mulheres combatentes, desde que seja a vontade de muitas, mas, falo de as militares poderem escolher ser aquilo que gostariam de atuar no interior das FA, assim como é oferecido aos homens. Cabe lembrar que nem toda a mulher é destinada ao cuidado e nem toda a mulher é destinada ao combate (FREIRE, 2019, p. 37, grifo original):

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos acharmos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. [...] Às vezes, temo que algum leitor ou leitora, [...], diga que, sonhador, continuo a falar de uma educação de anjos e não de mulheres e de homens. O que tenho dito até agora, porém, diz respeito radicalmente à natureza de mulheres e de homens. [...]

Além disso, mulheres, excluindo as brasileiras, foram para as guerras de forma a “apoiar” dentro daquilo que rezava a lei, mas na prática, estiveram frente a frente com o inimigo e se mostraram aptas e prontas para servirem à pátria quando chamadas, como trouxe Lemmon (2018), Armeni (2019) e Rose (2022). Por aqui, a lei determinava que mulheres deveriam servir à família e que seus serviços caberiam apenas aos assuntos relacionados aos cuidados, conforme as enfermeiras da FEB e da FAB.

No Brasil, o espírito de combate me pareceu existir em cada militar mulher que eu falei, tanto no sentido de ir para um conflito como em embates de cunho profissional para ocuparem mais espaços e terem seus direitos como profissionais respeitados.

Termino esta tese mostrando o quanto a presença de mulheres nas Forças Armadas, de uma forma geral, mas em especial, no Brasil, por ser o objeto dessa tese, ainda surpreende pessoas que acreditam em um sexo frágil, o qual não fica muito claro de qual deles estamos falando, haja vista que, ao menos, há a existência de dois sexos no interior da caserna (PURNELL, 2018, p. 64):

Ela riu quando um soldado que estava hospedado no hotel entrou para tomar o café da manhã e ficou paralisado, visivelmente perplexo, diante da visão de trinta mulheres saradas dominando o salão. Ele se virou rapidamente e saiu às pressas.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Elizabeth M. de. “Avaliação da Técnica de Amostragem “Respondent-Driven Sampling” na Estimativa de Prevalências de Doenças Transmissíveis em Populações Organizadas em Redes Complexas”. 2009. 99f. Dissertação (Mestrado em Ciências na área de Saúde Pública), FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: [Avaliação da técnica de amostragem respondent-driven sampling na estimativa de prevalências de doenças transmissíveis em populações organizadas em redes complexas \(fiocruz.br\)](http://www.fiocruz.br/avaliacao-da-tecnica-de-amostragem-respondent-driven-sampling-na-estimacao-de-prevalencias-de-doencas-transmissiveis-em-populacoes-organizadas-em-redes-complexas). Acessado em: 05 mar. 2024.

ALBUQUERQUE, Tatiane S. Gênero como Performance: a Participação Feminina na Política de Ruanda. *Cadernos de Relações Internacionais/PUC - Rio* Edição especial “Gênero e Sexualidade nas RI”, Vol. 2, Setembro 2018. Disponível em: [ALBUQUERQUE, Tatiane S. Gênero como Performance: a Participação Feminina na Política de Ruanda. Cadernos de Relações Internacionais/PUC - Rio Edição especial “Gênero e Sexualidade nas RI” Vol. 2 Setembro 2018 - Pesquisar \(bing.com\)](http://www.puc-rio.br/cadernos-de-relacoes-internacionais/puc-rio-edicao-especial-genero-e-sexualidade-nas-ri-vol-2-setembro-2018). Acessado em: 20 de set. de 2023.

ARMENI, Ritanna. *As bruxas da noite: a história não contada do Regimento Aéreo Feminino Russo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Seoman, 2019.

AUGUSTO, Robson. EXÉRCITO Brasileiro é uma “terra do fingimentos”, diz oficial da ativa em relato chocante. *Sociedade Militar*, 20 mar. 2023. Disponível em: <https://www.sociedademilitar.com.br/2023/03/exercito-brasileiro-e-uma-terra-do-fingimento-diz-oficial-da-ativa-em-relato-chocante.html>. Acessado em: 28 ago. 2023.

BALDI, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. B. Educação Ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa *snowball* (bola de neve). *Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* ISSN 1517-1256, v. 27, julho a dezembro de 2011. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&p=e7909381366cbcc6JmItdHM9MTcwOTU5NjgwMCZpZ3VpZD0yOTkxZDUxYy1hMDJlLTYwMjAtMDIhNS1jNTA2YTE1MjYxOTUmaW5zaWQ9NTI4Nw&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=2991d51c-a09c-6020-09a5-c506a1526195&psq=metodo+bola+de+neve+pdf&u=a1aHR0cHM6Ly9sdW1lLnVmcmdzLmJyL2JpdHN0cmVhbS9oYW5kbGUvMTAxODMvOTMyNDYvMDAwOTE1MDQ2LnBkZg&ntb=1>. Acessado em: 05 mar. 2024.

BATISTA MARTINS, Iára, Maria. *Mulheres militares: conquistas e desafios*. Curitiba: Appris, 2015.

BEATTIE, Peter M. *Tributo de sangue: Exército honra, raça e nação no Brasil, 1864-1945*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia geral, vol. 1: lutas de classificação: Curso no Collège de France* (1981- 1982), tradução de Fábio Ribeiro – Petrópolis, RJ: Voes, 2020.

BRASIL. Decreto- lei nº 2.072, de 08 de março de 1940. Dispõe sobre a obrigatoriedade da educação cívica, moral e física da infância e da juventude, fixa as suas bases, e para ministrá-la organiza uma instituição nacional denominada Juventude Brasileira. *Diário Oficial [da] União*, Rio de Janeiro, RJ, 11 nov. 1940. Seção 1, p. 4239. Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://portal.camara.leg.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Decreto nº 14.257, de 13 de dezembro de 1943. Aprova o Regulamento para o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército. *Diário Oficial [da] União*, Rio de Janeiro, RJ, 15 dez. 1943. Seção 1, p. 18404. Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://portal.camara.leg.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Decreto- lei nº 6.663, de 07 de julho de 1944. Cria o Quadro de Enfermeiras da Reserva da Aeronáutica. *Diário Oficial [da] União*, Rio de Janeiro, RJ, 07 jul. 1944. Seção 1, p. 11961. Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://portal.camara.leg.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 3.160, de 1º de junho de 1957. Inclui no Serviço de Saúde do Exército, no posto de 2º tenente, as enfermeiras que integraram a Fôrça Expedicionária Brasileira, durante as operações de guerra na Itália. *Diário Oficial [da] União*, Rio de Janeiro, RJ, 04 jun. 1957. Seção 1, p. 13801. Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://portal.camara.leg.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 6.807, de 7 de julho de 1980. Cria o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM), e dá outras providências. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 08 jul. 1980. Disponível em: [L6807 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 6.807, de 7 de julho de 1980. Cria o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM), e dá outras providências. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 08 jul. 1980. Disponível em: [L6807 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 9.519, de 26 de novembro de 1997. Dispõe sobre a reestruturação dos Corpos e Quadros de Oficiais e de Praças da Marinha. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 27 nov. 1997. Disponível em: [L9519 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 13.541, de 18 de dezembro de 2017. Altera a Lei nº 9.519, de 26 de novembro de 1997, que “Dispõe sobre a reestruturação dos Corpos e Quadros de Oficiais e de Praças da Marinha”. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 18 dez. 2017. Disponível em: [L13541 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 6.924, de 29 de junho de 1981. Cria, no Ministério da Aeronáutica, o Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica e dá outras providências. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 30 jun. 1981. Seção 1, p. 12144. Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://portal.camara.leg.br) Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 12.797, de 4 de abril de 2013. Dispõe sobre a criação do Quadro de Oficiais de Apoio - QOAp no Corpo de Oficiais da Ativa do Comando da Aeronáutica e dá outras providências. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 5 abr. 2013. Seção 1, p. 2. Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://portal.da.camara.deputados.camara.leg.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 7.831, de 2 de outubro de 1989. Cria o Quadro Complementar de Oficiais do Exército (QCO), e dá outras providências. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 3 out. 1989. Disponível em: [L7831 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 12.705, de 8 de agosto de 2012. Dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira do Exército. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 9 ago. 2012. Disponível em: [L12705 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 13.109, de 25 de março de 2015. Dispõe sobre a licença à gestante e à adotante, as medidas de proteção à maternidade para militares grávidas e a licença-paternidade, no âmbito das Forças Armadas. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 26 mar. 2015. Disponível em: [L13109 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 13.717, de 24 de setembro de 2018. Altera a Lei nº 13.109, de 25 de março de 2015, para modificar o prazo da licença-paternidade do militar, no âmbito das Forças Armadas. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 25 set. 2018. Disponível em: [L13717 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 3.160, de 01 de junho de 1957. Inclui no Serviço de Saúde do Exército, no posto de 2º tenente, as enfermeiras que integraram a Fôrça Expedicionária Brasileira, durante as operações de guerra na Itália. *Diário Oficial [da] União*, Rio de Janeiro, RJ, 04 jun. 1957. Disponível em: [L3160 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 3.632, de 10 de setembro de 1959. Inclui no Serviço de Saúde da Aeronáutica, no posto de 2º Tenente, as enfermeiras que integraram a Fôrça Aérea Brasileira, durante as operações de guerra na Itália. *Diário Oficial [da] União*, Rio de Janeiro, RJ, 14 set. 1959. Disponível em: [L3632 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei nº 7.622, de 9 de outubro de 1987. Reorganiza o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha – CAFRM. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 13 out. 1987. Disponível em: [L7622 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Decreto-lei nº 3.864, de 24 de novembro de 1941. Estatutos dos Militares. *Diário Oficial [da] União*, Rio de Janeiro, RJ, 23 ago. 1941. Disponível em: [DECRETO-LEI Nº 3.864-41 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Decreto nº 14.856, de 1º de junho de 1921. Crêa o Orphanato Osorio, desitnado exclusivamente a prestar assistencia ás filhas orphãs de militares de terra e mar. *Diário Oficial [da] União*, Rio de Janeiro, RJ, 09 jun. 1921. Seção 1, p. 180. Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://portal.da.camara.deputados.camara.leg.br). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. *Chancellaria-mór do Imperio do Brazil*, Rio de Janeiro, RJ, 31 out. 1827. Livro 1º, p. 85. Disponível em: [LIM-15-10-1827 \(planalto.gov.br\)](http://lim-15-10-1827.planalto.gov.br). Acessado em: 05 de jan. de 2023.

BRASIL. Decreto- lei nº 6.289, de 23 de fevereiro de 1944. Modifica o art. 111 do Decreto-lei nº 3.864, de 24-11-1941 que estabelece para o pessoal das Fôrças Armadas as garantias que lhe são devidas e os deveres gerais a que está obrigado. *Diário Oficial [da] União*, Rio de Janeiro, RJ, 25 fev. 1944. Disponível em: [DEL6289-44 \(planalto.gov.br\)](http://del6289-44.planalto.gov.br). Acessado em: 05 de jan. de 2023.

CAIRE, Raymond. *A mulher militar: das origens aos nossos dias*. BRÍZIDA, Joubert de O. (Trad.). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2002.

CAMILA. Brasil tem primeira mulher promovida a Major- Brigadeiro. Agência Força Aérea, 01 dez. 2023. Disponível em: [Brasil tem primeira mulher promovida a Major-Brigadeiro - Força Aérea Brasileira \(fab.mil.br\)](http://brasil.tem.primeira.mulher.promovida.a.Major-Brigadeiro-Força.Aérea.Brasileira.fab.mil.br). Acessado em: 01 de dez. de 2023.

CAPELLI, Paulo. Militar acusada por ministro de Lula de cena “repugnante” é exonerada. *Metrópoles*, 19 fev. 2024. Disponível em: [Militar acusada por ministro de Lula de cena “repugnante” é exonerada | Metrópoles \(metropoles.com\)](http://militar.acusada.por.ministro.de.Lula.de.cena.repugnante.é.exonerada.Metrópoles.metropoles.com). Acessado em: 26 fev. 2024.

CARREIRAS, Helena. Mulheres nas Forças Armadas: transformação institucional e recrutamento feminino. *Sociologia – problemas e práticas*, nº 18, pp. 97-128, 1995.

CARREIRAS, Helena. Mulheres Militares em Portugal (1992-1998): Políticas, Processos e Protagonistas. *Nação e Defesa*, nº 88 – 2ª série, pp. 81-111, 1999. Disponível em: [Repositório Comum: Mulheres Militares em Portugal \(1992-1998\). Políticas, Processos e Protagonistas \(rcaap.pt\)](http://repositorio.comum.mulheres.militares.em.portugal.1992-1998.politicas.processos.e.protagonistas.rcaap.pt). Acessado em: 06 set. de 2023.

CARREIRAS, Helena; BESSA, Fernando; ÁVILA, Patrícia; MALHEIRO, Luís. Cadets in Portuguese Military Academies: A sociological portrait. *Sociologia, problemas e práticas*, nº 93, pp. 9-29, 2020. Disponível em: [Cadets in portuguese military academies: a sociological portrait \(openedition.org\)](http://cadets.in.portuguese.military.academies.a.sociological.portrait.openedition.org). Acessado em: 06 set. 2023.

CARREIRAS, Helena. Mulheres em contextos atípicos: lógicas de exclusão e estratégias de integração feminina nas forças armadas. *Etnográfica*, vol. 8 (1), 2004. Disponível em: [Mulheres em contextos atípicos: lógicas de exclusão e estratégias de integração feminina nas forças armadas \(openedition.org\)](http://mulheres.em.contextos.atipicos.lógicas.de.exclusão.e.estratégias.de.integração.feminina.nas.forças.armadas.openedition.org). Acessado em: 25 de out. de 2023.

CARREIRAS, Helena. Igualdade de oportunidades nas Forças Armadas. O papel das políticas de integração de género. *Cuestiones de género: de la igualdad y la diferencia*, [S. l.], n. 6, p. 97–116, 2011. DOI: 10.18002/cg.v0i6.3765. Disponível em: [Igualdade de oportunidades nas Forças Armadas. O papel das políticas de integração de género | Cuestiones de género: de la igualdad y la diferencia \(unileon.es\)](#). Acessado em: 25 de out. de 2023.

CARVALHO, José Murilo. *Jovita Alves Feitosa: Voluntária da pátria, voluntária da morte*. São Paulo: Chão Editora, 2019.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CASTRO, Celso. *O espírito militar: um antropólogo na caserna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

COELHO, Edmundo C. *Em busca de identidade: o Exército e a política na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1976.

COUSINEAU, Phil. *A jornada do herói: Joseph Campell vida e obra*. Editora Ágora, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé. Estudos Feministas. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativo ao gênero. Dossiê III Conferência Mundial contra o Racismo, *Rev. Estud. Fem.* 10 (1), Jan 2002, <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Disponível em: [SciELO - Brasil - Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero](#). Acessado em: 19 de dez. de 2023.

CRISTO, Alessandro; CAVALCANTI, Hylda. Importância da Justiça Militar não se apura em números. *ConJur*, 05 de jan. de 2014. Disponível em: [Entrevista: Maria Elizabeth Rocha, ministra do Superior Tribunal Militar \(conjur.com.br\)](#). Acessado em: 29 de dez. de 2023.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*, São Paulo: Geração Editorial, Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

DEFENSORIA Pública do Rio de Janeiro. Patrícia Cardoso é nomeada nova defensora pública- geral. 16 de dez. de 2022. Disponível em: [Defensoria Pública do Rio de Janeiro \(rj.def.br\)](#). Acessado em: 15 de dez. de 2023.

DEMILLE, Nelson. *A filha do General*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1994.

DIRETRIZ do Comando do Exército 2023 – 2026. Intenção do Comandante. Disponível em: [Calaméo - Diretriz do Comandante do Exército 2023 \(calameo.com\)](#). Acessado em: 27 de dez. de 2023.



DUPRET, Baudouin. A Intenção em ação: Uma abordagem pragmática da qualificação penal num contexto egípcio. *Revista Ética e Filosofia Política*, Nº 12, Volume 2, Jul 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/article/view/17792>. Acessado em: 22 de out. de 2023.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Tradução Eduardo Brandão – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. Tradução de Stephania Matousek. – 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

EXÉRCITO Brasileiro. Mulheres integram os cursos de piloto e gerência de manutenção de aeronaves do Exército. 19 fev. 2024. Disponível em: [Mulheres integram os cursos de piloto e gerência de manutenção de aeronaves do Exército - Notícias - Exército Brasileiro \(eb.mil.br\)](#). Acessado em: 26 fev. 2024.

FARIAS, Tom. Primeira almirante negra é exemplo a ser seguido e um feito a ser comemorado. *Folha de São Paulo*, 12 abr. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tom-farias/2023/04/primeira-almirante-negra-e-exemplo-a-ser-seguido.shtml>. Acessado em: 28 ago. 2023.

FEITOZA, Cézár. Médica da Marinha é promovida e se torna a 1ª almirante negra da história. *Folha de São Paulo*, 04 abr. 2023. Disponível em: [Médica da Marinha se torna primeira almirante negra - 04/04/2023 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](#). Acessado em: 28 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 62ª ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREYRE, Gilberto. *Nação e Exército*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2019.

GALDEANO, Luany. Exército busca se recuperar de atraso e amplia presença de mulheres na linha bélica. *Folha de São Paulo*, 26 mai. 2023. Disponível em: [Exército vai ampliar número de mulheres na linha bélica - 26/05/2023 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](#). Acessado em: 28 ago. 2023.

GIACOMINI, Sonia Maria. *A alma da festa: etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALL, Stuart; Woodward, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.

HIERARQUIA. Asas artigos militares. Disponível em: [Hierarquia Militar \(asaartigosmilitares.com.br\)](http://asaartigosmilitares.com.br). Acessado em: 04 set. 2023.

HOLLOWAY, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX*. AZEVEDO, Francisco de C. (Trad.). Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*; Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – 2. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HUNTINGTON, Samuel P. *O Soldado e o Estado: Teoria e Política das Relações entre Civis e Militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

JANOWITZ, Morris. *O soldado profissional: Estudo Social e Político*. Edições GRD: Rio de Janeiro, 1967.

JINZENJI, Mônica Y. Filhas da Constituição. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 6, Nº 71, ago. 2011.

JUSTIÇA Federal. TRF2: militares transgêneros não podem ser reformados compulsoriamente e têm direito a nome social. 13 de out. de 2021. Disponível em: [TRF2: militares transgêneros não podem ser reformados compulsoriamente e têm direito a nome social – Portal TRF2](#). Acessado em: 28 de dez. de 2023.

KOSELLECK, Reinhart. *História de conceitos*. estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

LEANDRO, Valter. A Ginjinha, a casa onde “nasceu” a ginjinha de Lisboa. Lisboa Secreta, 28 mai. 2021. Disponível em: [A Ginjinha, a casa onde "nasceu" a ginjinha de Lisboa - Lisboa Secreta](#). Acessado em: 28 ago. 2023.

LE BRETON, David. *Antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2019.

LEMMON, Gayle Tzemach. *A guerra de Ashley: mulheres soldados das operações especiais no campo de batalha*; tradução de Ângela Lobo. – Primeira edição. - Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2018.

LIMA, Lana L. da G; SOUZA; Suellen A. Paterfamilias. COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro A. (orgs). *Dicionário crítico de gênero*, 2 ed. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

LOPES, Kátia g. *Marinheiras Pioneiras... e foi assim que tudo começou*. 1 ed. – Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2018, 296 p.



MARTINEZ, Paulo. *A teoria das elites*. São Paulo: Scipione, 1997.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2010.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

MINISTÉRIO da Defesa. Exército Brasileiro. Portaria nº 651, de 9 de outubro de 1995. Aprova a Diretriz para a Reestruturação da Carreira dos integrantes do Quadro de Engenheiros Militares. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, DF, 2 out. 1989. Disponível em: [PORTARIA Nº 651, DE 09 DE OUTUBRO DE 1995. \(eb.mil.br\)](#). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

MINISTÉRIO do Exército. Índice do Boletim do Exército. Portaria nº 32/DEP, de 27 de julho de 1988. Instruções reguladoras do concurso de admissão e da matrícula nos Colégios Miliars - (IR 60-08) - IRCAM/CM.

MINISTÉRIO da Defesa. Comando da Aeronáutica. Portaria GABAER Nº 57/GC4, de 16 de março de 2021. Aprova propostas de atualização do Regulamento de Uniformes para os Militares da Aeronáutica (RUMAER) e dá outras providências. *Protocolo COMAER nº 67000.002302/2021-26*, 31 mar. 2021. Disponível em: [Regulamento de Uniformes para os Militares da Aeronáutica \(RUMAER\) passa por atualização - Força Aérea Brasileira \(fab.mil.br\)](#). Acessado em: 05 de jan. de 2023.

MINISTÉRIO da Defesa. Exército Brasileiro. Armas, Quadros e Serviços. Disponível em: [Armas, Quadros e Serviços - Exército Brasileiro \(eb.mil.br\)](#). Acessado em: 19 de dez. de 2023.

MINISTÉRIO da Defesa. Exército Brasileiro. Aquisição de próteses pelo Exército. Disponível em: [Aquisição de Próteses pelo Exército - Esclarecimento Público Interno \(eb.mil.br\)](#). Acessado em: 28 ago. 2023.

MINISTÉRIO da Defesa. Manual MD33-M-02 - Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas .pdf. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/File/legislacao/emcfa/publicacoes/manual-md33-m-02-manual-de-abreviaturas-siglas-simbolos-e-convencoes-cartograficas.pdf/view>. Acessado em: 28 ago. 2023.

MINISTÉRIO da Defesa. Marinha do Brasil. Mulher na Marinha. Marinha do Brasil Disponível em: [Mulher na Marinha | Marinha do Brasil](#). Acessado em: 04 set. 2023.

MINISTÉRIO da Defesa. DECEA. As mulheres chegam à FAB. Departamento de Controle do Espaço Aéreo. Disponível em: [DECEA » Quem Somos » Linha do Tempo](#). Acessado em: 05 set. 2023.

MINISTÉRIO da Defesa. Comando da Aeronáutica. Portaria Nº 740-T/GC3, de 22 de novembro de 1999. Fixa vagas para matrícula no Estágio de Adaptação à Graduação de Sargento (EAGS/ SMU – 2000). *DO*, 24 nov. 1999.

MINISTÉRIO da Defesa. Comando da Aeronáutica. Portaria Nº 741-T/GC3, de 22 de novembro de 1999. Fixa vagas para matrícula no Estágio de Adaptação à Graduação de Sargento EAGS (BET – SAD – SEL – SEF) / 2000. *DO*, 24 nov. 1999.

MINISTÉRIO da Defesa. Comando da Aeronáutica. Portaria Nº 742-T/GC3, de 22 de novembro de 1999. Fixa vagas para matrícula no Estágio de Adaptação à Graduação de Sargentos (CFS 2/2000 – TURMA B). *DO*, 24 nov. 1999.

MINISTÉRIO da Defesa. Comando da Aeronáutica. Portaria Nº 254-T/GC3, de 04 de abril de 2001. Fixa vagas para matrícula no Estágio de Adaptação à Graduação de Sargento – EAGS – 2002 - (SAD – SEL – BET – SRD – SLB – STP - SPV), para o ano de 2002. *DO*, 05 abr. 2001.

MONTE, Ana Margarida L. *Género e o Exército Português: O Impacto da Socialização de Género nas Escolhas e Gestão de Carreira Militar das Mulheres Militares Portuguesas*. 2020. 142 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2020. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/111200/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Mestrado\\_Sociologia\\_MargaridaMonte%5B44873%5D\\_entrega.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/111200/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Mestrado_Sociologia_MargaridaMonte%5B44873%5D_entrega.pdf). Acessado em: 23 de out. de 2023.

MOURA, Cristina P. *O Instituto Rio Branco e a diplomacia brasileira: um estudo de carreira e socialização*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MOSCA, Gaetano; BOUTHOU, Gaston. *História das doutrinas políticas desde a Antiguidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MUKABERA, Josephine. *Women's Status and Gender Relations in Post-Genocide Rwanda: Focusing on the Local and Everyday Life Level*. Genebra: Globethics Theses Series v. 24, 2017.

NASCIMENTO, Selma. As mulheres guerreiras celtas. *3FASES DA LUA*, 26 fev. 2012. Disponível em: [https://aminoapps.com/c/eras-historicas/page/blog/as-mulheres-e-guerreiras-celtas/kPle\\_WxCGupMnpBXWL3qdmkwrYvaPV13vq](https://aminoapps.com/c/eras-historicas/page/blog/as-mulheres-e-guerreiras-celtas/kPle_WxCGupMnpBXWL3qdmkwrYvaPV13vq). Acessado em: 23 de out. de 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. SOUZA, Paulo César (Trad.) – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOMAR. Publicação do Serviço de Relações Públicas da Marinha. Rio de Janeiro: nº 449, nov. de 1980.

NOMAR. Publicação do Serviço de Relações Públicas da Marinha. Rio de Janeiro: nº 454, abr. de 1981.

OLIVEIRA, Wanderlei. Polícia Feminina. Disponível em: [Polícia Feminina - Wanderlei Oliveira \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br) Acessado em: 09 set. 2023.

ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. Tradução de Felipe Denardi – Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PADILHA, Luiz. Marinha recebe primeiras mulheres em curso de Soldados Fuzileiros Navais. *Defesa Aérea e Naval*, 19 fev. 2024. Disponível em: [Marinha recebe primeiras mulheres em curso de Soldados Fuzileiros Navais – Defesa Aérea & Naval \(defesaaereanaval.com.br\)](https://defesaaereanaval.com.br). Acessado em: 26 fev. 2024.

PARETO, Vilfredo. *Vilfredo Pareto: a sociologia*. São Paulo: Ática, 1984.

PODER Judiciário. Justiça Federal. Ação Civil Pública Cível da 9ª Vara Federal Cível da SJDF. Disponível em: [bing.com/ck/a?!&&p=70e8cc68f66416a6JmldtHM9MTcwNDMyNjQwMCZpZ3VpZD0yOTkxZDUxYy1hMDIjLTYwMjAtMDIhNS1jNTA2YTE1MjYxOTUmaW5zaWQ9NTE4OA&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=2991d51c-a09c-6020-09a5-c506a1526195&psq=Processo+nº+1027811-68.2019.4.01.3400%2c+de+2021%2c&u=a1aHR0cHM6Ly93d3cubXBmLm1wLmJyL2RmL3NhbGEtZGUtaW1wcmVuc2EvZG9jcy9zZW50ZW5jYS1jb2xlZ2lvLW5hdmFzL2F0X2Rvd25sb2FkL2ZpbGU&ntb=1](https://bing.com/ck/a?!&&p=70e8cc68f66416a6JmldtHM9MTcwNDMyNjQwMCZpZ3VpZD0yOTkxZDUxYy1hMDIjLTYwMjAtMDIhNS1jNTA2YTE1MjYxOTUmaW5zaWQ9NTE4OA&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=2991d51c-a09c-6020-09a5-c506a1526195&psq=Processo+nº+1027811-68.2019.4.01.3400%2c+de+2021%2c&u=a1aHR0cHM6Ly93d3cubXBmLm1wLmJyL2RmL3NhbGEtZGUtaW1wcmVuc2EvZG9jcy9zZW50ZW5jYS1jb2xlZ2lvLW5hdmFzL2F0X2Rvd25sb2FkL2ZpbGU&ntb=1). Acessado em: 04 de set. de 2023.

PURNELL, Sonia. *Uma mulher sem importância: A história secreta da espia americana mais perigosa da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Planeta, 2021.

PEREIRA, Elaine G. da C.; BRITO, Amanda M. de. *Elas por elas: a mulher militar na FAB*. Instituto Histórico- Cultural da Aeronáutica. Rio de Janeiro: F&F Gráfica Editora, 2018.

POLÍCIA Militar do Estado do Tocantins. Você sabia que não se adota o feminino para postos e graduações militares? Governo do Tocantins. Disponível em: <https://www.to.gov.br/pm/voce-sabia-que-nao-se-adota-o-feminino-para-postos-ou-graduacoes-militares/r34z7nx83qp#:~:text=No%20entanto%2C%20como%20as%20For%C3%A7as.diferencia%C3%A7%C3%A3o%20fica%20sendo%20o%20artigo>. Acessado em: 28 ago. 2023.

REZZUTTI, Paulo. *Mulheres do Brasil: a história não contada*. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

ROSE, Sarah. *As mulheres do Dia D*. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

SALGUEIRO, Luiz Sérgio M. Fundação Osório (1921- 2021). *Revista Aeronáutica*, Número 314, 2022. ISSN 0486- 6274.

SANTANA. Presença feminina na Força Aérea Brasileira. Agência Força Aérea., 25 nov. 2020. Disponível em: [Presença feminina na Força Aérea Brasileira - Força Aérea Brasileira \(fab.mil.br\)](https://fab.mil.br). Acessado em: 05 set. 2023.



SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortês, 2010.

SÃO PAULO (Estado). Decreto n. 24.548, de 12 de maio de 1955. Institui, na Guarda Civil, um Corpo de Policiamento Especial Feminino. *Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo*, São Paulo, SP, 12 mai. 1955. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1955/decreto-24548-12.05.1955.html>. Acessado em: 04 de jan. de 2023.

SÃO PAULO (Estado). Decreto- lei nº 217, de 08 de abril de 1970. Dispõe sobre a constituição da Polícia Militar do Estado de São Paulo, integrada por elementos da Força Pública do Estado e da Guarda Civil de São Paulo. *Secretaria de Segurança Pública*, São Paulo, SP, 08 abr. 1970. Disponível em: [Decreto-Lei nº 217, de 08 de abril de 1970 - Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo](#). Acessado em: 04 de jan. de 2023.

SCHUCMAN, Lia V. *Produção de sentidos e a construção da identidade judaica em Florianópolis*. 2006. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89230>. Acessado em: 23 de out. de 2023.

SILVA, Camila da. Lula X Bolsonaro: eleição de 2022 foi a mais disputada desde a redemocratização. *Carta Capital*, 30 out. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/lula-x-bolsonaro-eleicao-de-2022-foi-a-mais-disputada-desde-a-redemocratizacao/>. Acessado em: 28 ago. 2023.

SILVA, Vanda Lúcia V. da. *Mag(u)istradas: a luta pela inserção de mulheres no Tribunal de Justiça de Pernambuco (1978-1983)*. 2020. 100 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História), Programa de Pós- graduação em História, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: [TEDE: Mag\(u\)istradas: a luta pela inserção de mulheres no Tribunal de Justiça de Pernambuco \(1978-1983\). \(unicap.br\)](#). Acessado em: 18 de dez. de 2023.

SIMMEL, George. O conflito como sociação. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 10, n. 30, pp. 568-573, dez. 2011.

SIMMEL, George. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana* 11(2), pp. 557-591, 2005. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&p=e2895f6444067cb8JmltdHM9MTcwMDC4NDAwMCZpZ3VpZD0yOTkxZDUxYy1hMDljLTYwMjAtMDIhNS1jNTA2YTE1MjYxOTUmaW5zaWQ9NTE5Mg&pntn=3&ver=2&hsh=3&fclid=2991d51c-a09c-6020-09a5-c506a1526195&psq=simmle+as+grandes+cidades+e+a+vida+do+espírito+Mana+2005&u=a1aHR0cHM6Ly93d3cuc2NpZWxvLmJyL2ovbWFuYS9hL1dma2JKelBtWU5kZk5XeHB5S3Bjd1dqLz9mb3JtYXQ9cGRm&ntb=1>. Acessado em: 24 de nov. de 2023.

SOUZA, Marcos S. de. “Anjos anônimos feitos de ternura”: Mulheres policiais em São Paulo durante a Ditadura Militar (1964- 1985). *rev. hist.* (São Paulo), n.179, a01819, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.153677>. Acessado em: 04 set. 2023.

SOUZA, Marcos de S. “*Sou policial, mas sou mulher*”: gênero e representações sociais na Polícia Militar de São Paulo. 2014. 441 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2014.

STRÖMQUIST, Liv. *A origem do mundo: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*. Tradução de Kristin Lie Garrubo. – 1ª ed. – São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2018.

SUPERIOR Tribunal de Justiça. Julgamento da Segunda Turma reparou erro na aposentadoria da primeira transexual da FAB. 29 jan. 2023. Disponível em: <https://www10.trf2.jus.br/portal/trf2-militares-transgeneros-nao-podem-ser-reformados-compulsoriamente-e-tem-direito-nome-social/>; <https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/2023/29012023-Julgamento-da-Segunda-Turma-reparou-erro-na-aposentadoria-da-primeira-transexual-da-FAB.aspx>. Acessado em: 28 ago. 2023.

TAKAHASHI, Emília Emi. *Homens e Mulheres em campo: um estudo sobre a formação da identidade militar*. 2002. 278 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

TARDIN, Elaine B. da S. *Guerreiras da paz? a incorporação da mulher no Exército brasileiro e sua atuação na MINUSTAH (2004-2014)*. 2016. 190 f. Tese (Doutorado em Sociologia Política), Programa de Pós Graduação em Sociologia Política, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2016.

TICIANELI. Companhia de Polícia Feminina, uma conquista da mulher alagoana. *História de Alagoas*. 17 fev. 2016. Disponível em: [Companhia de Polícia Feminina, uma conquista da mulher alagoana – História de Alagoas \(historiadealagoas.com.br\)](http://historiadealagoas.com.br). Acessado em: 04 set. 2023.

TCU abre processo para apurar compra de viagra por Forças Armadas. *Agência Brasil*, Brasília, 14 de abr. de 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/tcu-abre-processo-para-apurar-compra-de-viagra-por-forcas-armadas>. Acessado em: 28 ago. 2023.

VERDÉLIO, Andreia. Pela primeira vez, Exército recebe mulheres na Aman para ensino militar bélico. *Agência Brasil*, Brasília, 17 de fev. de 2018. Disponível em: [Pela primeira vez, Exército recebe mulheres na Aman para ensino militar bélico | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](http://agenciabrasil.ebc.com.br). Acessado em: 22 de out. de 2023.

VINHAL, Gabriela. Exército gastou R\$ 3,5 milhões em 60 próteses penianas, mostram documentos. *CNN*, Brasília, 12 abr. 2022. <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/exercito-gastou-r-35-milhoes-em-60-proteses-penianas-mostram-documentos/>. Acessado em: 28 ago. 2023.

WIRTH, Louis. *O urbanismo como modo de vida*. In: VELHO, Otávio G. *O fenômeno urbano*, 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, 90-113 pp.



ZALUAR, Alba. Gênero, Justiça e Violência. *Dados*, vol. 34, n.2 Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/artigos/?id=407>. Acessado em: 28 ago. 2023.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.